



EU SEM VOCÊ

Kelly
Rimmer

“Se você é fã de Jojo Moyes, David Nicholls e Nicholas Sparks,
então irá amar *Eu sem você*.” – **Goodreads**



ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

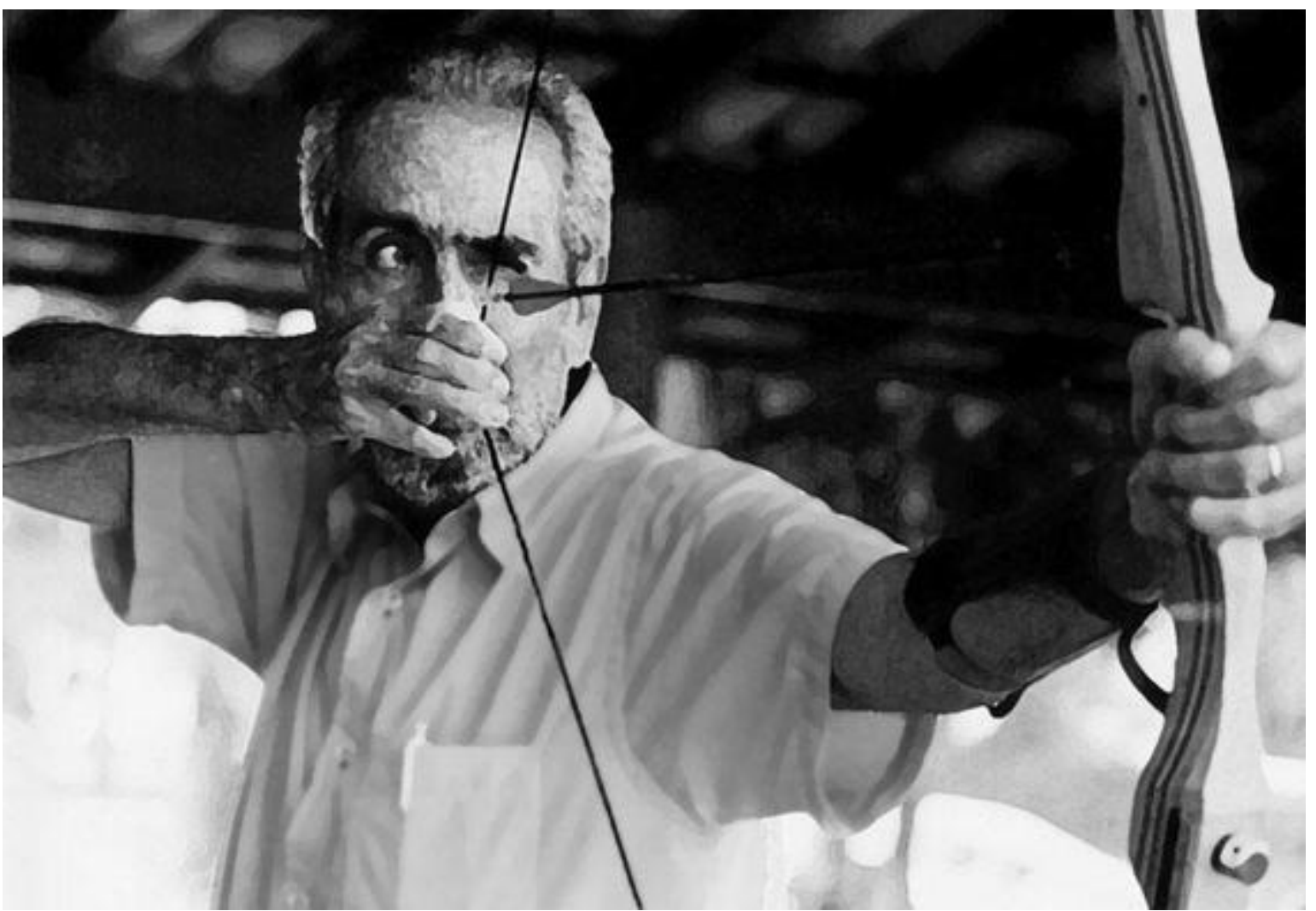
Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



EU
SEM
VOCÊ



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

EM
SEM
VOCÊ
Kelly
Rimmer



Título original: *Me Without You*

Copyright © 2014 por Kelly Rimmer
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado originalmente por Bookouture

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Thalita Uba

preparo de originais: Renata Dib

revisão: Flávia Midori e Suelen Lopes

diagramação: Abreu's System

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: Kieferpix/iStock.com

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R438e

Rimmer, Kelly

Eu sem você [recurso eletrônico]/ Kelly Rimmer; tradução de Thalita Uba. São Paulo: Arqueiro, 2016.

recurso digital

Tradução de: *Me without you*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-576-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção australiana. 2. Livros eletrônicos. I. Uba, Thalita. II. Título.

16-32651

CDD: 828.99343
CDU: 821.111(94)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Definitivamente *não* foi amor à primeira vista.

Com o canto do olho, percebi um pé descalço e imundo. Tentei virar para o outro lado, mas a verdade é que não dá pra perdoar: pés descalços em lugares públicos e, àquela altura, eu não havia reparado no corpo ao qual o tal pé pertencia. Tenho certeza de que fiz uma careta, mas estava realmente tentando me concentrar no laptop em que trabalhava. Óbvio que não fui muito bem-sucedido nisso, porque ela me flagrou.

– Se quiser ver meus olhos também, é só olhar para cima – disse ela com uma voz alegre.

Então, para me certificar de que não tinha interpretado mal aquele tom de voz, ergui os olhos para ela.

Foi assim que aconteceu nosso primeiro contato. E foi nesse momento que eu me apaixonei. Então, na verdade, talvez tenha sido amor à segunda vista.

Lilah era tão maravilhosa, em todos os sentidos, que é até difícil descrevê-la. Tinha pouco mais de 1,50 metro de altura e era bem magra – como se pudesse quebrar se você a abraçasse com muita força. Naquele dia, seus cabelos castanho-avermelhados estavam presos em um coque lustroso sem um único fio fora do lugar, e eu lembrei que alguns executivos diziam que cabelo solto era sinal de fraqueza. Lilah, de alguma forma, sabia adicionar acessórios encorpados de madeira a seu terninho cor de ameixa e ainda aparentar um profissionalismo impecável.

Havia algo muito conflitante entre a parte de cima chique e aquele pé que mais parecia ser de um morador de rua. Apesar da vergonha por ter sido pego no flagra, eu tive que perguntar:

– Por que não está usando sapatos?

– Olha, amigo, fiquei em pé por oito horas hoje. De salto – informou ela.

Então lançou um olhar de “Dá para acreditar nesse cara?” para as outras mulheres ao redor.

– Isso não é motivo para ficar descalça agora. De qualquer forma, se tivesse usado sapatos mais confortáveis, seus pés ainda estariam limpos.

– Ah, então *essa* é a solução.

Seu sarcasmo foi amenizado por uma risada.

– Quando eu entrar no tribunal amanhã e o juiz me perguntar por que estou de tênis, vou dizer que foi um cara na balsa que mandou.

– Uma das muitas coisas que não entendo em relação às mulheres é por que vocês se sujeitam a regras com as quais apenas outras mulheres se importam.

Eu já tivera aquela discussão com quase todas as mulheres que conhecia. E nunca acabava bem.

– Regras com as quais apenas outras mulheres se importam? Eu já fui demitida porque me recusei a usar maquiagem no trabalho – intrometeu-se a mulher ao lado de Lilah.

Um pouco antes de ela terminar a frase, Lilah lhe entregou um cartão de visitas.

– Você deveria ligar para o meu escritório. Podemos ajudá-la com isso – disse ela à desconhecida, mas sua atenção logo se voltou para mim. – Está sugerindo que as mulheres se vestem de forma profissional para impressionar outras mulheres no trabalho?

– Sou a favor do profissionalismo. Estou usando um terno, como você pode ver, e faço isso todos os dias. Mas se alguém sugerisse, direta ou indiretamente, que eu teria que usar grampos de mamilo para progredir na carreira, não entraria nessa. Se os seus pés estão machucados, use sapatos menos desconfortáveis. Simples assim.

Foi nesse momento, provavelmente tarde demais, que reparei que cerca de dez pares de olhos femininos, todos bastante raivosos, me fitavam. Virei a cabeça para conferir quanto ainda faltava para chegar a Manly Wharf.

– Pensando em nadar para fugir da discussão? – perguntou Lilah.

– Sei que não posso vencer. Os homens são proibidos de desafiar a instituição feminina.

– Cara, se você *vai* desafiar a instituição feminina – murmurou o homem ao meu lado –, *não* faça isso em uma balsa no meio do mar com uma advogada que acabou de passar oito horas em pé de salto.

– Sábias palavras – concordou Lilah.

– Não quero começar uma discussão – falei, apesar de querer, sim. – Só não entendo por que as mulheres precisam sofrer para ficar bonitas. Você é uma moça bonita, senhorita...?

– Senhora. E não é da sua conta.

– Senhora Não É Da Minha Conta – repeti –, você ficaria igualmente bonita e profissional com sapatilhas de couro ou com os saltos de hoje.

– Obrigada por ser gentil, embora condescendente.

O debate estava chegando ao fim, mas eu me recusava a sair daquela balsa sem descobrir quem ela era. Havia muito tempo não me sentia tão fascinado por uma mulher quanto estava por aquela advogada misteriosa. Mesmo com os pés descalços e imundos.

– E em que área você atua?

– Adivinhe.

Eu tinha cursado algumas matérias de direito na universidade, mas isso parecia ter acontecido séculos atrás, e não décadas.

– Societário – arrisquei.

– Não.

– Fundiário?

– Não.

Olhei para ela outra vez. Pelo traje, ela parecia fugir um pouco do padrão corporativo comum.

– Ah. Só pode ser na vara de família.

– Não!

Ela riu outra vez. Tinha uma risada delicada e harmoniosa – o tipo de som que você imaginaria que uma mulher linda como Lilah faria quando risse.

– Trabalhista?

– Errou de novo.

– Penal.

– Não.

– *Quais* são as outras áreas que existem?

– Apenas a mais importante e dinâmica.

– Direitos autorais?

Ela me olhou desconfiada.

– Você trabalha com entretenimento, senhor?

Foi a minha vez de rir.

– Trabalho com marketing.

– Pior ainda. Posso ver que, com essa cabeça capitalista, você nem vai parar para pensar no planeta em que vive. Típico.

Então a ficha caiu.

– Você é uma advogada ambientalista, pronta para salvar o mundo.

– Finalmente!

– Desculpe a ignorância. É que eu achava que esses advogados usavam camisas de linho e dreads, mas, pensando bem, os pés descalços deveriam ter me dado a dica.

– Não consigo deixar de me perguntar... – começou ela, mas parou no meio da frase, como se estivesse considerando o que ia dizer.

Em retrospecto, conhecendo Lilah, é provável que ela não tenha feito isso por hesitação, mas como uma estratégia para testar meu nível de interesse.

– Sim? – perguntei.

Na verdade eu estava atento a cada sílaba que ela dizia.

– Ah, nada.

Ela sorriu e senti um frio na barriga.

– Eu só estava me perguntando como você vai virar esse jogo e me convidar para jantar.

– Eu estava me perguntando se ele iria fazer você ir para casa e colocar sapatos confortáveis primeiro – interferiu a moça ao lado dela, rindo.

– Eu estou me perguntando se você não deveria convidar todos nós, por segurança. Talvez ela se mostre mais esperta que você – sussurrou o homem ao meu lado.

Todos à nossa volta riram baixinho, mas Lilah e eu olhávamos fixamente um para o outro, e o burburinho passou por mim como a claque de um seriado de comédia.

– Hoje? – indaguei.

– Não saio com caras da área de marketing.

Havia um tom brincalhão na voz dela e eu sabia que ela sairia comigo.

– Pois saiba que tenho uma horta de temperos no parapeito da janela da minha cozinha.

Era mentira, é claro – eu nem sequer *tinha* um parapeito, visto que eu havia demolido boa parte da cozinha durante a reforma que eu nunca conseguira terminar. Não importava. Meu tom desesperado inspirou mais risadas da nossa plateia, e Lilah abriu um sorriso.

– Ah, bom, *nesse caso...*

Saímos juntos da balsa, enquanto a multidão começava a se dispersar no crepúsculo ameno de Manly Wharf. Lilah carregava uma bolsa enorme com um laptop, e eu tinha planejado várias horas de trabalho até a manhã seguinte. Eu não acreditava no destino – ainda não acredito –, mas, de alguma forma, sabia que precisava prestar atenção no que estava acontecendo, como se aquele momento fosse o começo de uma jornada única na vida.

– Então você é um gênio malvado do marketing – soltou ela.

Íamos atravessar a rua até o calçadão do Corso, e o tráfego ainda era intenso no final do horário de pico.

– Algo assim. De fato, hoje passei o dia inteiro bolando formas para enganar crianças e fazê-las comprar veneno.

– Cubra-o com açúcar.

– Já fazemos isso há anos. Minha nova técnica é cobri-lo com açúcar e cocaína. Estou sempre pensando em novas maneiras de mantê-las viciadas.

A piada não surtiu o efeito esperado. Ela me dirigiu um meio sorriso de pena.

– Por que marketing?

– Por que qualquer coisa? – rebati, dando de ombros. – Gosto do desafio de mudar a forma de as pessoas pensarem.

O semáforo ficou amarelo e o fluxo do tráfego diminuiu até parar. Seguimos com a multidão até o Corso, porque aparentemente é isso que as pessoas em Manly Wharf costumam fazer. Ali há um sem-número de lojas e restaurantes, e a outra ponta do calçadão dá na areia. Dia ou noite, verão ou inverno, pessoas se espremem ao longo do Corso, atraídos pela praia.

– Você enfiou aqueles sapatos torturantes em algum lugar da bolsa? – perguntei.

Eu tinha hesitado em mencionar os pés dela outra vez, mas não conseguia imaginar um dono de restaurante feliz com um cliente descalço, apesar de estarmos a poucos metros do mar.

– Não, eles estão em segurança debaixo da minha mesa no trabalho, descansando e se preparando para mais tortura amanhã – respondeu ela. Então, lendo minha mente, acrescentou: – E se eu lhe mostrasse meu lugar preferido? *Existem* lugares em Manly Wharf que não se incomodam com o fato de eu ser uma hippie sujinha.

– Você sempre anda descalça por aí para saber disso? – perguntei.

– A vida é muito curta para ficar desconfortável. Se meus pés doem, eu tiro os sapatos. Se meu coque me incomoda, eu o solto. O que me lembra...

Ela parou, se apoiou na loja à sua direita e me deu a bolsa enorme, que eu peguei em silêncio. Lilah parecia ser tão mágica que qualquer movimento iria me surpreender e me impressionar, e meus sentidos estavam em alerta máximo. Observei-a tirar vários grampos do coque e desenrolar os cabelos. Ela espalhou os fios e os ajeitou, até que as pontas deles chegaram até quase a cintura. O coque apertado tinha modelado os fios em cachos suaves. Ela balançou a cabeça para soltá-los ainda mais.

– Assim está melhor.

Eu queria ter congelado aquele momento e tirado uma foto dela com meu celular. Estava escurecendo, e o brilho artificial da loja ao nosso lado iluminava os cabelos dela. Seus olhos azuis cintilavam como o oceano de Manly Wharf em um dia de sol e um sorriso suave preenchia seus lábios. Ela me deixou entorpecido.

– Pronto? – perguntou.

Será que eu tinha ficado olhando para ela o tempo todo? Não conseguia ter certeza. Aquele encontro estava começando a parecer bastante surreal.

Um pensamento fugaz passou pela minha cabeça. Será que eu já tinha me apaixonado alguma vez? Era essa a sensação?

– Vamos – falei.

Eu estava dolorosamente ciente da palpitação do meu coração. Quando me virei para continuarmos andando em direção à praia, ela riu.

– Minha bolsa combina muito com você. Não acha que, em algum momento próximo, a gente deveria se apresentar?

Devolvi a bolsa para ela e torci para que não percebesse o calor que subia pelo meu pescoço e me deixava vermelho.

– Sou Callum. Callum Roberts.

– Bom, olá, Callum Que Deixa Estranhas Descalças Darem em Cima Dele na Balsa – falou, sorrindo. – Sou Lilah Owens.

– Fui *eu* que dei em cima de você – protestei.

– É claro que deu. Acredite no que fizer você se sentir mais confortável – rebateu ela, e sorriu outra vez.

Lilah. O nome parecia perfeito para ela. Testei-o na minha cabeça – *Lilah Roberts* – e então afastei o pensamento, apavorado. Eu não queria me casar, nunca. Não fazia parte dos meus planos. Meus pais tinham me ensinado muitas coisas sobre amor e casamento – a lição mais importante foi a de que os dois *não* eram para mim.

– Aonde estamos indo? – perguntei, tentando me distrair da linha de raciocínio que minha mente havia traçado.

Senti uma vontade repentina de assumir o controle. Eu já havia frequentado todos os lugares onde valia a pena comer em Manly Wharf e pensei qual seria o mais adequado. Precisava ser informal por causa dos pés descalços, mas romântico – com pouca luz, uma carta de vinhos decente e uma música para criar um clima, talvez?

– Turners? – arrisquei.

– Eca.

Ela fez uma careta, nada impressionada com minha sugestão do renomado restaurante, que era o melhor gourmet da região.

– Não, estamos indo ao Giovanni on the Seaside.

– A pizzaria? – falei, confuso.

Tínhamos atravessado a rua e estávamos andando lado a lado pelo Corso, na direção da rua da praia que abrigava o Giovanni on the Seaside. Era uma pizzaria simples, com decoração antiquada, um cardápio com preços baixos e apenas algumas mesas, porque o forte deles era a entrega em domicílio.

– Não é sofisticado o suficiente para você?

Ela queria me provocar – ou talvez me testar.

– Está ótimo.

E também ficava bem perto do meu apartamento, o que parecia ser um bônus.

– Não achei que você fosse do tipo que gosta de pizza – comentei.

Principalmente porque parecia que ela nunca tinha comido nada não saudável na vida.

– Todo mundo adora pizza, não? – contrapôs ela.

– Acho que sim. Em que caso você está trabalhando?

– Bom, hoje fui ao tribunal tentar conseguir uma liminar para impedir a construção de uma nova mina.

– Por quê? A mina é ruim?

– A maioria das minas é ruim.

Qualquer outra pessoa que usasse aquele tom de voz soaria arrogante. Lilah simplesmente parecia confiante.

– Essa deve ficar bem próxima a um parque nacional. Há três espécies ameaçadas cujos habitats estão a poucos quilômetros do terreno. É muito arriscado.

– Você vai ganhar?

– Eu deveria.

Ainda bem que eu não era o juiz. Nunca conseguiria me concentrar nos detalhes se ela estivesse argumentando na minha frente.

– E o que você faz no seu tempo livre, Capitã Planeta?

– Eu gosto de cozinhar. Mas, na maior parte do tempo, faço tricô.

Não soube dizer se ela estava brincando ou não.

– Blusões?

– Sapatinhos, geralmente. Para os bebês que ainda vou ter.

Ela definitivamente estava brincando.

– Aposto que você tem um quatinho de bebê montado e tudo o mais.

- Dois, caso eu tenha gêmeos – rebateu Lilah.
- Você vai se esquivar de todas as perguntas que eu fizer?
- Você vai me fazer perguntas idiotas de primeiro encontro a noite toda?
- Se estivesse em uma ilha deserta, quais seriam as três coisas que você levaria?
- Um GPS, um celular via satélite e meu laptop.

Eu podia sentir a maresia e o aroma da pizza. O Giovanni on the Seaside se encontrava à nossa frente, mas, de repente, hesitei. Enquanto Lilah se adiantava para entrar, segurei-a delicadamente pelo cotovelo e a virei de volta para mim. Ela ergueu a sobrancelha.

- Não sei se devo levar você a esta pizzaria pequena e sem graça no nosso primeiro encontro.
- E por que não?
- Acho que você merece coisa melhor.
- Olha só, não é que você é um fofo?

Seu tom desafiador se amenizou um pouco e ela me deu seu primeiro sorriso genuíno da noite.

– Mas confie em mim, Callum, sou exigente quando se trata de comida e tem um prato aqui que eu amo.

A brisa suave agitou os cabelos de Lilah e uma mecha caiu sobre seu olho. Aproximei-me para prendê-la atrás da orelha e vi que ela engoliu em seco. Havia uma química estranha entre nós – desconfortavelmente intensa, mas, de alguma forma, inocente e pura, apesar de tanta insinuação sexual. Eu já queria beijá-la e sabia que ela desejava que eu a beijasse. Porém, pela primeira vez em toda a minha vida, eu queria saborear cada segundo e prolongar cada passo da jornada.

- Parece ser um prato que não posso me dar o luxo de perder.

O sorriso impertinente tinha voltado e o momento passou. Lilah se afastou e entrou no estabelecimento.

O restaurante podia até estar meio vazio, mas o cardápio estava lotado de opções. Eu já tinha ido lá antes, mas não encontrara nenhum prato em especial que valesse desbravar aquele menu exaustivo. Diferente de mim, Lilah sabia exatamente o que queria.

- Vegana com massa fina, por favor.
- Vegana?

– Sem carne, sem ovo, sem laticínios. Sem nenhum produto de origem animal – explicou o garçom, prestativo.

Fiquei confuso de verdade.

- Como se faz isso em uma pizza?

– Queijo de castanha-de-caju é maravilhoso – informou Lilah.

– Queijo de *castanha-de-caju*? – perguntei, me encolhendo. – Como isso pode existir?

– Acho melhor dividirmos a vegana com massa fina *grande* – disse Lilah, tirando o cardápio de mim.

– Mas eu ia pedir a de carne carnuda para amantes de carne, com carne extra e carne de acompanhamento.

O olhar dela me desafiou.

– Não sou uma vegana fervorosa, de forma alguma. Mas se você nunca ouviu falar de queijo de castanha-de-caju, não acha que o mínimo que deveria fazer é experimentá-lo?

Lilah podia ter sugerido que dividíssemos um prato de terra que, com uma piscadela, eu teria pedido uma pitada de cascalho por cima.

- Sempre posso dar um pulo no açougue no caminho para casa – murmurei.

– Então você não tem problemas em flertar com uma estranha em público, mas *tem* medo de uma

refeição feita sem animais mortos.

– Diversos animais mortos. Sou supercarnívoro.

– Você mora aqui perto?

– A algumas quadras daqui.

Sob outras circunstâncias, eu certamente não teria notado a maneira sutil como as sobrancelhas dela se ergueram ou a curva suave de seus lábios. Ela havia pensado em ir para casa comigo. Nossos olhares se fixaram um no outro por um breve instante antes de ela endireitar a postura e tirar o cabelo do rosto.

– Eu adoro Manly Wharf – disse ela. – Adoro a maresia no ar da noite, o deleite no rosto dos mochileiros quando descem do ônibus e, acima de tudo, o fato de que o centro financeiro fica em outro universo.

– Na verdade, tenho um caso de amor nada saudável com Sydney em si – admiti. – Morei no centro financeiro até ano passado. A energia me recarrega.

Mais que isso. A energia abastecia minha criatividade e eu sentia, de alguma forma, que a cidade tinha me inspirado a trabalhar com a intensidade de que eu trabalhara ao longo dos anos. A cidade e a sensação de que minha carreira realmente era tudo que importava na vida. Então era melhor que eu fizesse isso valer a pena.

– Por que se mudou?

– Comecei a suspeitar de que não se pode ficar conectado o tempo todo – respondi. – Me desgastava, era sempre tudo muito agitado. Não queria me mudar para muito longe, e a ideia de correr na praia antes do trabalho e, depois, pegar a balsa lenta para atravessar a baía era tentadora.

– Você corre na praia antes do trabalho?

– Não com a frequência que eu achava que correria.

– E você pega a balsa rápida.

– Se você pode bancar um apartamento em Manly Wharf, não tem tempo de pegar a balsa lenta – respondi e dei um suspiro.

– Isso é muito triste, mas acho que você tem razão.

Eu nunca havia entendido como era ficar tão encantado com alguém a ponto de não conseguir tirar os olhos dessa pessoa. Tenho certeza de que sou um péssimo ouvinte – costumo ser egocêntrico, uma característica que muitas das minhas ex-namoradas confirmariam. Mas, com Lillah, eu não queria perder nenhuma palavra.

– Herdei a casa da minha avó quando ela faleceu – disse ela em voz baixa. – Comecei com direito corporativo, ganhei bastante dinheiro e pensei que conseguiria suprimir minhas tendências de boa samaritana dando um trato no jardim enorme que meus avós cultivavam. São alguns metros quadrados de árvores frutíferas bem perto da praia, em Gosford, o lugar mais lindo onde já estive. Mas em poucos meses destruí tudo. – Lillah riu. – Eu não tinha a menor noção do que estava fazendo, mas a ideia parecera tão... romântica.

– O choque entre realidade e expectativa – deduzi.

– Exatamente. Agora, um casal de idade que mora do outro lado da rua cuida do pomar e já até plantaram uma horta também. Como eles cuidam de tudo direitinho para mim, deixo que vendam o que plantam na feira de produtores nos fins de semana. Passo lá de vez em quando para me empanturrar de frutas e verduras. O sonho só poderia dar certo abrindo mão da expectativa.

– Acho que foi isso que fiz com relação à minha mudança para Manly Wharf, na verdade.

Fiquei surpreso com a profundidade da constatação antes mesmo de terminar de falar.

– Mas tudo bem. Mesmo que não seja a vida boa que eu tinha imaginado – concluí.

– Você cresceu na cidade? – perguntou ela.

– Em Cronulla. E você?

– Ah, já morei em vários lugares.

– Você tem parentes em Sydney?

– Minha mãe vive em uma casa em Gosford. Meu pai faleceu há algum tempo.

– Sinto muito. – Hesitei. – Meus pais também já morreram.

– Tenho a teoria de que, quando seus pais morrem, você se sente como uma criança de novo. Mesmo que esteja com 90 anos.

– Acho que tem razão.

Eu odiava – ainda odeio – falar sobre a morte dos meus pais, sobretudo para mulheres – ainda mais aquelas pelas quais eu me interessava. Era uma história de encanto e amor e elas sempre faziam aquela terrível expressão de nostalgia. Quando eu chegava ao final deprimente da história, parecia que ou estava partindo o coração delas ou elas não tinham entendido nada e só enxergavam aquilo tudo como algo romântico, o que me irritava ainda mais.

– Faz tempo que seus pais faleceram?

– É uma longa história.

Eu não estava tentando enganá-la, apenas não era o clima que eu queria estabelecer para o jantar. Antes que eu pudesse pensar em como mudar de assunto, Lilah fincou o cotovelo na mesa, com o queixo apoiado na mão, e me deu um sorriso suave.

– Não estou com pressa.

Talvez eu tivesse conversado sobre meus pais umas três vezes com mulheres com quem saí e é provável que eu tenha me sentido irritado no final das três. Em uma delas, eu havia convidado uma mulher que conhecia na academia para sair, e quando começamos a falar sobre os nossos pais e eu contei a história dos meus, ela chegou a *chorar*. Encerrei o jantar mais cedo e fui para casa sozinho. Lembro que resisti à vontade de brigar com ela, de mostrar o que *deveria* ser óbvio: não havia *final feliz* naquela história.

Suspeitei que talvez Lilah tivesse uma reação diferente – não sei bem por quê, talvez fosse instinto. Comecei a falar antes mesmo de decidir fazê-lo.

– Minha mãe era americana. Ela e meu pai se conheceram em Nova York. Ele tinha 21 anos e já trabalhava como jornalista havia algum tempo. Ele tirou um longo período sabático para ir atrás de aventuras e, de alguma forma, acabou lá. Eles se esbarraram em um supermercado, na seção de enlatados, eu acho, e se tornaram inseparáveis desde então. Minha mãe costumava dizer que eles literalmente não passaram nem um instante longe um do outro até meu pai voltar para o trabalho alguns meses depois. Ela veio com ele para cá, os dois se casaram em poucas semanas, arrumaram uma casa e continuaram sendo felizes.

– Um conto de fadas.

Lilah não parecia impressionada.

– Onde está a bruxa má? Sempre tem uma bruxa má – emendou ela.

Sorri.

– Hippie e realista. Gostei.

– Quero ser otimista e acreditar na bondade da raça humana, mas a verdade é que, como espécie, nós somos péssimos. Então, onde foi que tudo deu errado? Divórcio? Infidelidade?

– Ah, não, eles foram mesmo felizes. Durante quarenta anos. Eu nasci, meus irmãos gêmeos nasceram, inúmeros cachorros e gatos amados vieram e se foram, eles compraram e quitaram a casa, tiraram férias incríveis de vez em quando e cresceram em suas respectivas carreiras até se aposentarem. E o pior: eu

nunca, nenhuma vez, vi os dois trocarem uma única palavra desrespeitosa. Nossa família tinha uma estabilidade inacreditável. Eu tive apenas um quarto na vida até sair de casa e ir para a faculdade.

– Que infância terrível. – Ela ergueu uma sobrancelha para mim. – Coitadinho.

– Não se preocupe. Acabou dando errado, sim.

Lembrar como perdi meus pais sempre fazia parecer que uma tempestade estava se aproximando.

Tentei segurar a barra.

– Minha mãe sofreu um derrame, de repente, quando tinha 60 anos. Ela estava perfeitamente bem e, no minuto seguinte, tinha morrido. Uma semana depois, meu pai faleceu também. Disseram que ele teve um ataque cardíaco.

– Mas você sabe que não foi isso.

As palavras dela me pegaram de surpresa.

– Sim, eu *sei* que não foi. Não havia nada de suspeito na morte dele. Ele apenas parou de viver. Os dois haviam construído uma vida inteira juntos. Quando minha mãe morreu, meu pai não tinha mais nada. Droga, eu fico surpreso de ele ter durado uma semana. Esse é o problema com o amor de conto de fadas... E aí está a sua bruxa má. Amor verdadeiro nada mais é do que sinônimo de dependência desesperada.

– Eu nem acredito em amor verdadeiro, seja lá o que diabos esse conceito signifique. E sua história não tem nada de amarga. É linda. Eles viveram quarenta anos de felicidade e tiveram uma vida ótima juntos. Sua mãe partiu muito rápido e o subconsciente do seu pai resolveu segui-la. Tenho certeza de que foi horrível perder os dois de uma vez, mas, no fim das contas, assim como a sua mudança para Manly Wharf, é a vida. Além disso, você e seus irmãos são frutos do relacionamento deles, então, de certa forma, a união dos seus pais continua viva.

Foi a primeira vez que deparei com a Lilah sincera e, por um instante, não soube o que pensar dela. Recostei-me na cadeira e analisei as lindas contradições – a empatia em seus olhos, as linhas firmes ao redor da boca. De repente percebi que Lilah estava me *ouvindo* – ouvindo mesmo, como se eu fosse um assunto que demandasse concentração intensa. A indiferença dela em relação à minha dor magoava um pouco, mas era amenizada pela surpresa de atrair sua total atenção.

Eu já tinha usado bastante a temática do romance para vender produtos, alimentando o público com o papo de que você pode encontrar alguém que vai entendê-lo e vice-versa e, juntos, o mundo vai ser um lugar mais fácil. Nas campanhas publicitárias, geralmente usamos o sexo para expressar essa ideia, já que as pessoas buscam conexão, e é por isso que estratégias de venda assim funcionam tão bem.

E ali estava eu, com quase 40 anos, um cara que sacava aquele conceito desde que se entendia por adulto, sentado em uma pizzaria um tanto suja e talvez desejando uma conexão daquelas pela primeira vez. Houve mulheres, até mesmo namoradas, que passaram pela minha vida sem nem me conhecer de verdade, e quando elas tomavam o próprio rumo, eu permanecia o mesmo. Ainda que Lilah saísse correndo do restaurante no meio da nossa pizza, eu tinha a sensação de que esse não seria o caso.

– Acabei de revelar mais sobre a minha família para você do que alguns dos meus melhores amigos sabem. E você acabou de ser mais brutal comigo do que qualquer um deles, apesar de eu ainda curtir uma fossa por conta desse assunto mesmo uma década depois.

– Você só precisa de amigos melhores – disse ela, e nós dois rimos.

A pizza chegou, servida de forma silenciosa pelo garçom efetivamente invisível, e Lilah apontou para ela.

– Descubra as maravilhas de uma versão ecologicamente sustentável de comida, meu caro.

Parecia uma pizza comum, mas no lugar da carne havia pedaços de abóbora e azeitonas. Suspirei e peguei uma fatia, a maior de todas, e, de alguma forma, parecia leve demais.

– Na próxima vez que eu encontrar uma estranha umunda na balsa, vou mandá-la primeiro lavar os pés e calçar sapatos para podermos ir a algum lugar com comida de verdade.

– Todas as vezes que *eu* escolho um estranho na balsa e o trago aqui, ele reclama quando o obrigo a comer a pizza vegana com massa fina.

Ela colocou uma fatia de pizza em seu prato e sorriu para mim.

– *Bon appétit!*

– Por que ser vegana? – perguntei a ela depois das primeiras mordidas.

A pizza até que era saborosa, mas não me satisfaria. Eu sabia que estaria morrendo de fome dali a algumas horas.

– O queijo de castanha-de-caju não convenceu? – Lilah fingiu estar chocada. – Foi uma revelação quando comi pela primeira vez.

– Revelação o suficiente para abandonar praticamente todas as comidas deliciosas conhecidas pelo homem?

– Passei um tempo na China, alguns anos atrás. Eu estava viajando com um amigo e um dos colegas de faculdade dele trabalhava prestando auxílio médico em uma vila isolada. Muitos idosos daquela comunidade ainda eram incrivelmente saudáveis, mas seus netos eram obesos e doentes. Tudo se resumia à dieta. Mesmo que os serviços de saúde tenham melhorado, mais carne e laticínios se infiltravam na alimentação deles, então, em vez de acontecer o que *deveria* ter acontecido, a nova geração ficou com sérios problemas, enquanto os mais velhos continuaram firmes e fortes.

– E isso foi suficiente para inspirá-la a abrir mão de tudo?

– Nem um pouco.

Lilah sorriu para mim.

– Aí eu fui para a Europa e depois passei uns meses na América Central antes de finalmente voltar e me comprometer com uma vida à base de verduras e legumes. Mas, sim, eu evito produtos de origem animal desde então. Minha emissão de carbono anual é pelo menos nove vezes menor que a sua.

– E isso é bom, certo?

Ela revirou os olhos.

– É bom, sim.

– Você fez essas viagens quando estava na faculdade? Tirou um ano sabático?

– Ah, não, foi há pouco tempo – disse Lilah enquanto pegava mais uma fatia. – Fiquei um ano sem trabalhar e fui ver o mundo.

– Sempre pensei em fazer isso.

– E o que o impede?

– Não faço a menor ideia. Meus irmãos estão em Melbourne e em Paris; volta e meia eles me mandam e-mail perguntando quando vou visitá-los. Quase nada me prende aqui, a não ser o trabalho. Mas, sabe como é, simplesmente não consigo encontrar tempo para fazer um monte de coisas, e tirar férias é uma delas, mesmo que eu saiba que preciso ir ver os dois, encontrá-los no meio do caminho, ou sei lá... alguma coisa.

– A vida é curta, sabia?

Os olhos azuis dela brilharam.

– Eu podia ter jogado você para fora da balsa com *muita* facilidade hoje e você nunca teria visto seus irmãos de novo, nem mesmo dado uma espiada na Torre Eiffel.

– Eu já vi no Google Earth. Não pareceu tão legal assim.

– Fui a Paris pela primeira vez quando tinha 19 anos, com meu namorado na época. Fizemos um mochilão nas férias de verão. Vivemos à base de pão e queijo barato e dormimos em albergues cheios de

pulgas. Quando fui visitar a Torre Eiffel, eu estava com o homem com quem eu achava que iria me casar. Pareceu um sonho.

– Achei que você não acreditasse em amor verdadeiro.

Eu não estava com a cabeça no lugar e sentia ciúmes.

– Quem falou em amor verdadeiro? Foi a minha primeira experiência sexual que não terminou em lágrimas, e eu achava que isso era especial na época. Observamos a neve cair na torre, compartilhamos comida barata e ficamos abraçadinhos, e aquele foi o momento mais romântico da minha vida.

– Então, onde estava a bruxa má? – soltei.

– No albergue. Mais tarde, naquela noite, eu peguei os dois no flagra. Do meu lado, enquanto eu dormia. Na mesma cama. Eles estavam usando até o mesmo *cobertor* que eu.

Eu me encolhi, e ela riu.

– É uma ótima história, não é?

– É verdade?

– Cada detalhe sórdido.

– Então a moral da história é “Vá a Paris com alguém que você ama, mas durma com um olho aberto”?

– Não, Callum. A moral da história é “Simplesmente vá a Paris, caramba”. Não é tão difícil assim.

– Você parece o gerente de RH da empresa falando.

– Ah, bom, se você não ouve o gerente de RH, então estou perdendo meu tempo.

Lilah riu outra vez e pegou o cardápio na mesa.

– Para alguém que não ficou impressionado com queijo de castanha-de-caju, você comeu praticamente a pizza toda.

Ela tinha razão. E eu ainda estava morrendo de fome.

– Ops.

– Mais pizza? – sugeri Lilah, abrindo o cardápio e virando-o para exibir a carta de vinhos. – Que tal um tinto?

Demorei mais ou menos uma hora para perceber que Lilah vivia e respirava seu trabalho. Até aquele momento, eu dizia que também era assim, mas o dela era uma causa e o meu, uma carreira. A diferença era clara.

– Você se lembra de ter visto na mídia, no ano passado, sobre a luta por uma árvore perto de Shelly Beach?

– Vagamente – menti.

Se eu tinha ouvido falar, não havia prestado atenção suficiente para me lembrar. Devo ter visto uma ou duas matérias e deixado de lado por ser só papo-furado riponga.

– Era o meu escritório, meu caso. Um executivo queria derrubar uma árvore nos limites da reserva para que ele pudesse ver o mar da pia de sua cozinha.

– Nem sabia que tinha uma reserva lá.

Ela arregalou os olhos e eu fiz uma careta.

– Desculpe. E esse caso foi grande?

– Grande? Você está brincando?

Ela ficou perplexa.

– Você nem *ouviu* falar dele?

– Ouvi falar, sim.

Outra mentira, e não muito convincente dessa vez, porque Lilah inclinou a cabeça para mim e

estreitou os olhos.

– Só não me lembro dos detalhes.

– Toda a comunidade se envolveu, Callum. Fizemos eventos para arrecadar fundos todos os fins de semana para pagar nossos honorários! Houve encontros públicos e protestos a um quarteirão daqui! Como é que você perdeu seis meses de manifestações bem na porta da sua casa?

– Espere um minuto. Tudo aquilo era por causa de *uma* árvore?

– Era apenas uma árvore, mas ela tinha 200 anos. E, lembre-se, o único crime da árvore foi ter crescido bem na frente da vista que um figurão do mundo corporativo queria curtir duas semanas por ano quando passasse as férias lá.

– Você passou seis meses trabalhando para salvar uma árvore.

– Você não está entendendo o significado disso, Callum. Sim, era *uma* árvore. Mas ela representava algo para essa comunidade, e nós impedimos *um* cara e seu talão de cheques gordo de a derrubarem. E quer saber? Daqui a cem anos aquele executivo já terá morrido, mas a árvore ainda estará lá. E fomos *nós* que fizemos isso.

Havia alegria nos olhos dela, um orgulho cintilante combinado a uma determinação férrea, e falar daquele caso era tão empolgante para Lilah que ela tinha ficado totalmente animada, gesticulando enquanto me explicava tudo. Quando Lilah falava sobre seu trabalho, havia um significado real naquilo – uma importância cósmica da qual eu nunca nem havia chegado perto, e ela parecia ficar completamente absorta de tão fascinada. Lilah salvava espécies ameaçadas, lutava por indenização e era contra práticas perigosas de mineração. Quando ela se saía bem no trabalho, o ecossistema estava protegido ou as pessoas melhoravam de vida. Quando eu me saía bem, acordos eram fechados e produtos, vendidos. O impacto para as futuras gerações no caso dela seria imensurável e positivo; o impacto para as futuras gerações no meu provavelmente seria obesidade, pobreza e carência, independentemente de quão ricas as pessoas fossem.

O contraste deveria ser chocante, mas havia algo magnético naquele tipo de paixão. Talvez fosse a confiança necessária para se comprometer com algo de forma tão plena ou apenas o entusiasmo que irradiava dela. Fosse o que fosse, eu estava fascinado.

– Vou mostrar para você – disse ela de repente.

– Me mostrar o quê?

– A árvore. Você vai entender quando a vir.

Lilah e eu terminamos o vinho e a segunda pizza, e o restaurante começou a encerrar suas atividades. Era hora de ir embora, e eu pensava que iria com ela, mas *na direção* do meu apartamento, não *para longe* dele.

– Agora?

– Sim.

– No escuro?

– É uma caminhada de quinze minutos e tem uma trilha até lá. Eu conseguiria encontrar o caminho de olhos vendados. Você não?

– Na verdade...

Os olhos dela se arregalaram, depois se estreitaram.

– Por favor, não me diga que você nunca esteve lá.

– Bom, eu sei que é lá. É só que a praia principal é mais perto e ouvi dizer que Shelly Beach é muito pequena.

– Você só pode estar brincando. Você mora em Manly Wharf e nunca foi a Shelly Beach?

– Tem muitas coisas que eu ainda não fiz.

– Mas o que você *já* fez? Você nunca vai visitar Paris se não consegue nem se arrastar até Shelly Beach. Vamos lá!

– Mas... você está descalça.

– Por que eu precisaria de sapatos para ir à praia?

– Para não pisar em nenhum caco de vidro?

– Meu Deus, Callum, se eu tivesse medo de tudo, nunca faria nada.

Ela riu, mesmo enquanto meneava a cabeça para mim. Lilah já estava pegando a conta e eu estiquei o braço para tomá-la da mão dela.

– Ah, me deixe...

– Eu não ia pagar.

Ela me lançou um olhar severo.

– Vou pagar metade.

A determinação teimosa daqueles grandes olhos azuis avisou que eu não devia me dar o trabalho de protestar.

– Claro.

Saímos do calor do restaurante para a penumbra da rua. Havia um frescor no ar e, quando já ia protestar mais uma vez sobre fazer trilha tarde da noite, Lilah silenciosamente enroscou a mão na minha. As palavras morreram antes mesmo de saírem da boca e fechei os dedos em torno dos dela no mesmo instante.

Era um gesto tão inocente e, é claro, não era nada – nada em comparação com a intimidade que eu havia compartilhado com outras mulheres ou até mesmo a intimidade que eu esperava compartilhar com Lilah em algum momento no futuro. Mas a mão dela na minha, a pele macia e suave, o calor de um no outro... ah, tudo isso era de tirar o fôlego. Olhei nos olhos dela e enxerguei o brilho da promessa e da empolgação. Sorrimos. Eu teria ficado ali por mais tempo, curtindo a paz e a tranquilidade que aquele contato proporcionava, mas Lilah, aparentemente, tinha outros planos, porque seguiu puxando meu braço com delicadeza enquanto me guiava na direção da praia.

– Não consigo entender como alguém pode morar aqui e nunca ter mergulhado na Cabbage Tree Bay. Você sabe que é um santuário de vida marinha, né?

– Agora eu sei.

Lilah soltou uma risadinha que mais parecia um grunhido.

– É a única reserva marinha de Sydney. As pessoas vêm do mundo todo para visitá-la. Há quase duzentas espécies aquáticas lá, incluindo cinco que estão ameaçadas. Você já mergulhou alguma vez?

– Não... mas não me importaria em tentar. Adoro fotografia. Pensei que um dia pudesse fazer fotos subaquáticas.

– Há escolas de mergulho bem aqui em Manly Wharf. Você nem precisa ir muito longe de casa.

Eu podia ouvir o tom confuso na voz dela e, na verdade, até entendia. Minha inércia era desconcertante para mim também. Era como se eu não conseguisse me motivar nem para fazer as coisas que eu desejava realizar, então o que eu acabava fazendo – às vezes, *tudo* o que eu fazia – era trabalhar e procrastinar.

– Então, você mergulha também? – perguntei a ela.

– Na verdade, eu não gosto. Já fiz e senti claustrofobia. Mas isso não significa que não valha a pena tentar.

Tínhamos chegado a uma rua e esperamos os carros pararem de passar. Nossas mãos ainda estavam entrelaçadas, nossos laptops em bolsas penduradas no ombro.

– O *que* você faz para relaxar, Lilah? – perguntei.

– Relaxar? – repetiu ela. – Isto não é relaxante?

– Correr na direção da praia no meio da noite com um quase desconhecido que não tem nenhum conhecimento ecológico é relaxante?

– *Passear* na direção da praia *ao luar* com um *novo amigo* é relaxante. Você é uma daquelas pessoas que acham que só é possível relaxar quando se está parado?

Eu ri e respondi:

– Para falar a verdade, sim.

Conforme nos afastávamos da zona comercial e seguíamos para a reserva, as luzes das lojas foram sumindo, restando apenas os postes acesos, que também desapareceram aos poucos até sobrar apenas a luz de uma lua quase cheia. A transição foi constante mas sutil, e com ela veio um novo silêncio. O alvoroço do trânsito e do vozerio deu lugar ao som das ondas e de palavras ditas com mais suavidade.

– Você realmente nunca esteve aqui? Nunquinha? – perguntou ela.

Eu nunca tinha ido nem à praia principal à noite, muito menos à praia menor e isolada para a qual Lilah estava me arrastando. Já vira a trilha e sabia vagamente que ela levava a uma praia pequena, mas não me interessara o suficiente para caminhar até lá sozinho.

– Nunca. É mesmo tão fantástica assim?

– Você vai ver com seus próprios olhos em alguns minutos. Bom, você vai ver a versão noturna.

Depois de alguns passos, ela olhou para mim.

– Não entendo isso. Como você pode morar tão perto e não sair para explorar?

Dei de ombros.

– Estou explorando agora. Gosto de esperar que a aventura me encontre. É o caminho mais seguro.

– Não há nada de seguro nisso – garantiu ela. – Para mim, parece que você corre sério risco de morrer de tédio.

– Não estou entediado – falei.

Havia um tom defensivo na minha voz e me apressei em acrescentar:

– Estou feliz. Não é isso que as pessoas devem buscar na vida?

– Depende de para quem você pergunta.

Ela parou de repente e apontou para a frente, para a escuridão.

– Ali embaixo está a piscina rochosa, então estamos na metade do caminho.

– Você faz essas coisas com frequência?

– Como assim?

– Aulas noturnas de ecologia com os caras com quem você sai.

– Bom, para começar, eu não *saio com caras*. – Ela riu. – Não sei direito o que aconteceu lá na balsa, para falar a verdade. Normalmente eu teria dispensado você em aproximadamente um milésimo de segundo.

– Fico muito feliz por você não ter feito isso.

Era engraçado caminhar de mãos dadas com ela ao luar, tendo a noite de céu aberto acima de nós e as ondas batendo nas pedras abaixo. Se eu tivesse tido dois meses para planejar uma noite especial e orçamento ilimitado para criar um clima, jamais teria conseguido superar aquilo. Era como se a natureza nos desse um empurrãozinho, nos aproximando. Mesmo quando estávamos chegando, notei que, na verdade, tínhamos diminuído o passo e relaxado nossos braços entrelaçados, como se estivéssemos de mãos dadas e caminhássemos juntos havia décadas.

Então a praia estava à nossa frente sob o luar, a areia surpreendentemente brilhante em contraste com a escuridão das rochas ao seu redor.

– Onde fica essa árvore... – comecei a perguntar, mas Lilah soltou a minha mão e saiu correndo,

descendo em direção à água.

– Praia primeiro! – gritou ela para mim. – Venha!

Eu ri e meneei a cabeça, observando-a colocar a bolsa em uma pedra plana e depois correr na direção da água, os cabelos esvoaçando. Eu me encolhi quando vi que ela não diminuiu a velocidade ao se aproximar da água.

– Lilah, a água deve estar congelando!

– Não vou nadar! Mas não se pode ir à praia e não molhar os pés. É contra a lei, sabia? – respondeu ela.

– Bom, você certamente saberia – murmurei, apesar de imaginar que ela não poderia me ouvir. Lilah agora estava bem longe de mim.

A praia era protegida e as ondas estavam baixas. Lilah diminuiu a velocidade no último minuto, mas a água bateu nela mesmo assim. Coloquei meu laptop ao lado do dela, então caminhei devagar pela areia.

– Ok, se já era estranho não usar sapatos, isto então é muito louco – informei a ela.

– Está brincando?

Ela se virou rapidamente para me lançar um olhar severo que eu conseguia distinguir mesmo no escuro.

– Você não vai entrar?

– Se não vou entrar? É claro que não! – Eu ri.

Lilah se virou, ficando de costas para a baía. Andou para trás até as ondas baterem em suas panturrilhas, então estendeu a mão para mim.

– Você vai entrar, Callum.

– É sério, não vai dar.

Tremi só de pensar nisso e ri de sua postura e da determinação estampada no rosto dela.

– Estou curtindo a vista daqui. Não há necessidade de me molhar.

– Há uma necessidade *extrema* de você se molhar. – Ela franziu a testa. – Você pode ficar aí olhando eu me divertir ou pode tirar a porcaria do sapato e experimentar você mesmo. Você sabe que a água cobre 70 por cento da superfície da Terra, certo? Dê dois passinhos para a frente e você poderá fazer parte de algo quase tão grandioso quanto o planeta em si.

Ela estendeu a mão de novo, seu sorriso brincalhão e paciente.

– É fácil, eu juro.

– Está *congelando*!

Decidi que, de alguma forma, era hora de falar o óbvio para alguém que devia saber, até mesmo melhor do que eu, que eu tinha razão. Talvez eu estivesse ficando sem desculpas.

– Não é tão ruim depois que você se acostuma.

Ela apontou para mim, acenando. Hesitei e, então, fiquei perplexo ao perceber quão perto eu estava de cometer aquela loucura com ela. Minha determinação, ou minha sanidade, ressurgiu, e eu recuei, decidido, meneando a cabeça.

– Não vou entrar. Vou ficar com areia nos sapatos!

– Sim. Vai – concordou ela. – Mas diga a verdade, já *tem* areia nos seus sapatos, não tem?

Mexi os dedos dos pés e senti os grãos sob as meias.

– Mas...

– Deixe-me dizer de outra forma.

Ela passou a mão pela coxa e, então, deslizou-a lentamente pelo corpo até chegar à boca. A linguagem corporal dela mudou, seu quadril se projetando na minha direção, os ombros curvados para trás, o queixo abaixado.

– Você quer me beijar?

Se ela ainda não captara toda a minha atenção, agora tinha conseguido. Lilah tirou lentamente os cabelos do rosto e não havia como não perceber a maneira como a expressão dela mudou de provocante para zombeteira.

– E então? – soltou ela.

Lilah me tinha nas mãos e sabia disso.

– Você é terrivelmente autoconfiante, Lilah Owens.

– Posso interpretar seus pensamentos como se estivessem em um livro aberto. Você quer me beijar e eu adoraria que me beijasse. Mas também posso ver que, bem lá no fundo, você também quer entrar na água, então não vou sair daqui até que você entre. Se *realmente* quer que esta paquera exaustiva termine bem, vai ter que tirar a porcaria do sapato e entrar na água.

Resmunguei e me abaixei para enrolar a calça até os joelhos e tirar meus sapatos pretos de couro. Em seguida, dobrei minhas meias cinza e as enfiei dentro dos sapatos. Meus pés fizeram o primeiro contato com a areia fria e áspera e eu arfei.

– É melhor que esse beijo valha a pena – resmunguei.

Ela comemorou alegremente enquanto eu me aproximava da água. A areia áspera se tornou mais fina e eu dei um grito quando meu pé tocou a água pela primeira vez.

– Está *congelando!*

– Ah, faça o favor. Se você acha que isso é frio, você nunca esteve na Rússia.

Assim que ela pegou a minha mão, me arrastou por mais alguns passos até a água passar dos meus tornozelos.

– Bom, você me seduziu para vir até aqui com a promessa de um beijo...

– Na verdade, eu ia dar um beijo na sua bochecha e sair correndo.

Ela sorriu, mas o sorriso desapareceu quando nos aproximamos.

– *Ia?*

Minha voz estava sumindo. Lilah pousou a mão no meu peito e nossos olhares se fixaram um no outro, a brincadeira sendo interrompida abruptamente.

As ondas agora batiam nas minhas panturrilhas e, de alguma forma, todo aquele blá-blá-blá que ela dissera sobre fazer parte de algo tão grande quanto a própria Terra pareceu sensato e incrível. Eu me aproximei para acariciar sua bochecha, então segurei seu rosto enquanto me abaixava para beijá-la. Foi um beijo carinhoso, um beijo reverente, apesar de eu ousar dizer que não teria continuado assim se uma onda enorme e inesperada não tivesse me encharcado até as coxas com uma água congelante.

Lilah caiu na risada e me arrastou de volta para a areia. Por ser bem mais baixa que eu, ela agora estava com a parte de trás do corpo bastante molhada. Eu estava rindo como não ria havia tanto tempo que nem conseguia me lembrar, aquele tipo de alegria de tirar o fôlego, que rouba as suas palavras. Ela desabou na areia e eu me sentei ao seu lado. Se meus dedos dos pés não parecessem pedras de gelo e a barra da minha calça não estivesse pingando, eu pensaria que estava tendo um sonho particularmente louco.

– Ops – disse Lilah.

– Você tinha razão – falei, rindo. – Aquilo foi mágico.

Ela puxou a bolsa da pedra ao seu lado e a colocou atrás dela. Depois se deitou e a usou como travesseiro.

– Seu terninho... A areia...

Comecei a protestar, mas ela fez uma careta sugerindo que eu estava perdendo o fio da meada de novo. Suspirei e a imitei, colocando a bolsa do meu laptop na areia sob a minha cabeça.

– Olhe para as estrelas – disse ela. – Você não detesta a maneira como a poluição da cidade as ofusca? Não dá nem para ver a Via Láctea daqui. Minha casa em Gosford fica a uns 90 quilômetros, mas o céu é totalmente diferente. Costumo ficar sentada na varanda até tarde e vejo estrelas cadentes que brilham como flashes de câmeras.

Procurei pela mão dela na areia fria e entrelacei nossos dedos outra vez. Percebi que ela enxergava aquele céu sem nuvens como uma mera imitação de seu verdadeiro potencial, mas, bem ao lado dela, eu olhava para a mesma imagem estupefato com a vista. Tentei lembrar se eu ficava olhando para as estrelas quando criança. Eu me lembrava do meu pai me arrastando para acampar com ele e meus irmãos – é claro que eu tinha olhado para o céu ao menos uma vez. Ou talvez não, porque parecia que eu estava vendo a vastidão do céu à noite com olhos totalmente novos.

Lilah suspirou ao meu lado e se aproximou de mim na mesma hora que tentei colocar o braço em volta dela, e, quando nos tocamos, ficamos dando risadinhas juntos, feito adolescentes. No fim, ela acomodou a cabeça no meu peito e eu passei meu braço pelo ombro dela. Lilah era pequena, e seu peso em meus braços não era nada, especialmente se comparado ao do momento.

– Vamos ficar com hipotermia e morrer – sussurrei.

– E suas últimas palavras serão: “*Eu queria tanto ter ido a Paris*” – murmurou Lilah.

Eu ri e senti o peito dela balançar de tanto rir. Por alguns minutos, ficamos deitados assim na areia fria, olhando para as estrelas e curtindo a sensação mais próxima ao silêncio que uma pessoa pode encontrar na cidade. Então Lilah se virou, apoiou o queixo no meu peito e ficou olhando para mim. Ergui a outra mão para tocar a maciez densa de seus cabelos bagunçados e, depois, passei os dedos pelos seus lábios. Ela se esticou para que seu rosto ficasse em cima do meu e me beijou.

Esse beijo foi diferente do que tínhamos dado na água. Lento e quase surpreendente, foi o equivalente físico da conversa agradável que tivéramos durante a caminhada de Manly Wharf até a praia. Estávamos nos conhecendo, e a areia gelada sob as minhas costas e a minha calça molhada caíram no esquecimento à medida que o calor do beijo foi tomando conta.

Quando Lilah, relaxada, se afastou de mim alguns instantes depois, eu me sentia tonto, como se tudo girasse fora de controle. Algo estava acontecendo entre nós, algo que eu ainda não conseguia descrever, mas que era muito real. Lilah voltou a se apoiar em meu peito, agora usando o próprio antebraço como travesseiro, e ficou olhando para mim. O olhar dela era zombeteiro e questionador.

– Você já transou na praia? – perguntou ela, mas seu tom era mais curioso que sugestivo.

Ergui a sobrancelha e me endireitei mais um pouco para poder manter contato visual sem ter que ficar sentado.

– Não.

– Eu já – disse ela, franzindo o nariz. – Lembra o que você estava falando sobre realidade e expectativa? Areia, fricção e certas partes do corpo não são uma boa combinação.

– Aposto que você estava presa em uma ilha deserta com um velejador bonito ou em algum outro tipo de aventura.

– Na verdade, eu estava em Fiji – disse ela, dando uma risada suave. – Só um pouquinho “presa”. Minha mãe cantava em um cruzeiro e eu fui de avião até lá para passar alguns dias com ela entre as viagens. Só depois de eu ter chegado ela percebeu que seu navio tinha atracado em Porto Vila, que, na verdade, fica em Vanuatu, então eu me encontrava na região certa, mas no país errado. Meu namorado da época e eu ficamos três dias à toa em Denarau sem ter muito o que fazer.

– Então, vocês deram um jeito de se divertir.

– Algo do tipo – concordou Lilah; depois, suspirou. – Tenho um péssimo gosto para homens. Aquele cara era um idiota.

– Talvez tenha amadurecido com a idade. Você tomou todas as decisões certas esta noite.

Ela riu baixinho e perguntou:

– Quer voltar?

Eu queria envolvê-la em meus braços e sair correndo para o meu apartamento, mas, ao mesmo tempo, não queria que nosso encontro ao luar chegasse ao fim.

– Você não me trouxe aqui para me mostrar uma árvore?

– Ah! É verdade.

Eu me levantei, ajudei Lilah a ficar de pé e limpamos a areia do corpo – o máximo possível, já que grudara em todos os lugares em que tínhamos nos molhado. Lilah nos guiou pelo caminho de volta e, quando estava na trilha de novo, apontou para o morro atrás de nós. Eu podia enxergar as luzes brilhantes das casas ao longo da subida. Com a entrada da baía ao fundo, entendi perfeitamente por que alguém iria querer ampliar a vista. Mas eu não ia dizer isso a Lilah.

– Lá – disse ela, apontando para a silhueta de um pinheiro-de-norfolk que se projetava em direção ao céu cinzento.

Eu o reconheci porque há uma fileira icônica do mesmo pinheiro em toda a Manly Beach, mas a verdade é que aquela é provavelmente a única espécie de árvore cujo nome eu conheço. Era mais alta que as outras plantas ao redor e formava uma silhueta esquelética diante do brilho de uma casa enorme.

– Aquela é a árvore. Agora você entende?

Para ser sincero, eu não entendia nem um pouco. E sabia que, mesmo se visse a árvore durante o dia, ainda não conseguiria compreender o que Lilah estava querendo dizer. Acho que eu tomaria as dores do proprietário do imóvel. Ele devia ter dinheiro de sobra até para ser dono de um lugar com uma vista daquelas e provavelmente se esforçara para merecer desfrutar da paisagem paradisíaca se um dia fosse lavar a própria louça.

O que eu compreendia, contudo, era que qualquer um que tivesse a determinação para acreditar em algo de forma tão convicta e a força de vontade para lutar por isso, como Lilah claramente tinha, *não* iria entender a minha falta de compreensão. Então, eu assobieei, como se estivesse tão impressionado pela árvore quanto estava por aquela mulher, e meneei a cabeça devagar.

– É muito bonita mesmo. Duzentos anos de idade, você disse?

– Achamos que sim.

Ela ficou olhando em silêncio, como se estivesse manifestando sua reverência.

– Eu *sabia* que você compreenderia quando a visse. Algumas coisas você tem que vivenciar por conta própria, não é?

Meu olhar desceu pelo morro outra vez e pousou no rosto dela.

– Você tem toda razão.

Assim como eu não me lembrava de ter concordado em andar até a praia, não me lembrava de ter discutido para onde estávamos indo, mas eu sabia que nosso destino final era o meu apartamento. Caminhamos mais rápido dessa vez, talvez estimulados pelo calor que crescia entre nós, ou quem sabe até mesmo por causa do desconforto das roupas encharcadas e da noite fria de inverno. Nossa conversa se dava em lampejos, uma frase curta e uma resposta curta, e então apenas o som da nossa respiração enquanto caminhávamos em um ritmo meio desconfortável.

Assim que eu finalmente abri a porta e entramos, Lilah tirou a saia cheia de areia e a deixou no chão. Coloquei as chaves no aparador e tentei conter o choque e o contentamento.

Ela me lançou aquele olhar zombeteiro com o qual eu já estava me acostumando, como se minha

reação fosse a única coisa estranha acontecendo naquele instante, e ficou andando pelo apartamento só de blazer e calcinha.

– Você não mentiu quando disse que estava no meio de uma reforma, não é? – perguntou.

Ela se abaixou para passar a mão pela mesa de centro de madeira maciça pela qual eu tinha pagado uma fortuna, inadvertidamente me proporcionando uma bela vista de suas coxas e sua bunda sujas de areia.

– Bela mesa de centro. Onde é o quarto?

No dia seguinte, eu acordei animado – o que era uma sensação estranha. A vida não tinha mais nada de estimulante para mim havia muito tempo. Lilah realmente se equivocou quando disse que eu estava entediado, pois eu com certeza não era infeliz – apenas tinha conquistado tudo que queria e me acomodara.

Deitado ali, com o cheiro de Lilah em meus lençóis, senti que algo dentro de mim voltava à vida. Era um brotinho verde minúsculo em um galho praticamente sem folhas, mas ainda estava lá, e eu sabia que ele podia florescer e se tornar algo memorável.

Percebi, assim que abri os olhos, que ela já tinha ido embora. Deitado na cama, perscrutei o quarto em busca de um sinal físico de que ela estivera mesmo ali, mas a blusa perto da porta... o blazer perto da cama... a bolsa no lugar onde meu guarda-roupa embutido ficaria um dia... Não havia mais nada ali.

Tomei banho e me vesti para trabalhar, forçando um monólogo interior sobre as reuniões e os prazos do dia a fim de não dar espaço para a decepção. Eu tinha que revisar uma peça com uma equipe, começar uma apresentação para clientes e atender um novo cliente. Precisava conversar com o RH sobre preencher aquela vaga de redator e montar o planejamento de gerenciamento de performance para o pesquisador que me dava dores de cabeça. A reunião da diretoria seria em apenas uma semana, e eu ainda não tinha certeza se deveria recomendar a adoção do orçamento de TI proposto para o ano seguinte. Tantas coisas para fazer, tão pouco tempo, sobretudo após uma noite totalmente improdutiva.

Só quando entrei na balsa e me peguei observando a multidão no horário de pico para ver se a encontrava é que reconheci a sensação pesada em meu peito.

Eu não queria ter um caso de apenas uma noite com Lilah – mas o pior era que eu não *esperava* que fosse só isso. Eu tinha sido pego totalmente de surpresa, e o fato de ter ficado vulnerável o suficiente para me sentir tão decepcionado depois de apenas uma noite juntos machucava.

26 de agosto

São sete da manhã e estou no café perto do tribunal. Sentei do lado de fora, como se os raios de sol da manhã pudessem me encontrar, apesar de a minha experiência me dizer que todos os arranha-céus ao meu redor os bloqueariam. Este pedaço de cimento só vê o sol por mais ou menos uma hora, ao meio-dia, e apenas durante o verão, pois a torre monstruosa do outro lado da rua ocupa o ângulo perfeito para impedir totalmente a luz direta de passar no inverno. E mesmo sabendo de tudo isso por causa dos anos de audiências naquele tribunal e vários brunches e almoços neste mesmo café entre as sessões, eu me sentei aqui fora. Não sei ao certo se isso faz de mim uma otimista ou se é porque não aprendi a lição.

Estou sentada aqui olhando para a página em branco deste diário há alguns minutos, tentando lembrar como começar. Faz cinco anos que escrevi em um desses cadernos pela primeira vez. Foram anos agitados, sem tempo ou tolerância para o tipo de relato egocêntrico e introspectivo que eu costumava fazer. Comprei este caderno há quase seis meses, em um dia ruim, quando eu tinha certeza de que ia ficar doente de novo. Está sempre ali, bem na parte posterior da minha cabeça, e aquela não era a primeira vez que eu tinha me convencido de que a remissão havia cessado e o pesadelo estava de volta. O dia ruim tinha passado e eu continuei bem, mas mantive o diário na minha escrivaninha em casa – um lembrete visível todas as vezes que eu passava por ali. Não posso me dar o luxo de subestimar a beleza da vida porque eu já estou vivendo mais do que devia.

Os diários têm sido meu consolo e minha companhia durante todos esses percalços, porém, mais que isso, sempre foram uma maneira simples de pegar a essência intangível de mim mesma e torná-la tangível. Pensamentos são como vapor: desaparecem ao vento. Mas registrar as palavras... Bom, isso pode ser para sempre, ou perto disso. Posso colocar minha alma no papel hoje e voltar amanhã para checar – essa ainda é quem eu sou? Acho que, quando eu me sentia perdida no tempo, meu diário funcionava como uma espécie de bússola.

Tagarelar. Era isso que eu costumava fazer nestas páginas. Eu deixava que os pensamentos escoassem como se estivesse sangrando, e o papel, absorvendo minha essência. Parei de escrever porque parecia uma perda de tempo autocomplacente, e tempo era algo que eu não podia me dar o luxo de perder.

Já estou de pé depois de quase não ter dormido após a longa noite com Callum e de ter acordado insanamente cedo para estudar para o caso de hoje. Estou tomando uns goles do meu *smoothie* verde do dia, com porção extra de couve e gérmen de trigo. Senti que precisava de um estímulo vitamínico. E todos esses pensamentos são apenas uma forma de adiar o motivo real pelo qual recorri a este diário de novo: estou me sentindo inquieta. Não costumo me sentir inquieta, não hoje em dia, quando tudo está no lugar certo, organizado e sei exatamente por que estou aqui.

Só concordei em jantar com Callum porque fui pega de surpresa. Porra, eu poderia facilmente listar uma dúzia de motivos pelos quais agora não é uma boa hora para começar um relacionamento. Aquele

olhar julgador que ele me lançou na balsa realmente me irritou e, quando vi, já tinha me encantado pela conversa no jantar.

Sim, houve um momento, tarde da noite, quando eu estava deitada nos braços dele na escuridão de seu apartamento semirreformado, em que talvez tenha sido legal sonhar em vê-lo de novo. Talvez pudéssemos nos encontrar para tomar um café ou beber algo na balsa qualquer noite dessas. Poderíamos conversar por horas de novo, fazer amor na casa dele. Dessa vez, eu iria ficar e poderíamos acordar juntos e ele poderia me explicar como conseguia morar naquela bagunça. Ela parecia a casa dos meus avós durante a segunda semana de reformas que fiz. A primeira coisa que vi quando entrei foi a parede pintada com amostras de tintas. Ele tivera, ao longo do tempo, ideias com relação à paleta de cores: em colunas e linhas perfeitamente retas, pintara quadradinhos pequenos. Havia dezenas deles, todos perfeitamente ordenados, linha após linha de indecisão.

A cozinha está caindo aos pedaços, há um buraco no teto da sala de estar onde ele obviamente pretende colocar uma luminária e o esqueleto de um guarda-roupa embutido está encostado em uma das paredes do quarto. É tudo funcional, suponho, mas definitivamente inacabado. Quando fiz a reforma, mal podia esperar para terminar e curtir o resultado. Mas Callum admitira que tinha deixado tudo daquele jeito por meses. Bizarro.

O que Callum tinha que me deixara tão fascinada? Ele era exatamente o tipo de cara de quem eu fugia como o diabo foge da cruz. O corte de cabelo dele é mais chique do que o meu, para começar, com seus cachos soltos no topo da cabeça e a parte de trás e as laterais perfeitamente curtas. Além disso, tenho certeza absoluta de que havia pomada naqueles cachos. *Pomada*. Puta merda, nem *eu* uso pomada. E será que o peito dele era liso de verdade ou ele *depilava*? E mesmo que eu lhe desse o benefício da dúvida e assumisse que ele é uma mistura de masculinidade de 1,80 metro e cachos casuais e pele sem pelos, ainda assim Callum cheirava como se tivesse acabado de sair de um comercial de loção pós-barba. Talvez fosse o xampu ou o desodorante – ou os dois. Fosse o que fosse, com certeza estava carregado de metilcloroisotiazolinona e lauril éter sulfato de sódio e só Deus sabe o que mais. Eu devia tê-lo avisado que esses produtos químicos iriam bagunçar todo o seu sistema endócrino e destruir seu processo de envelhecimento celular.

Mas o pior era aquela coisa corporativo-capitalista. Parece louco lembrar como eu era quando trabalhava com direito corporativo, mas não consigo não odiar aquele estilo de vida agora. Trabalhar mais para ganhar mais dinheiro e comprar mais coisas para que as empresas paguem mais a seus funcionários e eles possam comprar mais coisas? É loucura.

Algumas vezes, enquanto conversávamos ontem à noite, ouvi a vida dele forçando as amarras, querendo se libertar da cela em que ele havia se prendido. Eu via em Callum a mesma insatisfação confusa que eu sentia quando estava imersa até o pescoço no estilo de vida corporativo. Talvez a única razão pela qual eu ainda esteja pensando nele hoje seja o fato de Callum ter despertado em mim uma necessidade de resgatá-lo, porque ele me lembrava de mim mesma um tempo atrás.

Merda. Quem estou querendo enganar? Eu gostei dele de verdade. Gostei do desenho quadrado de seu maxilar e da surpresa no sorriso dele todas as vezes que abri a boca para falar ontem à noite. Gostei de sua autoconfiança silenciosa e da pitada de criatividade selvagem que se esconde em algum lugar sob aquele terno, apenas desejando ser livre.

E, acima de tudo, gostei de como me senti segura nos braços dele, como se eu estivesse indo para casa após uma aventura exaustiva e louca e pudesse finalmente descansar. Gostei de ter mostrado a árvore e de tê-lo arrastado para dentro d'água. Seria divertido passar umas horas com Callum, observar o prazer em seu rosto enquanto ele se debatia para se libertar da rotina na qual estava preso.

Em outra vida, eu agora estaria eufórica como uma adolescente, pensando em uma maneira de me

encontrar com ele de novo. Em vez disso, hoje é o primeiro dia de uma vida inteira indo de carro para o trabalho apenas com a finalidade de *não* vê-lo.

Não seria justo. Eu gostaria muito que fosse. Ah, simplesmente relaxar e curtir a ingenuidade cega como Callum. Eu gostaria de também poder acreditar que os anos seriam generosos, que há tempo para desperdiçar, esperando que a vida venha até mim. Gostaria de ter tempo para flertes e casos de amor bobos com homens que usam pomada no cabelo. Ah, se eu pudesse dedicar algumas noites ou semanas a isso e ver no que as coisas iriam dar... Não precisava ser “felizes para sempre” – felizes *por enquanto* serviria.

Eu estava muito ocupado no trabalho, como sempre. Os diretores gostavam de manter um ritmo alucinante na empresa, e talvez fosse por isso que eu estava na Tison Creative desde que era estagiário. Os funcionários de cargos júnior eram recursos descartáveis, e se por acaso você conseguisse sobreviver tempo suficiente para obter uma promoção, a pressão se tornava um estilo de vida.

Eu fazia a intermediação entre o pessoal da criação e os clientes. Quando havia um *job* novo em vista, era eu quem atendia a ligação e, depois, apresentava a proposta ao cliente. E eu era bom nisso. Muito bom, na verdade. Adorava tanto ficar em pé em salas cheias de gente de terno tentando convencê-los a mudar de ideia quanto gerenciar campanhas para influenciar a opinião do público. Há algo muito viciante em manipular o pensamento das pessoas. Sempre me perguntei se, caso eu fosse religioso, eu teria sido um daqueles evangelizadores que aparecem na TV, que enriqueciam ao converter as pessoas à minha linha de pensamento.

Quando fechávamos um *job*, eu tinha que coordenar todo o fluxo de trabalho até a fatura final. Amenizava as más notícias e enaltecia as boas. Então, era meu trabalho enviar o e-mail que cancelava todas as licenças planejadas durante a campanha eleitoral, demitir o designer gráfico que ficara batendo papo em fóruns de infertilidade durante o expediente e anunciar a decisão da diretoria de assumir a cota da empresa de cigarros. Houve tempos em minha carreira na Tison em que eu podia andar do elevador até a minha mesa, no canto do escritório, sem que nenhuma pessoa sorrisse ou me reconhecesse. Não trabalhava para fazer amigos e era provavelmente por isso que eu só tinha um lá.

O nome dele era Karl Dickson, um dos designers sênior e um cara gente boa. Era o yin que se contrapunha ao meu yang na agência – querido, popular, lembrava os detalhes das vidas das pessoas e gostava de jogar conversa fora perto do bebedouro. Ele havia entrado na Tison logo depois de se formar, mais ou menos na mesma época que eu, e subimos a escada corporativa lado a lado nos últimos dezoito anos. Karl vivia no lado criativo do marketing, devia ser por isso que acabamos nos tornando amigos – nunca competíamos diretamente. Se tivéssemos disputado algum cargo ou até mesmo uma conta nos primeiros anos, nossa amizade teria acabado bem rápido. Em vez disso, havíamos compartilhado quase duas décadas de vida e, apesar de quase não nos encontrarmos fora do trabalho agora que ele era marido e pai, Karl era mais próximo de mim que meus irmãos.

Quando nossas agendas permitiam, praticávamos um ritual matutino. Entre nove e nove e meia da manhã, nós nos encontrávamos no vaso de planta ridículo que ficava do lado de fora do meu escritório. Era uma palmeira de plástico em um vaso de plástico e tenho certeza de que alguém pensou que aquilo tornaria o ambiente mais agradável, mas, pelo menos para mim, a planta representava tudo que me frustrava com relação à Tison e ao meu trabalho. A planta nunca crescia, não podia morrer – parecia não ter propósito nenhum a não ser preencher o espaço. Acho que, nesse sentido, era o local perfeito para eu me encontrar com o único ser humano da agência com o qual eu tinha, afinal, criado um laço de amizade. Ao lado do vaso havia uma escadaria, então descíamos os dez lances até o café no térreo do prédio e colocávamos o papo em dia, contando as novidades, relacionadas ou não ao trabalho. Hoje Karl é casado

e feliz, mas houve uma época em que saíamos após o expediente e, depois, nos encontrávamos no vaso da palmeira pela manhã para compartilhar histórias ofensivamente superficiais da cena noturna.

Mas nós dois tínhamos crescido. Karl se tornou um marido e pai de família amoroso. E eu cresci também, até porque o trabalho preenchia cada espaço disponível da minha vida e eu não tinha mais tempo para joguinhos. Além do mais, hoje em dia, mesmo se eu conseguisse jantar ou fazer algo mais com uma mulher, finalmente tinha maturidade suficiente para não me gabar disso.

Porém, na manhã depois de ter conhecido Lilah, as palavras saíram da minha boca como a lava de um vulcão.

– Conheci a mulher mais incrível do mundo ontem à noite.

A porta ainda nem tinha se fechado atrás de nós quando pisamos no primeiro degrau da escadaria. Karl ia à frente, prestes a começar a longa descida, mas se virou para me encarar, sua expressão com um misto de descrença e espanto.

– Em plena quinta-feira? – Ele riu alto. – Você não devia estar em casa trabalhando?

Karl começou a descer o primeiro lance de escadas, e eu fechei a porta e o segui.

– Eu a conheci na balsa. Ela estava descalça. Eu perguntei por quê. Começamos a conversar. Saímos para jantar e houve uma conexão que eu não sabia que era possível. Aí fomos para o meu apartamento. Então eu acordei e ela tinha ido embora.

– Para alguém que finalmente saiu da seca, você não parece muito feliz.

– Ela era maravilhosa, esperta, espirituosa... o pacote completo. E então desapareceu enquanto eu dormia.

– Como se você nunca tivesse feito isso.

Karl deu de ombros.

– Você transou e não teve uma manhã constrangedora depois. Para mim, parece uma situação em que todo mundo sai ganhando.

– Tirando a parte que não tenho o contato dela, estou assumindo que, como não deixou nada, ela não espera ter notícias minhas.

As palavras ecoaram na escadaria e eu percebi quanto parecia petulante. Quando Karl fez a primeira curva no andar debaixo do nosso, eu o vi dando um sorrisinho.

– Parece que alguém está apaixonado.

– Isso não vai me ajudar em absolutamente nada.

Eu estava muito chateado. Não havia como esconder.

– Procure por ela no Google.

Eu já tinha procurado no celular no caminho para o trabalho. Aparentemente, ou Lilah Owens, advogada, era incrivelmente discreta, ou me dera um nome falso. Suspeitei que fosse a última opção. Em outra pesquisa, encontrei os protestos públicos e a cobertura da mídia quanto à salvação da árvore em Shelly Beach e até mesmo uma referência a vários advogados que tinham trabalhado no caso, mas o nome que ela dera não fora mencionado em lugar nenhum.

– Um pouco exagerado para o meu gosto – menti.

– Então qual é o seu plano? Torcer para encontrá-la na balsa de novo e ela não pular na água para fugir de você e do seu péssimo desempenho na cama?

– Meu desempenho foi ok. E sim, algo desse tipo.

Esse era exatamente o meu plano. Na verdade, eu já estava pensando no meu próximo passo. A única coisa comum em nossas rotinas era a balsa, então eu ia ficar zanzando nos meus trajetos de balsa para tentar encontrá-la de novo. Um número de telefone ou um nome verdadeiro teria sido mais fácil, mas, na ausência disso, eu teria que me transformar em um poço de paciência.

À medida que a manhã foi passando, meus pensamentos se voltaram para a conversa que eu tivera com Lilah sobre visitar meu irmão Ed. Abri o e-mail e comecei a escrever uma mensagem para ele.

Eu tinha uma cunhada que nunca vira, cujo nome eu nunca lembraria e que já era casada com meu irmão havia alguns anos. Eles me convidaram para o casamento, é claro, mas fora um romance relâmpago e avisaram com poucas semanas de antecedência. Eu me lembrava vagamente de ter tentado rearranjar algumas coisas no trabalho, mas percebi que não ia conseguir e enviei um e-mail a Ed informando que não poderia comparecer. Tinha a sensação de que nossa comunicação infrequente se tornara ainda mais escassa depois que faltei ao casamento.

Ed, eu preciso ver você e conhecer...

Lizette? Suzette? Droga.

... sua adorável esposa. Quando seria uma boa época para fazer uma visita?

Mandei o e-mail. Ed respondeu quase imediatamente e sugeriu o inverno europeu, que seria dali a alguns meses. Eu fiquei entusiasmado – ainda faltava bastante tempo antes de eu ter que tomar algum tipo de atitude. Encaminhei o e-mail para William, meu irmão em Melbourne, com um recado vago sobre botar o papo em dia por telefone e, talvez, planejar uma viagem juntos para a França.

E então, sentindo-me como se eu tivesse realizado alguma coisa pela manhã, fechei o laptop e fui almoçar.

Há um shopping center subterrâneo perto da agência e eu quase sempre comia na praça de alimentação. Geralmente, comia lendo o jornal.

Não sei bem por que fiz algo diferente aquele dia. Lembro que o céu tinha um azul convidativo enquanto eu ia da agência até a praça de alimentação e pedi algo para viagem.

Pensei em caminhar até a George Street e encontrar um lugar ensolarado no Martin Place, uma galeria a céu aberto apenas para pedestres rodeada de prédios de arenito. Havia até algumas pequenas árvores ali e, novamente, pensei em Lilah. Fiquei imaginando o porquê de ela não ter me acordado antes de ir embora. Será que falei algo que a ofendeu? Eu tinha tanta certeza de que ela também havia sentido a conexão entre nós – será que eu estava errado? Ou será que ela simplesmente ressurgiria se estivesse a fim? Será que eu ouviria o interfone tocar um dia e a encontraria do outro lado da porta como se ela nunca tivesse ido embora?

Assim que a vi sair do táxi, assumi que estava vendo coisas. Há quase 5 milhões de pessoas em Sydney. Certamente eu não teria tanta sorte de me encontrar com ela dois dias seguidos. Mas lá estava Lilah, logo depois da esquina da minha agência, usando um terninho cinza-escuro e com os cabelos novamente presos em um coque apertado demais. Ela saiu do táxi e começou a caminhar apressadamente na direção da entrada de um prédio.

– Lilah?

Os olhos dela se arregalaram quando ela se virou e eu a vi inspirar bruscamente. Não consegui ler a expressão em seu rosto muito bem – mas não era de contentamento. Se eu tivesse que chutar, diria que estava mais perto do desgosto. Meu estômago embrulhou, aquela sensação que você sente quando o avião atinge um bolsão de ar e mergulha sem nenhum aviso prévio.

Os acompanhantes dela, um homem mais jovem e uma mulher, saíram do táxi junto com ela e pararam hesitantes ao seu lado. À nossa volta, o zumbido da cidade continuava, com buzinas de carros e motores roncando. Mas a imagem de Lilah preenchia meu campo de visão e tudo em que eu conseguia pensar era que eu ficara muito próximo de comer naquela porcária de praça de alimentação e teria perdido a euforia apavorante deste momento.

– Esperem por mim na sala de reunião.

O tom dela era severo e seus colegas obedeceram silenciosamente. E então estávamos sozinhos – ou

era o que parecia, apesar de a George Street ser a rua mais movimentada da cidade.

Ficamos nos encarando por muito tempo. Estava claro para mim que Lilah tentava pensar no que dizer. Será que eu deveria ficar envergonhado por admitir que meu coração batia muito rápido? Não tenho medo do confronto, nunca tive. Não era o medo da discussão que me afetava. Era o medo gelado da rejeição.

– Conheci essa moça na balsa uma vez... – falei, ou melhor, soltei de uma vez, só para acabar com o silêncio, já que tínhamos ficados calados.

Lilah ergueu as sobrancelhas.

– É, você conheceu.

Ela não estava surpresa nem impressionada. E, pior de tudo, a expressão dela ainda era severa. Continuei pressionando.

– Ela era incrível. A melhor noite da minha vida. Aí ela desapareceu.

– Que história triste.

– Essa não é a pior parte. Tenho quase certeza de que ela me deu um nome falso.

– Que piranha!

Lilah não negou e não pareceu nem um pouco surpresa por eu ter suspeitado de seu subterfúgio. Ela estalou a língua, fingindo uma empatia zombeteira.

– Que traumático para você. Espero que tenha se recuperado.

– É difícil dizer. Ainda choro até pegar no sono, mas pelo menos já voltei a me alimentar.

– Me diga, senhor...?

– Pode me chamar de Sr. Solitário – falei.

Percebi que ela entrava no meu joguinho, o que significava que, apesar da forma defensiva como cruzara os braços sobre o peito e da linha fina que sua boca formava, ela não tinha fechado totalmente a porta para mim.

– Sr. Solitário, me diga uma coisa: você e essa mulher maravilhosa conversaram sobre um lindo futuro juntos?

– Creio que ao menos uma análise do possível sucesso de tal futuro estava garantida.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Você tem *certeza* de que não é advogado?

– Por que você saiu de fininho?

Ouvi a frustração na minha voz e percebi que precisava manter o controle. Houve mais um instante de silêncio, mais curto dessa vez, mas novamente constrangedor, já que ela estava pensando em uma maneira de se livrar de mim.

– Eu disse que tinha uma audiência hoje. Tinha que sair cedo para me preparar, e compensar a noite que passei pelada com você em vez de trabalhar.

– Então por que me deu um nome falso?

– Sempre dou nomes falsos quando saio com homens na balsa. Assim, se eu não quiser vê-los de novo, é fácil evitá-los.

Lilah me deu um sorriso encantador e eu quase consegui perdoá-la ali mesmo, naquele instante. Assimilei as palavras dela. Não queria mais conversar sobre amenidades. Queria respostas.

– Você está me dizendo que não queria me ver de novo?

– Não foi isso que eu disse – corrigiu Lilah cuidadosamente. – Falei que lhe dei um nome falso *caso* eu não quisesse vê-lo de novo. Nós realmente passamos uma ótima noite juntos.

– Agora é você quem está dando uma de advogada para cima de mim.

– Callum – suspirou ela, impaciente –, eu não sou do tipo para namorar. Achei que seria como

arrancar um band-aid: passaria em um segundo.

O dia estava lindo demais para uma conversa dolorosa como aquela, porém, mais do que isso, eu tinha *notado* a beleza do dia. Por muito tempo eu apenas havia deixado que as coisas fluíssem; dias, semanas, meses e talvez anos se fundiam uns aos outros em uma monotonia perturbadora. E aí o dia de hoje era diferente do de ontem; o ciclo de mesmice fora destruído. Eu queria contar essas coisas para Lilah e impressioná-la com a profundidade dos meus pensamentos. Em vez disso, sabia que estava lutando por uma chance de poder compartilhar essas coisas com ela e fazer com que ela compartilhasse seus pensamentos igualmente aleatórios comigo. Eu aceitaria o que fosse, tanto dessa mulher quanto dessa conversa, mesmo que resultasse apenas em um café juntos de vez em quando ou a promessa de um sorriso se nos víssemos na balsa.

Esse encontro simplesmente tinha que terminar com a esperança de haver uma próxima vez.

Tinha que.

Ela voltara sua atenção para a porta giratória ao nosso lado e eu olhei para lá também. *Davis McNally*. Era ali que Lilah trabalhava? Ou estava ali apenas para uma reunião?

Era hora de uma abordagem diferente, antes que ela escapasse por aquela porta e desaparecesse da minha vida para sempre.

– Acho que você estava com medo – sussurrei.

– Um pouco – admitiu ela com facilidade. Novamente fiquei surpreso e ela deu de ombros. – Repito: nossa noite juntos foi ótima. Tivemos uma conexão, e você tem razão: nunca senti algo assim por alguém antes. Mas é como eu disse, Callum – ela inspirou determinada –, eu não sou do tipo para namorar. *Mesmo.*

– Ok, Lilah. – Fiz uma pausa. – É Lilah?

Ela hesitou e decidi continuar pressionando.

– Vou lhe fazer uma proposta. Me dê um jantar e eu deixo você em paz.

– Você teve um jantar.

– Mais um jantar.

– Você *vai* me deixar em paz. Não tem escolha. Não sabe quem eu sou – ponderou ela.

Antes que eu pudesse pensar no meu próximo argumento, ela adotou um tom que eu supus ser o seu mais determinado.

– Então essa proposta é uma merda, visto que eu já tenho o que você está oferecendo. Não, você vai ter que argumentar em favor desse caso por seus próprios méritos. Me diga *por que* eu deveria jantar com você mais uma vez.

Porque eu preciso conhecer você. De um jeito ou de outro, vou ficar fantasiando sobre como me senti na noite passada pelo resto da minha vida.

– Também não sou do *tipo para namorar* – zombei dela com delicadeza. – Não estou procurando uma esposa. Nem uma namorada. Só quero passar um tempo com você. Fim de papo.

Lilah não pareceu impressionada.

– Só mais um jantar.

Eu estava implorando? O tom chorão da minha voz chegava bem próximo disso.

– Talvez você me deixe tão entediado a ponto de me fazer chorar e, na próxima vez que nos encontrarmos na George Street, eu pule na frente de um ônibus para evitar falar com você.

Ela olhava fixamente para o chão, contemplando a minha oferta, suponho. Eu era uma criança ansiosa esperando por aprovação e aceitação, literalmente prendendo a respiração enquanto ela analisava o pedido.

– Só mais um jantar – concordou ela.

Sorri. Ela apertou os lábios e suas sobrancelhas quase se uniram.

– Não fique apegado.

– Só estou sorrindo. Desde quando isso é apego?

– Vamos fazer isso hoje à noite, então – soltou ela, como se estivesse sugerindo que nos livrássemos de uma vez de uma tarefa chata que tínhamos que cumprir, mas eu percebi que ela estava tão animada quanto eu. Não estava na voz dela, mas com toda certeza em seus olhos, a sensação compartilhada de alívio por termos nos encontrado. – Que tal *you* escolher o restaurante dessa vez? Vou tentar usar sapatos.

– Combinado – consegui dizer, assim que minha agitação passou. – E com quem exatamente eu vou jantar?

– Lilah – respondeu ela com firmeza. – Que vai encontrar *you* na balsa das cinco da tarde.

– E se eu quebrar o tornozelo e não puder ir? Como vou entrar em contato com *you*?

– Mande um dos seus *minions* publicitários malvados para me dar o recado.

Ela olhava novamente para a porta giratória, e eu sabia que já tinha abusado da sorte. Não, descobrir o nome verdadeiro dela teria que esperar. Mas tudo bem. Eu podia ser paciente, desde que houvesse uma chance.

– Desculpe, Callum, eu preciso ir. Estamos em um intervalo na audiência e preciso voltar para a minha equipe e me preparar para a sessão da tarde. Vejo *you* às cinco?

– Sim – respondi.

Lilah deu um aceno breve com a cabeça e desapareceu pela porta giratória.

Eu a observei ir embora e então me virei para voltar à agência, o sorriso no meu rosto tão largo que eu sentia a pele esticada nas minhas bochechas.

A produtividade do resto do dia foi reduzida a quase zero. Fiquei sentado no escritório com a porta fechada, intercalando breves tarefas e longos momentos de sonhar acordado.

Quando o relógio finalmente marcou quatro horas, desisti do trabalho do dia e saí do escritório. Eu estava falando sério quando disse a Lilah que Sydney me energizava e havia algo particularmente inspirador nas tardes de sexta-feira. Tantas pessoas de terno, todas apressadas – correndo para casa, para o bar, para o parque. Desapareci em meio à multidão e ressurgi quando avistei algumas flores em uma vitrine. Talvez o gesto fosse pitoresco, talvez fosse antiquado, mas eu precisava, de *alguma forma*, confessar quanto eu estava fascinado.

Às cinco horas eu estava esperando perto das catracas quando ela apareceu. Ainda faltava muito tempo para escurecer, mas as sombras já começavam a ficar maiores e uma brisa fresca vinha da baía. Ela tinha soltado os cabelos, que balançavam com o vento. Tive que lembrar a mim mesmo de respirar. Então me ocorreu, tarde demais, que talvez essas pessoas ecologicamente corretas não gostassem de flores cortadas. Olhei para ela, que se aproximava rapidamente, e depois para o buquê na minha mão e pensei em jogá-lo na lata de lixo mais próxima.

Não deu tempo. Ela estava bem na minha frente.

– *You* me trouxe flores – disse Lilah.

Ela ficou contente, *graças a Deus*.

– Que fofo! Obrigada, Callum.

Pigarreei para falar.

– *You* disse que usaria sapatos. Era o mínimo que eu podia fazer.

Lilah sorriu e, para minha alegria, se aproximou para me dar um beijo inocente no rosto. Pude sentir

um pouco do cheiro de seu xampu quando ela se afastou. Limão? Alguma coisa hippie natureba, com certeza. A areia e a salmoura da noite anterior tinham sido completamente lavadas.

– Então, onde vamos jantar? Um lugar melhor que aquela última porcaria, eu espero.

Ela queria me provocar e eu estava adorando.

– Você por acaso não abandonou seu estilo de vida vegano hoje, não é?

– Desculpe, não posso dizer que abandonei.

– Então a churrascaria está fora de questão.

Apontei para o caminho de onde ela tinha vindo, do lado oposto ao das balsas. Ela pareceu surpresa.

– Vamos comer aqui perto, então?

– Prepare-se para se surpreender.

Encontrei um restaurante vegetariano em Surry Hills com boas avaliações na internet, e enquanto estávamos sentados lado a lado no banco de trás de um táxi, Lilah tagarelou livremente sobre o seu dia. A menina durona que eu encontrara por acaso na George Street fora substituída pelo espírito livre pelo qual eu tinha ficado tão encantando na noite anterior.

– Direito é como jogar um jogo de tabuleiro com várias regras extremamente detalhadas. É o tipo de jogo que você precisa passar anos estudando só para fazer um único movimento e, depois, joga uma mesma partida por meses até que algo aconteça.

– É uma ótima analogia. Eu me formei em direito – intrometeu-se o taxista.

– Sério? Como você acabou virando motorista de táxi?

– Bom, assim como jogos de tabuleiro, algumas pessoas que tentam encarar as leis são muito boas e outras não. As pessoas que não são não passam no exame da Ordem dos Advogados e vivem no sofá do pai por uma década antes de o pai comprar um táxi para elas e chutá-las de casa para se virarem sozinhas.

O taxista e Lilah riram. Fiquei maravilhado com a empatia instantânea que ela parecia criar com as pessoas – com o pequeno grupo que ela tinha juntado na balsa em nossa primeira conversa, com o garçom na pizzaria e agora com esse cara – além de mim. Todo mundo que Lilah conhecia estava mais para um novo amigo do que para um estranho. Fiquei pensando em como seria viver a vida dessa maneira.

Ela nunca fora ao restaurante que eu tinha escolhido e pareceu impressionada por eu tê-lo encontrado. O brilho agradável do meu sucesso desapareceu rapidamente quando peguei o cardápio.

– Que diabos é *tempeh*?

O site do restaurante dizia que eles eram especializados em cozinha australiana vegetariana, mas metade dos pratos parecia estar em grego para mim.

– Soja fermentada.

– Parece delicioso.

Fechei o cardápio e estremeci.

– Que tal você simplesmente traduzir esse troço e pedir algo para mim que eu de fato reconheça?

E assim, acompanhados de uma garrafa de vinho tinto, dividimos diversos pratos. Havia algo chamado bife de couve-flor – um nome bastante enganador, pois não passavam de nacos malcozidos de couve-flor enrolados em ervas com pedaços de glúten marinado e outros legumes salteados.

– Glúten é saudável agora?

– Se você não tiver doença celíaca, não há problema – informou ela ironicamente.

No fim das contas, a comida era boa – mas a companhia era divina.

– Você disse que se mudou bastante quando criança – instiguei-a.

Lilah se apoiava no cotovelo, que repousava sobre a mesa, e volta e meia eu a via enrolar uma mecha

de cabelo no dedo e, depois, esticá-la até os ombros. Ela estava relaxada e falante, e eu gostei de ter a atenção do olhar dela voltada para mim.

– Minha mãe é o maior espírito livre que você poderia conhecer. Eu nasci na Índia, mas, quando fiz 13 anos, já tínhamos morado em sete países.

– Caramba!

– É “caramba” mesmo. – Ela riu da minha surpresa. – Isso deve aterrorizar você, Sr. Tive o Mesmo Quarto Até Virar Adulto.

– “Aterrorizar” é a palavra errada. “Maravilhar” é melhor.

– Não foi nada maravilhoso. Tive algumas experiências ótimas, mas quando eu ia começar o ensino médio, de repente meus pais perceberam que eu mal sabia ler e não tinha amigos.

– Suponho que você tenha aprendido a ler, dada a sua profissão. Então eles se acomodaram logo?

– Ah, não.

Ela riu de novo e pegou sua taça de vinho.

– Eles me deixaram com meus avós. Meu pai não era, nem de perto, tão desajuizado quanto minha mãe, mas na época ele já tinha se acostumado a fazer o que ela mandava.

– Com que eles trabalhavam? Como eles conseguiam se mudar tanto?

– Minha mãe é musicista. Cantora, na verdade, e muito boa, mas ela correu atrás da sua grande chance até alguns anos atrás. Ela passava uma temporada aqui, outra ali, dando aulas, fazendo teatro ou simplesmente participando de incontáveis testes sem parar. Não me leve a mal, ela teve alguns sucessos tremendos, mas também alguns fracassos espetaculares, como o período que passamos em Hollywood. Ela passou o ano todo fazendo testes praticamente todos os dias e não conseguiu nenhum papel. E assim continuamos. Meu pai, por outro lado, era um jardineiro razoável, e pelo menos trazia um pouco de dinheiro para casa, mesmo quando minha mãe não conseguia.

– Que combinação interessante. Eles se conheceram no colégio?

– Não. Meu pai era alguns anos mais velho que minha mãe. Eles se conheceram quando ele foi fazer um serviço na casa dos meus avós. Vovô o contratou para cuidar da horta durante uma primavera e ele e minha mãe se apaixonaram. Meu pai adorava se manter ocupado, então onde quer que fosse, encontrava algo para fazer e ganhar um pouco de dinheiro, mesmo que fosse reabastecendo prateleiras.

– E seus avós? Hippies também, pelo que parece?

– Nossa, com certeza não! Eles eram pessoas extraordinárias que, por acaso, moravam em um terreno grande perto de Gosford. Na verdade, os dois se afligiam com o estilo de vida dos meus pais e ficaram mais que felizes por me ter debaixo da asa deles quando chegou a hora. Eles eram as pessoas mais pacientes que eu já conheci. Minha avó me deu aulas particulares até eu conseguir me virar na escola e vovô era um cara incrivelmente sábio e gentil. Por acaso também era um advogado muito bem-sucedido, sócio de um escritório de advocacia em Gosford. Então, depois da escola, eu passava um tempão lá esperando por ele e, de quebra, acabei me apaixonando pelo direito.

Ela deu de ombros.

– O resto é história.

– Você vê sua mãe com frequência?

– Falo com ela quase todos os dias e estou sempre indo para Gosford ver minha casa lá. Minha mãe e eu somos bem próximas, na verdade.

– Você não ficou ressentida...

Hesitei. Ela meneou a cabeça. Não precisei terminar a frase.

– Não, não fiquei. Talvez quando era mais nova, mas a vida é muito curta para perder tempo com

isso. Eles tomaram algumas decisões esquisitas, mas eu também tomei. Eu só não tenho filhos para infligir minhas decisões neles.

– Ainda?

Novamente, ela meneou a cabeça.

– Não vou ter filhos.

– Por que não? – perguntei.

Eu também não tinha certeza se queria ter filhos, mas sabia que iria considerar a ideia se um dia eu tivesse um relacionamento estável. Talvez, se chegássemos tão longe, eu a faria mudar de ideia. Lilah apertou os lábios. Vi um vinco se formar entre suas sobrancelhas enquanto seu olhar ficava mais severo. Ela não tinha gostado da pergunta.

– Nem todo mundo quer ter filhos – respondeu por fim.

– A maioria quer.

– Muitos não querem. E não faltam excelentes motivos para uma pessoa escolher não ter.

– Eu concordo. Só fiquei pensando quais seriam os *seus*. – Dei de ombros. – Não estou nem dizendo que *quero* ter, mas sei por que estou na dúvida.

– Crianças são um desastre para o meio ambiente.

– Em boa parte porque se tornam adultas, certo?

– Exatamente. E parece que já há muitas delas. Não é só isso... Sei lá. É só uma decisão que eu tomei há muito tempo e com a qual estou totalmente feliz. E você?

– Não pretendo me casar, mas se um dia eu entrar num relacionamento sério com alguém, provavelmente pensaria em ter filhos. – Dei de ombros mais uma vez. – Mas com certeza não tenho nenhum grande desejo em tê-los. Quantos anos você tem, afinal?

– Adivinhe.

– Bom, para ser sincero, sou ótimo em chutar idades e sinto que esta noite está indo muito bem e não quero pôr tudo a perder acertando.

Ela sorriu para mim.

– Quantos anos *você* tem?

– Tenho 30 e muitos. – Quase 40, obviamente. – Você tem 30.

Ela riu.

– Ah, por favor. Nem foi um chute convincente.

– Trinta e um.

– Vai levar mais nove chutes para acertar nesse ritmo.

– Vinte e dois? – brinquei, e ela sorriu.

– Então temos mais ou menos a mesma idade. Em que mês você nasceu?

– Dezembro – respondi.

– No começo ou no final?

– Na noite da virada do ano, na verdade.

– Ah, minha mãe diria que somos uma péssima combinação.

– Por quê? Signos do zodíaco?

– Na verdade, porque você é mais novo que eu.

– Quando é o seu aniversário?

– Dia 23 de julho.

– Você acabou de fazer aniversário.

– Isso mesmo.

– E isso significa que sou mais novo que você por quanto, uns cinco meses? Tudo isso?

– Cinco meses ainda são cinco meses. A essa altura, sou quarentona e você ainda não, então... – Ela ergueu e baixou os ombros magros. – Bom, eu lhe dei mais um jantar. Acho que é aqui que ele chega ao fim.

– Você está brincando, né?

Eu esperava que ela estivesse, mas a expressão de Lilah era impassível. De repente, ela sorriu.

– Na sua casa ou na minha?

Não perdi nem um segundo dessa vez.

– Na sua.

– Ah.

Pude ver que ela se arrependeu da oferta imediatamente.

– Agora é uma boa hora para reforçar toda aquela coisa de *só um jantar*?

– Você pode me lembrar amanhã de manhã – sugeri enquanto gesticulava para o garçom trazer nossa conta.

O apartamento de Lilah fazia a minha pechincha não reformada parecer um barraco. Ficava a apenas alguns quarteirões do meu, mas enquanto o meu ficava no térreo de um caixote de tijolos aparentes dos anos 1970, o dela ficava na cobertura de um empreendimento quase novo à beira-mar. Minha cozinha tinha vista para um beco, mas a sacada da sala de estar de Lilah era da altura dos pinheiros que se estendiam por Manly Beach.

A casa dela era linda, apesar de haver uma leve discrepância na mistura de modernidade com os bichos de pelúcia de sua infância. Havia azulejos brancos brilhantes e sofás de couro vermelho intenso em meio a almofadas e xales peruanos supercoloridos. Um papel de parede moderno decorava um lado da sala de estar, estampado em zigue-zague preto e branco, mas ali também havia uma confusão de porta-retratos aleatórios com fotos de Lilah e cenários paradisíacos ao redor do mundo totalmente desordenados. Suponho que meu eu organizado tenha se sentido um pouco mal com todo aquele caos, mas o restante de mim estava maravilhado. Eu estava bem ali, na casa dela – e isso significava que eu sabia onde Lilah morava.

– Quando alguém vai para casa com você, não parece que a dinâmica muda?

Ela foi direto para a cozinha e trouxe duas taças e uma garrafa meio vazia de vinho.

– Digo, você está *aqui* agora. Sou uma anfitriã ou sou sua amante? Devo oferecer alguma coisa para você comer ou arrancar suas roupas?

– Você definitivamente deve optar pelo impulso que tomar conta de você, qualquer que seja – respondi, com a maior calma do mundo, dada a imagem mental que ela tinha providenciado.

Lilah passou por mim, na direção dos sofás de couro vermelho, e eu reparei nos pés dela.

– Você já tirou os sapatos.

– É claro.

Ela colocou a garrafa no tampo de vidro da mesa e se aconchegou no canto do sofá em L.

– Você não tira os sapatos em casa?

– Sim... mas... – Eu ri e balancei a cabeça. – Nem percebi que você tinha feito isso.

– Costumo tirar duas coisas quando passo pela porta – informou ela. – Os sapatos e o sutiã. O único motivo para não ter feito o segundo é que pensei que talvez você quisesse fazer isso mais tarde por conta própria.

– É muito gentil da sua parte.

– Estou me esforçando.

– Então, noite passada foi bem incrível.

Sentei ao lado dela no sofá e peguei minha taça de vinho.

– Foi, sim – concordou Lilah.

– Fiquei confuso quando vi que você tinha ido embora de manhã.

– E eu fiquei confusa quando vi que você vive sem uma cozinha de verdade.

Notei que ela tinha se esquivado da minha pergunta e, por um instante, pensei em voltar ao assunto do desaparecimento dela aquela manhã. Mas eu não queria que a conversa se tornasse constrangedora. Eu estava *na casa* dela. Isso já não era o suficiente por enquanto?

– Vou reformá-la.

– Assim como você vai para Paris?

– Exatamente.

– O que mais você *vai* fazer?

– Você não tem uma lista de coisas em andamento? – perguntei, dando de ombros.

– O que tenho em andamento agora é terminar este vinho. É o máximo de tempo que deixo as coisas por fazer se quero fazê-las.

Ela tomou um gole de vinho e, então, olhou para mim.

– Talvez eu possa entender que você é ocupado demais no trabalho para ir visitar seu irmão. Mas, fala sério, aquele apartamento? Qual é o problema com aquilo?

– Comprei aquele lugar porque achava que seria um projeto divertido de fim de semana. Eu vislumbrava passar as noites, depois do trabalho, em cima de uma escada colocando assoalhos.

– Mas...?

– Mas aí eu comprei azulejos para o banheiro e os levei para casa, mas não ficaram bons. – Suspirei. – A cor estava errada, quente demais para a tinta que eu tinha comprado, então eu os devolvi e ia pegar algumas amostras e tentar de novo.

– E parou por aí?

– Não. Peguei um monte de amostras de azulejos, mas não gostei de nenhum deles também. E àquela altura eu já tinha perdido a vontade de mexer no banheiro e comecei a desmontar a cozinha. Eu só queria que tudo ficasse *certo*. Qual o propósito de um projeto desses se não estiver perfeito? Além do mais, eu ainda tenho tudo de que preciso lá. Não há nenhuma pressa.

– O que mais me surpreendeu no seu apartamento é que mais parece uma zona de guerra. Na verdade, parece que você está no meio da obra de uma casa, mas, mesmo assim, não há poeira em lugar nenhum. – Lilah riu. – Não repare na minha bagunça, você vai ficar apavorado. Eu só lavo a louça quando não tenho mais pratos limpos.

– Aparentemente, só não consigo terminar os serviços grandes. E não gosto de bagunça.

– Quando eu era pequena, passei por uma fase em que eu achava que iria limpar casas, o que é hilário hoje em dia, já que não consigo nem manter este lugar limpo – disse ela. – Eu tinha uns 7 ou 8 anos, estávamos morando em Nova York na época e a moça para quem meu pai estava trabalhando tinha uma empregada que morava na casa. Eu costumava ir com ele para o trabalho, e enquanto ele cuidava do jardim eu ficava sentada naquela casa grande e linda e observava a empregada trabalhando. Ela sempre estava tirando o pó... Ela limpava da porta de entrada até os fundos durante a semana e, depois, começava tudo de novo. A casa era uma mansão em comparação com a quitinete em que nós morávamos e tinha um monte de coisas lindas. Eu não conseguia imaginar que um dia teria dinheiro suficiente para comprar tudo aquilo eu mesma, então eu pensava: “Bom, se eu conseguir um emprego como empregada doméstica, ainda vou poder ao menos *ver* essas coisas lindas.”

– Seu apartamento é incrível – falei. – Você gostaria de poder voltar no tempo e trazer a pequena Lilah de 7 anos aqui para uma visita? Com certeza ela ficaria impressionada.

– De jeito nenhum. Eu a deixaria lá.

Lilah meneou a cabeça veementemente.

– Eu não iria querer que a Lilah de 7 anos percebesse quanto a vida é frágil ou como aquelas coisas lindas não a satisfariam, ou mesmo quanto as próximas décadas seriam tumultuadas para ela. Você consegue imaginar ser ingênua o suficiente para pensar que viver como uma empregada mal paga seria o emprego mais incrível do mundo? De jeito nenhum eu quero perder aqueles momentos ou a simplicidade daqueles pensamentos. Foram uns dos meus melhores anos.

Ela voltou o olhar para mim e seus olhos ficaram repentinamente investigativos.

– Você sonhava em ser um guru do marketing quando tinha essa idade?

– Não.

Fiz uma careta.

– Sabe quando você é criança e todo mundo pergunta o que você quer ser quando crescer? Eu sempre odiei essa pergunta. Sempre me sentia como se os adultos estivessem tirando sarro da minha cara. Eu *sabia* que não seria um astronauta, um bombeiro ou um piloto de carro de corrida.

– Bom, o que você queria?

– Sinceramente?

Olhei para as profundezas arroxeadas do vinho, então voltei o foco para os olhos azuis de Lilah.

– É um pouco constrangedor, mas eu queria ser fotógrafo. Meu pai trabalhava no jornal e eu o visitava algumas vezes, e os fotógrafos me deixavam ver suas câmeras. Eu achava que aquilo era a tecnologia mais misteriosa: conseguir capturar um momento e prendê-lo para sempre no tempo.

– Nossa, você me assustou – falou ela com uma careta. – Achei que fosse dizer que queria ser um assassino ou um palhaço de circo. Fotografia não é constrangedor. Por que não fez isso?

– Eu meio que fiz. Cursei algumas matérias de fotografia e artes visuais na faculdade. Eu só... Não é uma carreira muito prática, né? A maioria das pessoas sonha com algum tipo de arte, mas no dia a dia... Ser adulto significa ter como pagar as contas... construir uma vida fora do trabalho.

– Essas duas coisas não são excludentes. – Lilah franziu a testa. – Você pode construir sua vida e escapar do caos da cidade toda vez que a conta de luz chegar. E pode pagar suas contas e deixar a vida de lado. Meus pais passeavam por aí como se fossem borboletas despreocupadas durante a maior parte do casamento, mas vou lhe dizer uma coisa: eles tiveram uma vida fantástica.

– Será que *realmente* era tão fantástica assim? Você devia sentir falta da estabilidade de um lar, né?

– Não *havia* lar.

Ela riu e se mexeu, de modo a se encostar em mim e esticar as pernas no sofá, seus longos cabelos vermelhos se espalhando pelo meu braço e pelo meu colo como um cobertor.

– Eu nasci na estrada, por assim dizer. Não entendia como era criar raízes nem me sentir acomodada. Volta e meia visitávamos meus avós em Gosford, mas, mesmo assim, eu mal os conhecia naquela época.

– Simplesmente não consigo imaginar.

Meneei a cabeça.

– Quando meus pais morreram e meus irmãos e eu vendemos a casa, eu me senti como se tivesse perdido parte de mim, como se... como se aquilo tivesse sido minha âncora e, então, eu tivesse ficado à deriva.

– Há algo verdadeiramente bonito em ter um lugar para chamar de lar – concordou Lilah. – Mas precisa ser uma base para a qual você possa retornar, em vez de uma âncora. Navios só usam suas âncoras entre uma jornada e outra, certo?

– Não dá para estar sempre em uma jornada.

– Claro que dá – murmurou Lilah. – A vida é uma jornada. Você não precisa viajar, mas precisa

sempre ir de um lugar para outro, senão vai estagnar.

Um silêncio se instalou, e meus pensamentos se voltaram para o momento que estávamos compartilhando. Nossas taças de vinho estavam vazias e tínhamos tomado bastante vinho no restaurante também, mas, de maneira estranhíssima, eu me sentia como se estivesse mais bêbado com a conversa do que com o álcool. Eu não me lembrava de jamais ter tido uma conversa assim, um papo descontraído com uma mulher, apenas deixando as palavras fluírem. Mas mesmo se o assunto acabasse, eu estaria igualmente contente só de ficar sentado ali com ela e observar seu próximo movimento.

– Você tem esse efeito sobre todo mundo?

– Que efeito?

– Sinto como se você fosse um pequeno redemoinho que, em dois jantares, conseguiu bagunçar tudo que eu pensava sobre minha própria vida.

– No bom sentido?

– Acho que sim.

Passei os dedos pelas mechas do cabelo dela por um momento, até que Lilah se sentou lentamente e colocou a taça ao nosso lado, no chão. Ela se virou para mim e pousou a mão em meu ombro. Ao olhar fixamente nos olhos dela e ela olhando fixamente nos meus, uma sensação repentina da minha própria pequenez escapou de mim.

– Não estou entediando você?

Lilah se inclinou para a frente e encostou os lábios nos meus com delicadeza.

– Não, você não é entediante – sussurrou ela, sorrindo. – Talvez seja um pouco irritante.

Outro beijo, mais demorado dessa vez, apaziguando qualquer ofensa que suas palavras pudessem ter causado.

– E talvez só um pouquinho intransigente quando se trata de pessoas que não gostam de sapatos.

O beijo seguinte foi ainda mais demorado e mais intenso, e quando ela se afastou da minha boca, encostou a testa na minha enquanto sussurrava:

– Mal o conheço, mas até eu posso ver que há muito mais em você do que isso tudo. Como eu poderia achá-lo entediante?

Acordei antes dela e, assim que o fiz, percebi que a melhor parte de ter acordado no apartamento de Lilah era que ela não tinha para onde correr e escapar de mim. Quando ela se mexeu nos meus braços e vi seus olhos abrirem, me imaginei acordando desse jeito pelo resto da vida.

Eu te amo, eu sussurraria, e ela sussurraria a mesma coisa para mim e daríamos um beijo com gosto de bafo matinal. Haveria uma beleza extraordinária na intimidade ordinária da nossa vida juntos e eu nunca me sentiria desconectado de novo.

O pensamento era alarmante, e fiquei pensando de onde teria vindo. Lilah era uma mulher linda e fascinante. Eu já havia conhecido muitas dessas antes e nunca tinha considerado que eu deveria estabelecer um relacionamento sério com alguma delas, muito menos depois de uma única noite. O pensamento era desconfortável, e me mexi para lhe dar um beijo rápido de bom-dia:

– Dormiu bem? – perguntei.

– Como uma pedra.

Ela se espreguiçou e sorriu para mim de novo.

– Apesar de você roncar.

– Tenho certeza absoluta de que foi você.

Eu estava completamente nu. Não tive como esconder o rubor. Dormira muito bem, melhor do que eu me lembrava em muito tempo.

– Não fique constrangido. A não ser que meus vizinhos reclamem. E talvez eles reclamem, porque você ronca *alto*.

Ela queria me provocar de novo. Dei um beijo em sua testa.

– O que os veganos comem no café da manhã?

– Você sabe que veganos não são de uma espécie diferente, né? Comemos comida também, não só à noite, mas durante todo o dia. Me deixe tomar um banho que vou preparar um bacon de mentira para você.

Ficamos sentados na sacada, do lado de fora. Na escuridão da noite anterior, eu não tinha reparado que ali havia uma verdadeira floresta de ervas e vasos de plantas nas mais diversas condições. Algumas não estavam apenas mortas, mas começavam a se decompor. Havia vasos de diversos formatos e cores em todos os lugares disponíveis, incluindo dois retangulares cinza afixados no topo da beirada da sacada.

– Não herdei o dom da jardinagem do meu pai e não tenho nenhum Leon nem nenhuma Nancy aqui para cuidar delas – disse Lillah, suspirando quando perguntei sobre as plantas esqueléticas.

– Leon e Nancy?

– Os zeladores da casa de Gosford. Eles são maravilhosos. Eu poderia levar essas plantas mortas para lá e eles as ressuscitariam em questão de dias.

– Qual é o seu nome verdadeiro?

A pergunta simplesmente saiu. Acho que já havia muita curiosidade represada, e a pressão ficou grande demais, mas eu tinha planejado tocar no assunto com um pouco mais de sutileza.

Lillah mexeu o café. Não sei por que ela fazia isso. Não tinha açúcar, apenas um pouquinho de leite de amêndoas. Aquilo pareceu levar bastante tempo. Ela ergueu os olhos e me fitou.

– Saoirse Delilah MacDonald.

– Sir-sha?

Tentei repetir o nome como ela dissera, mas era completamente novo para mim. Ela me deu uma olhada perspicaz.

– É exatamente disso que estou falando. É gaélico. S-a-o-i-r-s-e – soletrou ela. – O que não tem problema se você estiver em Dublin, onde é um nome comum, mas não estamos em Dublin, e, apesar de eu e meus pais nos mudarmos a cada cinco minutos, nunca fomos lá. Então eu passei as duas primeiras décadas da minha vida sendo chamada de *Sao Irse*, o que não chega nem perto.

– Sao Irse – repeti, rindo. – De onde veio esse nome?

– Meu pai era irlandês. A mãe dele se chamava Saoirse. Ela morreu pouco antes de eu nascer, então parece que eles acharam que seria um nome apropriado, mas eu tenho a impressão de que minha mãe logo se arrependeu. Desde que me entendo por gente, ela simplesmente me chama de Lillah.

– Saoirse – repeti corretamente dessa vez. – Na verdade, acho que esse é um nome lindo.

– É, sim, e quer dizer “liberdade” ou algo do gênero. Eu não desgosto. Ainda uso profissionalmente.

– Você me disse que seu sobrenome era Owens.

– É o nome de solteira da minha mãe, sobrenome dos meus avós. Fiquei com medo de que você me procurasse e eu não sabia se queria ser encontrada. Na verdade, tenho certeza absoluta de que *não* queria.

– Então por que mudou de ideia?

– Quem disse que mudei de ideia?

Foi a vez de Lillah de rir. Ela usava apenas óculos escuros e uma camisola, mas parecia totalmente relaxada.

– Eu não sei, Callum. Quero dizer, *isto* é ótimo. Essas duas últimas noites foram incríveis de verdade,

mas nada mudou para mim. Não estou procurando um namorado.

Pensei nisso por um momento. Abaixo de nós, as ondas quebravam na praia e o som preenchia o silêncio, o que me deixou confortável para pensar nas palavras dela por muito mais tempo do que eu teria feito se as condições fossem outras.

– Perdi a conta de com quantas mulheres eu dormi – falei, quando tinha formulado a frase certa na minha cabeça. – Não me orgulho disso. Acho que, de certa forma, isso faz com que eu me sinta envergonhado. Eu costumava ser o cara que saía de fininho, que dava o nome falso, que não ligava quando dizia que ligaria. Não acredito em casamento ou monogamia. E estou dizendo tudo isso apenas para ser sincero, porque eu aprecio o fato de você também estar fazendo isso.

Mesmo por trás dos óculos escuros, eu podia sentir os olhos dela nos meus. Minha cabeça estava confusa por conseguirmos ter uma conversa tão íntima apenas após duas noites juntos e por eu não me sentir nem um pouco constrangido.

– Não sei aonde isto vai dar, Lilah, mas não podemos apenas curtir a jornada enquanto durar?

Fiquei impressionado com a casualidade da minha pergunta. Na verdade, eu estava me sentindo tão nervoso que tive que largar o café para que Lilah não percebesse que eu tremia. Se ela me pedisse para ir embora e não procurá-la de novo, não sei como reagiria.

Foi a vez dela de ficar em silêncio por um momento dolorosamente longo. Dessa vez, as ondas não preencheram o silêncio e eu me senti exposto e em perigo. Quando Lilah enfim esticou o braço e pegou na minha mão, eu podia ter dado uma pirueta em cima do parapeito da sacada.

– Está bem – disse ela, com calma. – Vamos viver um dia de cada vez.

Domingo, 30 de agosto

Parece que tenho uma espécie de amante pela primeira vez em cinco anos. E, o que provavelmente também era novidade para mim, eu não tinha mais nenhuma força de vontade.

Callum acabara de ir embora, depois de passar dois dias e duas noites comigo. *Duas noites*. Lembro muito bem que prometi a mim mesma na sexta à noite que não iria dormir com ele de novo, que nos limitaríamos a jantar e, então, eu retomaria imediatamente meu transporte diário de carro e nunca mais falaria com ele outra vez.

Mas agora, eu não podia dar a desculpa de ter sido pega de surpresa. Sim, talvez eu tivesse passado da conta com o vinho no jantar, mas se eu tivesse ficado só na água, nada ia mudar.

Não havia silêncios constrangedores com Callum. Quando a conversa morre, posso ficar só sentada com ele e permanecer tranquila. Nesses últimos anos, senti como se sempre houvesse algo para provar, mais uma luta se arrastando para o topo da fila, demandando minha total atenção, como se eu devesse algo para o mundo apenas por estar aqui. Minha cabeça é ocupada, ocupada demais até mesmo para manter um diário até agora, mas, quando ele está comigo, me dedico totalmente àquele momento. A enxurrada de pensamentos se acalma e eu esqueço todos os bons motivos pelos quais não podemos ter um futuro, porque o presente é importante demais para eu me distrair.

Conversamos no sábado de manhã e tentei explicar que não poderia mais vê-lo. Não me esforcei muito porque, quando chegou a hora da verdade, eu não queria convencê-lo de nada. Então concordamos em deixar tudo acontecer naturalmente e eu fiz mais uma promessa a mim mesma. Depois do almoço, eu o mandaria para casa e trabalharia um pouco.

Mas aí decidimos fazer uma caminhada pelo Corso. Éramos um casal meio jovem como outro qualquer andando de mãos dadas, dando uma volta com nossos cafés para viagem, aproveitando ao máximo o fim de semana. Passamos pela feira dos produtores e, enquanto eu comprava legumes e verduras, Callum escapuliu para dentro de uma lanchonete de comida para viagem e voltou com uma porção de batatas fritas gordurosas e petiscos de peixe e riu do meu nojo. E aí eu experimentei uns chapéus e posei de brincadeira para ele, que ficou observando pelo vidro da vitrine e, depois, imitou, fazendo mímica, um fotógrafo de moda. Era tão bobo, ridículo, na verdade, mas rimos tão alto que outras pessoas olharam para nós e eu vi uma senhora mais velha me dirigindo um sorriso perspicaz. Achou que estávamos apaixonados, e eu fiquei imaginando se ela pensava em um antigo amor que perdera havia muito tempo.

É isso que as pessoas fazem, não é? Elas encontram alguém que as faz rir, elas riem juntas e os anos se dissolvem.

E todas essas coisas banais dos últimos dias têm sido tão divertidas... Já tenho muitos chapéus em casa e não consigo me lembrar de ter comprado nenhum, eles eram apenas um item que eu usava para

tentar evitar as sardas que eu sei que *não posso* evitar. Mas o chapéu de feltro preto que eu comprei hoje será diferente. Esse guarda uma lembrança.

Callum foi em casa pegar algumas roupas e, mais tarde, decidimos correr na praia juntos. Fiquei confusa quando ele colocou o tênis. Aparentemente, ele usa calçados mesmo quando corre na areia, o que, para ser sincera, parece loucura para mim. É um fato muito bem estabelecido que o pé humano evoluiu para correr descalço. Quando eu disse isso, Callum apertou o tênis de corrida caro contra o peito, fingindo estar horrorizado, e ponderou que ele não havia reclamado dos meus pés descalços *o dia inteiro*, então o mínimo que eu podia fazer era deixá-lo usar os tênis.

E então percorremos a praia. Eu na minha velocidade máxima; ele, mal fazendo um jogging, permitindo que eu o acompanhasse. Conversamos enquanto corremos, e ele me contou que vinha pensando em treinar para uma maratona e sobre como ele já tinha adorado correr longas distâncias nos fins de semana, mas acabou deixando isso de lado quando começou o novo emprego. Pude ouvir a frustração em sua voz, mesmo enquanto ele corria. Callum é um homem com um, dois ou dez sonhos, e as barreiras entre ele e esses sonhos estão todas na própria cabeça. Acha que seu emprego o define e que qualquer outra coisa além disso não é importante o suficiente para ser priorizada.

Suponho que se ele conseguisse dar um único passo em direção a um único objetivo, veria de repente que é muito mais que aquilo e suas amarras cairiam imediatamente.

Correr juntos foi uma boa ideia, mas, como Callum é muito mais alto que eu, não era muito prático. Depois de atravessar a praia, nós nos separamos, e ele se adiantou para dar a segunda volta. Eu o observei correr para longe de mim, aumentando a passada para diminuir a distância. Corri na areia dura e molhada, perto da água, como sempre faço. Ele correu mais acima na praia, bem no limite da areia seca. Enquanto Callum se distanciava de mim, deixei meus dedos dos pés ficarem molhados e me concentrei nas batidas frias da água do mar nas minhas panturrilhas. Apesar de ter morado ao lado da praia durante boa parte da minha vida adulta, ainda consigo sentir o cheiro da água salgada. Assim como o cheiro de pão sendo assado me remete à minha avó e o aroma de perfume marcante me lembra minha mãe, o ar salgado me leva para casa.

A praia fica muito cheia nas tardes do fim de semana, e é por isso que eu adoro correr nesse período. Há tantas famílias juntas, curtindo o mar no verão ou construindo castelos de areia no inverno. As pessoas são mais felizes quando estão juntas. Eu sempre soube que isso era verdade, mesmo tendo escolhido ficar sozinha nesses últimos anos. Mas ontem preferi fazer parte de uma matilha de novo e foi incrível. Mesmo quando Callum estava centenas de metros à minha frente, ele estava ali *por mim*, e eu adorava isso.

Era bom. Bom demais e fácil demais, e foi por isso que, quando a tarde virou noite, parecia simplesmente natural que fôssemos jantar. Ele disse que estava morrendo de vontade de comer carne, então fomos até um dos restaurantes perto do meu prédio e ficamos sentados na rua enquanto anoitecia.

Faz cinco anos que não como carne, e a verdade é que eu quase não sinto falta. E, às vezes, o visual e o cheiro enfiam suas garras em mim e eu sinto vontade de esconder minhas objeções ecológicas debaixo da mesa por alguns minutos e devorá-la com vontade. Se eu tivesse pedido um pedaço, Callum me ofereceria. Na verdade, ele ia adorar dividi-lo comigo e eu teria que ouvi-lo falar sobre isso a noite toda.

Mas, é claro, eu não dividi o bife e não posso dividir bife nenhum, porque essa não é a vida que eu escolhi. Eu gostaria de poder entender por que consigo resistir a essa tentação, mas Callum parece ser uma história totalmente diferente.

Estávamos terminando de comer quando um dueto começou a tocar. Era só uma banda acústica, um violonista solo e uma mulher empoleirada em um banco, cantando músicas lentas para o pessoal que

estava jantando. A voz da mulher era linda – seda fluida e mel puro, mais intensa que a da minha mãe, mas com um estilo parecido. Callum tentava chamar o garçom para perguntar se podíamos mudar para uma mesa no interior do restaurante, mas, em vez disso, coloquei os braços dele em volta de mim e começamos a dançar.

Callum contou, depois, que não dança, mas podia ter me enganado ali, na nossa pista improvisada. Talvez ele tenha hesitado um pouco no começo – e eu esperava que hesitasse, já que estávamos na frente do salão àquela altura, bem diante da cantora, e todo mundo estava sentado comendo. Não havia muito espaço entre os músicos e as mesas, mas demos um jeito. O violão, a voz e a letra falavam de saudade, e a música tecia seu caminho ao nosso redor assim como o luar tinha feito na noite passada, e tudo que precisávamos fazer era nos mexer olhando nos olhos um do outro. Eu sempre ficava pensando se os relacionamentos podiam mesmo ser assim, que se um momento se alinhava de maneira perfeita, você podia ficar em pé em um recinto lotado com a pessoa e sentir apenas a presença dela.

Fomos voando para casa depois disso, arrancando as roupas um do outro como adolescentes assim que a porta se fechou atrás de nós. Nessas últimas poucas noites que passamos juntos, não tinha acontecido assim – o sexo com Callum, nas primeiras vezes, fora um “fazer amor” bem maduro. Nós dois exibindo nossos talentos e conhecimentos da arte, contidos enquanto assimilávamos o ritmo e o gosto um do outro.

Mas dessa vez foi diferente; era urgente e apressado e cem por cento instinto. Não havia risinhos brincalhões nem instruções e comentários em meio à transa. Nossa sessão de dança improvisada funcionara como uma espécie de preliminares irresistíveis, e suponho que, ao nos sentirmos um pouco mais seguros na companhia um do outro, a tensão sexual que existia entre nós tenha se libertado.

Foi só hoje de manhã que percebi como os dias tinham atropelado um ao outro, como *um último jantar* na sexta à noite já tinha virado domingo de manhã. Prometi a mim mesma que consertaria isso antes que piorasse e me arrastei para fora da cama e para longe dele para ficar totalmente alerta e desperta quando Callum acordasse. Decidi que faria uma xícara de café para ele, seria educadamente indiferente e então o lembraria de que passei o fim de semana todo dizendo que precisava trabalhar um pouco e a hora tinha chegado.

Mas aí ele dormiu, e dormiu, e dormiu, e já era quase meio-dia. E então comecei a bater coisas na cozinha para acordá-lo. Mas, quando finalmente saiu do quarto, alheio à minha rudeza e sem perceber a barulheira que eu tinha causado, me agarrou pela cintura e me beijou até me deixar sem ar. Aí, é claro, eu esqueci que o plano era expulsá-lo dali e Callum me chamou para ir ver um filme, e isso acabou sendo o suficiente para me convencer de que eu deveria ir.

Enquanto eu estava, ao mesmo tempo, me vestindo e me xingando pela minha inabilidade irremediável de parar com essa loucura, Callum teve a péssima ideia de cortar uns palitos de cenoura para eu ter algo para comer no cinema, já que eu não iria comer pipoca com manteiga. Apesar de suas habilidades terríveis com a faca, o gesto foi tão gentil que quase me desestabilizou.

Quando a noite começou a cair e era hora de ele ir para casa, quando eu não podia mais adiar o trabalho que precisava fazer para o dia seguinte e quando Callum também ficou distraído com as coisas que precisava preparar para a semana, fui com ele até o saguão e demos um beijo de boa-noite.

Eu queria pedir que ele ficasse. Tudo o que eu precisava fazer era pedir. Pude ver quanto Callum queria que eu fizesse isso e ele teria dito sim em um piscar de olhos. Pelo menos tive força de vontade para resistir a *um* impulso no fim de semana.

Callum falou que me ligaria amanhã, e eu me forcei a lhe dizer que teria uma semana agitada, mas que eu telefonaria para ele quando tivesse um tempinho.

Agora aqui estou eu, menos de uma hora depois, sentindo algo terrivelmente parecido com *saudade*.

Tentei me ocupar: reguei as plantas e até lavei a louça, mas não consegui, de jeito nenhum, me concentrar no trabalho. Então estou sentada na sacada com a brisa do mar batendo no rosto e este diário na mesa à minha frente.

E, ao lado do diário, está o meu celular, e minhas mãos querem *mesmo* ligar para Callum e pedir que ele volte...

Fiquei acordado boa parte da noite após ter ido embora da casa de Lilah, reunindo coragem para lhe pedir para passar a noite comigo de novo e revivendo os dias que tínhamos ficado juntos na minha cabeça. Parecia obsceno chegar aos quase 40 anos sem nunca ter me sentido tão vivo quanto me sentira em um único fim de semana com ela e injusto que aqueles dias tenham passado tão rápido.

Procurei por Lilah na balsa na manhã seguinte e fiquei decepcionado quando não a encontrei. Lilah tinha me dado o número de seu celular quando fui embora, mas decidi não usá-lo tão depressa. Além do mais, ela havia me *pedido* que esperasse por uma ligação *dela*. Não queria assustá-la.

Karl estava aguardando ao lado do vaso da palmeira às nove. Quando saí do escritório, ele analisou meu rosto e, então, sorriu.

– E então? Correu tudo bem?

– Sim, passamos um tempo juntos no fim de semana – respondi, tentando bancar o indiferente.

– E...?

– E o quê?

– Ela é tão incrível quanto a sua primeira impressão?

Eu ri e respondi:

– Mais, até.

– Bom, estou impressionado.

Ele começou a descer as escadas e eu o segui.

– Sinceramente achei que você estaria meio na fossa hoje.

– Na fossa?

– Desculpe, escolhi a palavra errada. Você já estava na fossa. Eu achava que você estaria livre da fossa e teria entrado em uma fossa de outro nível.

– Por que diz isso?

Fiquei surpreso e talvez um pouco ofendido também.

– Todo esse negócio da Lilah me lembra muito aquele treinamento psicológico que fizemos ano passado, sobre marcas e primeiras impressões. Acho que me lembro de você ter nos forçado a isso, na verdade. Sabe do que estou falando?

– Vagamente.

Eu lembrava. Mas não gostava do rumo que a conversa estava tomando.

– Os consumidores formam uma opinião sólida sobre uma marca nos dez primeiros segundos de exposição ao produto. Então se o design for ótimo, eles vão amar o produto, mesmo que não seja adequado para eles, e são necessárias exposições repetitivas aos aspectos negativos para prová-los do contrário.

– Essa doeu, Karl.

– Também fiquei pensando se metade da graça da Lilah não seria o fato de ela ser inalcançável pelo fato de ter desaparecido. A emoção da caçada e tudo mais.

– Se for bater em mim verbalmente até a morte, é melhor pagar os cafés hoje.

Karl riu.

– Não, é sério, Callum. Fico feliz que as coisas estejam dando certo para você. Sossegar um pouco e ter algo para o qual voltar quando for para casa não vai fazer mal.

– Ela está bem decidida quanto a isso não ser uma coisa de longo prazo, mas vou curtir enquanto durar.

Karl ficou quieto. Ele estava andando à minha frente, mas, quando se virou, olhou para mim e sorriu.

– Você está apaixonado para caramba, hein?

– Você vai entender se ela ficar comigo por tempo suficiente para eu apresentá-la a você.

Consegui ir para a cama na segunda-feira à noite sem ter entrado em contato com Lilah. Era uma prova de resistência, dado o número de vezes que eu mexera no celular durante o dia. Assim que fechei os olhos, um último impulso me venceu. Peguei o aparelho na mesa de cabeceira e rascunhei uma mensagem de texto.

Sei que tem uma semana agitada pela frente. Eu só queria dizer que o fim de semana que passamos juntos foi incrível e que estou pensando em você.

Meu dedo ficou rodeando o botão para descartar a mensagem, então eu suspirei e a enviei mesmo assim. Era tarde, e eu não esperava que ela respondesse, o que tornou o barulhinho do celular alguns segundos depois ainda mais gratificante.

Obrigada, Callum. Quer ir de balsa comigo amanhã de manhã?

Manly Wharf fica atrás de uma pequena galeria de lojas de produtos de primeira linha. O supermercado popular ficava aninhado entre butiques caríssimas e cafés como se lutasse por algum tipo de equilíbrio – pague demais pelo chocolate e o café e vamos recompensá-lo com farinha e açúcar abaixo do preço. Encontrei Lilah na fila de um café, junto à porta de entrada. Nós dois carregávamos guarda-chuvas pretos por conta das nuvens carregadas no céu, mas Lilah também levava uma pequena mala de rodinhas.

– Vai viajar?

Por um instante, ela pareceu confusa, então seguiu meu olhar até a mala e riu.

– São só documentos que eu estava lendo ontem à noite para um caso. Texto demais para ler no computador. Você já ficou lendo tanto na tela que quando desviou os olhos dela via o brilho eletrônico como uma cortina no mundo real?

Eu ri e concordei com a cabeça antes de ela fazer uma careta e prosseguir:

– Eu tive uma liminar concedida na semana passada e tenho a sensação de que os babacas estão prestes a tentar revogá-la.

– Isso aí! Acabe com eles, garota! – falei, e Lilah se aproximou e me deu um beijo na boca.

Fiquei surpreso e maravilhado, então trocamos um sorriso. Estava trovejando, mas, de alguma forma, parecia que a galeria era invadida pelo maior sol do mundo.

– Sao Irse? – disse a barista, hesitante.

Naquela cafeteria, os atendentes escreviam os nomes dos clientes no copo na hora de fazer o pedido, e fiquei surpreso por Lilah ter optado pelo nome que eles nunca pronunciavam corretamente.

– É “Sirsha” – corrigi a barista, então dei uma piscadela quando ela ficou vermelha. – Um daqueles nomes gaélicos malucos.

– Pedi um café para você – avisou Lilah.

Ela pegou os dois copos da barista e lhe lançou um sorriso frio, que contradisse seu educado “muito obrigada”.

Lilah me entregou o copo e, quando li a descrição anotada abaixo do nome dela, fiquei aliviado por ela ter pedido leite integral para mim, em vez de leite de amêndoas. Peguei o puxador da mala da mão dela e nos juntamos à multidão de pessoas que andavam na direção do cais a caminho do trabalho.

– Por que não escreveu *Lilah* no copo?

– Porque na última vez que estive lá, aquela barista foi uma vaca com uma senhora de idade na minha frente e eu queria vê-la fazer papel de idiota.

Lilah riu como uma criança e não consegui não achar graça da satisfação dela.

– Nota mental: cuidado! Lilah é vingativa.

– Ah, com toda a certeza. Você deveria ver o que vou fazer com essa maldita mineradora se eles se meterem com as minhas espécies ameaçadas de novo.

– Você trabalha em um caso por vez?

– *Um caso?* – Ela bufou. – Dezenas de casos acontecem ao mesmo tempo. Tenho uma secretária brilhante e dois assistentes, senão eu não saberia que dia é hoje. Nem saberia lhe dizer quantos casos tenho em andamento agora. Os funcionários e o computador fazem esse malabarismo para mim.

– E por que você acha que essa mineradora malvada está prestes a atacá-la de novo?

– Não sei – respondeu ela, dando de ombros. – É um empreendimento de meio bilhão de dólares e duvido que eles deixem que alguns sapos e insetos no cercado ao lado os atrapalhem, muito menos os interrompam. Só conseguimos encontrar um ecologista para testemunhar contra o empreendimento na audiência, mas ficou vergonhosamente claro quanto a ciência era nítida. Nossos especialistas ou foram comprados ou estão com medo, ou seja, a coisa pode ficar feia. Preciso estar preparada.

– Bom dia, Lilah! – gritou um dos atendentes da balsa do outro lado do convés enquanto embarcávamos, e ela deu a ele um sorriso e um cumprimento alegre.

– Aquele é o Rupert – contou ela. – Você o conhece? Ele trabalha na balsa da manhã.

Meneei a cabeça.

– É um cara ótimo. A esposa vai dar à luz o terceiro filho deles em algumas semanas.

Eu não tinha certeza nem se havia reparado em algum funcionário das balsas, muito menos ouvido seus nomes ou ficado sabendo de suas vidas pessoais. Sentamos lado a lado, acomodados junto a uma janela que nos mostraria a face norte da baía. Eu queria dizer algo para fazer a conversa fluir de novo, mas de repente senti um peso no meu estômago e levei um instante para identificá-lo.

Decepção.

Pela primeira vez, me ocorreu quanto Lilah e eu éramos diferentes. Ah, claro, a novidade das nossas diferenças tinha me maravilhado, e talvez me intrigado, mas, assim que me sentei na balsa e pensei no que tinha acontecido nesta manhã até agora, fiquei pensando se essas diferenças poderiam ser muito extremas. O que eu realmente estava procurando ali, afinal?

– Ei, você está bem? – perguntou ela de repente. – Ficou chateado?

Olhei de volta para Lilah e vi aqueles olhos azul-claros, as sardas suaves no nariz dela, as maçãs do rosto saltadas, os lábios brilhantes. A torção desconfortável no meu estômago se desfez e se retorceu novamente, de uma forma muito mais agradável. Quem disse que precisávamos ser iguais, afinal? Talvez fôssemos, de alguma maneira, complementos perfeitos.

– Não, estou bem – respondi delicadamente e segurei a mão dela. – Me conte sobre esses sapos.

Uma rotina estava se formando. Quem diria que a balsa poderia ser tão essencial para a minha felicidade? Lilah contou que estava bastante sobrecarregada de trabalho, mas conseguimos pelo menos pegar a balsa juntos nos dias que se seguiram.

Na volta para casa, ela me convenceu a pegar a balsa lenta com ela.

– Sim, sei que não faz sentido. Sim, sei que você precisa comprar mais uma passagem mesmo já tendo um cartão de usuário. E sim, sei que leva uma *eternidade* – disse ela, enquanto enganchava o braço no meu e me arrastava até o guichê de compra de passagens. – Mas se pegarmos a balsa rápida vamos chegar a Manly Wharf em quinze minutos e aí serei obrigada a voltar a trabalhar. Além do mais, você disse que adorava as balsas lentas.

Não resisti muito. Ficávamos sentados no bar enquanto a balsa se locomovia ruidosamente pela baía e debatíamos sobre o nosso dia. Lilah me contava todos os detalhes do seu caso, apesar de eu mal conseguir entender uma palavra da terminologia de direito e não saber nem onde o parque nacional em questão ficava até ela me contar. Eu me familiarizei com as pessoas da vida profissional dela e até mesmo com o tom que ela usava quando falava deles. Alan era o sócio administrador, e ela parecia reverenciá-lo como a figura de um pai. Bridget era sua secretária, e sempre que Lilah dizia o nome dela, sua atitude ficava mais alegre. Eu podia ver o carinho e o respeito que Lilah sentia por Bridget.

Já os assistentes, Anita e Liam, eram mais um mistério para mim, visto que, apesar de eles totalizarem metade da equipe, Lilah costumava xingá-los quando falava deles.

– Eles não entendem – desabafou ela uma noite, quando a frustração transbordou. – Nós *sabemos* que os caras da Hemway vão entrar com um recurso contra a nossa liminar, e Bridget e eu estamos trabalhando feito loucas, dia e noite, tentando nos preparar. Aí Anita e Liam simplesmente largam uma tarefa no meio da manhã e vão dar uma volta para comprar um bolinho de chocolate? Isso não passa de um *emprego* para eles. Vão me deixar louca.

Eu adorava quando Lilah desabafava. Adorava quando ela estreitava os olhos furiosamente; os gestos selvagens de suas mãos; a maneira como os cabelos dela estavam inevitavelmente soltos, na altura da cintura, quando colocávamos o papo em dia depois do trabalho; e a auréola feroz que eles conferiam a Lilah quando ela discursava inflamadamente. A paixão e a energia que ela nutria por seu trabalho eram surpreendentes.

Não conversávamos apenas sobre trabalho, é claro. Às vezes, naqueles primeiros dias, compartilhávamos histórias bobas da nossa juventude enquanto atravessávamos a baía. Eu a conhecia em etapas. Cada história e risada revelavam mais dela para mim e me davam um rascunho de uma linha do tempo da vida de Lilah. Percebi que ela tinha cursado uma faculdade não muito longe da minha, havia morado no centro financeiro por bastante tempo também e estivera em todos os continentes pelo menos uma vez, incluindo a Antártida, para onde ela viajara em seu aniversário de 30 anos. E também houve insinuações de uma vida romântica agitada, já que muitas de suas histórias envolviam namorados.

– Ele era grande como uma carreta – disse ela. – Um paredão de 2 metros de músculos e abdômen, e um charme grego maravilhoso.

– Bom, pelo que parece, é um milagre que ele tenha conseguido arranjar uma namorada – brinquei.

– Ah, mas charme e aparência definitivamente não são tudo. Eu estava cursando uma matéria de sociologia na época, e uma noite, tomando umas cervejas, eu perguntei se ele achava que a orientação sexual era algo inato ou cultural. E ele me olhou bem assim – ela encostou o rosto no meu para forçar um contato visual desconfortável – e falou: *Você está me dizendo que é um cara?*

– Consigo superar isso.

Eu estava me sentindo triunfante.

– Muito tempo atrás, levei uma mulher que conhecia no trabalho ao teatro para ver uma sátira política. No caminho, ela me disse que não sabia que o primeiro-ministro era comediante.

Tudo bem, talvez houvesse algumas meias verdades na minha história, como o fato de a *moça adorável* ser, na verdade, uma esteticista de 24 anos que eu conhecia porque ia ao salão de beleza onde ela trabalhava, e talvez tivesse sido ano passado, e não “muito tempo atrás”, como eu contara. Mas

depois de Lilah descrever Nicko, o deus grego, eu não queria admitir que meu gosto para mulheres só vinha melhorando nos últimos tempos.

Aqueles trajetos pela baía eram o ponto alto de cada dia, e o momento em que nos separávamos para ir trabalhar ou voltar para nossas respectivas casas era a pior hora. Eu queria ficar com ela, e quando nos separávamos, meus pensamentos permaneciam em Lilah. Ela ocupava minha mente, instalando-se indevidamente na minha consciência, e mesmo que eu quisesse despejá-la, não fazia ideia de por onde começar. Ficava nervoso quanto a isso, porque de vez em quando Lilah soltava umas bombas repentinas de insegurança.

– Estamos passando muito tempo juntos – dizia ela de tempos em tempos enquanto atravessávamos a baía, e as palavras explodiam de sua boca, como se ela tivesse se lembrado daquilo de repente, em pânico.

Eu tentava rebater o medo dela com humor, frequentemente com um exagero desdenhoso.

– Sim, Lilah, eu entendo que andar de balsa comigo é um comprometimento semelhante a comprar uma casa juntos, mas prometo que, se as coisas desandarem antes de terminarmos, eu só vou querer a custódia das passagens dos fins de semana.

Ou eu zombava da atitude desequilibrada dela com intimidade, o que sempre a fazia sorrir.

– Então você está me dizendo que toda essa conversa fiada está indo rápido demais, mas o que fizemos no fim de semana passado não tem problema nenhum? Entendido.

Mas apesar de nosso relacionamento frágil estar cambaleando para a frente e suas raízes sendo fincadas pouco a pouco em nossas vidas cada vez que nos víamos, eu estava preocupado com a hesitação contínua dela. Seu entusiasmo pelo transporte compartilhado e seu afeto quando estávamos juntos simplesmente não combinavam com aquelas palavras, e eu me sentia cada vez mais nervoso de que, em algum momento, ela enfim chutasse o balde.

Na sexta-feira, eu estava descendo as escadas para tomar café com Karl quando meu celular apitou. Dei uma olhada na tela e parei.

– Lilah quer almoçar comigo.

Um medo pesado e repentino preencheu meu estômago.

– Ih... Isso não soou bem.

– Não é bom.

– Almoçar?

– É.

Respondi rapidamente pedindo que ela sugerisse um horário e um local e, então, coloquei o celular de volta no bolso.

– Não, eu estava falando do seu *tom de voz* – disse Karl, rindo. – Ela só quer almoçar?

– É... Não sei. Pode chamar de instinto.

Talvez eu estivesse esperando que ela batesse em retirada, depois de ter desaparecido e também por causa de seus comentários no fim de semana passado. Tinha sido fácil demais passar aquelas horas com Lilah durante a semana, mesmo que ela tivesse deixado claro que não estava em busca de um relacionamento. Talvez este fosse o momento em que tudo desandava.

Havia um café na esquina entre nossos escritórios. Cheguei primeiro e mais cedo, então esperei alguns minutos até vagar uma mesa. Lilah chegou atrasada e parecia um pouco exausta.

Dei um beijo no rosto dela e Lilah desabou na poltrona com um suspiro pesado.

– Dia longo? – perguntei.

– Irritante demais para contar – resmungou ela. – Como está sendo o seu?

– Bom. – Até agora. – Foi uma boa ideia me chamar para bater um papo durante o almoço.

– Sim. Estou morrendo de fome.

Lilah pegou o cardápio, deu uma olhada rápida e o largou de volta na mesa.

– Acho que temos que pedir no balcão. Posso fazer o pedido para você?

Durante a breve hesitação, vi a maneira como a independência dela entrou em confronto com as necessidades práticas do momento. Lilah deu uma olhada ao redor, para as pessoas aguardando por uma mesa, e finalmente para a placa na entrada que dizia: “*Por favor, faça o pedido no balcão*”. Foi só depois de assimilar tudo isso que ela voltou a olhar para mim e concordou com a cabeça.

– Salada grega, por favor, sem queijo feta, mas pode pedir uma porção extra de azeitona? Obrigada.

Enquanto eu fazia o pedido, um ritmo nervoso batucava no meu estômago. Havia uma energia peculiar em torno de Lilah, e eu não sabia ao certo o que isso significava nem mesmo como decifrá-la. Quando me juntei a ela novamente nas poltronas estofadas, Lilah cruzou as pernas e me lançou um olhar como se eu fosse uma testemunha.

– Eu estava pensando...

Lá vem. Fiquei preparado.

– Vamos fazer uma trilha amanhã.

– Ahn?

– Você está perplexo. Não foi uma boa ideia? Pensei que talvez você pudesse levar sua câmera. Há tantas trilhas nas Montanhas Azuis. Podemos pegar um trem para subir e daí...

Parei de ouvir e fiquei apenas olhando para o seu rosto, para a animação do seu discurso sobre um dia de explorações juntos e só consegui me concentrar de novo quando Lilah já estava terminando.

–... e a melhor parte é que eu vou *ter* que usar sapatos, então concluí que você iria gostar disso.

Olhei para os pés dela e reparei nos saltos altos pretos que ela estava usando. Lilah deu um chute na minha direção, brincando.

– Sim, eu sei, mas costumo calçá-los durante todo o expediente. Esta é a primeira vez que você me vê na hora do almoço. Então, o que você acha? Vamos fazer uma trilha amanhã?

– Ah... Sim, com certeza – falei.

Minhas palavras saíram atropeladas e Lilah fez uma pausa antes de dizer:

– Você não precisa ir.

– Não, eu *adoraria* ir. Sério.

– Você...

Aquela pequena ruga apareceu na testa dela de novo. Quando Lilah estava brava, confusa ou muito concentrada, aquela ruginha parecia surgir do nada e desaparecia com a mesma velocidade quando ela sorria.

– Tem alguma coisa errada?

– Não. Nem um pouco.

Sorri e tentei convencê-la.

– Sério. É uma ideia fantástica. Vou carregar a câmera hoje à noite. Eu adoraria usá-la de novo. Faz tanto tempo.

– Está bem.

Ela se recostou na poltrona, os olhos ainda fixos em mim.

– Você tem certeza de que não tinha outros planos?

– Lilah, tudo que eu esperava fazer neste fim de semana era passar um tempo com você – respondi. – Falando sério. E uma caminhada nas montanhas me parece perfeito.

– Ótimo, podemos levantar cedo e estar lá umas nove...

E Lilah começou de novo, tagarelando animadamente sobre todas as possibilidades de um dia nas montanhas. Depois de comermos, ela me deu um beijo e desapareceu ao virar a esquina no caminho para o escritório, e eu fiquei ali para tomar mais um café sozinho e me colocar de novo em órbita.

Então me ocorreu que, quando parei de buscar coisas novas na minha vida, eu tinha efetivamente contornado o risco e o medo. E agora que uma nova possibilidade surgira bem diante dos meus olhos e eu estava ficando viciado no meu relacionamento com Lilah, me sentia exposto e vulnerável. Ela tinha marcado um almoço para fazer planos dessa vez. Na próxima, poderia muito bem me lembrar de que ela não queria entrar em um relacionamento e terminar aquilo que estava acontecendo entre nós. Se eu ia continuar saindo com Lilah, tinha que estar preparado para essa possibilidade. Eu já tinha vivenciado, em primeira mão, o estilo de vida dela, cheio de reviravoltas inesperadas, saltando para todos os lados para *aproveitar ao máximo*. Quem saberia se – ou quando – ela faria algo para se afastar de mim?

Como toda vez que eu a via me apaixonava um pouco mais, sabia que tinha que tomar uma decisão. Se eu *fosse* continuar saindo com Lilah, teria que aceitar a possibilidade de chegarmos a um ponto em que minhas esperanças para nosso relacionamento não se equiparassem às dela.

Eu iria seguir com os olhos bem abertos e assumir o risco calculado. Assim como Lilah caminhando na praia à noite sem sapatos, apenas ia me concentrar em curtir o momento.

Havia um novo restaurante de comida asiática no Corso, e, depois de termos nos encontrado no cais novamente aquela noite, Lilah sugeriu que déssemos um pulo lá para uma refeição rápida. Pedi uma sopa típica da Malásia chamada *laksa*. Lilah foi até o balcão para fazer o pedido quando reparou em um recipiente com um caldo de legumes em pó no banco de aço inoxidável.

– Seu cardápio diz “sem GMS” – falou ela, franzindo a testa. – Essa marca tem GMS adicionado.

– GMS? – repeti.

– Glutamato monossódico. É uma porra de uma neurotoxina.

Lilah tinha elevado o tom de voz, mesmo que só um pouquinho, mas estava repleto de nojo. A fila atrás de nós ficou em silêncio, e tive uma sensação repentina de que estava prestes a testemunhar algum tipo de explosão.

– Lilah...

– O cardápio diz “sem GMS *adicionado*” – respondeu secamente a mulher de meia-idade atrás do balcão. – Pode ser que haja pequenas quantidades em alguns dos ingredientes. Se você for alérgica, posso não colocar o caldo.

Lilah pegou o cardápio do balcão, abriu-o com força e o bateu na frente da mulher.

– *Sem GMS* – leu Lilah em voz alta. – Vocês precisam trocar o caldo ou reimprimir esses cardápios.

– Venha, Lilah.

Cutuquei o braço dela delicadamente.

– Vamos embora, ok?

– Estudos mostraram que o GMS é um veneno para o cérebro. Tem um efeito cumulativo e pode causar lesões cerebrais. Além disso, é comum causar alergias. Vocês não podem apenas colocar na comida e não contar às pessoas.

Ela havia respirado fundo e estava calma de novo, mas determinada a educar a mulher.

– Você entende quanto isso é sério?

A mulher atrás do balcão não se impressionou.

– Moça, você vai querer o macarrão ou não?

– De jeito *nenhum*. Eu não comeria aqui nem em um milhão de anos. Mas *vou* voltar aqui durante a semana. Se esse caldo ou se esses cardápios ainda estiverem aqui, vou chamar as autoridades.

Atrás de nós, reparei que houve uma movimentação e, quando olhei para trás, várias pessoas tinham saído da fila e do restaurante. Aqueles que ainda não tinham ido embora observavam Lilah com interesse. Alguns sussurravam entre si. A mulher atrás do balcão também percebeu e fez um gesto exasperado na direção da porta.

– É melhor você ir agora, senão *eu* vou chamar a polícia.

Lilah ergueu uma sobrancelha para a mulher. Antes que ela pudesse abrir a boca outra vez, puxei novamente o braço dela.

– Lilah, *vamos*, por favor?

Ela se virou para mim, suspirou, então se afastou do balcão. Do lado de fora, deu um grunhido de frustração.

– Não se pode brincar com aditivos alimentícios. Chequei o cardápio na internet antes de virmos aqui. Eu sabia que ela estava errada.

– Então não vamos comer aqui. Por que criar tanta confusão?

Eu nunca tinha visto Lilah tão brava, mas ela estava quase vibrando com uma energia furiosa.

– Callum, adulterar produtos é ilegal e é exatamente isso que esse restaurante está fazendo. Você não entende por que isso é tão frustrante para mim? Hoje ela coloca GMS escondido. O que será na semana que vem? Um pedaço de bife radioativo?

Ergui as mãos, ciente de que ela ainda estava com raiva, e essa era uma discussão que eu não tinha nenhuma chance de ganhar.

– Talvez a gente possa ir comer uma pizza, então. Ou podemos ir para casa e eu preparo um...

Hesitei. Dada a dieta restritiva dela e meus dotes culinários bastante limitados, não sabia o que cozinhar para Lilah. Ela ergueu uma sobrancelha para mim.

–... smoothie de soja? – sugeri.

Um sorriso relutante surgiu no rosto dela. Lilah enganchou o braço no meu cotovelo e continuamos caminhando pelo Corso.

– É muito importante para mim não comer GMS, está bem? Desculpe ter explodido. É só que *odeio* pessoas que subestimam essas coisas.

– Tudo bem, Lilah. Eu entendo.

Na verdade, ainda não tinha entendido totalmente a questão, mas bastava saber que Lilah devia evitar qualquer porcaria que fosse esse tal de GMS.

– Tem outro restaurante asiático mais para a frente aqui no Corso – disse ela. – Posso comer lá. Tudo bem?

– Claro.

Fiquei aliviado por ela estar começando a se acalmar. A Lilah brava tinha uma força de tirar o chapéu. Fomos até o outro restaurante e pedimos nossos pratos antes de ela respirar fundo e olhar para mim.

– Você ficou com vergonha?

– Porque você quase arrancou a cabeça da atendente e afastou metade dos clientes deles? – Ri com ironia. – Por que isso me faria ter vergonha?

Ela se encolheu de leve.

– Não sou uma ruiva flamejante de verdade.

– Deu para perceber.

Ergui as sobrancelhas para ela.

– Não sou mesmo – insistiu Lilah. – Mas por algumas coisas vale a pena lutar, e eu sinceramente

acredito que a veracidade nos rótulos seja uma delas. Evito o GMS por princípio, mas algumas pessoas são alérgicas a ele. Há uma razão para essas leis existirem: proteger a vida das pessoas.

– Você vai mesmo voltar lá para inspecioná-los?

– Com certeza. Tenho uma obrigação agora.

– E se isso não for problema seu?

– Como não é problema meu? Eu *sei* o que está acontecendo.

– Não é sua responsabilidade resolver todos os problemas do mundo que você por acaso sabe que existem.

Aquela mera ideia me impressionava.

– Atitudes assim são parte do que há de errado com o mundo hoje – rebateu ela, franzindo a testa. –

Uma coisa simples como essa, na qual a saúde e a segurança das pessoas estão em risco, e tudo que eu preciso fazer para ajudar a consertar isso é ir lá de novo e fazer uma ligação. Você não faria o mesmo?

– Quando você coloca dessa forma, acho que sim. Mas, francamente, em circunstâncias normais? Eu nem teria percebido que o cardápio dizia qualquer coisa sobre GMS e, mesmo que tivesse, não sei se me ocorreria poder ou dever fazer algo.

– Você está seriamente sugerindo que eu deixe isso para lá?

Ainda bem que não havia nenhuma indignação no tom dela, apenas confusão e, talvez, um pouco de mágoa. Tínhamos nos sentado em poltronas para aguardar a nossa mesa, a mão dela no braço da poltrona ao meu lado. Eu a segurei e entrelacei nossos dedos.

– Não estou falando nada disso. Em primeiro lugar, eu não *ousaria* lhe dizer o que você deveria ou não fazer.

Fingi sentir medo e ela me lançou um olhar que não deixou dúvidas, na minha cabeça, de que ela não estava no clima para brincadeiras.

– Sei lá. Onde você traça um limite? Precisamos de mais ciclovias em Manly Wharf e, apesar de eu raramente andar de carro, quase atrolei dois ciclistas no último ano. Acho que *alguém* deveria dar atenção a essa questão, mas isso significa que eu tenho obrigação de pressionar a câmara municipal? E quando eu vejo aqueles comerciais na TV com crianças passando fome? Estou ciente do problema e, aparentemente, tudo o que posso fazer é doar dinheiro, mas até que ponto devo agir? Será que o certo é simplesmente ficar fazendo doações até que eu vá à falência? Você não pode lutar todas as batalhas do mundo.

– Mas, Callum, você *tem* que lutar *algumas*. Não pelo mundo, mas por você. Quando encontra algo que acende uma paixão dentro de você, alguma injustiça, alguma beleza ou... ou... *alguma coisa*, você *precisa* correr atrás, não importa quão grande ou quão pequeno, porque isso é tudo que existe nessa vida. Não há mais nada com que valha a pena perder o seu tempo.

Eu não sabia como argumentar. Não sabia nem o que *pensar*. Ficamos em silêncio e, mesmo após termos pegado nossos pedidos e concordado silenciosamente em comer no meu apartamento e Lilah ter se recuperado de toda a fúria da noite e voltado a tagarelar toda animada sobre a semana, eu ainda me sentia distraído. Essa mulher, que parecia lutar por tudo que acendesse uma chama dentro dela, era a única coisa que tinha acendido uma paixão dentro de mim em anos.

– Melhor eu ir para casa – disse ela quando terminamos de comer.

Lilah se levantou e eu fiquei de pé também, mas, em vez de acompanhá-la até a porta, peguei a mão dela e a puxei em silêncio para perto de mim.

Mesmo depois de apenas uma semana conhecendo Lilah, havia tantas mudanças acontecendo dentro de mim que eu me sentia como se estivesse crescendo. Queria dizer isso a ela, mas sabia que minhas

palavras saíam desajeitadas e Lilah fugiria como um gatinho assustado, então apenas deixei que meu beijo e meu abraço transmitissem o recado.

– Fique – sussurrei.

– Mas...

A voz dela era fraca, mas seu protesto era ainda mais, pois seus olhos imploravam que eu a convencesse.

– Fique, Lilah, por favor.

Ela engoliu em seco. Vi as emoções oscilantes no olhar dela, a batalha interna entre o que a mantinha afastada de mim e a força oposta, a conexão entre nós que a motivava a ficar. Cheguei a ver o instante em que venci, quando a tensão em seu rosto relaxou e ela envolveu meu pescoço com os braços.

Lilah se levantou assim que amanheceu e, antes de eu estar plenamente desperto, já tínhamos passado na casa dela para pegar roupas esportivas e uma mochila, que ela encheu de comida. Depois entramos na primeira balsa rápida, com destino a Sydney, a fim de pegar um trem.

Lilah tinha definido uma trilha para nós, começando em um mirante em Katoomba, dando a volta em um negócio cujo nome assustador era Grande Escadaria, passando por uma floresta tropical e, depois, fazendo o caminho de volta.

Quando chegamos ao mirante Echo Point, o sol ainda estava baixo e só havia alguns turistas por ali. A sensação era congelante, mas Lilah tinha me dito que mesmo às nove da manhã aquele lugar estaria repleto de pessoas e grupos turísticos, então a melhor maneira de curtir a área era chegando lá antes deles. Ela ficou parada no guarda-corpo e deu uma olhada na vista panorâmica de vegetação densa, o vale se estendendo até o horizonte em ambas as direções. A famosa formação rochosa das Três Irmãs se encontrava logo abaixo de nós, envolta pela névoa baixa que encobria a base de todo o vale. Lilah inspirou, como se pudesse absorver tudo aquilo, e então se virou para mim com um sorriso.

– Se existe alguma coisa que vai transformar você em um ecologista, certamente é isto aqui.

– É incrível.

Eu já tinha ido lá antes, mas não me lembrava de ficar tão maravilhado com a magnitude da paisagem. Peguei minha câmera e tirei algumas fotos, inclusive uma de Lilah enquanto ela olhava para o horizonte. Ela me pegou no flagra e abriu um sorriso, então tirei mais uma. Quando olhei para a foto que havia tirado, fui atingido pela tremenda força da fascinação que eu sentia pela fotografia quando era criança. Eu podia capturar um momento no tempo e congelá-lo para sempre e, agora, fizera isso com algo realmente digno dessa magia.

– Vamos lá!

Lilah começou a caminhar.

– Temos um longo dia pela frente!

Ela não estava brincando.

Caminhamos por horas. Após o Echo Point seguimos pela Grande Escadaria e, quando finalmente tínhamos descido todos os novecentos degraus de metal e pedra, nos encontramos debaixo da fileira de árvores da base do vale. Havia placas indicando vários caminhos para retornar ao topo, incluindo uma ferrovia e um teleférico, mas, quando apontei para essas alternativas, Lilah riu de mim e se virou, determinada a pegar a trilha mais longa.

– Aonde exatamente você está me levando? – perguntei a Lilah quando saímos de perto dos outros turistas e nos enfiámos ainda mais na mata.

Havia uma trilha bem definida e sinalizada, mas agora estávamos sozinhos, com exceção dos inúmeros pássaros que eu podia ouvir nas copas das árvores.

– Floresta Leura. Este é o estreito Dardanelles. Vamos voltar pelo estreito Federal e aí subir as escadas de novo.

– *Subir* as escadas? – perguntei, assustado. – Não! Subir?!

– É. Subir.

Andamos pelas próximas horas em um terreno abençoadamente plano, parando para comer as frutas que Lilah havia levado na mochila e descansando em alguns momentos. Enquanto caminhávamos, conversamos primeiro sobre a região e a vida selvagem, mas à medida que nossos passos nos conduziam a territórios mais profundos, nossa conversa seguiu o mesmo rumo.

– A primeira vez em que vim aqui foi com meu pai – explicou Lilah. – Acho que minha mãe dava aulas em Katoomba. Talvez ela estivesse ministrando alguma oficina. Acho que não ficamos aqui por muito tempo. Só lembro que levamos uma eternidade para descer as escadas e, em algum ponto perto da base, eu simplesmente me recusei a seguir adiante, então meu pai teve que me carregar. Ele me ergueu em seus braços e me sentou em seus ombros, bem em cima da mochila que estava carregando. Em algum momento ele me convenceu a descer e caminhamos todo o trajeto até a floresta Leura. Na volta pelas escadas, meu pai reagiu de forma tão positiva e encorajadora que eu acabei subindo tudo sozinha.

O sorriso que tinha se instalado no rosto de Lilah era transformador. Ela olhou para mim e prosseguiu:

– Meu pai era incrível. Ele era uma dessas almas puras que simplesmente amam com todo o coração. Acho que se outra pessoa tivesse se casado com minha mãe, ela o teria comido vivo. Ela sempre foi 99 por cento música. Mas meu pai, ele tinha esse jeito de trazer à tona o 1 por cento restante e esse sempre foi o melhor lado dela. Ele foi muito longe para apoiá-la, porque tornar os sonhos dela realidade virou o sonho *dele*.

Lilah ficou quieta por um longo momento, então admitiu:

– Eu sinto falta dele todos os dias.

– Você acha que puxou a seu pai?

Tudo que eu sabia dele era a mera história que Lilah tinha acabado de me contar e já conseguia notar as semelhanças. Ela riu e meneou a cabeça.

– Meu pai era alto e robusto e tinha um sotaque escocês forte. Ele veio para cá morar com os tios quando era adolescente. Era um cara quieto até se enturmar, então virava a pessoa mais extrovertida do grupo. Impostava a voz grandiosa e estrondosa e parecia terminar todas as frases com uma gargalhada. Eu herdei os cabelos dele e talvez algumas outras características, mas, na verdade, acho que sou bem parecida com a minha mãe. Ela tem a música dela, eu tenho o direito. Nós duas somos obsessivas, apenas de maneiras diferentes. Com quem você se parece mais: com seu pai ou sua mãe?

Fiz uma careta.

– Não tenho certeza. Acho que me pareço bastante com meu pai, apesar de ainda ter o cabelo da minha mãe. Na minha idade, meu pai já tinha começado a ficar careca.

– Você parece mesmo gostar do seu cabelo.

– É minha melhor característica.

– De jeito nenhum. Seus olhos e seu maxilar são suas melhores características. Mas o seu cabelo é ok.

– Ah, obrigado – falei, rindo. – Eu acho.

– Como era sua mãe?

– Ela era linda – respondi. Minha garganta ficou apertada. – Mesmo quando a idade chegou, ela tinha

essa delicadeza... uma bondade. Dava para ver em seus olhos. Acho que isso era tão surpreendente que se ela tivesse uma verruga na ponta do nariz ninguém notaria.

– Ela trabalhava?

– O trabalho dela era a família. Costumava dizer que nós três, meninos, dávamos trabalho em tempo integral. Acho que ela passou umas duas décadas bancando a mediadora dos gêmeos.

– Não de você?

– Ah, não – respondi, rindo. – Eu não gostava de brigar. Gostava de passatempos: ler, desenhar ou fotografar, dependendo da idade. Ed e Will frequentemente tentavam me arrastar para as brigas deles, mas eu apenas me levantava e saía dali.

– Parece que você teve uma infância maravilhosa.

– Eu sei. E tive, em muitos sentidos. Tive sorte. Ed e Will eram tão próximos, e minha mãe e meu pai eram tão próximos...

A trilha fazia uma curva e dava em uma clareira, ao lado da qual um pequeno riacho formava uma cascata. O barulho suave da água se uniu à sinfonia da natureza que tocava ao nosso redor e paramos na mesma hora para observar o fluxo da água.

Lilah se aproximou um pouco de mim. Ela encaixou o braço no meu e me cutucou.

– Você se sentia excluído?

– Eu sabia que todos eles me amavam. E sabia que não era uma criança má. Nunca me metia em encrencas, e meus pais sempre tiveram orgulho de mim. Mas, mesmo assim, eu sempre me senti a ovelha negra. É ridículo, porque tenho certeza de que era tudo da minha cabeça. O laço que os gêmeos tinham um com o outro era tão diferente do que cada um deles tinha comigo, e meus pais... Bom, eles estavam apaixonados. Tipo, loucamente, mesmo depois de décadas juntos. Consigo me lembrar de forma vívida de algumas vezes estar tagarelando à mesa de jantar sobre as coisas que eu tinha feito na escola e erguer os olhos e ver que minha mãe estava olhando para o meu pai, como se eu nem existisse.

Percebi de repente que eu reclamava da minha infância estável e repleta de amor para alguém que tinha morado em sete países antes de fazer 12 anos. Tentei redimir meus comentários.

– O que é, você sabe, ok. Mas era como eu me sentia.

Estávamos bem entranhados no vale e não víamos mais ninguém tinha um bom tempo. Até onde eu sabia, o Universo podia ter se reduzido a nós dois e um milhão de pássaros e animais não identificados se mexendo perto de nós nos arbustos. Pensei nas coisas que eu acabara de dizer, os medos e as inseguranças particulares que eu nunca havia verbalizado antes. Talvez eu nunca tivesse admitido essas coisas para mim mesmo. Tive uma lembrança repentina minha deitado ao lado da primeira menina com quem eu dormira na vida. Lembrei que tentava recuperar o fôlego, com medo de abrir os olhos e ver decepção no rosto dela.

– Acho que tudo tem um lado bom e um ruim. Tudo. Mesmo que, na época em que a maioria das coisas acontece na vida, pareça ser inteiramente bom ou inteiramente ruim – murmurou Lilah, e eu olhei para ela.

Sua expressão era pensativa e havia compaixão nos olhos dela, em vez de desdém. Suspirei aliviado.

– Viver como uma cigana foi uma aventura incrível, mesmo tendo ferrado totalmente com a minha educação e a minha compreensão de normalidade. E é o que aconteceu com a sua família, Cal. Mesmo que tenha sido linda e estável e você amasse seus pais, deve ter sido bastante desolador ser a ovelha negra da família. Você não precisa fingir que não era.

– Eu gosto de conversar com você – soltei, talvez canalizando um pouco demais aquela lembrança constrangedora da adolescência.

O braço de Lilah ainda estava enganchado no meu, e ela apoiou a cabeça no meu braço por um breve

instante. Era um gesto estranho, quase reminescente daquele momento anterior, pela manhã, em que ela tinha ficado parada de frente para o vale e inspirado tão profundamente.

– Eu gosto de conversar com você – disse ela após um momento e, então, se moveu para ficar na minha frente e apoiar as costas no meu peito.

Abracei Lilah pela cintura e pousei o queixo na cabeça dela e, juntos, ficamos observando a cachoeira.

Era fim de tarde quando finalmente chegamos de novo à escadaria. Eu já tinha quase enchido o cartão de memória da minha câmera, estávamos ficando sem água e minhas coxas queimavam antes mesmo de começarmos a subir. Tinha sido um dia cheio, mas Lilah se recusava a cogitar a ideia de pegar o trem na volta.

– Isso é trapaça! – protestou ela quando sugeri.

Eu me sentia eufórico, mas também exausto, e apesar de poder ver que ela não admitiria, Lilah também estava cansada. Ela havia tropeçado algumas vezes no caminho de volta e, apesar de ainda estar sorrindo como uma criança travessa, eu podia ver a exaustão em seu rosto.

– Se eu consegui subir de volta quando criança, você certamente consegue agora, como adulto – provocou ela.

Então fomos subindo a pé, espremidos em meio a uma multidão de turistas que voltava para o mirante. Boa parte das pessoas estava quieta enquanto tentávamos concentrar todas as nossas energias no esforço requerido para subir a escadaria íngreme demais. Esfriava rapidamente à medida que o sol se punha no vale e sopros de fumaça eram visíveis quando as pessoas expiravam.

Foi quando vi o topo à nossa frente e uma onda final de energia e alívio tomou conta de mim que Lilah escorregou. Ela não caiu muito longe, apenas alguns degraus, e eu reagi rápido o suficiente para pegá-la e impedir que ela rolasse ainda mais. Lilah acabou caindo de frente e eu pude ver imediatamente que ela havia se machucado.

– Lilah?

Ela estava se encolhendo e apontando vagamente para o tornozelo esquerdo.

– Acho que torci. – Havia uma dor genuína em sua voz.

A multidão crescente se movia ao nosso redor como se fôssemos uma pedra em um córrego. Virei-a de volta para uma posição sentada e Lilah tentou colocar o peso do corpo em cima do pé. Ela soltou um grito e se apoiou em mim.

– Ih... – começou ela. Então me fitou com olhos suplicantes. – Acho que não consigo subir o resto do caminho.

Eu a ergui junto ao peito e comecei a caminhar novamente bem devagar. Não importava que Lilah era pequena e magra. O peso extra fez meus músculos já cansados queimarem, e cada passo exigia um esforço monumental. Lilah pressionou o rosto no meu pescoço e passou os braços ao meu redor.

– Você não deveria ter me contado sobre quando fez seu pai carregá-la escada abaixo. Sei que só está fingindo para se livrar de ter que caminhar – falei, ofegante, após alguns passos.

Lilah me deu um beijo no rosto.

– E mesmo assim... você está me carregando.

– O que posso fazer? Não resisto a uma mulher bonita.

Eu a carreguei por todo o caminho até o café no centro de apoio aos turistas no mirante, então tirei delicadamente seus tênis para avaliar os estragos. Com o inchaço e o hematoma, que já era visível, dava para perceber que Lilah não ia andar pelo resto do dia. Coloquei o pé dela em cima da sua mochila na cadeira da frente e fui pegar umas bebidas quentes e uns suprimentos.

Durante os minutos seguintes, ficamos olhando para o vale que tínhamos conquistado juntos. Lilah alternava entre uma xícara de chá e uma garrafa de água gelada. Fiquei sentado ao lado dela, abraçando um café com leite contra o peito enquanto tentava esquentar os dedos. Pensei na situação em que nos encontrávamos, no pé dela e na melhor maneira de chegar em casa sem causar ainda mais dor a Lilah.

– Poderíamos pegar um táxi de volta para a estação de trem. Ou até Manly Wharf, se quiser. Eu vou entender – sugeri.

A tarifa do táxi seria de umas centenas de dólares, mas, se não fosse assim, a jornada das montanhas até Manly Wharf envolvia pelo menos uma viagem de trem e um trajeto de balsa, sem contar os quarteirões que teríamos que percorrer até a minha casa ou a dela.

– Vamos passar a noite aqui – disse Lilah de repente.

Olhei para ela, sem entender.

– Mas você está machucada.

– Ah, foi só uma torção.

Ela dispensou minha preocupação com um gesto antes de apontar para o leste.

– Tem alguns hotéis maravilhosos naquela região. Vamos encontrar um e ficar por aqui.

– Nem trouxemos roupas. Ou desodorante. Ou escova de dente.

– Podemos usar as mesmas roupas. Você vai sobreviver sem desodorante por um dia, eu prometo. E tenho certeza de que podemos encontrar escovas de dente.

– E pijamas?

– Callum, eu *nunca* uso pijamas. Você vai sobreviver uma noite sem eles – respondeu ela, rindo. – Você sabe que estamos criando um péssimo hábito de eu ter que intimidar você a se divertir. Vamos, vá chamar um táxi para a gente.

A ideia me agradava cada vez mais e meus protestos de repente pareceram ridículos. Podíamos encontrar um ninho romântico para passar a noite e eu conseguiria cuidar dela.

– Acho que faz sentido. Talvez a viagem de volta seja mais fácil amanhã.

Lilah sorriu. Colocou a mão sobre a minha na mesa.

– Com certeza. Estou ferida *demais* para ficar sentada por uma hora na viagem de volta para a cidade, então é melhor ficarmos aqui nessa mata magnífica para que eu possa descansar. Um táxi, por favor.

O taxista nos levou até uma construção tradicional na beirada de um morro e eu deixei Lilah no carro enquanto corri até lá para perguntar se havia vagas para passar a noite. Eles tinham várias opções de quarto, incluindo uma suíte de luxo com banheira e vista para o vale.

– Vou ficar com o quarto *king*... – comecei a dizer automaticamente, mas mudei de ideia e saquei meu cartão de crédito. – Não, pensando melhor, você pode me dar a suíte, por favor?

O quarto tinha uma lareira aberta e uma cama *king size*, e a recepcionista ficou mais que feliz de nos arranjar escovas de dente, e uma bolsa de gelo e um analgésico para Lilah. Depois que peguei a chave do quarto, voltei para ajudá-la a sair do táxi e entrar no elevador.

Àquela altura, o sol tinha começado a se pôr e o vale estava iluminado pela luz do fim de tarde. O fogo tinha acabado de ser aceso, mas o aquecimento do piso deixava o quarto aconchegante mesmo assim. Nós dois suspiramos quando entramos e sentimos a temperatura do ambiente.

– Assim está melhor. – Suspirei, andando direto na direção do fogo.

Lilah, por outro lado, mancou desajeitadamente até a sacada e abriu as portas.

– Lilah, que diabos você está fazendo?

– Você pode pegar um espumante no frigobar?

Lilah entrou na sacada para observar o vale e, então, gritou de novo:

– Tem um restaurante lá embaixo?

– Sim, tem, mas...

Eu havia pensado em pedir serviço de quarto enquanto ela repousava o tornozelo em um travesseiro e comíamos.

– Vamos beber alguma coisa e ver o pôr do sol, depois vamos jantar.

– Mas o seu pé...

– Tem elevador – disse ela, dando de ombros.

Lilah já tinha se decidido. De novo. Eu ri.

– Você é uma baixinha invocada, sabia?

– Ora, por favor, Callum. Não sou *tão* baixa assim. E só se vive uma vez. Quando você deve voltar aqui? Vamos simplesmente curtir o momento.

Abri a garrafa de espumante e servi uma taça para cada um, então as levei para fora. Coloquei-as na mesa de centro e, com calma, ajudei Lilah a se sentar.

– Descanse – instruí. – Pedi que a recepcionista mandasse uma bolsa de gelo para você. Se descansar um pouco, vou ajudá-la a ir de volta lá para baixo, até o restaurante, e podemos comer, está bem? Mas é um lugar elegante e estamos vestidos para a trilha.

– Quem se importa? – Ela ergueu a taça na minha direção. – Às aventuras.

– Às aventuras – repeti. – E também a pegar o trem para subir na próxima vez.

– Se tivéssemos pegado o trem, meu plano para prender você aqui em uma suíte romântica a noite toda não teria dado certo.

– Você podia ter pedido.

Muito mais tarde naquela noite, algo me acordou. Talvez eu tenha batido acidentalmente no pé de Lilah e ela tenha feito algum barulho ou talvez eu tenha me virado enquanto dormia e acionado algum músculo dolorido do meu próprio corpo. Qualquer que fosse o motivo, me vi totalmente desperto e, à medida que os minutos passavam, percebi que não conseguiria voltar a dormir tão cedo.

Consciente de Lilah dormindo ao meu lado na cama, eu me levantei. O hotel tinha recolhido nossas roupas para serem lavadas durante a noite, então vesti um roupão branco felpudo e caminhei até a janela. Tínhamos fechado as cortinas antes de dormir, mas as abri de novo só um pouco e fiquei olhando para o vale.

Pensei na noite em que fiquei observando as estrelas com Lilah na semana anterior e nos comentários dela sobre como a cidade as engolia. Certamente a vista aqui seria ainda melhor. Mas estava frio demais lá fora, ainda mais para quem estava só de roupão. Eu podia sentir o frio só de ficar perto da janela.

Um impulso estranho se apossou de mim e eu abri a porta e escapuli rapidamente para a sacada.

O ar estava imóvel do lado de fora e o vale envolto pela névoa outra vez. Mas, quando olhei para cima, vi o redemoinho cintilante da Via Láctea e as milhares de estrelas escondidas pela poluição da cidade. Se o ar gelado já não tivesse me deixado sem fôlego, aquela visão certamente deixaria.

A porta da sacada se abriu um pouco.

– Desculpe, Lilah, eu não queria acordar você.

Ela enfiou a cabeça para fora, deu uma olhada no céu e, então, soltou um gritinho de protesto contra o frio.

– Agora, sim – disse ela, ainda observando as estrelas. – E acredite ou não, é ainda melhor na minha casa no norte, onde quase não há iluminação artificial. Mas, por mais que ver você congelando suas bolas só para olhar as estrelas aqueça o meu coração, vou voltar para a cama.

– Eu já estou indo.

Fiquei ali fora, na sacada, até os dedos das mãos e dos pés congelarem com o frio e, então, voltei para me aconchegar na cama ao lado dela.

Lilah conseguiu dormir até tarde na manhã seguinte, mas ainda estava pálida quando acordou.

– Você precisa ir a um médico – tentei sugerir delicadamente enquanto voltávamos de trem para a cidade, mas ela me dispensou com um grunhido.

Já passara da hora do almoço quando finalmente chegamos a Manly Wharf. Àquela altura, Lilah não conseguia se apoiar com o pé de novo e eu podia ver que ela nunca conseguiria caminhar os três quarteirões até a casa dela.

– É isso – falei com firmeza. – Vou pegar meu carro e levá-la.

– Eu realmente...

Havia uma dor genuína em seu rosto. Protestar por sua independência era um hábito tão comum de Lilah que ela não conseguia evitar, mesmo quando não queria.

– Lilah. É *minha* vez de ser mandão.

Coloquei as mãos nos ombros dela e a olhei diretamente nos olhos.

– Eu deixo você me arrastar para mergulhar no mar congelado ou me torturar para cima e para baixo em novecentos degraus de escada quando quiser, mas só dessa vez precisa me deixar cuidar de você. Vou levá-la até o café e você me espera voltar.

Ela apertou os lábios e concordou brevemente com a cabeça.

7 de setembro

Entre em território perigoso.

Ah, a quem estou enganando? Estou *submersa* em um território perigoso.

Cometi um erro e depois um monte de outros erros, que apenas se combinaram com minha primeira estupidez. Vivo cheia de boas intenções, prometendo a mim mesma me distanciar de Callum e fazer com que as coisas voltem ao normal.

Mas esse relacionamento é como uma compulsão para nós dois. Callum fez piada sobre eu ser invocada o tempo todo, mas não é comigo que ele precisa se preocupar. É com essa conexão entre nós: a maneira como compartilhamos tudo com facilidade, o riso fácil, a diversão e a faísca quando nossos olhos se encontram. Posso ver a mente dele tiquetaqueando, vislumbrando um futuro que não teremos.

Um laço tinha se formado e eu precisava dissolvê-lo – o que já ia nos machucar.

Eu não preciso dele. É claro que não preciso dele.

Eu *não posso* precisar de Callum e não posso, de jeito nenhum, continuar brincando com seus sentimentos.

Não quero parar de vê-lo, mas devo fazer isso – ou, no mínimo, preciso pisar no freio. A ironia, é claro, é que ele tem deixado que eu defina com que frequência nos encontraremos e eu tenho sido simplesmente egoísta porque gosto de estar com ele. Tento me convencer de que esses encontros imprudentes na balsa e mesmo nosso passeio no fim de semana não fariam mal algum. *Um território mais amigável do que romântico*, me lembro de ter pensado na sexta de manhã quando planejava a trilha nas montanhas.

Estúpida. Boba. Inconsequente.

Isso acaba hoje.

Tropecei ontem. Exatamente três vezes. Tudo começou quando o cansaço tomou conta de mim e terminou quando eu quase rolei até a base do vale enquanto estávamos subindo a escadaria. Depois daquilo, mal consegui andar o resto da noite e mal conseguia pensar, porque eu sabia que se me permitisse pensar, acabaria entrando no pânico que estou sentindo agora.

Nunca tive o azar de ser perseguida por um amante obsessivo, mas consigo imaginar o medo. Ele estaria ali, sempre à espreita. Eu veria o rosto dele na multidão e sentiria sua respiração em meu pescoço quando estivesse sozinha. Tem sido assim para mim nos últimos cinco anos, ouvindo os passos retumbantes da doença no chão atrás de mim quando corro, vendo suas digitais em todos os lugares, mesmo onde não há nada.

Aí eu tropecei. Todo mundo tropeça de vez em quando, ainda mais cansado. Digo, Callum estava certo quanto a isso e ele obviamente não tinha pensado em nada além disso. Ele deixa transparecer cada pensamento seu para que eu veja e tenho bastante certeza de que perceberia se ele ficasse preocupado demais quanto à minha queda. Provavelmente não é nada. Provavelmente é só uma brisa nas cortinas, e

não um maníaco com um facão. Provavelmente é uma coincidência que aquele carro preto esteja atrás de mim há vinte minutos. Provavelmente foi o cansaço comum e corriqueiro que quase me fez rolar até o vale.

Mas e se não for?

Callum caíra no sono no meu sofá. Ele insistiu em passar a noite aqui e bancou o enfermeiro desde que voltamos, buscando suprimentos para mim na farmácia e comida para o jantar. Tentei consolar a mim mesma de que até Callum, que definitivamente não está doente, ainda está exausto um dia depois e, agora, ronca como uma motosserra até as oito da noite. Mas Callum não caiu.

A verdade é que a torção vai passar, assim como a ansiedade. Não é o primeiro susto que tenho desde que estou bem, nem de longe. De vez em quando vejo sinais onde não há sinal algum e tenho sintomas imaginários que passam assim que eu me distraio. É uma pequena parte de por que eu preciso me manter ocupada, pois, se eu me permitir ficar ociosa, penso demais e me convenço das piores circunstâncias.

Há uma coisa – e somente uma coisa – que preciso lembrar: a maneira como me sinto esta noite. As batidas nervosas do meu coração e a turbulência vertiginosa do medo provavelmente terão ido embora quando o hematoma desaparecer, e é por isso que precisei vir pulando até a mesa para escrever isto. Bem agora. Enquanto é real.

Caí de paraquedas nessa relação com Callum. Na última semana ou algo assim, tenho me deixado levar, permitindo que a química entre nós nos guie, pensando que podemos fazer bem um ao outro e talvez até bancar os normais por um tempo e ninguém sairia machucado. Quando nos encontramos por acaso na George Street, pensei que se eu acreditasse em “*é para ser*”, então era isso que era para ser. Eu me imaginei contando à minha mãe sobre como eu tinha tentado fazer a coisa certa e poupá-lo das complexidades da minha vida e que, então, ele simplesmente apareceu do nada bem na minha frente, logo no dia seguinte. Ela faria aquela cara de velha sábia que gosta de exibir para seus alunos e alegaria que o Universo estava tentando me dizer alguma coisa. Eu riria dela, mas, secretamente, adoraria, porque era naquilo que eu queria acreditar também.

Mas, apesar dos protestos de Callum de que era um solteiro convicto, tudo o que eu via quando olhava para ele era alguém que queria amar e ser amado. Estamos nos apaixonando. A relação ainda está engatinhando, mas toda vez que nos vemos as palavras fluem e os sentimentos as seguem. Cada dia que eu prolongo isso apenas torna tudo mais difícil.

Vou me distanciar a partir de amanhã. Sei que tenho dito isso a mim mesma há uma semana, mas preciso canalizar esse pavor em alguma atitude.

Lilah parecia bem melhor na manhã seguinte. O pé ainda estava sensível, obviamente, mas ela conseguia mancar de um lado para outro sem muita dificuldade. Fiz uma piada quanto a Lilah ter uma desculpa para dispensar os sapatos aquele dia.

Ela estava diferente: queria apenas ir para o trabalho desde o momento em que acordou. Mas me deu um beijo de despedida quando fui embora para me trocar e, enquanto eu caminhava para casa, me convenci de que provavelmente esse era o jeito dela nos dias úteis.

Mas Lilah não respondeu minha mensagem aquele dia sobre a balsa da volta para casa e, apesar de eu ter ficado acordado até quase meia-noite esperando, não recebi nada naquela noite. Quando acordei no dia seguinte, havia uma mensagem.

Desculpe, Callum, a apelação que eu temia aconteceu. Tudo requer minha ação imediata agora no trabalho. Ligo para você quando tiver um tempo, mas não sei ao certo quando será.

Reconheci uma decepção amarga crescendo dentro de mim. Queria vê-la, mas é claro que entendia. Ela tinha sapos a salvar, ou insetos, ou algo vitalmente importante para o ecossistema.

Nos dias que se seguiram, mandei mensagens para Lilah e ela respondeu a todas.

Ocupada com o caso Hemway. Desculpe, Callum. Aviso se as coisas mudarem.

Obrigada por se lembrar de mim. Coloco você a par de tudo quando as coisas se acalmarem.

Desculpe, Cal, ainda estou atolada. Ligo para você quando tiver um tempo.

Vi o caso de Lilah no noticiário. Estava nas manchetes e o nome dela era frequentemente citado nas coberturas, apesar de estar, em geral, acompanhado de uma foto antiga e uma citação de um comunicado de imprensa: “Saoirse MacDonald, sócia sênior de Davis McNally, que está se opondo à operação da mineradora em prol de vários grupos de interesse ecológico, declarou: ‘A mineradora Hemway é bastante conhecida por suas táticas sujas e sua determinação de depredar os recursos naturais para benefício próprio, e este caso é um exemplo perfeito. Davis McNally, bem como nossos parceiros da comunidade, vai reunir todos os nossos esforços para esse caso. Os benefícios financeiros da mineradora Hemway não contrabalanceiam os riscos extremos a espécies raras na área do parque nacional Minchin.’”

Fiquei impaciente, mas reconheci a demanda genuína do tempo dela e entendia que, mesmo que nosso relacionamento estivesse ficando cada vez mais importante, eu sempre ficaria em segundo plano com relação a um caso como esse.

Passava um pouco das oito da noite de uma quinta-feira quando ouvi meu interfone. Ele quase nunca tocava, já que eu raramente recebia visitas, e levei um momento para identificar o barulho.

– Sim?

– Cal, sou eu.

Deixei-a subir e, enquanto esperava que ela entrasse no pequeno saguão do meu apartamento, corri para cima e para baixo arrumando minha sala de estar. Reformas inacabadas à parte, sou meio maníaco

por limpeza, então não havia muito a fazer, mas tive uma explosão repentina de energia emocional que precisava gastar. Havia um tom estranho no cumprimento dela, uma tensão que não entendi bem.

Quando ela bateu à porta, fiz uma pausa antes de abrir.

– Oi – falei.

Esperei um cumprimento caloroso, bem-vindo. Fiquei em choque quando a vi.

Ela estava chorando. Lágrimas pesadas escorriam por suas bochechas e, a julgar pela vermelhidão de seus olhos, Lilah devia estar chorando havia algum tempo.

– Tentei outra liminar e perdi.

Ela soluçou e seu rosto se contorceu.

– Não consigo convencer ninguém a testemunhar para mim. Falhei com os sapos, Callum.

– Ah, Lilah.

Puxei-a para dentro e a envolvi em meus braços.

– Está tudo bem. Sei que deu o seu melhor.

– O fraturamento hidráulico vai aumentar o metano nos córregos, e os sapos e insetos d'água vão morrer. Não consigo entender como perdi esse caso.

– Mas é o fim da estrada? Há alguma alternativa?

Coloquei-a no sofá e ela se deitou no meu peito. Outro soluço emergiu.

– Não. Nem consegui uma liminar temporária, então eles vão entrar no terreno amanhã. Não que eu tenha como atacá-los. Sem especialistas dispostos a contar a verdade sobre a situação do ecossistema ao tribunal, está tudo perdido.

Não sabia o que dizer. Podia sentir a tensão no corpo dela. A decepção e a sensação de fracasso eram palpáveis. Eu lhe dei um abraço bem forte e simplesmente a deixei chorar.

Suponho que é isso que acontece quando se tem um trabalho de importância cósmica. Se eu falhasse, perderia um cliente, talvez levasse uma bronca da diretoria, mas só isso. Quando ela falhava, algo insubstituível podia ser perdido. Fiquei pensando nisso enquanto afastava os cabelos de Lilah de seu rosto úmido. Ao se preocupar tanto com o trabalho, ela se abria aos níveis mais altos de dor quando fracassava.

– Desculpe ter vindo aqui desse jeito – disse ela após algum tempo.

– Fico feliz que tenha vindo.

Eu estava sendo sincero.

– Acho que estou mais frustrada que qualquer outra coisa. Perder quando devíamos ter ganhado é tão injusto. Muitos dos meus casos têm nuances, controvérsias, mas este é bem preto no branco.

Lilah se sentou, afastando-se de mim, e abraçou o próprio corpo. Ela ainda vestia um terninho preto. Reparei no rímel que escorrera por suas bochechas e percebi que ela estivera no tribunal. Eu não tinha visto Lilah usar muita maquiagem, a não ser naqueles primeiros dias, quando eu sabia que tinha estado diante de um juiz.

– Não sei dizer se cometi um erro ou se deixei passar algo ou se estou vacilando ou... ou talvez essa seja uma daquelas coisas injustas que acontecem e, mesmo que eu não tivesse perdido nenhuma oportunidade, eu teria perdido mesmo assim.

– Posso pegar água para você?

Ela concordou com a cabeça. Fui até a cozinha e enchi lentamente um copo com água enquanto pensava no meu próximo passo. Quando voltei para a sala, Lilah estava de pé e parecia pronta para ir embora.

– Desculpe, Callum. Eu não devia ter vindo aqui. Isso não é problema seu.

Estiquei o copo d'água na direção dela e, quando Lilah hesitou, coloquei-o em sua mão e fechei seus

dedos em torno dele.

– É claro que você devia ter vindo. Mesmo que não sejamos mais nada, a essa altura somos amigos e eu quero que você conte comigo.

Ela pegou a água e ficou olhando para mim. Bebeu tudo de uma vez só em várias goladas e, então, me devolveu o copo.

– O que você quer fazer agora? – perguntei.

Lilah olhou de mim para a porta e, depois, de volta para mim, tão nervosa que eu percebi de repente que, ocupada ou não, ela só quis me evitar essa semana. Coloquei o copo na mesa de centro e abri bem os braços.

– Sou todo seu, Lilah. Se quiser sentar aqui e reclamar, estou à disposição. Se quiser assistir a programas idiotas na TV, estou disposto. Se precisar que eu vá comprar algumas garrafas de vinho para você, é só dizer.

Novamente ela hesitou. Eu me aproximei, segurei a mão indecisa dela na minha e continuei:

– Você veio aqui porque queria me ver. Agora, por favor, me deixe ajudar.

Lilah concordou e permitiu que eu a puxasse mais para perto de novo. Ela descansou a cabeça no meu peito.

– Suponho que você não tenha nenhum legume decente nesta casa.

– Para sua informação, tenho um pacote de legumes pré-cortados na geladeira e macarrão no armário.

Ela suspirou e ergueu os olhos para mim.

– Estou com fome suficiente para comer isso, apesar de seus legumes pré-cortados provavelmente terem sido banhados em cloro para permanecerem crocantes por mais tempo, e, se o macarrão consegue sobreviver ao armário, ele está repleto de conservantes.

– De nada. – Sorri. – Devo fazer um banquete para você?

Vi a forma como ela apertou e soltou os punhos ao lado das coxas. Vi a tensão nos ombros dela e a contração de seu maxilar. E então, de repente, sua preocupação pareceu se esvaír e Lilah me deu um sorriso triste.

– Eu adoraria.

Lilah tentou morder as partes queimadas de brócolis e couve-flor que eu tinha deixado grudar na panela. Ela havia protestado contra os ingredientes e o molho teriyaki enlatado que eu tentara adicionar à mistura, então eu tentei preparar o prato com mel, soja e caldo de legumes. Aparentemente, eu seguira a ordem errada, ou tinha errado na temperatura do fogão, ou, quem sabe, nos dois – porque o que Lilah tinha agora à sua frente parecia ter sobrevivido a uma explosão nuclear.

– Sabe, você é realmente, verdadeiramente, honestamente um cozinheiro de merda.

– Sim, eu já sabia disso – murmurei.

Lilah riu e comeu uma ervilha com determinação. Enquanto eu cozinhava, ela ficou sentada no balcão da cozinha ao meu lado e tentou explicar os perigos do metano nas camadas de carvão. Depois de encher a wok carbonizada de água, eu a ajudei a descer e a levei até o sofá.

– Um cozinheiro de merda – repetiu ela enquanto me seguia –, mas você é um homem muito gentil.

– Graças a Deus – respondi, suspirando. – Achei que tivesse estragado tudo.

Eu a observei cutucar a comida na tigela enorme na qual eu a tinha servido e me senti fraco.

– Posso sair e comprar alguma coisa para você, Lilah. Não me importo.

– Não, fique.

Ela deu mais uma garfada quase convincente.

– Algumas dessas partes crocantes estão quase...

Ela mastigou e engoliu. Com força.

– Quase comíveis.

Lilah sentou em cima das pernas cruzadas e se afundou no sofá. Voltei para a cozinha e peguei uma taça de vinho para ela e uma cerveja para mim, então me acomodei ao seu lado.

– Ainda não consigo acreditar que você vive sem carne.

– Quase não sinto falta.

Ela apontou para a tigela com o garfo e riu.

– A não ser em noites como esta.

– Não acho que conseguiria abrir de mão de carne para sempre. Gosto demais.

– Claro que conseguiria. É possível viver com quase nada. De forma geral, a comida é um fator bastante pequeno. Além do mais, se você consegue viver sem metade de uma cozinha, provavelmente conseguiria aguentar qualquer coisa.

O olhar dela se voltou outra vez para a cozinha e eu fiz uma careta.

– Qual é o sentido da vida para você, Lilah?

– Porra, Callum, essa pergunta é pesada demais depois do dia que eu tive e de ter tomado só meia taça de vinho.

– Você acha que as pessoas têm um propósito? Ou elas só estão aqui para aproveitar o que der? Porque não é *realmente* seu papel salvar o mundo.

Lilah pousou a tigela entre os joelhos e pegou o vinho.

– É meu papel salvar o mundo, na verdade. Decidi que esse é meu papel, então – disse ela, dando de ombros –, agora, é meu papel. Não posso fazer isso sozinha e não posso dar conta de tudo, mas posso ter um grande impacto.

– E se não der para salvar?

– Já me perguntei isso.

Ela largou o vinho e voltou a olhar para mim.

– Já me perguntei se todas essas pequenas vitórias são irrelevantes e se o mundo já passou do ponto em que é possível recuperar o ecossistema.

– E...?

– E se tiver passado? Mas e se *não* tiver? Esta é a batalha da minha vida: otimismo contra realismo. Tem vezes que as probabilidades estão tão contra mim que eu nem consigo enxergar uma saída e, mesmo assim, cheguei lá. Mas minha sorte às vezes me deixa na mão... – disse ela, suspirando. – Como hoje.

– E, mesmo assim, você está sentada aqui comendo brócolis queimados enquanto eu tenho meia vaca na geladeira que já foi criada, comeu, fez cocô até não poder mais e foi abatida.

– Preciso continuar tentando.

Ela estava triste de novo e eu percebi que precisava mudar de assunto.

– Me sinto uma pessoa abençoada. Não abençoada por algum deus, só *abençoada*, sortuda, afortunada... o que for. Devo à vida minha melhor tentativa de fazer a diferença.

– O que seria ético fazer com minha vaca morta? Posso doá-la a um sem-teto?

Ela riu e concordou com a cabeça.

– Sim, quando eu terminar esse churrasco acidental delicioso de legumes, vamos encontrar alguns sem-teto e dar a eles de presente um freezer cheio de carne que eles não têm como cozinhar. Isso é definitivamente ético.

Lilah enrolou o macarrão no garfo e o comeu lentamente.

– O macarrão, na verdade, não está bem cozido. Estou quase impressionada com essa contradição extrema de texturas.

Meu estoque de respostas espertas tinha se esgotado, então fiz uma careta, dando a língua para ela, e Lilah sorriu.

– Você tem uma banheira? Não reparei na última vez que estive aqui.

– Tenho, sim.

A banheira era enorme e, assim como o restante do banheiro, de um tom estranho de azul. Uma das coisas da minha lista de reformas era arrancá-la de lá e expandir a área do chuveiro. Minha procrastinação finalmente agia a meu favor.

– Mas provavelmente não tenho saís de banho chiques.

– Ah, por favor, Callum.

O tom dela era amargo.

– Saís de banho chiques são como submergir em um caldeirão de substâncias químicas tóxicas. Água quente deve ser mais que suficiente.

Ri e dei um beijo na cabeça de Lilah quando passei por ela.

– Vou ver o que posso fazer.

Depois do banho de banheira, Lilah tinha relaxado e estava calma e carinhosa. Ficamos deitados juntos no sofá e tivemos um debate profundo sobre a saúde e os benefícios ambientais da vida vegana contra Por Que *Eu* Amo Carne. Eu perdi, é claro. Já seria uma batalha difícil opor gosto pessoal e dados comprovados em relação ao impacto atmosférico da indústria de carne e laticínios, mas adicione a isso o fato de que ela era uma advogada experiente que tinha acabado de perder uma causa importante, e eu estava para lá de condenado. Pegamos no sono no sofá, mas acordei no meio da noite e a carreguei até a cama.

Ela não se mexeu quando a deitei cuidadosamente no colchão, nem quando me deitei ao seu lado e passei meu braço por cima dela. Porém, ao pegar no sono outra vez, senti seu olhar em mim, e, quando abri os olhos de novo, Lilah me observava com um sorriso contente.

– Obrigada, Callum.

Dei um beijo suave nela.

– Sempre às ordens.

Alguma coisa tinha mudado na noite que Lilah veio até mim em busca de conforto. Reparei imediatamente que havia algo de diferente no tom do nosso relacionamento. De repente, estávamos jantando juntos todos os dias e dormindo na casa um do outro com mais frequência que nas nossas próprias.

Quando tínhamos concordado em ir devagar, eu estava falando sério. Isso não quer dizer que eu não me sentisse entusiasmado por Lilah e eu termos adotado um hábito de passar todas as noites juntos. Mas de fato não era minha intenção entrelaçar nossas vidas do jeito que estávamos fazendo. Até onde eu sabia, simplesmente aconteceu. Tenho certeza de que Lilah diria o mesmo. Acho que éramos solitários à nossa maneira, e a companhia e a intimidade emocional que compartilhávamos havia se tornado viciante. Ninguém decide que os ímãs vão se atrair; é o que eles fazem.

Não conversamos sobre esse assunto – e conversávamos *muito*. Naquelas primeiras e lindas semanas, conversávamos até altas horas, mas nunca para tentar rotular ou analisar o que estava acontecendo entre nós.

Em vez disso, mantínhamos as coisas prudentes. Eu tentava abocanhar um novo cliente, um fabricante de automóveis de larga escala cuja conta bateria minhas metas do trimestre. Lilah começava a lidar com as consequências do caso Hemway. Assim que pareceu terminar isso, ela logo se preparou para ir aos

tribunais em prol de um grupo de moradores preocupados com um novo shopping. Havia rumores de que a construção do shopping envolveria remover o que talvez fosse uma árvore marcada por indígenas, e Lilah ficou furiosa. Conteí a ela sobre a campanha que íamos apresentar para o fabricante de automóveis; ela me relatou os estudos ambientais que estava encomendando para descobrir a origem da marca na árvore. De alguma forma, a conversa acabaria nas viagens dela ou na minha época de escola ou no hambúrguer que eu tinha comido no almoço ou no que ela pensava sobre a estupidez dos reality shows da TV.

E aquela personalidade forte de Lilah se tornou um estilo de vida para mim, mais cedo do que eu teria imaginado ser possível.

– Vamos tomar um sorvete – sugeriria ela quando eu estava prestes a ir para a cama.

– Mas... eu acabei de escovar os dentes.

– Compro um tubo de pasta de dente para você para compensar pelo inconveniente.

E lá íamos nós fazer uma caminhada pelo subúrbio, inevitavelmente pegando o caminho para a única sorveteria do Corso que servia uma mistura de coco com soja de que Lilah gostava. Talvez ela precisara me convencer nas primeiras vezes, mas logo aprendi que não existia “ir cedo para a cama” quando estávamos juntos e, para falar a verdade, comecei a ansiar por aquelas expedições noturnas, especialmente depois que descobri as casquinhas de waffle.

A sorveteria tinha um balcão alto e um conjunto de bancos na vitrine da frente. Ficávamos sentados para comer, observar e comentar o tráfego de pessoas que passava pelo Corso.

– Isso me lembra umas férias que passei com minha família uma vez – falei para ela uma noite. – Fomos para Cairns e todas as noites meus irmãos e eu saíamos escondido para tomar sorvete.

– Viu? Você não era tão certinho assim – disse ela, piscando para mim.

– Os gêmeos é que instigavam, e tenho certeza de que eles só me arrastavam junto porque se fôssemos pegos eles podiam argumentar que eu estava supervisionando – respondi com ironia. – Mas, mesmo assim, era muito divertido. Ter feito isso esses últimos dias quase faz eu me sentir como se estivesse em férias permanentes aqui.

Eu ainda trabalhava até tarde e o ritmo continuava agitado. A diferença era que, agora, quando voltava para casa, eu tinha outra coisa para ocupar meu tempo e meus pensamentos que não era só mais trabalho. Quanto a Lilah, todas as noites depois da expedição do sorvete, fosse na minha casa ou na dela, ela abria o laptop e ficava trabalhando enquanto eu cochilava ou simplesmente ia dormir. A mulher era uma máquina.

Durante a semana, ela costumava sugerir um encontro na hora do almoço. Várias vezes me encontrava com Lilah para almoçar e via que ela tinha arrastado um sem-teto ou um casal de turistas aleatórios que havia visto no caminho do escritório e eles iam almoçar conosco. Depois da primeira vez que isso aconteceu, eu questioneí se ela tinha noção de quão perigoso era aquilo e Lilah riu como se eu tivesse contado uma piada hilária.

– Eu passo por aquele cara todo santo dia. Você também. Ele mora no Circular Quay. Se ele fosse me roubar e me matar, teria feito isso à noite, quando eu corro para pegar a última balsa sozinha, e não em uma lanchonete lotada na hora do almoço.

Quanto aos turistas, Lilah estava andando atrás deles enquanto discutiam, em espanhol, sobre onde seria a estação de trem e, depois de ter passado tantos meses no México em sua volta ao mundo, ela entendeu a conversa e não pôde deixar de ajudá-los com instruções. Então descobriu que eles tinham chegado naquele dia e se ofereceu para levá-los para almoçar.

E pelo jeito como ela sorriu para mim, cheia de expectativa, depois de terminar de me contar isso,

aquela explicação devia ser suficiente para que fizesse todo sentido ter convidados aleatórios para o almoço.

Era impossível argumentar com esse tipo de lógica porque aquilo vinha de uma pessoa que queria se envolver com o mundo. E não eram riscos estúpidos; não havia problema algum em levar o sem-teto para dormir no sofá dela ou dar aos turistas seu endereço caso eles precisassem de alguma coisa – mas, já que eu não tinha sequer *notado* o sem-teto até ele aparecer para almoçar conosco, mesmo esses pequenos gestos conseguiam me surpreender.

Era nos fins de semana que Lilah realmente se soltava. Eu sempre adorei dormir até tarde, mas os dias preguiçosos na cama se tornaram uma lembrança distante. Eu sugeria, quase toda sexta à noite, que apenas desligássemos os despertadores, fechássemos as cortinas e ficássemos dormindo. Lilah me olhava como se nunca tivesse ouvido tamanha asneira e me bombardeava com ideias de como podíamos otimizar as horas antes de voltarmos aos nossos respectivos escritórios.

Tendo morado em Sydney minha vida toda e sempre curtido meus fins de semana fazendo quase nada em casa, eu nunca tinha visto a cidade como um lugar fervilhante de coisas para fazer e ver. Lilah, por outro lado, parecia saber de cada evento cultural e recreativo da região. Eu era como um turista na minha própria casa, descobrindo todas as maneiras com as quais uma pessoa pode explorar a cidade. Minha câmera, negligenciada em seu estojo havia anos, estava na ativa outra vez, e eu logo investi em novos equipamentos para capturar melhor nossas aventuras – novas lentes, novos cartões de memória e filtros. À noite, comecei a brincar de manipular as imagens que tínhamos registrado juntos em vez de trabalhar. E era *divertido*.

– Você já voou de *parasail*? – perguntou ela inocentemente em uma sexta à noite e, 24 horas depois, eu estava na ponta de uma corda atrás de um barco na baía de Sydney, a 100 metros de altura no ar com Lilah em um assento anexo ao meu lado.

O nervosismo que senti quando subimos desapareceu assim que atingimos a altura máxima, com as profundezas cintilantes da baía abaixo de nós e o pôr do sol dourado. Tudo ficou instantaneamente em paz, com exceção do vento batendo no nosso rosto. Fiquei me perguntando se Lilah sabia de algum segredo, afinal, com toda a sua insistência contínua de que era possível estar ocupado e relaxado ao mesmo tempo.

No dia seguinte, ela sugeriu que fôssemos à cidade para tomar café da manhã e, depois que comemos, mencionou casualmente que a Harbour Bridge, que as pessoas costumam escalar, estava bem atrás de nós e perguntou se eu já a tinha escalado.

E, então, lá fomos nós e, outra vez, vi um lado completamente diferente da cidade que eu declarava amar. De cima da ponte, Sydney parecia maior e mais audaz do que eu jamais tinha percebido. Na foto obrigatória da escalada que nosso guia insistiu em tirar, meus braços estão em torno de Lilah e eu pareço meio perplexo, como se estivesse me agarrando a ela por medo da altura. Porém, eu não sentia medo. Estava impressionado e surpreso.

Nos fins de semana seguintes, o bombardeio continuou até atingir o mesmo nível de euforia exausta que eu havia sentido pela primeira vez no topo do vale em Katoomba. Eu amava cada segundo, mas também ansiava por um *dia* em que eu conseguisse convencê-la a simplesmente *parar* e ficar descansando em casa enquanto assistíamos a algo emburrecedor na TV.

Em um desses domingos, fomos de carro até um evento comunitário em Camperdown, antes de passar uma tarde visitando uma exposição de fotografia no Museu de Arte Contemporânea. Quando anoiteceu, Lilah teve outra ideia repentina e atravessamos a ponte até o Luna Park. Como eu nunca fui muito de parques de diversões, ela quase teve que me arrastar para a montanha-russa e, quando saímos, sugeri que o brinquedo fosse rebatizado de *Montanha-russa da Lilah*.

– E por que você daria o meu nome para essa coisa velha e raquítica? – perguntou ela.

– Você me entendeu mal – falei, sorrindo. – Não é a idade do brinquedo que me faz lembrar de você.

É a maneira como ele acelera em um piscar de olhos e vira para um lado e para outro sem avisar. É a euforia da brincadeira, mesmo quando você está morrendo de medo.

– Isso foi um elogio?

– Entenda como quiser.

– Você está tentando me provocar, mas eu vi quanto estava se divertindo. Apesar de ter, de fato, gritado como um bebê o tempo todo.

E lá, atrás do sorriso macabro da entrada do Luna Park, ela me deu um beijo rápido e saiu saltitando para o brinquedo seguinte.

Liguei para Lilah ao sair do escritório na sexta seguinte.

– Ei, você – atendeu ela.

Lilah parecia estar sorrindo ao me cumprimentar. Ela ficou feliz por eu ter ligado. Sorri.

– Oi, Ly. O que você está fazendo?

– Estou no cais esperando pela balsa das 17h15. E você?

– Vejo você em um minuto. Estou a caminho. Tem planos para o jantar?

– Não sei... Tenho?

– Estava pensando se você gostaria de comer comigo. Prometo que não vou cozinhar.

Passei pelas catracas e a avistei, sentada na extremidade do cais em uma cadeira, sozinha. Ela olhava para a Opera House, o celular no colo e fones nos ouvidos. Caminhei mais lentamente quando me aproximei, absorvendo a expressão do rosto dela. Se eu pudesse esquecer por um instante que era eu quem estava do outro lado da linha, eu poderia ter certeza absoluta de que ela conversava com alguém de quem gostava muito. Havia um sorriso suave e satisfeito em seu rosto e, por duas vezes, enquanto eu observava, ela ergueu a mão para enrolar uma mecha dos cabelos que escorriam pelos ombros.

– Você ficou quieto – disse ela de repente. – Ainda está aí?

Desliguei e coloquei o celular de volta no bolso. Lilah percebeu que eu estava bem atrás dela e se levantou.

– Como foi o seu dia?

– Produtivo. – Ela me deu um beijo no rosto. – E o seu?

– Mesma coisa de sempre. Então, jantar? Que tal comermos em casa hoje?

– Está bem.

Ela me deu um sorriso maravilhoso, mas que só durou um segundo. Eu quase sabia o que Lilah iria dizer por causa da sombra que passou pelos seus olhos. Eu já reconhecia esses momentos quando ela tentava se afastar de mim. Eles ainda surgiam com uma regularidade impressionante, apesar de passarmos boa parte de nosso tempo livre juntos havia quase um mês.

– Mas isso não é uma daquelas obrigações de namorada, é?

– Obrigações de namorada? – repeti as palavras como se estivesse surpreso. – Que presunçoso da sua parte assumir isso. Só estou com fome.

– Eu só... Sei que temos passado muito tempo juntos, mas você ainda sabe que não sou sua namorada, certo?

– Lilah, mesmo que você *quisesse* ser minha namorada, coisa que eu sei muito bem que não quer, estamos velhos *demais* para definir um relacionamento com esses termos.

A balsa estava atracando ao nosso lado. Logo nos juntamos à multidão e observamos os passageiros que vinham de Manly Wharf desembarcarem.

- O que somos, então? – perguntou ela.
- É uma pegadinha?
- Não sei.
- Somos dois adultos que gostam da companhia um do outro. Precisamos ser mais ou menos que isso? Ela pensou naquilo por um minuto.
- Você percebeu que essa foi a resposta perfeita, né?
- Alguém já lhe disse que você se preocupa demais?
- Só quero fazer tudo certo com você.
- Então vamos pegar um lugar para sentar na balsa, comer alguma coisa e aí você pode fazer tudo certo comigo a noite inteira.
- Ai, Callum.
- Eu gostaria de lembrá-la que dei a resposta perfeita há menos de sessenta segundos. Lilah riu e me empurrou de um jeito brincalhão na direção das rampas.
- Entre na balsa, Callum.

Paramos no supermercado no Corso. Segurei a cesta enquanto Lilah pegava suprimentos nas prateleiras e, depois, eu a desviei para a delicatessen, onde peguei um frango pré-assado com molho barbecue.

– Não vai comentar sobre o frango? – perguntei enquanto continuávamos nosso trajeto pelos corredores.

– Eu nem saberia por onde começar – respondeu ela, revirando os olhos para mim. – Além do mais, depois do que esse pedaço de comida deve ter passado entre a concepção e agora, você provavelmente não pode mais chamá-lo de “frango”. Talvez “*coisa* proteica que parece comida modificada por antibióticos, carregada de hormônios artificiais, com gordura injetada e cheia de salmonela” seja mais adequado.

– Humm, você está me deixando com fome – falei, piscando para ela. – Espero que tenha hormônios artificiais extras. São meus preferidos.

O mercado estava lotado, repleto de pessoas como sempre ficava à noite. Entramos na fila do caixa de autoatendimento atrás de uma mulher de cabelo grisalho empurrando um carrinho quase vazio. Alguns minutos depois, seu parceiro também de cabelos grisalhos se juntou a ela, os braços carregados de pão, biscoitos e produtos de limpeza. Ele despejou tudo no carrinho.

– Cadê o papel higiênico? – perguntou ela, de repente.

– Desculpe, amor, esqueci.

– Ah, pelo amor de Deus – ralhou a mulher e a tensão nas palavras dela sugeriu que talvez aquela fosse a gota d’água de uma longa lista de falhas. – Você vai pegar, então?

Lilah e eu observamos em silêncio enquanto o homem desaparecia de volta no mercado. Quando ele voltou com um pacote de papel higiênico, a esposa o arrancou da mão dele e o jogou no carrinho. O homem se aproximou para dar um beijo brincalhão nela e a mulher respondeu franzindo a testa.

Fiz uma careta para Lilah e ela arregalou os olhos para mim, dizendo que também tinha ouvido a discussão, mas só fiz um comentário bem depois de termos deixado o caixa.

– É exatamente aquilo que não quero, sabe?

– O quê? Uma vaca velha e rabugenta como esposa?

– Não. Toda aquela coisa de “compromisso até a morte”. Por que diabos você ficaria com uma pessoa assim? Digamos que eles sejam casados há quarenta anos. Talvez eles deveriam ter se divorciado há 39.

Andamos um pouco em silêncio até que Lilah olhou para mim.

– Talvez hoje só esteja sendo uma noite ruim para eles. Todo mundo tem dias assim. Talvez ele seja muito feliz na maior parte do tempo.

– O que faz você pensar, depois daquela discussão, que qualquer um deles seja feliz?

– Há um motivo pelo qual a maioria das culturas tem uma versão do casamento, uma espécie de comprometimento pelo resto da vida. As pessoas precisam da segurança de saber que seu parceiro continuará com elas independentemente do tipo de ogro ranzinza que elas venham a se tornar com a velhice.

Fiquei pensando nisso enquanto continuávamos nossa caminhada para casa. Não era a primeira vez que Lilah fazia eu sentir como se meu crânio pudesse se partir por causa da maneira como meu cérebro entrava em marcha acelerada com algumas das ideias dela. Dessa vez, contudo, não consegui entender bem o que ela estava querendo dizer.

– Você não está *defendendo* o casamento, certo? Você? É sério?

– É uma coisa linda, Cal – insistiu ela. – Não estou dizendo que não deveria se casar. Eu nunca disse isso. Acho que você seria um ótimo marido. Você é legal, estável e atencioso.

– Então por que eu não posso ser o *seu* marido?!

– Porra, não venha me pedir em casamento.

A freada repentina que ela deu se refletiu em seu tom de voz e eu ri. Essa era a Lilah que eu conhecia.

– Em primeiro lugar, não acredito necessariamente no casamento *legal*. Claro, entendo que a lei precisa administrar as questões familiares legais, posse de propriedade entre os parceiros e por aí vai. Uniãoes informais dão às pessoas quase os mesmos direitos de uma certidão de casamento oficial nos dias de hoje, então por que envolver o governo nisso? Mas eu acredito do fundo do meu coração que a monogamia é uma coisa linda e maravilhosa para a maioria da população.

– Mas não para você.

– Não. Definitivamente não – disse, meneando a cabeça. – Não é algo que eu queira para mim.

– Por que não?

– Por que *você* não quer?

– Você está fugindo da pergunta.

– O que há de tão ruim no fato de aqueles dois terem tido uma briguinha no mercado? Ele esqueceu o papel higiênico. Ela ficou brava. Ele já estava tentando se redimir quando voltou. Você viu a maneira como ele deu um beijo nela? Foi carinhoso. E, mais tarde, ela provavelmente vai dar um beijo nele também e eles vão trocar beijos no sofá enquanto assistem a reprises de comédias dos anos 1980 na TV. Aposto que hoje os dois têm personalidades mais fortes do que quando se conheceram, e se eles não tivessem assumido algum tipo de compromisso de que isso era amor e de que estavam dispostos a um relacionamento a longo prazo, os dois teriam perdido tudo isso na primeira discussão, *quanto mais* sobreviver às milhares de discussões que tiveram desde então.

– Lilah, você é muito doida.

– Uma esposa faria bem para você, na verdade.

Ela estava começando a falar mais fervorosamente, subindo em seu próprio palanque.

– Alguém para desafiar e complementar você. Ela poderia encher o seu saco para você comer melhor, terminar suas reformas e fazer você tirar aquelas férias, por exemplo – proclamou Lilah, mas quando mais ela tagarelava, mais eu ouvia o nervosismo em seu tom de voz. *Ciúme*.

Enganchei o braço no dela e parei de andar, puxando-a para que ela ficasse de frente para mim.

– Então eu deveria encontrar uma mulher que gosta de provocar, sossegar e casar, é isso? – perguntei delicadamente.

Os olhos dela encontraram os meus e ela concordou com a cabeça.

– E se eu encontrar essa mulher amanhã, o que faço com você?

– Bom, desde o começo eu disse que não queria nada de longo prazo...

– Você está me dizendo sinceramente que se eu me envolver com outra pessoa amanhã, você vai ficar tranquila com relação a isso?

Ela assentiu sem hesitar.

– Mentirosa – rebati.

Meu tom de voz diminuiu até se tornar apenas um sussurro e percebi os olhos dela abaixarem.

– Eu disse desde o começo...

O tom dela era mais fraco agora. Lilah pigarreou, respirou fundo e, então, olhou para mim.

– Eu ficaria triste por você sair da minha vida neste momento. Mas se você realmente encontrasse e amasse essa mulher, eu ficaria feliz por você e diria que está tomando a decisão certa.

– E se eu encontrar alguém que me desafie e me complemente o que você sugere que eu faça?

Eu abaixei a cabeça, me aproximando para o beijo. O ar à nossa volta tinha ficado pesado e aquela conversa parecia muito íntima. Eu estava mesmo progredindo com ela? Como é que eu tinha dado início a uma conversa argumentando *contra* o compromisso e agora sentia que tinha vencido só por ter encaminhado a discussão para seja lá o que for que estivesse acontecendo entre nós?

Lilah ergueu a cabeça de supetão e soltou minha mão.

– No caso de você encontrar alguém que, à primeira vista, pareça combinar com você, a primeira coisa que deve fazer é perguntar se essa pessoa quer um parceiro para a vida toda. E se ela deixar claro que não e que não quer nenhum tipo de compromisso e só está nesse relacionamento para viver um dia após o outro, bom, então você deve respeitar isso.

Sorri, mesmo enquanto suspirava.

– Então, para resumir: casamento é ao mesmo tempo uma droga e uma coisa linda, que eu deveria querer, mas você pode não querer.

– Exatamente.

Ela deu um suspiro de alívio.

– Você *realmente* me entende. Nós decidimos se vamos para a sua casa ou para a minha?

– Vamos voltar para a minha.

Era um senso de posse primitivo que eu não costumava vivenciar, mas havia algo de tão delicioso em acordar ao lado dela na minha cama que eu mal podia esperar para sentir aquilo de novo.

– Faça café da manhã para você.

– Que tal você *comprar* café da manhã para mim?

– Combinado.

Começamos a andar de novo.

– Você me deixa confusa, Callum – disse Lilah baixinho. – Tudo o que me contou sobre a sua vida até agora faz com que eu sinta que estou perdendo alguma coisa. Sei que foi difícil ser deixado de lado quando era criança; eu passei tempo suficiente tentando me enturmar nos colégios para entender isso. Mas se eu o conhecesse e você não tivesse me contado isso, acho que deduziria que você é um divorciado calejado. Mas tudo indica que você cresceu com exemplos incríveis de compromisso, então por que é tão cético com relação a isso?

– Porque não funciona daquele jeito no mundo real, Ly. Meus pais faziam o amor parecer fácil, mas simplesmente não é.

– Talvez você esteja olhando para o passado com uma visão muito inocente. O relacionamento deles não pode ter sido tão perfeito assim, Callum. Amo meus pais também, mas não sou cega quanto aos defeitos deles. Minha mãe é uma doida narcisista.

– Pode acreditar em mim: o relacionamento deles *era* perfeito – respondi, dando de ombros. – Eles nos amavam muito. Eles nos criaram. Eles nos estimulavam na medida certa. Ainda me sinto aquecido e reconfortado por dentro quando ouço um sotaque americano, só porque tenho tantas lembranças incríveis da voz suave da minha mãe, durante toda a minha vida até a morte dela.

– Mas...

– Mas?

– Bom, a questão não era *quanto seus pais eram fantásticos*. É *por que você é tão perdido quando se trata de relacionamentos*. Estávamos nesse assunto e você logo começou a falar sobre seus pais, então, em algum nível, você sabe a verdadeira resposta.

Parecia desleal dizer aquilo em voz alta, e eu me sentia em conflito ao admitir minha suspeita, mesmo para Lilah. As palavras vieram lentamente no começo.

– Eles não *brigavam*, Lilah. Nunca discutiam ou discordavam nem mesmo tinham opiniões diferentes. Os dois eram duas metades do mesmo todo. E era um lar estável de amor. A rede de segurança perfeita para a infância. Mas como é que uma pessoa *aspira* a isso? Você não pode sair por aí em busca de uma pessoa assim. É o sonho impossível, não é? E se eu apostasse minhas fichas em encontrar a pessoa que faria minha vida começar e nunca encontrasse ninguém assim? E mesmo se eu encontrasse, todas aquelas décadas não valem de nada?

Lilah ponderou isso por um instante. Mas acho que agora eu estava na dianteira. Continuei:

– Eu nunca conheci uma única pessoa com a qual eu concordasse em absolutamente tudo. Nem mesmo *you*, sua vegana esquisita.

Lilah sorriu e eu me senti revigorado pela atenção dela.

– Acho que a questão não é não acreditar no casamento, mas talvez eu só queira algo assim se puder ser perfeito. E não tem como ser perfeito, então não, eu não quero. Meus pais me bombardearam com uma versão falsa do amor. É claro que eles discordavam. Eles deviam discordar, só nunca nos deixavam ver. Meu pai tinha uma boa carreira e participou de algumas grandes aventuras antes daquele dia fatídico no supermercado, mas, pela maneira como ele costumava falar, a vida dele não fazia nenhum sentido antes de ele conhecer minha mãe. Sempre que penso neles e em como as coisas pareciam ótimas, eu acabo desejando essa vida perfeita louca que eu nunca poderei ter. Já tive várias namoradas excelentes e nenhuma delas se qualificava. Não é justo com ninguém.

– Eu *sabia*.

Lilah estava silenciosamente triunfante. O brilho particular que surgiu nos olhos dela revelava que estava prestes a vencer.

– Sabia que você era um romântico enrustido. Você não é “compromissosfóbico”. Você é um *perfeccionista* e prefere ficar solteiro a se prender à pessoa errada. Você não se permite arriscar uma decepção.

– Exatamente.

– Então que porra *eu* estou fazendo na sua vida? Como você disse, discordamos em tudo. Você deve *realmente* ter desistido se está perdendo seu tempo comigo.

– Tive inúmeras pessoas na minha vida de quem discordei – respondi, dando de ombros. – E você é a pessoa de quem mais discordo, com certeza.

– Estou falando sério, Callum.

Estávamos nos aproximando do quarteirão do meu prédio, caminhando na direção do apartamento que nunca havia parecido um lar até poucas semanas atrás. Troquei a sacola de compras de mão enquanto debatia comigo mesmo quanto deveria revelar.

Certamente a essa altura, depois das semanas incríveis que tínhamos passado juntos, Lilah percebia

que havia um motivo pelo qual continuávamos voltando um para o outro. Eu tinha sentido – e até visto – a hesitação dela e, até agora, havia ficado bem consciente quanto a não pressioná-la e assustá-la, mas talvez fosse a hora de parar de brincadeira. Havia um motivo pelo qual estávamos recaindo nessa rotina tranquila de dividir trajetos de balsa e refeições e conversas que pareciam ter sido originadas nas profundezas da minha alma.

– O fato é, Lilah, que você é o mais próximo que já cheguei daquele sonho impossível. E quando estou com você, todo aquele cinismo parece ridículo. Quando estamos juntos, não consigo parar de imaginar se é possível que o fato de estar com alguém seja fácil e que talvez eu *queira* isso, no fim das contas.

O rosto dela se chocou e eu me apressei em explicar.

– Não se apavore, Ly. Não pedi nenhum comprometimento da sua parte, pedi?

– Não, não pedi.

– As coisas estão perfeitas para mim do jeito que estão.

– Só que você gostaria que isso durasse para sempre.

– Eu só conheço você há um mês. Pela minha experiência, você ainda pode se revelar um verdadeiro pesadelo. Talvez a gente só precise de mais um tempo para que eu consiga ver além dessa encenação de mulher-mais-incrível-do-mundo.

Ela estava olhando exatamente para a frente agora enquanto dobrávamos a esquina na direção do meu prédio e nem sorriu com a minha tentativa patética de piada. Respirei fundo e acrescentei delicadamente:

– Se vivermos um dia de cada vez e os dias passarem e, por acaso, estivermos velhos, isso seria tão ruim assim?

– Isso não vai acontecer, Cal – sussurrou ela, meneando a cabeça.

– Talvez aconteça, talvez não. Se não acontecer não teremos perdido nada de verdade. Além do mais, acabei de passar por uma sessão de dez minutos na qual você ficou me enchendo o saco por *eu* ser tão contra o compromisso. Mas e você? Você acabou de tentar me convencer de que eu preciso encontrar uma esposa, mas se eu ousasse sequer me referir a você como *namorada* agora, provavelmente me aplicaria um golpe de caratê e me jogaria aos tubarões na baía.

– Não estamos falando de mim.

– Agora estamos.

– Não precisa haver um motivo para tudo.

Eu ri e meneei a cabeça.

– Isso é bem injusto. Se você pode bancar a terapeuta comigo, eu também poderia fazer o mesmo.

– É diferente, Callum. Para mim, ficar sozinha é uma escolha.

Ela estava frustrada, a ruga em sua testa era funda.

– Estou em paz com isso. Acho que você não.

– Se você não fica mais feliz quando está comigo do que quando está sozinha, por que continua voltando para mim? Eu respeito toda vez que me diz que precisa de espaço. Geralmente é *você* que marca o encontro seguinte.

E então eu vi algo que não percebera antes em Lilah. Vi o pânico em seu rosto; depois, uma explosão de pura culpa, e achei que ela fosse largar a sacola de compras no chão e correr para longe de mim. Eu a colocara contra a parede, mas não era a minha intenção. Talvez eu a tivesse pressionado um pouco demais.

– Eu não estava reclamando – acrescentei baixinho.

Lilah respirou fundo e balançou a cabeça devagar. Estávamos na porta do meu prédio e ao menos

agora eu tinha a distração de ter que abri-la para podermos entrar, então podia evitar o desconforto do rosto dela por um momento.

– Callum, eu gosto muito de você. Mas a verdade é que eu também gosto muito de carne.

– Gosta?

Eu me atrapalhei com as chaves na fechadura, então desisti e olhei de volta para ela.

– Está brincando?

– Gosto. E sinto muita falta às vezes. Na semana passada, quando jantamos aqui e você fez aquele filé de costela suculento... eu quase arranquei o garfo da sua mão. Mas *escolhi* não comer. Você entende o que estou dizendo?

– Consigo entender que você queira evitar comer carne, o metano e o carbono e... todas aquelas outras coisas. Faz sentido. Mas por que diabos ter um namorado é ruim para o meio ambiente?

Estávamos dentro de casa agora. Andamos lado a lado até a cozinha e vi Lilah largar sua sacola no balcão.

Ela começou a tirar as coisas em silêncio, as costas voltadas para mim enquanto eu colocava minha própria comida na mesa da sala de jantar. Lilah deixou minha pergunta no ar por tanto tempo que supus que fosse ignorá-la, e foi a minha vez de entrar em pânico. Boa parte da comida dela já estava fora da sacola quando um dos objetos escorregou da mão dela. O falafel pré-cozido caiu no chão e ela tentou pegá-lo, mas não conseguiu.

– Puta merda – murmurou ela.

Eu podia ouvir a frustração no seu tom de voz, a emoção se sobressaindo à irritação de sua falta de habilidade. Tentei retomar as rédeas do assunto e colocá-lo de volta nos trilhos, porque parecia que eu dirigia em alta velocidade bem na direção de uma árvore.

– Só estamos saindo juntos há algumas semanas, você sabe.

Tentei manter um tom sensível e racional, como se o resultado não importasse de qualquer forma.

– Com qualquer outra mulher com quem já saí, eu provavelmente estaria me vestindo para nosso segundo ou terceiro jantar e torcendo para conseguir levá-la para a cama logo. Então, considerando que nós dois, aparentemente, somos... como você chamou? “Compromissofóbicos”?

Lilah assentiu ao mesmo tempo que dava de ombros, ainda de costas para mim.

– Bom, as coisas evoluíram naturalmente para nós, mas isso não significa que a gente tenha que negociar nosso futuro esta noite.

Lilah se virou e apoiou as mãos no balcão atrás dela. Ela expirou lentamente e enfim olhou para mim de novo.

– Meu trabalho é meu parceiro, Cal, e enquanto estivermos... fazendo isso que estamos fazendo... Bom, apenas tenho um caso de amor às cegas pelas costas do meu trabalho. Você nunca terá prioridade na minha vida e eu nunca vou prometer um futuro com você. *Nunca*. Então se descobrir que está começando a esperar mais que isso, aí é só me avisar e cada um pode seguir seu rumo.

– Parece uma boa ideia. Combinamos de viver um dia após o outro e estou feliz com isso. Foi *you* que começou a falar de casamento.

Novamente tentei inserir um pouco de humor naquela sala tensa e, ao menos dessa vez, Lilah me deu um meio sorriso torto.

– Só quero ver você feliz.

– Eu *estou* feliz.

Apontei para a cozinha.

– E com fome de “coisa que parece comida com gordura injetada”. Podemos comer, por favor?

31 de setembro

Na noite que Haruto morreu, fiquei sentada aqui nesta sacada com um diário como este. Foi a noite em que decidi começar minha coleção de vasos de planta e a noite em que prometi duas coisas a mim mesma pela primeira vez.

Foi em um piscar de olhos que decidi que largaria o direito corporativo e assumiria o trabalho da vida dele para realmente fazer algo pelo mundo. O meio ambiente não era minha batalha na época, mas senti que devia isso a ele. Então me matriculei em uma pós-graduação em direito ambiental e, em questão de semanas, convenci Alan a me deixar fundar um novo setor ambiental em nosso escritório quando eu terminasse. Com o passar do tempo, parei de fazer isso por Haruto e comecei a fazer porque me importava. Mas demorou bastante, e naquele primeiro ano eu me sentia como uma fraude todo santo dia.

A segunda promessa estava mais para um presente a mim mesma que lealdade ou gratidão a Haruto. Fiquei sentada ali com uma garrafa de vinho de frutas que Nancy tinha preparado na fazenda, chorei até acabarem os lenços e jurei que nunca mais deixaria que ninguém construísse seu futuro baseado em mim.

Haruto Abel não foi meu primeiro relacionamento sério e, se eu for sincera comigo mesma, eu não o amava tanto quanto podia – ou talvez *devia* – ter amado. Ele era um bom homem – houve uma época em que fora um grande homem –, mas o amor que sentíamos era confortável e conveniente, não apaixonado e intenso. Nós nos conhecemos em uma época difícil para os dois. Tenho certeza de que ele viu em mim alguém para resgatar e eu vi nele um farol de otimismo e esperança. É claro que fiquei atraída por ele. Haruto adorava confrontar pessoas invocadas e sair vitorioso. Ele era um super-herói do meio ambiente, aparentemente invencível... até, é claro, não ser mais.

Só agora vejo como fui imatura, como fui carente, como eu, na verdade, sabia pouco sobre ele. Haruto não era, para mim, muito mais que um motivo para levantar de manhã quando eu sentia que não tinha nenhum e, também, uma fonte de esperança de que talvez houvesse um futuro para mim, no fim das contas. Ele poderia ter sido qualquer um. Na verdade, tenho certeza de que se tivéssemos nos conhecido em qualquer outra época da minha vida, eu mal teria olhado para ele uma segunda vez.

E apesar de tudo isso, perder Haruto quase me destruiu. Não tinha previsto o peso da culpa e da solidão depois que ele morreu. Ele já andava doente havia muito tempo antes de morrer, e eu tinha sido mais uma enfermeira do que uma amante, mas talvez isso tenha piorado as coisas. Fiquei tão ocupada cuidando de Haruto que, quando ele se foi, me senti perdida. A realidade é que só me encontrei novamente ao definir um novo propósito para a minha vida por meio do trabalho dele.

Eu andava pensando muito em Haruto nessas últimas semanas, o que é estranho, já que finalmente estou saindo com outra pessoa. Fico me perguntando o que ele pensaria de Callum e, então, sorrio para mim mesma ao imaginar quanto ele ficaria mortificado.

As empresas para as quais Callum faz campanhas de marketing eram aquelas *contra* quem Haruto coordenava campanhas ativistas. Parei de consumir produtos de origem animal quando voltamos do

México, mas, antes disso, Haruto ficava violentamente furioso quando eu tomava até mesmo leite de vaca orgânico na frente dele. O que Callum come deve fazer Haruto se revirar no túmulo.

Começo a perceber que estou enfraquecendo minha resolução cada vez que vejo Callum. Fico prometendo a mim mesma que vou mantê-lo a distância, para protegê-lo, porque sei que é o melhor a se fazer. Mas é preciso tão pouco para enfraquecer minhas boas intenções quando estou com ele... Ver aquele corte de cabelo bem-cuidado e pretensioso no meio da multidão no cais, ou o toque do celular quando ele me manda uma mensagem é somente um pedacinho de Callum no meu dia – sinto um frio na barriga e, em algum lugar dentro de mim, sou uma jovem de 13 anos com seu primeiro amor. Ao mesmo tempo ridículo e adorável, de alguma forma.

Callum diz que um dia de cada vez está bom e que ele também não está buscando um compromisso. Eu sei que, em algum nível, ele torce e espera que os dias se transformem em décadas e que vamos tagarelar sobre as fotos dos nossos netos antes mesmo de percebermos. Vejo nos olhos dele e ouço em sua voz, apesar de, se eu ignorar as entrelinhas, ele estar dizendo palavras bem convincentes do contrário.

Se eu fosse uma pessoa boa, ignoraria a próxima ligação dele. Ou, melhor ainda, eu me sentaria com ele e terminaria tudo agora. Claro que sei que essa situação é ruim, mas continuo querendo mais e mais. É a velha batalha entre cabeça e coração, e meu coração tem ganhado todas as vezes.

É mais do que uma quedinha boba, apesar de isso ser definitivamente parte do problema. Não, há algo em Callum que me arrasta para o presente, para viver o momento. Eu *quero* aproveitar o agora ao máximo, mas, ultimamente, tenho pensado no futuro. Quando vou ficar doente de novo? Quão rápido vai ser? Será que vai estar tudo em ordem quando acontecer? Posso fazer algo de bom para o mundo antes de partir? Quanto tempo de vida consigo enfiar nesses meses ou anos ou décadas antes de perdê-la?

E aí Callum entra na sala, e cá estou eu, e tudo que importa é o presente, e isso é o suficiente para mim. Ele tem essa habilidade memorável de cuidar de mim e me prover o tipo de apoio e suporte que eu tenho dificuldade em aceitar de qualquer pessoa na minha vida. Só de estar com ele já faz com que eu me sinta mais saudável.

Então, só por enquanto, estou mentindo para mim mesma. Digo que ele entende que isso é um caso temporário e que vamos tomar nossos rumos numa boa quando a hora chegar. Ora, talvez a paixão passe e o próprio Cal termine comigo. Digo a mim mesma que ele precisa de mim, que está começando a aprender sobre sua própria capacidade de gostar de alguém e que vai usar esse tempo como um trampolim para algo mais concreto depois com uma mulher que vai viver com ele por mais algumas décadas. Digo a mim mesma que quando ele cumprir algumas coisas daquela lista de afazeres e viver um pouco, eu vou sair de fininho e deixá-lo em paz com as lembranças de nós dois.

Digo a mim mesma que não estou causando mal algum, que fui sincera e, se ele se machucar, não é culpa minha. Digo a mim mesma que vou fazer a coisa certa.

E aí, quando todas essas mentiras ecoam em seu próprio vazio, digo a mim mesma que também mereço ser feliz, mesmo que só por esse breve espaço de tempo.

Todo relacionamento tem seus pontos controversos, e a recusa de Lilah a usar calçados com frequência era o que mais me incomodava. Eu podia suportar a louça que formava pilhas na pia ou o caos do seu guarda-roupa, mas não conseguia compreender como uma mulher tão inteligente e socialmente consciente podia achar apropriado ficar descalça em quase qualquer circunstância.

No meu intervalo de almoço, passei por uma loja de sapatos por acaso e tive uma inspiração repentina. Quando encontrei Lilah no cais aquela noite, eu estava segurando uma grande sacola de papel. Entreguei-lhe a sacola com um sorriso.

– O que é isso?

Ela pareceu impressionada e eu fiz uma nota mental de surpreendê-la com mais frequência.

– Só uma coisinha para tornar seus trajetos até o trabalho um pouco mais confortáveis.

Observei a alegria no rosto de Lilah desaparecer quando ela abriu a sacola e tirou o par de sandálias pretas caras que eu tinha comprado para ela.

– São rasteiras... Então você pode levá-las nessa bolsona em que você carrega o laptop e, se seus sapatos de trabalho forem desconfortáveis, você pode simplesmente trocar.

Lilah respirou algumas vezes antes de enfiar as sandálias de volta na sacola e entregá-la de volta para mim com uma leve batida no meu peito.

– Tamanho errado? – chutei, apesar de saber que estava certo.

Eu a vira tirar os sapatos com tanta frequência que havia memorizado o tamanho sem querer.

– Não tente me mudar, Callum.

– Eu não estava...

– Esta sou eu. E eu costumo andar descalça. Aceite ou vá se foder.

– Espere aí, Ly.

Ergui as mãos como se aquilo fosse apaziguá-la. A severidade e o veneno no tom de voz dela eram uma novidade para mim.

– Pensei que isso seria o melhor dos dois mundos. Você pode ficar confortável e com os pés limpos.

– Deveria ser óbvio para você, a essa altura, que não dou a mínima para o fato de meus pés estarem limpos ou não. E, francamente, não me importo se *you* se importa se eles estão limpos ou não. Também é bom que você saiba que essas sandálias caras foram feitas por criancinhas frágeis em casas de exploração em Bangladesh e eu já fui ao tribunal mais de uma vez contra a empresa matriz para mostrar o desrespeito nojento deles para com princípios de proteção ambiental básicos.

Lilah olhava na direção da baía, desejando que a balsa chegasse logo para levá-la para longe do presente odioso que eu tinha dado. Tentei revisar a situação. Será que eu tinha passado do limite? Será que ela estava em um dia ruim? Os dois?

– Desculpe, Lilah. Achei que seria atencioso.

Ela resmungou e passou a mão pelos cabelos.

– Foi atencioso, Cal. Mas acho que foi mais atencioso para *you* do que para *mim*. Você fica com vergonha quando tiro os sapatos?

Eu *estava* com vergonha naquele momento, já que Lilah me xinga como um operário e o cais estava, como sempre, lotado. Mas será que eu ficava com vergonha quando ela tirava os sapatos no dia a dia? Havia alguma verdade naquilo, mas eu também tinha certeza de que aquele gesto viera inocente, ao menos em parte, de um lugar mais puro.

– Às vezes, o homem só quer cuidar da mulher. Mesmo que ela não precise. E aparentemente mesmo quando ela não *quer*.

Lilah não respondeu e eu esperei mais um tempo antes de tentar de novo.

– Ly? Me desculpe por ter chateado você. Estamos bem?

– Não sei.

Lilah ficou em silêncio durante todo o trajeto e eu não sabia se devia pressioná-la ou não. Pensei no surto que ela teve no restaurante asiático semanas atrás e percebi que, apesar de eu não enxergar com frequência, minha Lilah podia ser instável. Como aquelas tardes quentes de Sydney quando as nuvens de tempestade surgem do nada, ela tinha gatilhos que você não sabia que existiam até acidentalmente acionar um deles e sentir a força da explosão. Aos poucos eu aceitava o fato de que tinha passado do limite ao comprar sapatos para ela, mas a reação ainda parecia desproporcional ao meu crime. Eu só não sabia como apontar isso sem reativar a fúria dela, o que tinha causado, no fim, um silêncio feroz.

Sáímos da balsa e atravessamos o cais e, apesar de ela ainda andar ao meu lado, Lilah não dissera uma única palavra. Foi só quando chegamos à entrada que percebi como a vida dela era corrida, como ela era ocupada, como tinha pouco tempo para descansar. Lilah sempre estava na ativa: durante a semana, concentrava-se no trabalho; os fins de semana se resumiam àqueles dias loucos cheios de ação comigo. Não era de se admirar – não era de se admirar *nem um pouco* – que as emoções dela estivessem à flor da pele de vez em quando.

– Lilah, me desculpe por ter chateado você – falei baixinho.

Peguei a mão dela, mas ela a manteve inerte na minha. Olhou nos meus olhos, seu olhar impenetrável.

– Desculpe por ter perdido a cabeça – disse ela.

– Então estamos bem?

– Estamos bem.

Devolvi os sapatos à loja no dia seguinte e peguei um reembolso. A única parte de todo aquele acontecimento que eu não consegui apagar era a preocupação irritante no fundo da minha mente, que eu só conseguia acalmar ao prometer a mim mesmo que tentaria encontrar maneiras de ajudá-la a desacelerar.

Estávamos comendo na casa de Lilah uma noite quando a mãe dela ligou. Ela gesticulou para que eu ficasse quieto enquanto elas conversavam rapidamente. Lilah foi quase monossilábica.

– Sim, obrigada... Logo... Não, estou bem... Sim, só trabalho...

Quando ela desligou, ergui a sobrancelha para ela.

– Alguém está guardando um segredo.

Tentei usar o mesmo tom provocador, como ela fazia comigo a cada cinco minutos, com o qual eu estava ficando familiarizado, mas que ainda me fazia sentir como se eu fosse, de alguma forma, o centro do Universo e, ao mesmo tempo, um pateta fofo. Mas não consegui dar a entonação leve necessária e aquilo saiu como uma acusação. Apesar de sua pele branquíssima e do tom avermelhado dos cabelos, Lilah quase nunca enrubescia. Aquela noite foi uma rara exceção.

– Não falei de você para ela – admitiu ela. – Minha mãe não entenderia.

– Ah, sua mãe hippie, aquele espírito livre, não entenderia seu não namorado, então?

Lilah se encolheu e se levantou da mesa, sua salada pela metade.

– Ela ainda é minha mãe – disse baixinho.

Pegou o telefone e ficou olhando fixamente para ele, quase distraída.

– O relacionamento deles não era um mar de rosas como o dos seus pais, mas era intenso e ela o teria seguido até a lua. Ela quer isso para mim, eu sei que quer, e se soubesse que estou saindo com você, surgiria uma expectativa imensa e sou próxima demais dela para lidar com essa merda.

– Você certamente contou a ela sobre seus antigos namorados.

Não tínhamos trocado cronologias românticas detalhadas, mas havia fotos de Lilah com diversos homens nas paredes dela. Um homem asiático robusto aparecia bastante, em vários lugares exóticos, então eu sabia que ela tinha viajado um pouco com ele. Se tinham ficado juntos tempo suficiente para viajar o mundo, a mãe dela devia saber dele. Lilah se virou para mim outra vez e largou o telefone.

– Claro que contei. Ela sabe sobre todos eles. Você é diferente.

Eu podia ver que a *Lilah sem cortes* estava se instalando e me preparei.

– Não quis bancar o canalha com relação a isso, Ly. Esqueça o que eu disse. Você é quem sabe o que deve contar para sua mãe.

A verdade era que eu também não tinha contado sobre ela a ninguém. Exceto Karl, é claro. Mas eu mal falava com meus irmãos e minha vida social tinha se tornado dolorosamente vazia desde a minha promoção no trabalho. Em algum ponto acho que eu aceitei isso e parei de lutar. Então, no meu caso, eu mantinha Lilah em segredo apenas pelo fato de que eu não tinha a quem *contar* sobre ela.

– Este relacionamento é *exatamente* o que ela iria querer para mim.

Lilah ignorou meu pedido de desculpas.

– Seria tão fácil interpretar mal. Se ela conhecesse você e visse como nos conectamos, ela jamais entenderia.

– Você tem 40 anos, Ly. Importa se ela entende? Estamos felizes com o modo como as coisas são. Isso basta.

Quando Lilah se virou com a testa franzida, pude ver a energia acumulada dentro dela, frustrada por que eu não estava entendendo o que ela queria dizer.

– Vamos dar uma caminhada? – perguntou ela suavemente.

A primavera tinha chegado com tudo e o frio do ar noturno começava a esmaecer. Deixamos as portas da sacada abertas depois do ritual de regar as plantas de Lilah, e a brisa que entrava por elas era mais agradável que desconfortável. Seria uma boa noite para uma caminhada, mas ela já parecia bastante cansada, e eu sabia que se fôssemos andar, depois iríamos tomar sorvete e, quando voltássemos, ela iria se sentar para trabalhar no laptop.

– Por que não ficamos em casa hoje? Podemos ficar abraçadinhos no sofá. Talvez tenha algum filme passando.

Ela meneou a cabeça.

– Só preciso de um pouco de ar fresco.

Decidi tentar uma abordagem mais direta.

– Você parece cansada, Lilah.

– Estou cansada. Mas uma caminhada vai me ajudar a dormir melhor.

– Ly... – De repente me senti impotente. – Sei que você é uma mulher ocupada. Sei que dá conta de pelo menos uma dúzia de tarefas ao mesmo tempo e que gosta desse ritmo, mas você tem parecido exausta ultimamente. Não podemos ficar numa boa só por uma noite?

Às vezes eu percebia esses momentos de determinação nela, em que Lilah tinha certeza de que estava absolutamente certa quanto a tomar qualquer decisão. Esse era um desses momentos. Havia uma chama de pura obstinação em sua expressão.

– Cal, não é assim que eu faço as coisas.

– Mas é assim que *eu* faço as coisas – falei. – Eu *preciso* de um descanso e quero compartilhá-lo com você. Só esta noite, que tal você se aconchegar ao meu lado e trocar sua missão para *me* ajudar a relaxar?

– Quem sabe amanhã? – sugeriu ela. – A noite está tão maravilhosa. Eu quero sair. Se você estiver cansado, pode ficar aqui.

Como eu podia recusar? Enquanto eu me levantava para colocar os sapatos, sabia que tinha estagnado. Pelo próprio bem de Lilah, eu precisava encontrar técnicas melhores de dissuadi-la quando ela propunha atividades constantes. Enquanto isso, tudo o que eu podia fazer era acompanhá-la.

Na manhã seguinte, Lilah me acordou com uma sacudida vigorosa às cinco horas.

– Venha para a costa comigo – disse ela.

Não houve cumprimento nem preâmbulo, e a rouquidão na voz dela indicava que Lilah tinha lutado uma batalha interna acerca daquela decisão enquanto eu dormia. Com os olhos cansados, tentei entender se eu ainda estava dormindo e tendo um sonho que não fazia sentido.

– Por quê?

– Para conhecer minha mãe. Ver a casa e a horta. Conhecer Nancy e Leon.

Ela estava apoiada no cotovelo, olhando para mim, totalmente desperta e linda. Segurei o rosto dela com uma das mãos.

– Se é isso que você quer.

Ela hesitou, mas depois concordou brevemente com a cabeça.

– Acho que é.

24 de outubro

Então, sim, estamos oficialmente juntos e eu deixei que isso acontecesse. E retificar a situação agora não é tão simples quanto simplesmente parar de vê-lo. Eu sentaria com ele em um café no sábado de manhã e, em um brunch bacana em local público, explicaria que precisávamos dar um tempo. Usaria essas palavras – *dar um tempo* – para que ele não percebesse que minha intenção era terminar. Então, eu apagaria o número dele do meu celular e pararia de pegar a balsa e nunca responderia se ele tentasse entrar em contato outra vez.

Quando coloco as coisas no papel desse jeito, parece muito fácil. Eu dizia a mim mesma: “*Amanhã é o dia*”, e aí acordava na cama dele e decidia esperar mais um dia e, quando me dava conta, outra semana tinha se passado.

Enquanto isso, a presença de Callum se espalhava como raízes pelo solo da minha vida. Todos os meus funcionários sabem dele; Rupert, o atendente da balsa, perguntou por ele um dia em que fui para o trabalho sozinha; e Jesse, meu vizinho da frente, perguntou quem ele era.

Callum tem aprendido todos os meus gostos, meus desgostos, meus amores e alguns dos meus segredos. Nem todos, é claro.

Gosford é como meu refúgio secreto. É um universo diferente do meu apartamento em Manly Wharf, que sempre me pareceu um abrigo corporativo para eu me esconder quando estava no “modo trabalho”. Mas a fazenda... Céus, a fazenda é como o meu santuário interior. Já me recolhi lá para descansar, para celebrar, para ficar de luto, para curar minhas feridas e até mesmo para me reconectar comigo mesma quando a vida é avassaladora. Nunca levava ninguém lá antes, nem mesmo Haruto, apesar de ele ter pedido o tempo todo. Nunca pareceu certo. Acho que eu tinha tantas ressalvas quanto ao nosso relacionamento que não queria expor aquela parte de mim. Ele sabia, de fato, de todo o resto sobre mim – absolutamente *todo* o resto – e eu só queria guardar algo apenas para mim.

Mas com Cal quero me expor. É um jogo delicioso de gato e rato o que estamos vivendo e eu quero ser pega. Quero que ele conheça o meu eu verdadeiro, ou o máximo que ele puder durante o tempo em que tivermos juntos.

E foi por isso que decidi levá-lo para casa. Quando essa situação terminar, quero que ele se lembre de mim lá, segura em meu santuário, totalmente viva e totalmente eu mesma.

Gosford se encontra a mais ou menos uma hora e meia dos nossos apartamentos, no final de estradas de lindas paisagens que ficavam infernalmente congestionadas à noite. Levamos algumas semanas para organizar nossa estadia lá porque precisaríamos tirar a sexta-feira de folga para poder sair de manhã a fim de evitar o caos do horário de pico. Apesar de termos pegado o carro (inevitavelmente híbrido) de Lilah, ela queria que eu dirigisse.

– Posso trabalhar se você dirigir – insistiu ela, mas o iPad e o laptop permaneceram intocados aos seus pés a viagem toda.

Em vez disso, Lilah ficou olhando pela janela e falou sobre o parque nacional pelo qual passamos e as cachoeiras que vimos.

A relação dela com a natureza era intensa, e sua alegria quando saímos da cidade e entramos no verde da costa era palpável. Lilah sabia os nomes das árvores, os tipos de florestas e que espécies habitavam quais riachos. Ela falou sobre as minas de areia enquanto seguíamos para o norte e sobre o caso que ela defendera uma vez contra a expansão da própria estrada.

Volta e meia eu pensava que, em outra vida, Lilah teria facilmente vivido da plantação, cultivando sua própria comida e em sintonia com o planeta ou alguma besteira dessas. Nesse sentido, éramos tão diferentes que era difícil imaginar como havia uma química entre nós. Eu fazia as refeições com Lilah com tanta frequência que estava bastante familiarizado com os alimentos que ela consumia, mas toda vez que eu comia algo vegetal que ela fingia ser carne, eu me sentia enganado. Eu adorava alimentos processados, tecnologia e televisão. Ela usava todas essas coisas, mas como uma maneira de ajudá-la a trabalhar mais – o que, no fim das contas, era a forma que Lilah encontrou de se conectar com a Terra, na vida e no tempo em que ela estava envolvida.

A “fazenda”, como ela chamava, ficava nos subúrbios de Gosford. Quando saímos da via expressa, as estradas começaram a se estreitar cada vez mais e se tornar mais brutas, até chegarmos a uma pequena rua de terra paralela ao mar.

– Lá está – murmurou quando portões de ferro forjado surgiram pouco antes de uma curva.

Do outro lado da rua eu podia ver uma pequena casa de tijolos, bem protegida por arbustos e árvores.

– E lá está a casa de Leon e Nancy – falou Lilah, apontando.

Entrei pelos portões e começamos uma jornada cautelosa por uma longa entrada de terra, ladeada por eucaliptos enormes.

A casa de praia de Lilah era uma construção australiana quintessencial sem qualquer originalidade ou ostentação, apenas o exterior de tábuas de um azul intenso com adornos brancos. A única característica de destaque da casa, como Lilah descrevera em detalhes meticulosos, eram o pomar e a horta de que Leon e Nancy cuidavam para ela.

– Quantos anos têm esses caseiros? – perguntei quando saímos do carro.

Eu tinha subestimado o tamanho do terreno e a quantidade de trabalho envolvida.

– Na casa dos 60, mas são fortes como cavalos – respondeu ela, sorrindo. – Eles ganham dinheiro suficiente com a horta para pagar a faculdade do neto.

– Uau.

Caminhei alguns passos e olhei além da pequena casa.

– Aquela é outra vista do mar?

– Sim.

– Quanto você ganha? – perguntei, me virando repentinamente para ela.

– Eu herdei isto aqui, seu bobo.

Lilah me deu um sorriso.

– Ganho bem, mas se não tivesse trocado de especialidade, estaria cheia da grana agora.

Eu sabia muito bem que ela era sócia do escritório. E tinha visto quanto ela trabalhava. Lilah podia trabalhar dezoito horas, dormir três e sair para correr antes de começar tudo de novo.

– Venha ver a casa.

Ela deu uma corridinha na minha direção, pegou minha mão e me guiou pelas escadas da pequena varanda. Destrancou a tela de segurança e, depois, a pesada porta da frente, e entramos.

Assim como em Manly Wharf, o espaço tinha a cara de Lilah. Eu vira fotos dos avós dela em seu apartamento, mas aquelas imagens eram proeminentes. Não havia dúvidas de que, de alguma forma, eles tinham morado ali. Ela me mostrou o quarto em que havia morado quando era adolescente, a suíte que usava agora e o pequeno escritório que tinha montado. Toda a casa era decorada com um tom fresco de azul-claro, objetos de temática náutica em destaque e cortinas semitranslúcidas em todas as janelas que apenas amenizavam o brilho. A luz do sol preenchia a casa, com sua própria trilha sonora de ondas quebrando nas pedras e eucaliptos sussurrando na brisa costeira 24 horas por dia.

– Arranquei o carpete felpudo depois que meus avós morreram, mandei polir o piso e depois mandei pintar a casa – contou Lilah. – Mas fora isso... está exatamente igual a quando eu era mais nova. Eu podia ter feito muito mais, mas... este lugar é simplesmente perfeito para mim.

Sáimos no deque amplo com vista para a imensidão do mar. Os lados ao norte e ao sul eram fechados por paredes de tijolos de vidro, mas a face leste era toda aberta, apenas com um guarda-corpo baixo. De um lado havia uma longa mesa de madeira; do outro, um conjunto novo de sofás de bambu. Lilah abriu uma das bases do sofá e tirou um conjunto de almofadas de lona branca e azul-marinho, que colocou com cuidado nos assentos, e algumas lâmparinas, que deixou casualmente na mesa. Depois, pegou minha mão e me guiou escada abaixo na direção do penhasco.

Havia algumas dezenas de metros de grama esparsa e arbustos traçando um caminho a partir da casa e uma cerca de madeira na beirada de um grande precipício, que dava direto na água lá embaixo. Caminhamos até a cerca e me debrucei cuidadosamente por cima dela. Havia uma pequena porção de areia aninhada entre os afloramentos rochosos, mas nenhum caminho óbvio para descer até lá ou uma praia para suavizar a queda, apenas uma paisagem que parecia tão imensa quanto a própria Terra.

– Então... para falar a verdade, Callum, este é o meu lar. Este é o meu lar *de verdade*.

– É lindo.

A casa não tinha nada de especial. Não em comparação com o apartamento magnífico de Lilah em Manly Wharf. O que era extraordinário com relação ao lugar era a alegria que ela encontrava ali. E eu me sentia mais que privilegiado por ela dividir isso comigo.

Peta MacDonald não entrava nos lugares. Ela *chegava*.

Tinha o ar de uma diva decadente, menos, é claro, o sucesso ou a fama. A mãe de Lilah era linda à sua maneira. Ela tinha um corte de cabelo delicado artificialmente colorido com um tom de bordô intenso e os mesmos olhos azuis penetrantes da filha, emoldurados por rugas sutis, e sombra marrom e delineador azul *nada* sutis. Era impossível não reparar em suas garras artificiais elaboradas, e fiquei me

perguntando o que Lilah pensaria da exposição química pela qual sua mãe tinha passado para colocá-las. Quando Peta entrou na casa aquela noite, obviamente não esperava que Lilah tivesse companhia e não se preocupou muito em esconder o choque.

– O que tem para jantar, amorzinho... Ah, cacete.

Levantei do banco em que estava sentado descascando ervilhas frescas para a salada e bebericando uma taça de vinho. Lilah não perdeu tempo.

– Mãe, este é Callum. Callum, esta é Peta. Vamos comer.

– Callum, é um prazer finalmente conhecê-lo – disse Peta. Ela pegou a mão que eu tinha estendido, esperando um aperto, e me puxou para um abraço. – Suponho que esta seja uma situação do tipo “finalmente”, apesar de eu não ter ouvido absolutamente nada sobre você.

– É um prazer conhecê-la, Peta – falei. – Posso ver de quem Lilah puxou tanto a beleza quanto a sutileza.

– Fiz uma fritura, mãe. Com aquele molho *satay* que você gosta. Callum fez uma salada e tenho até arroz negro e manga para sobremesa.

Lilah já tinha acendido velas grandes nas lamparinas e colocado um arranjo de folhas cuidadosamente entre elas. Fiquei pensando na enxurrada de coisas que ela fizera naquela tarde. Eu percebia agora que era o início de uma explosão de energia nervosa, que crescia exponencialmente bem diante dos meus olhos. Ela não tinha a menor intenção de entrar em detalhes nem de explicar minha presença ali, e mesmo enquanto Peta e eu estávamos nos afastando do abraço, Lilah já tinha servido o jantar e estava indo lá para fora.

– Suponho que isso signifique que não devo perguntar se você é um namorado – perguntou Peta para mim, em voz baixa.

– Sugiro que você tire suas próprias conclusões.

Sorrimos um para o outro.

– Bom, então, Callum, é melhor você me servir um pouco de vinho. Não sou uma mãe coruja fácil de impressionar.

Obedeci rapidamente, e Peta e eu seguimos Lilah até o deque, onde ela olhava impacientemente para a tigela de comida e tentava não encarar a mãe. Sentei ao lado de Lilah e coloquei a mão em seu joelho por debaixo da mesa. Peta se sentou de frente para nós e assimilou a paisagem por um momento.

– Pode relaxar, Lilah – disse ela. – Não estou chateada por você não ter me contado que estava saindo com alguém. Tenho certeza de que tem seus motivos, apesar de eu nem conseguir *começar* a imaginar quais seriam.

– Lilah contou que você canta – comentei.

– Ah, sim, eu canto. Você gosta de música?

Eu suspeitava que Peta se distrairia facilmente e não sabia direito o que deveria fazer se as duas comessem uma discussão constrangedora sobre por que Lilah não tinha falado sobre mim. E eu estava certo, visto que, durante a hora seguinte, Peta fez uma espécie de performance não musical sobre seus interesses e suas experiências musicais.

Peta no palco seria muito parecida com Peta no jantar: animada e cheia de vida, brilhando com uma vitalidade e um carisma que atraíam *toda* a atenção para ela. Era uma mulher fascinante, embora muito egocêntrica, e eu a imaginava arrastando sua jovem família ao redor do mundo em busca de holofotes mais brilhantes. Fiquei me perguntando por que ela nunca conquistara o sucesso. Peta parecia ser uma provável candidata à fama.

– Moramos em Londres por um ano, sabia, Callum? Enquanto eu trabalhava em produções no West End.

– Quantos anos você tinha, Ly? – perguntei.

– Ah, Deus, uns 10, talvez. Meu pai trabalhava para a prefeitura de Londres, então o que mais me lembro daqueles meses era de vagar pela cidade sem supervisão enquanto *você* ficava no teatro dia e noite e meu pai andava por todo lado cuidando de jardins. – Lilah riu e, então, revirou os olhos. – Pais negligentes para caramba, vocês dois.

– Sabíamos que você conseguiria se virar sozinha, Lilah. Você sempre conseguiu, mesmo quando era bebê. Era um sufoco quando você não queria fazer alguma coisa. Levei quase um ano para ensiná-la a ir ao banheiro.

– É o que você sempre diz.

– Para você ter uma ideia, Callum, ela mamou no peito até quase 3 anos de idade. Tentei desmamá-la várias vezes. Ela simplesmente esperava que eu pegasse no sono e...

– Que musical você disse que era? Você tinha algum papel principal?

– Eu estava no coral da primeira produção de *Cats*.

Peta deu de ombros, parecendo, para mim, fingir indiferença. Tive a impressão de que ela tocava nesse assunto durante suas conversas umas doze vezes por dia.

– Tenho certeza de que eu teria um papel principal, mas minhas habilidades de dança não estavam à altura.

– Fomos para Nova York com *Cats* também, depois disso – contou Lilah.

– E depois, fomos para a Índia.

– *Cats* foi para a Índia depois de Nova York?

– Ah, não, eu saí de *Cats*. Fomos para a Índia para ficar em um *ashram*, para recarregar as energias. Eu estava exausta. Era o mesmo lugar onde Lilah tinha nascido, então pareceu apropriado.

– Callum teve o mesmo quarto a vida inteira até ir para a faculdade – informou Lilah.

– Sim, tão sem graça quanto sorvete de chuchu, em comparação – concordei.

– Meu Deus. Pobre criança.

Peta pegou seu vinho.

– E o que você faz agora?

Era a primeira pergunta que ela me dirigia a noite toda – além, claro, de ter perguntado se eu era namorado de Lilah. Fui pego desprevenido.

– Trabalho com marketing.

– Pensei em trabalhar com publicidade uma época. Bom, cogitei a possibilidade por um tempo. Tenho ideias fantásticas, acho que realmente teria dado certo.

A dinâmica entre Lilah e a mãe era fascinante. Parecia que, a cada história, Lilah tinha motivos mais que suficientes para ficar ressentida com a mãe pela vida maluca e instável que elas levaram. Mas ela estava totalmente em paz com aquilo e o carinho ao olhar para a mãe era genuíno.

Quando a brisa do mar esfriou, voltamos para dentro. Peta e eu nos sentamos no sofá enquanto Lilah preparava a sobremesa e o café.

– Então, é sério? – perguntou Peta assim que Lilah deixou a sala.

A voz dela era baixa de novo, mas o tom era urgente e grave. Hesitei.

– Acho que você e Lilah deveriam conversar sobre isso, Peta.

– Lilah já teria conversado comigo sobre isso se quisesse. Não sei direito como interpretar essa asneira de *manter você em segredo*.

– A gente se conheceu há pouco tempo. Talvez ela tivesse receio de que você colocasse a carroça na frente dos bois.

Peta pensou nisso por um instante e seu sorriso era quase de gratidão.

– Obrigada, Callum. Vou me conter.

Antes que eu tivesse a chance de suspirar de alívio, ela me prendeu na cadeira com uma carranca gélida.

– Só fique sabendo que, se você machucá-la, vou encontrá-lo e fazer você querer estar morto.

– Lilah, precisa de uma ajuda aí?

Comecei a me levantar, e Peta agarrou minha mão e me puxou de volta para baixo, sua expressão suave e calorosa outra vez.

– Não precisa sair correndo. Só se considere avisado.

29 de outubro

Tomei algumas taças de vinho agora à noite, então minhas incoerências aqui nestas páginas provavelmente serão mais floridas que de costume.

Quando minha mãe conheceu Haruto, ela foi fria e rude. O que foi lamentável, pois ele também foi frio e rude e eu acabei passando o almoço todo falando pelos dois. Quando Haruto se levantou em certo momento para ir ao banheiro, minha mãe se aproximou e sussurrou algo como “Você perdeu o juízo?” para mim.

Preciso dar o braço a torcer em uma coisa: ela sempre me deixa tomar minhas próprias decisões. Se ela discorda, com certeza vai me avisar, mas minha mãe sempre me apoia independentemente da decisão. Em tantas encruzilhadas ela implorou que eu virasse à esquerda quando eu queria ir à direita e, depois, caminhou comigo mesmo eu tendo escolhido a outra opção. Ela nunca foi com a cara do Haruto, mas, depois daquele primeiro encontro, minha mãe sempre se esforçou. Não queria que eu fizesse faculdade. Disse que não havia por que passar quatro anos da minha vida estudando se viajar pelo mundo poderia me oferecer muito mais. Mas aí, quando chegou a hora de me mudar para Sydney para as aulas, ela comprou tudo de que eu precisava para o meu quarto no alojamento e, ao longo dos anos, não passou nenhum semestre sem tentar comprar meus livros. Tudo por algo que ela achava ser uma perda de tempo. É assim que minha mãe funciona. A maior fã de Peta sempre foi a própria Peta, mas seu xodó sempre fui eu.

Eu sabia que ela ia gostar de Callum e não tinha me enganado. Ele a ouviu falar por horas esta noite, manteve nossas taças de vinho cheias e foi carinhoso comigo, como sempre. E o tempo todo havia um brilho nos olhos da minha mãe que eu nunca tinha visto antes. Acho que era aprovação.

Gostei dele, sussurrou ela para mim quando nos abraçamos antes de ela ir embora. *Lilah, ele é maravilhoso. Estou tão feliz por você.*

E eu também estou feliz. Verdadeiramente feliz, talvez pela primeira vez em toda a minha vida. Parece certo ter Callum aqui, conhecendo minha família, ficando ainda mais sua presença na minha vida. Ele se encaixa, apesar de não saber distinguir uma cenoura de um eucalipto.

Em outra vida, em outro tempo, eu me casaria com Callum.

Nós nos casaríamos em algum lugar paradisíaco, talvez nas Montanhas Azuis, perto do monte Tomah, onde ficam os jardins botânicos. Há uma clareira gramada na floresta, bem lá em cima, com vista para um vale imenso. Planejaríamos a cerimônia para o fim da tarde, bem quando o sol dourado estivesse se pondo nas montanhas atrás de nós. Os eucaliptos estariam suspensos no ar primaveril. Callum usaria algo um tanto casual; calça cinza-escura e uma camisa, mas sem paletó ou gravata. Ele se sentiria nervoso esperando por mim, mas estaria lá com os irmãos, e eles dariam tapinhas em suas costas e contariam piadas para distraí-lo. Haveria um pequeno grupo de pessoas, não mais que uma dúzia ou algo assim, em pé à nossa volta em um círculo. Eu convidaria Bridget e Alan e quem sabe meus assistentes, se eles não

tivessem me irritado naquela semana. *Poderia* ser maleável assim porque não planejaríamos nada espalhafatoso. Cal e eu conversaríamos sobre o assunto com alguns meses de antecedência e, então, enviaríamos um e-mail para as pessoas dias antes para convidá-las a participar, se elas quisessem. O mínimo de transtorno.

Eu chegaria a pé e deixaria os cabelos soltos, em cachos frouxos, e provavelmente usaria um pouco de maquiagem, mas não muita. Eu iria querer que Callum me *visse* enquanto proclamássemos nossos votos, e não uma versão falsa de mim mesma. Eu usaria um vestido azul-claro. Nem todo mundo gosta, mas sempre achei que azul fica lindo na minha pele eternamente branca e contrasta com meu cabelo; além do mais, não tem por que usar branco. O vestido seria de uma seda pesada, com caimento justo e um decote drapeado.

Eu não usaria sapatos, e Callum riria estrondosamente quando eu pisasse na clareira. Mas, ao caminhar na direção dele, sentiria a grama macia sob meus pés e ficaria imensamente grata por cada segundo. Eu provavelmente choraria, talvez tanto que seria vergonhoso, e minha mãe, que estaria entrando comigo, reviraria os olhos. E ela insistiria em cantar uma ou duas músicas também. Minha mãe e suas malditas canções.

A celebrante faria algo simples. Na verdade, ela diria apenas algumas palavras. Callum e eu falaríamos mais.

Depois, comeríamos todos em um salão próximo dali. Teríamos arrumado tudo na noite anterior, tomando vinho, decorando o ambiente rústico apenas com um lindo tule azul e flores frescas em potes de geleia reciclados. A refeição seria à base de legumes e verduras, é claro. Nenhum produto animal em vista, já que Callum provavelmente traria alguma carne fria nojenta escondido e a comeria debaixo da mesa quando achasse que eu não estava olhando.

Mais tarde, nós nos retiraríamos para ficar sozinhos em uma cabana isolada em algum lugar no meio do parque, apenas eu e Cal e um milhão de árvores e pássaros e insetos. Ele se perderia em mim e eu me perderia nele, e planejaríamos uma vida juntos, inclusive como poderíamos expandir a horta da fazenda depois que nos mudássemos para lá na aposentadoria. Callum teria que aprender a cuidar de tudo, porque Leon e Nancy não estariam à disposição para sempre e Deus sabe que não tenho esse tipo de habilidade.

Em outra vida, em outro tempo e, ultimamente, quando não consigo dormir, essa outra vida e esse outro tempo é para onde vou. É à noite que corro mais risco de ficar deitada acordada buscando razões para ter medo. Quando tento esvaziar a mente para dormir, ela se apressa em especular. Minha mão estava tremendo quando fui cortar o tomate hoje? Será que esqueci a reunião porque estou ocupada demais ou porque algo falhou no meu cérebro? Meu humor está se tornando imprevisível? E será que eu saberia se estivesse?

Não deixei que a ironia disso passasse. Estou evitando os pensamentos sobre o motivo pelo qual eu *não deveria* ficar com Callum *ficando* com ele e até mesmo distraíndo a mim mesma com fantasias sobre ele. Acho que isso mostra quanto conforto eu encontro em nosso relacionamento. Mesmo quando eu poderia me tornar uma pessoa extremamente ansiosa, consigo me acalmar sonhando acordada com uma versão da nossa vida que nunca vai existir.

Seis meses atrás, o pensamento de ficar doente de novo passava pela minha cabeça talvez uma ou duas vezes por semana e geralmente ia embora sem grandes preocupações. Mas hoje penso nisso todos os dias e é cada vez mais fácil ficar extremamente ansiosa. As formas das sombras se transformam em monstros. Não houve nenhum sintoma definitivo, nada que eu não possa explicar como sendo tudo fruto da minha imaginação ou um efeito colateral de estar me esforçando demais. E talvez todo esse medo só aconteça porque agora eu tenho algo a perder. Se eu realmente saísse da remissão, bom...

Não é muito bom pensar nisso, mas continuo voltando ao mesmo ponto de qualquer maneira. Se eu

não fosse tão covarde, marcaria uma consulta na clínica e faria uma análise. Talvez isso me desse um pouco de paz de espírito. Mas, também, talvez significasse exatamente o contrário, e aí eu teria mesmo que me despedir de Cal.

E eu ainda não consigo fazer isso.

As portas de vidro na face leste do quarto da casa de praia davam direto no deque acima do mar. Isso significava que uma brisa ótima soprava dia e noite, mas também deixava que os raios de sol penetrassem no cômodo logo cedo. Aparentemente, a orientação da casa era o inimigo natural para dormir até tarde.

Apesar de eu ter acordado assim que o quarto foi inundado pela luz, Lilah continuou dormindo, e fiquei impressionado com nossa troca de papéis. Ela dormia de barriga para cima, com as mãos debaixo do travesseiro e os cotovelos abertos. Observei-a por um tempo, fiquei ouvindo sua respiração suave e me perguntando se aqui estaria a chave misteriosa que eu estava procurando para ajudá-la a relaxar. Tudo o que eu precisava fazer era trazê-la para casa.

Lilah dormiu até depois das oito e, visto que em Manly Wharf ela geralmente pulava da cama lá pelas seis, considerei que ela tinha dormido até relativamente tarde. E mesmo depois de levantar, em vez de sua corrida habitual a mil por hora rumo à produtividade, Lilah preparou café e se sentou ao balcão usando apenas uma das minhas camisas. Então, para meu espanto, ela sentou e leu por prazer pela primeira vez desde que eu a conhecera, apesar de serem apenas notícias no iPad.

– Nada de trabalhar esta manhã? – perguntei.

Ela ergueu a sobrancelha para mim e respondeu:

– É fim de semana.

– Você sempre trabalha nos fins de semana.

– Não quando estou aqui.

Depois de um tempo, ela vestiu uma camiseta larga e shorts e fez uma trança longa nos cabelos, que jogou por cima do ombro. Lilah exibia um brilho especial junto ao mar, e ela estava exultante e radiante, animada com o dia à nossa frente.

– Leon e Nancy querem conhecer você. Eles nos convidaram para tomar café da manhã.

– Você contou aos caseiros sobre mim, mas não à sua mãe?

– Vá se vestir – disse ela, sorrindo. – Você vai amá-los.

Descemos pela via de entrada e atravessamos a rua até a pequena casa de tijolos em que Leon e Nancy moravam. Eles cumprimentaram Lilah da varanda como se ela fosse um membro da família que não encontravam havia tempos.

– Lilah, é bom demais ver você.

Leon desceu os degraus de cimento para abraçá-la.

– Este deve ser o Callum.

– Prazer em conhecê-lo.

Apertei a mão dele e seus olhos cinzentos brilharam.

– E é um prazer enorme conhecer você, Callum. Todo amigo de Lilah é nosso amigo também. Mas, pelo amor de Deus, me diga que você come bacon e ovos.

Ri e pisquei para Lilah.

– Isso, sim, é uma melhora.

Nancy usava calça cargo de lona pesada com estampa militar e uma regata, e eu não consegui entender se ela tentava se vestir como um adolescente ou se esse era o uniforme de alguém que passaria o resto do dia em uma horta. As rugas do tempo em seu rosto bronzeado revelavam que ela estava acostumada com o sol.

– Não se preocupe, Lilah. Vou fazer umas tortilhas de legumes para você.

– Obrigada, Nancy.

– Plantamos cogumelos embaixo da casa – explicou Nancy, guiando o caminho pela varanda até a porta da frente. – É verdade o que dizem por aí: você realmente deve tratá-los como um marido.

– Como um marido? – questionou Lilah, apesar de eu suspeitar que ela sabia aonde Nancy queria chegar.

– Ela quer dizer que você os deixa no escuro e os alimenta com bosta – respondeu Leon, suspirando, mas de forma quase alegre, como se fosse uma piada antiga.

– Se vocês os alimentam com esterco, isso torna os cogumelos não veganos? – perguntei.

Leon e Nancy riram. Lilah ergueu uma sobrancelha para mim.

– Ah, agora você é um vegano puritano, então?

– Ei, com um pouco de sorte, estou prestes a comer meio porco. Não me chame de vegano. Eu só estava preocupado com os seus interesses, Ly.

– Já gostei de você, jovem Callum – disse Leon enquanto me oferecia um lugar para sentar à mesa de teca laminada.

As cadeiras eram de vinil amarelado, o carpete, uma bagunça marrom sarapintada. Era como se eu tivesse voltado à casa da minha infância, e provavelmente por isso não achei estranho quando Leon usou a palavra “jovem”.

– Suponho que você não seja ambientalista como a nossa Lilah.

– Trabalho do outro lado do ambientalismo. Mantenho os ambientalistas ocupados alimentando a máquina corporativa – falei. Com a expressão de incompreensão de Leon, esclareci: – Publicidade.

– Que divertido! – Nancy tinha entrado na cozinha e ouvi o ruído de um fogão a gás sendo ligado. – Leon costumava trabalhar no mundo corporativo antes de nos aposentarmos.

– É mesmo?

– Sim, eu era o diretor-geral de uma fábrica. Ah, bons tempos, época em que os eletrodomésticos duravam uma vida inteira ou mais.

Ele riu e se levantou.

– Chá? Café?

– Café, por favor. E o que você fazia, Nancy?

– Eu? Ah, eu só cuidava das crianças.

– “Só” – repetiu Leon. – É, Nancy só ficava em casa com nossos cinco filhos enquanto eu trabalhava. Vou lhe dizer uma coisa: eu tinha umas férias de quarenta horas por semana comparado com o que ela fazia.

– Cinco filhos, é?

– E onze netos e cinco bisnetos... até agora, tenho certeza de que teremos mais.

Nancy estava ocupada com a frigideira, mas apontou para um ponto vago atrás de si com um ombro.

– Tem uma foto ali em cima.

Olhei para além de Lilah e vi uma grande fotografia emoldurada no meio da parede da sala de jantar. Em pé, no meio do mar de pessoas, Leon e Nancy sorriam. Olhei para seus filhos de meia-idade e suas esposas e depois para os sorrisos mais largos da nova geração.

– Uau.

Fiquei pensando em como seria poder olhar para uma fotografia na parede e ver o resultado de todo o legado da sua vida. Olhei para Lilah e vi que ela me encarava. Quando sorri, ela desviou o olhar e fiquei me perguntando em que ela estaria pensando.

– Era mais fácil ter uma família na nossa época. Vocês, hoje em dia, chegam a um ponto em que *tentam* ter filhos. A gente passava quase a vida toda tentando *não* ter filhos e, às vezes, falhava.

– Ah, Nancy.

Lilah quebrou seu silêncio.

– Tenho a sensação de que você nunca fez um único movimento na sua vida que não fosse premeditado.

Ela olhou para mim.

– Não deixe essa imagem de velhinha bondosa enganar você, Cal. Nancy é uma das pessoas mais espertas que conheço.

– Posso ouvir você, sabia? – disse Leon, fingindo estar ofendido.

– E Leon é uma das segundas pessoas mais espertas que conheço – acrescentou Lilah, piscando para ele.

– Assim está melhor. Eu acho.

– Um ovo ou dois, Callum? – indagou Nancy.

O bacon estava começando a chiar e o cheiro salgado era tentador, tão denso que parecia que eu podia ficar satisfeito só de inspirá-lo.

– Só um, por favor.

– São das nossas frangas – disse Leon. – Os mais caipiras que você vai comer na vida. Nancy alimenta as bichinhas quase manualmente.

– Como vocês têm tempo de alimentar as galinhas manualmente com essa horta enorme do outro lado da rua para cuidar? – perguntei.

– Bom, a horta meio que se cuida sozinha hoje em dia – informou Leon. – Digo, passamos algumas horas podando e arrancando as ervas daninhas e essas coisas, mas não é nada de mais mesmo, e ganhamos muito dinheiro vendendo os legumes na feira de produtores. Ganhamos mais no nosso acordo do que a Lilah aqui.

– É, o acordo é péssimo para mim mesmo – disse Lilah, rindo. – Vocês passam horas todos os dias cuidando da horta e eu apareço em alguns fins de semana e encho meu carro de verduras e legumes frescos. Coitadinha de mim.

– Ela nos mantém jovens – disse Nancy. – Estaríamos murchando como ameixas secas a essa altura sem aquela horta. Ficávamos nos perguntando como seus avós se mantinham tão animados, Lilah. Talvez haja magia naquela terra.

– Talvez seja menos magia e mais uma dieta excelente e horas de exercício extenuante.

– De qualquer forma, somos gratos por isso. Estamos ganhando dinheiro suficiente na feira para bancar a estadia e a mensalidade de Zach na faculdade.

– Zach é seu neto? – perguntei.

– Ele vai ser médico. Diz que vai trabalhar na África quando se formar – respondeu Leon, enquanto colocava canecas de café na nossa frente.

– E vai mesmo – acrescentou Nancy. – Aquele menino tem uma mente brilhante.

– O que está dando agora na horta, Leon? – perguntou Lilah.

– Os morangos estão a todo vapor este ano. Tem milhares. As verduras também estão no ponto. Espere até você provar os pepinos; tão doces que poderiam ser sobremesa.

– Humm... – fez Lilah.

– Ganhamos uma boa nota vendendo flores de abobrinha semana passada na feira – acrescentou Nancy. – Todas essas pessoas jovens malucas com cabelos esquisitos e roupas antigas. Quem é que come flor? Não que a gente se importe, eu acho.

– Eu como flores o tempo todo.

– É diferente. Você só come algumas coisas, tem direito de aproveitá-las ao máximo. Pelo menos você não as recheia com quinoa e fígado de porco ou alguma porcaria desse tipo.

Lilah fez uma careta.

– Ah, sinto pena de vocês e dessa porcaria de bacon com ovos repleto de sal e gordura – desdenhou ela.

– Aceito isso, desde que eu possa comer um pouco desse bacon logo – falei.

– Não vai demorar, Callum – garantiu Nancy. – Vamos encher a barriga e, depois, levar vocês dois para uma visita guiada na horta. Espero que você saiba que vai pegar no batente.

Lilah usava sandálias de borracha na casa de Leon e Nancy, mas, assim que atravessamos a rua e voltamos para o jardim da casa dela, ela as chutou para longe. Abri a boca para falar dos riscos de queimaduras no peito do pé ou de feridas de pedras ou sabe-se lá Deus o que havia naquele jardim, e ela ergueu as sobrancelhas para mim.

– Desisto.

– Finalmente – disse ela, sorrindo.

– Se não pode vencê-los, junte-se a eles – sugeriu Leon.

– As solas dos pés de Callum são tão macias e delicadas que, quando anda no azulejo, ele chora – falou Lilah, pegando minha mão na dela enquanto me provocava.

– As diferenças tornam o relacionamento interessante.

Nancy ainda estava alguns passos à nossa frente, em boa parte porque caminhava como se tivesse uma missão urgente. Leon se encontrava atrás de nós, andando de forma despreocupada e parando com frequência para olhar as folhas mais de perto ou catar pedaços dispersos de casca de árvore. Fiquei imaginando como aqueles dois conseguiam chegar a um mesmo lugar na mesma hora. Enquanto vagueávamos pelo jardim e entrávamos no pomar, parei de imaginar e comecei a me impressionar. Leon e Nancy completavam as frases um do outro e iam de uma discórdia severa a risadas contentes em um piscar de olhos. A tensão da diferença migrava para o conforto da semelhança e vice-versa. Leon e Nancy, juntos, formavam um mosaico, cada pedacinho de suas vidas refletindo compromisso, negociação, calor, paixão. E, no geral, formando a imagem de um relacionamento singular, porém extraordinário.

Eu tinha carregado minha câmera a manhã toda e finalmente comecei a tirar algumas fotos. Tentei me concentrar na horta em si, mas as três pessoas que estavam ali comigo imploravam a atenção da minha câmera. Bati fotos espontâneas de Leon retirando uma folha do ombro de Nancy e de Nancy abraçando Lilah enquanto elas lembravam a vez que Lilah ficou presa no topo de uma noqueira-pecã quando era nova.

– Leon e o avô de Lilah discutiam se seria melhor chamar os bombeiros quando ela decidiu que já tinha passado tempo demais em cima da árvore e desceu como se não fosse nada de mais. Isso aconteceu pouco tempo antes de você vir morar aqui, Lilah, e você estava tendo muita dificuldade em sossegar na escola. Se seus avós já não tivessem cabelos brancos, eles com certeza teriam ganhado naquela época.

Nancy meneou a cabeça.

– Mas também já sabíamos que você daria muito trabalho no dia em que nasceu. Nenhum recém-nascido deveria ter aquele cabelo ruivo tão lindo.

– É, é. Peguem no pé da ruivinha – disse Lilah, suspirando. – Não sou nem de perto tão inflamada

quanto você, sua velha bobona.

Elas se abraçaram com naturalidade, apesar das farpas. Tirei rapidamente uma foto das duas no meio do abraço.

– E não pense que não notei que você está tirando fotos minhas, Callum. Estou longe da minha melhor forma.

Nancy ergueu as sobrancelhas para mim.

– Temos um ditado nesta horta: uma hora de trabalho para cada foto. E estou prestes a cobrar a sua dívida.

– Por favor. Estou ansioso para sujar as mãos.

– Mas não os pés – disse Lilah, soltando uma risada contagiante.

– Está bem, vocês dois, vão tirar as ervas daninhas do terreno de legumes e verduras. Vamos colher algumas frutas para a feira amanhã, então vemos vocês depois.

– Com certeza. E obrigada pelo café da manhã.

Lilah deu um beijo no rosto de Leon e de Nancy e pegou a minha mão.

– Vamos ver do que você é capaz, moço da cidade.

Trabalhamos em silêncio por um bom tempo, um ao lado do outro no chão. O “terreno” de legumes e verduras era imenso, mas era cuidado com precisão militar. As poucas ervas daninhas eram todas novas. Eu chutaria que tinham, no máximo, alguns dias de vida. Enquanto eu as arrancava da terra úmida, pensei em Leon e Nancy e em como me lembravam os meus pais.

– Eles dizem que as coisas que atraem você em uma pessoa eventualmente acabam se tornando irritantes – disse Lilah de repente.

Ela estava parada em pé em frente a uma fileira de mudas, os pés descalços dos dois lados das plantas. Quando ergui os olhos das ervas que eu estava removendo para olhar para ela, Lilah mexeu os pés em meio à terra e, então, ergueu um pé sujo para mim e riu.

– Isso foi irritante desde o momento em que eu conheci você – garanti a ela.

– Você tem umas coisas irritantes também, sabia?

– Ah, é?

Joguei uma pequena erva daninha em Lilah e ela se atrapalhou toda para pegá-la e suspirou quando a planta pousou no seu colo.

– Pelo menos não sou estabonado.

– Ok, ok. Mas seu cabelo não cresce.

– É claro que cresce.

– Está sempre do mesmo tamanho.

– Eu corto com frequência. Os cachos ficam arrepiados se eu não cuidar.

– Quanto é “com frequência”?

Pigarreei.

– Isso importa?

– Quinzenalmente?

– Uma vez por semana.

Havia um pequeno salão de frente para a minha agência. Eu ia lá durante o meu almoço às sextas-feiras havia anos.

– Callum! – Lilah estava rindo um pouco demais. – Você já cortou o cabelo mais vezes este ano que eu em toda a minha vida!

– Não vejo problemas em cuidar da minha aparência.

– Você depila o peito, não depila?

– Isso importa?

– É claro que não. Você depila?

– Talvez.

Eu odiava pelos no peito. E nas costas, mas se Lilah não tinha reparado, não era eu quem iria chamar a atenção dela para isso.

– Eu sabia! – gritou ela, quase eufórica. – Você já teve a sensação de que eu sou o macho da relação?

– Esse pensamento passou pela minha cabeça mais de uma vez. Dito isso, não espero que *you* crie estereótipos.

– Você faz as unhas e tratamentos faciais também, não faz?

– Não faço *regularmente*, mas já fiz algumas vezes. Você nunca ouviu falar de metrossexuais? Só estou seguindo a tendência.

– O que for melhor para você, Cal.

Lilah ainda estava rindo.

– Você sabe que dobra suas cuecas e as organiza por cor e que faz a mesma coisa com suas meias?

– Como uma pessoa normal.

Sabia que ela estava tirando sarro da minha cara, mas eu estava curtindo, principalmente porque Lilah, sem querer, me lembrava de quanto sabia da minha vida.

– Não é normal, Callum. É obsessivo-compulsivo. Você também alinha os calçados, pelo que entendi, por ordem de formalidade.

– Na verdade, é por ordem de preferência.

Eu estava surpreso por ela ter reparado *nessa* nível de detalhe.

– Você fica xeretando minhas coisas quando estamos lá em casa?

– Não precisei xeretar. Está bem ali, à vista de todos, porque você não tem uma porcaria de um armário.

Ela estava certa. Eu precisava dar um jeito nisso, mas o acabamento do guarda-roupa tinha me desanimado.

– E, é claro, você passa mais tempo se arrumando do que eu. Apesar de o meu cabelo ser, pelo menos, cinquenta vezes maior que o seu e crescer mais que o seu a cada dia, porque eu nunca corto o meu e você corta o seu o tempo todo.

– Essa é uma reclamação formal ou você só quer destruir o meu ego para manter minha humildade?

Lilah riu e deu de ombros.

– Não estou reclamando. Você só não acha que é hilário como parecemos tão compatíveis em alguns sentidos e tão diferentes em outros?

– Temos muito em comum também.

Eu me levantei e arqueei as costas, que já estavam começando a doer, não que eu fosse admitir isso em voz alta.

– Somos bem-sucedidos e focados em nossas carreiras, trabalhamos demais, temos vidas sociais nada interessantes. Escolhemos viver na mesma cidade, até no mesmo bairro. São as áreas em que somos diferentes que tornam as coisas interessantes e as áreas que temos em comum que fizeram com que nos encontrássemos.

Lilah ficou quieta de novo enquanto largava as ervas daninhas e pegava uma tesoura de jardinagem. Ela perambulou para lá e para cá pelo terreno, cortando várias verduras para uma salada. Quando voltou, alguns minutos depois, seus braços estavam cheios.

– Acha que temos uma boa combinação de semelhanças e diferenças?

A vulnerabilidade da pergunta me surpreendeu. Lilah tinha passado a mão no rosto e havia uma mancha de terra em sua bochecha. Os cabelos dela estavam presos em um rabo de cavalo, mas começavam a ficar arrepiados com o calor. Hesitei apenas um segundo antes de limpar as mãos sujas na calça jeans limpa e pegar a câmera. Lilah sorriu timidamente enquanto eu tirava algumas fotos.

Enquanto colocava a câmera de volta no estojo, tentei manter meu tom de voz leve.

– Para falar a verdade, não consigo imaginar combinação melhor.

Depois de arrancar as ervas daninhas e comer a salada com as verduras frescas que Lilah tinha colhido, nós nos recolhemos para tirar uma soneca no deque. Foi Lilah quem sugeriu, o que quase me chocou. Ela mal dormia à noite em casa, muito menos durante o dia.

Percebi que, durante nossa visita a Gosford, eu tinha, na verdade, encontrado algumas maneiras de fazer Lilah desacelerar e descansar. Fiquei satisfeito comigo mesmo, já pensando nos impactos positivos que aquela pausa surtiria nela.

Eu me preocupava com Lilah às vezes. Não estava muito certo disso, mas tinha a impressão de que ela estava caminhando em direção a algum tipo de esgotamento. A única concessão que a vi fazer com relação à própria saúde física, além da dieta quase obsessiva, era como ela sempre encaixava ao menos uma boa caminhada em sua rotina todos os dias. Às vezes Lilah trabalhava do nascer ao pôr do sol, até bem depois de eu ter dormido. E tinha o sono irregular, pulando na cama como se não conseguisse ficar parada nem mesmo em seus sonhos.

Se eu pudesse congelar no tempo um único instante do nosso relacionamento, teria sido aquele cochilo nos sofás de bambu acima do mar. Nossa conversa foi se tornando mais lenta e ela se aconchegou em mim à medida que suas pálpebras ficaram pesadas e, então, sua respiração desacelerou até um ritmo profundo e estável. Eu cochilei, sem cair no sono como ela, mas em boa parte porque estava perplexo demais pelo momento. A maciez dos cabelos de Lilah no meu braço, o aroma de seu perfume no ar e o som de sua respiração no mesmo ritmo das ondas lá embaixo, tudo era inebriante, e, por mais embriagado que eu estivesse com a presença dela, também estava apaixonado.

Aquela conclusão não era uma surpresa, apesar de ter passado pela minha mente pela primeira vez naquele dia. Eu amara meus pais, amava meus irmãos e talvez amasse meu trabalho. Mas isso... isso era diferente. O amor que tinha florescido entre Lilah e eu, mesmo que em apenas poucos meses, começou bem dentro de mim e era tão sólido e real quanto a própria Terra.

Quando eu tinha 20 e poucos anos, meu pai às vezes conversava comigo sobre relacionamentos. Ele se preocupava comigo e, às vezes, seus papos bem-intencionados divergiam em sermões prolixos sobre como ter encontrado minha mãe havia mudado a vida dele. Acho – *espero* – que eu era respeitoso, mas estava muito frustrado com a visão do mundo de conto de fadas dele. Naquela época, eu já tivera namoradas suficientes para saber como o sistema funcionava e quais eram as emoções envolvidas.

Até conhecer Lilah, eu nunca entendera a insistência de meu pai de que a parceira certa poderia ser o pontapé inicial da minha vida. Depois de décadas ignorando os conselhos dele, de repente eu percebi que era, no fim das contas, muito parecido com meu pai. Éramos homens que se apaixonavam rápida e enlouquecidamente, apesar de eu ter levado quase meia vida para encontrar a pessoa adequada e descobrir isso sobre mim mesmo.

Fiquei pensando se – *quando* – poderia contar a ela. Talvez ainda levasse alguns meses ou anos e talvez as palavras brotassem na minha boca milhares de vezes e murchassem e morressem com a insistência dela de que vivêssemos um dia de cada vez.

O que Lilah fizesse ou dissesse a partir daquela tarde não importaria – não mesmo. Ela podia andar

descalça pelo resto das nossas vidas e eu iria amar aqueles pés nojentos e sujos com todas as minhas forças.

Eu estava perdidamente apaixonado por ela – e, naquele dia, eu tive certeza disso. Tudo o que eu precisava fazer agora era garantir que ela não escapasse de mim.

Fiquei me perguntando sobre aquele homem asiático nas fotos de Lilah desde a primeira noite no apartamento dela. Às vezes, quando ela não estava olhando, eu ficava reparando nas fotos deles juntos, procurando por pistas de quão próximos os dois eram. Concluí que havia, definitivamente, um clima de romance ali, e eles ficaram juntos por tempo suficiente para atravessar pelo menos três continentes. Depois de tantas semanas olhando para ele, o homem começou a me parecer familiar e eu estava ficando louco de tanto me perguntar quem ele era.

Uma noite Lilah estava na sacada. Já havia escurecido, mas naquele dia ela tinha comprado uma planta nova que parecia um pouco murcha, então tinha decidido trocá-la de vaso naquela mesma hora. Havia uma brisa suave e eu a observava trabalhar através das ondas das cortinas leves balançando ao vento. Eu também tentava dar uma olhada nos e-mails do dia no meu laptop, mas aquela tarefa não tinha conseguido prender meu interesse. Levantei para pegar um copo d'água e, no caminho de volta para a cadeira, enquanto passava por algumas das fotos dela, tentei perguntar casualmente.

– Parece que você viajou bastante com esse cara... Ele era um amigo?

Lilah se virou para ver de quem eu estava falando e, depois, voltou seu foco para a planta.

– Não. Um namorado.

Ela teria deixado por isso mesmo se eu não tivesse pressionado. Continuei andando de volta para o sofá e mantive meu tom de voz leve.

– Quanto tempo vocês ficaram juntos?

– Um ano, mais ou menos.

Esperei, mas ela mergulhou no silêncio de novo. Era como arrancar um dente.

– E...

– E...?

– E... sei lá. Alguma coisa?

– Você está com ciúme?

– Não. Só curioso.

É claro que eu estava morrendo de ciúme. Ainda mais agora que ela havia me contado que eles tinham ficado juntos por *um ano inteirinho* sendo que geralmente ficava alvoroçada quando eu tentava fazê-la se comprometer com algo com uma semana de antecedência.

– O nome dele era Haruto Abel. Ficamos juntos por um tempo, e aí ele morreu. Fim da história.

As palavras dela me atingiram com força. Não era apenas o choque do que ela tinha dito, mas a maneira rápida e casual com que ela falara, como se esperasse que eu deixasse passar tudo aquilo. *E aí ele morreu*. Eu estava prestes a sentar no sofá. Parei e fiquei olhando fixamente para ela.

– Lilah, que merda. Sinto muito.

Ela deu de ombros e voltou a mexer na planta, então jogou um pouco de água nela com o regador. Não deixei de perceber que eu estava tendo essa conversa com ela de costas e não havia como analisar quanto aquilo a chateava porque não podia ver seus olhos.

– As pessoas morrem, Callum. Não é legal, mas é a vida.

Ela largou o regador na mesa da sacada e se virou para mim.

– Só vou lavar as mãos, e aí podemos ir. Estou realmente precisando daquele sorvete hoje.

– Espere aí, Ly. Você não pode soltar isso em cima de mim. Quando ele...

Eu não conseguia nem pronunciar aquela palavra.

– Quando isso aconteceu?

Lilah franziu a testa para mim.

– Há uns cinco anos. Eu não quero conversar sobre isso. Podemos ir, por favor?

– Mas... você nunca nem falou dele.

Eu estava pasmo.

– Como é que esse assunto não surgiu nenhuma vez? Conversamos sobre tudo.

– Acabei de contar a você o que aconteceu. Nós nos conhecemos. Namoramos. Ele morreu. A vida continuou. Isso é tudo.

– Mas...

Engoli em seco e me forcei a continuar pressionando, apesar de não saber como tocar naquele assunto com sensibilidade.

– Como ele morreu?

– Eu *não* quero conversar sobre isso.

A tensão na ferida de Lilah ficou mais visível, e ela saiu para a sacada e fechou a porta com muita força.

– Se você não consegue deixar isso para lá, talvez eu vá dar uma volta sozinha hoje.

Ela foi direto até a porta e eu rapidamente larguei o copo d'água para segui-la.

– Lilah, me escuta, eu quero entender. Deve ter sido horrível para você, mas você nunca nem tinha mencionado o nome dele para mim antes. Não consegue entender por que estou curioso?

Lilah saiu e bateu a porta, e eu fiquei ali parado no apartamento dela. Quando me recuperei o suficiente, fui até a parede de fotos e olhei para as imagens dela com ele outra vez. Eles sentados no chão comendo macarrão, talvez na China; cercados pela neve em algum lugar; parados em frente a uma placa que dizia “Cidade do México”. Em todas as fotos, o braço dele estava ao redor dos ombros dela e Lilah estava sorrindo.

Olhei mais de perto, mais perto do que já tinha olhado antes, e, analisando todas as imagens, percebi que havia algo diferente na Lilah das fotografias. Havia uma monotonia nos olhos dela. Talvez porque ela estava viajando há muito tempo, talvez a viagem não houvesse sido a aventura vivificante que eu tinha suposto ou talvez até mesmo os anos que tinham se passado entre aquela época e agora tivessem desbotado as fotos e eu visse coisas demais. Mas agora que analisava aquelas fotos, senti um surto de preocupação instintiva.

Era fácil assumir que a Lilah despreocupada, a mil por hora *sempre* tivesse sido equilibrada. Mas eu percebera rachaduras na fachada dela, mesmo raramente, e em geral ela acabava animada em vez de chorosa e triste. Mas não ver aquele brilho nas fotos despertou em mim uma vontade de confortá-la, em vez de pressioná-la, então peguei minhas chaves e corri atrás dela.

Eu estava quase na sorveteria quando notei que ela não estaria lá. Lilah não era do tipo que encontrava conforto na comida. Na verdade, quando estava estressada, reparei que ela mal comia. Atravessando a rua, segui para o norte pela praia e não fiquei nem um pouco surpreso quando a encontrei sentada na areia bem em frente ao seu prédio. Suas pernas estavam cruzadas e ela erguia punhados de areia e os observava escorregar pelos dedos.

Ela não se virou para olhar quando me aproximei e me sentei ao lado dela em silêncio. As ondas quebravam à nossa frente, e Lilah se aproximou de mim. Era um pedido de desculpas, uma súplica por conforto e sua própria admissão de culpa. Coloquei o braço ao redor dos ombros dela e pousei a cabeça no cabelo de Lilah, respondendo a conversa silenciosa com meu próprio pedido de desculpas.

– Ele sofreu um acidente.

A voz dela saiu bem baixa depois que ela tinha se aconchegado no meu abraço. Se eu não a estivesse segurando tão perto de mim, o mar teria engolido tudo.

– No México. Eles o transferiram de volta para cá, mas ele ficou em coma por meses e aí morreu. Não gosto de conversar sobre isso. Não gosto nem de pensar nisso se puder evitar.

– Obrigado por me contar.

Naquela noite, eu ingenuamente pensei ter descoberto tudo. Sempre houve uma subcorrente, mesmo quando estabelecemos uma espécie de relacionamento estável, uma parte dela estava sempre distante de mim.

Fazia muito sentido que ela fosse resistente a se comprometer com alguém depois de ter perdido um namorado daquele jeito e até senti uma satisfação presunçosa por tê-la entendido melhor. Ela *tivera* um namorado, alguém que havia visitado o mundo com ela, e ele fora tirado dela. Talvez Lilah até tivesse visto aquilo acontecer ou talvez fora a primeira na cena do acidente e tivesse tentado salvar a vida dele. Havia lacunas enormes na história que ela contara. Eu só sabia dos detalhes mais básicos, mas minha imaginação fértil as preenchia com algumas possibilidades. Suponho que seja o meu jeito de me sentir no controle da situação.

E na enxurrada de pensamentos enquanto eu digería as descobertas daquela noite, me ocorreu que, de alguma forma, Lilah ainda estava presa a Haruto. Ouvi as emoções mais profundas nas poucas palavras que ela disse sobre ele e lembro que fiquei tomado de ciúme e decepção.

– Finalmente consegui – disse ela após um tempo.

– Conseguiu o quê?

Lilah escorregou a perna para a frente e esfregou o pé descalço e cheio de areia no meu.

– Consegui fazer você vir à praia sem sapatos.

17 de novembro

Caí hoje. Eu estava fora do escritório, conversando com Bridget, e levei uma pasta de volta para a minha mesa para revisar um documento. Fui me sentar, errei a cadeira e acabei de bunda no chão, debaixo da mesa.

Ninguém viu. Ninguém me ouviu cair. Não me machuquei. Na verdade, eu me levantei sem muitas complicações e consegui me sentar na cadeira na segunda tentativa e, então, abri a pasta como se nada tivesse acontecido.

Mas as palavras nadavam na página. Eu não estava chorando. Lutava com tanta força contra o pânico que acho que me esqueci de enxergar ou respirar. A angústia cresceu dentro de mim e ameaçou me assolar, e eu a sufoquei até conseguir retomar a tarefa em questão. Pelo resto do dia, até agora, à noite, nem sequer pensei na queda.

Cal acha hilário o fato de eu ser desastrada e eu rio junto com ele. Mas toda vez que ele fala qualquer coisa sobre isso eu percebo, de novo, como deve ser óbvio a ponto de ele comentar. Será que Callum notou uma deterioração da minha coordenação? Ou será que sou desastrada desde que ele me conhece, mas agora ele se sente à vontade para tirar sarro disso?

São quatro da manhã e estou sentada sozinha no meu apartamento. Não consigo dormir e, dessa vez, não posso culpar o ronco de Callum porque, pela primeira vez em semanas, estamos dormindo separados. Alternamos entre o apartamento dele e o meu por um tempo e me acostumei com o conforto dos braços dele em volta de mim, como se pudessem me manter segura.

Falei que realmente precisava me focar no trabalho esta noite e ele foi solícito e decidiu ir para casa trabalhar em seu projeto do guarda-roupa. Eu nem tinha ligado o laptop; em vez disso, só fiquei me preocupando. Eu precisava fazer os exames. Se ligasse para Lynn agora, mesmo de madrugada, ela me atenderia e me veria amanhã no primeiro horário.

Não consigo fazer isso.

Quando meu pai ficou doente e minha mãe me deixou com a vovó e o vovô, eu de repente virei um peixe fora d'água. Eu me lembro do meu primeiro dia de escola em Gosford, olhando para o mar de alunos e tentando me conformar com a realidade de que eu teria que passar seis anos com eles. Seis anos pareciam uma eternidade para mim. O máximo de tempo que já tínhamos vivido em um único lugar foi o período que passamos na Califórnia e nos mudamos de casa duas vezes durante esse tempo.

Mas eu nunca fui o tipo de criança que fugia do pior da vida. Aqueles primeiros meses em Gosford foram brutais, mas eu os encarei de frente, com a vovó e o vovô me dando apoio, como a minha torcida organizada pessoal. Aprendi a administrar amizades do jeito mais difícil e dei um duro danado para acompanhar os estudos.

Eu nunca conseguia fingir que as coisas estavam bem quando não estavam. Não fujo do confronto. Na verdade, no trabalho, acho isso viciante, de certa forma, e sei que essa característica faz de mim uma

colega difícil. Quando voltei depois da morte de Haruto, passei por cinco secretárias em quatro meses antes de finalmente encontrar Bridget, e ela já ameaçou pedir demissão dezenas de vezes. Ainda perco assistentes o tempo todo. Alan diz que eu os confundo com as minhas tentativas de conversa amigável nos intervalos depois de tê-los perseguido até o banheiro gritando porque cometeram uma gafe em algum caso. Então, é justo dizer que não sou covarde sob circunstâncias normais... Mas desde que conheci Callum.. Bom, cá estamos. Pouco mais de três meses depois, e eu não apenas deixei que esse caso passageiro se transformasse em um relacionamento, como também estou dando as costas para a minha saúde.

Acho que vou chamar Callum para viajar comigo no Natal. Ele não é exatamente sutil quanto ao que pensa sobre meu nível de atividade, não há problema nenhum nisso, porque não tenho sido exatamente sutil com relação ao dele. Na maior parte do tempo, tendo a achar que realmente nos completamos; ele me acalma, eu o motivo e o “puxa e empurra” dessa dinâmica é onde boa parte da diversão acontece.

Mas, também, talvez ele esteja certo e eu precise de um tempo agora. Eu me tornei muito cautelosa com a minha saúde e todos esses sintomas em que fico reparando podem ser facilmente explicados por uma exaustão leve.

Sim. Um mês em Gosford, apenas um mês para recarregar minhas baterias. Pode ser que eu saia de lá com a corda toda trazendo Callum atrás de mim.

Enfim estava quente o suficiente para mergulhar e eu tinha passado boa parte do dia ao lado de Lilah na Cabbage Tree Bay, para lá de Shelly Beach. Dei um pulo rápido no shopping para comprar uma caixa protetora de mergulho para a minha câmera de manhã e, depois, nosso pequeno passeio de snorkel tinha se tornado um evento para o dia inteiro quando percebi como era difícil tirar fotos decentes na água e quanta coisa havia para ver lá embaixo.

Como resultado, tive uma queimadura feia na nuca e fomos cedo para a cama, mas ficamos acordados lembrando o que tínhamos visto de dia.

Havia uma janela alta no meu quarto, que dava bem de frente para um poste de luz fria na ruela atrás do prédio. Eu colocara cortinas pesadas azul-marinho, mas feixes de luz ainda penetravam no quarto à noite. Olhei para a cama, para a manta marrom, azul-marinho e branca que cobria nossas pernas entrelaçadas. Na penumbra, sob ela, parecíamos uma só entidade.

– ... aquele dragão-marinho-folhado que se escondeu atrás da pedra. Callum, você está me ouvindo?

Ela me cutucou com o cotovelo e se virou para olhar para mim.

– É claro que estou. Você estava falando sobre aquela coisa que parece um cavalo-marinho.

– Você não estava ouvindo nada.

O tom dela era acusador.

– Eu estava falando sobre o caranguejo que você pegou na piscina rochosa.

– Lilah, eu *estava* ouvindo. Você parou de falar disso há cinco minutos. Quando me deu a cotovelada, estava falando sobre aquele cavalo-marinho cheio de folhas e sobre como eu quase consegui tirar uma foto, mas ele se escondeu atrás da pedra.

Um arrepio passou por mim, um arrepio com o qual eu estava ficando acostumado. Havia uma rotina familiar para esses momentos incomuns. Lilah diria ou faria algo um tanto peculiar, e eu diria a mim mesmo que ela devia estar exausta. Ao menos dessa vez, eu tinha evidências para embasar meu argumento. Ela tinha tomado tanto sol quanto eu e também se sentia bem esgotada. Tentei convencer a mim mesmo de que Lilah pegara um pouco de insolação e então, para tentar amenizar, perguntei:

– Você está *tão* cansada assim?

– Ah. É mesmo – disse ela, sua voz suave e lenta.

E então logo que comecei a relaxar, ela acrescentou:

– E não são cavalos-marinhos. São dragões-marinhos, é outra espécie.

– Tem razão.

Eu queria duvidar que conhecia as nuances e entonações da voz dela. Lilah corrigiu a terminologia como se nunca tivesse feito aquilo antes, mas ela havia me corrigido pelo menos uma dezena de vezes ao longo do dia e, agora, quando falei *cavalo-marinho*, achei que estava brincando com ela. Tenho certeza de que ela tinha entrado na brincadeira antes. Lilah revirava os olhos, mas ria um pouco de qualquer forma, o que, na verdade, era o motivo pelo qual continuei com a piada.

Alguns momentos se passaram e a respiração dela ficou mais pesada. Achei que Lilah estivesse pegando no sono até que ela sussurrou:

– Você deveria vir comigo para Gosford no Natal.

– Mas... ainda faltam semanas.

– E daí?

– Então agora podemos planejar coisas com semanas de antecedência?

Eu me senti instantaneamente leve por dentro, uma alegria etérea me preencheu.

– Acho que não recebi o memorando.

– Só achei que você fosse gostar. Leon e Nancy costumam receber alguns dos filhos em casa. É bem barulhento, bagunçado e divertido.

– Me parece fantástico. Obrigado.

– Na verdade vou tirar algumas semanas de folga. Estava pensando... que talvez você quisesse tirar uma folga também.

– É mesmo?

Talvez nós dois tivéssemos mesmo tomado sol demais e eu estivesse imaginando coisas.

– Por que não?

– Isso é...

Eu estava perplexo de felicidade. Férias com ela? Era uma coisa tão de *casal*. Na verdade, o sinal mais positivo até agora.

– Isso é fantástico. O que vamos fazer enquanto estivermos lá?

– Nada. – A palavra saiu lentamente, o sono se pronunciando. – Absolutamente nada.

– Posso tirar umas fotos.

– Humm.

– E posso ajudar Leon e Nancy na horta. Eles iriam gostar, não é? Mas eles teriam que me ensinar.

Lilah não respondeu e eu sorri e me mexi para ficar confortável na cama. O RH ficaria superfeliz por eu reduzir minhas horas extras e a época era excelente, com exceção da tradicional festa de ano-novo na cobertura da Tison com nossos clientes. Eu não perderia nada.

As férias mais longas que eu havia tirado desde que comecei a trabalhar foram duas semanas quando meus pais morreram. Então, a partir do momento em que saí da agência para dar início ao nosso mês juntos em Gosford, eu estava, para ser sincero, nervoso.

Não fazia ideia de como seriam os dias sem o trabalho para preenchê-los. Eu sabia que Lilah teria uma audiência de um caso apenas algumas semanas após voltarmos, então ela provavelmente trabalharia às vezes. Meus planos eram mais simples: eu ajudaria Leon e Nancy, leria um livro de vez em quando, talvez tiraria algumas fotos e, no geral, não faria nada. E durante as primeiras semanas, foi exatamente o que eu fiz.

Levantava cedo e trabalhava nos pomares com Leon e Nancy antes de o sol estar forte demais. A temporada de drupas estava a todo vapor, e Leon e eu colhíamos os frutos maduros, colocando-os em caixas de isopor prontas para o mercado da véspera de Natal. Nancy desempenhava seu trabalho metodicamente no jardim, fazendo uma poda leve.

– Costumávamos podar só no inverno – contou ela na primeira manhã na horta. – Mas agora que as árvores estão um pouco mais velhas, também fazemos uma poda corretiva no verão. Precisamos manter o controle do formato das árvores e garantir que elas não cresçam muito. É bom que cresçam, mas precisa ser controlado; queremos que a árvore conserve sua energia para dar frutos.

No fim das contas, podar era meio que uma forma de arte, e Nancy não hesitou em guiar a minha “arte”. Eles buscavam certa estrutura e, ao cortar as árvores nos lugares certos, isso garantia a longevidade delas.

– Não aí! – exclamou Nancy algumas vezes quando fiz um corte com a tesoura. – Ó Céus, Callum. Deixe que eu faço essa.

E, então, a caseira de 68 anos me empurrava para longe com seu quadril de idosa e cortava os grossos galhos verdes como se fossem feitos de manteiga.

Havia algo de orgânico na jardinagem. Eu sentia que o relaxamento surgia mil vezes mais rápido do que se tivéssemos passado as férias em um resort, tentando encontrar a paz em meio a coquetéis e piscinas construídas pelo homem. À noite, eu caminhava pela praia, me familiarizando novamente com a câmera e a sensação de estar completamente desconectado. Tirei algumas fotos espontâneas de Lilah bebericando vinho no deque ou enquanto ela colhia ervas frescas na horta.

Na maior parte do tempo, eu lembrava a mim mesmo de que a vida nem sempre deveria passar como um borrão de monotonia em que não havia nada que valesse a pena capturar, e essa percepção, por si só, valia ouro. Caí na cama ao lado de Lilah naquelas primeiras noites, duro e doído dos músculos não utilizados que estavam despertando, a Tison Creative a um bilhão de quilômetros da minha cabeça.

Nunca fui muito fã de Natal. Pelo menos não desde que saí de casa e menos ainda desde que meus pais morreram. Lilah e Peta, por outro lado, pareciam duas crianças zunindo de energia com a visita iminente do Papai Noel.

Tentando reprimir uma sensação de desconforto, servi uma taça de vinho enquanto elas montavam uma velha árvore de Natal de plástico. Peta cantou músicas natalinas enquanto as duas a decoravam com penduricalhos e festão bem desgastado.

– Lembra quando estávamos em Nova York e caiu tanta neve no Natal que toda a cidade teve que parar?

A nostalgia interrompeu sua cantoria e até mesmo desacelerou o ritmo fugaz da fala de Peta.

– Eu estava pensando no ano seguinte, em Darwin, e você dava aula no ensino médio daquela escola e passamos o Natal naquela porcaria de represa fedida comendo lagostins.

Lilah deu de ombros, mas aquela era obviamente uma lembrança boa, porque o sorriso não sumiu de seu rosto.

– Ou o ano em que seu pai morreu... – Peta começou a falar e vi o olhar que as duas trocaram.

A sobrancelha de Lilah estava franzida e ela meneou a cabeça de leve. Observei tudo isso e, então, tentei me incluir na conversa.

– O que aconteceu?

– Foi um ano difícil – disse Lilah baixinho e, apesar de eu saber que isso devia ser verdade, também percebi instintivamente que havia mais naquele olhar que ela tinha lançado à mãe.

Peta, com seu fluxo interminável de palavras, sem dúvida teria compartilhado livremente uma descrição detalhada daquela época terrível e Lilah obviamente não queria reviver aquilo.

– Passamos o Natal aqui e demos plantas uma para a outra. Eu dei à minha mãe uma das rosas que ela tem no jardim de sua casa aqui em Gosford e ela me deu um bonsai que está na sacada lá em Manly Wharf – explicou Lilah.

– Eu também lhe presenteei com aquele vaso fofo de cerâmica com a florzinha, a que encontrei na feira – disse Peta, e sorriu para si mesma com a lembrança.

– A planta tinha morrido antes mesmo de você me dar!

– Sim. – Peta piscou para mim. – Bom, me pareceu adequado.

– Peta!

Olhei para Lilah, mas as duas mulheres começaram a rir, e Lilah dispensou meu horror com uma mão enrolada em festão.

– Ela estava brincando, Cal. Aparentemente, plantas em vasos pequenos precisam de muita água. Minha mãe e eu não fazíamos ideia. Ainda não fazemos.

Em meio aos risinhos, ela lançou outro olhar para a mãe, um momento breve de tristeza compartilhada. Pareceu impressionante o fato de elas conseguirem fazer piada com a morte do obviamente muito amado marido e pai.

As duas retomaram a decoração, mas eu me levantei e saí silenciosamente para o deque, onde me espreguicei no sofá e fiquei observando o mar. Era quase noite; o céu estava tingido de roxo e alaranjado, o capítulo do dia de hoje se encerrando bem diante dos meus olhos.

Atrás de mim eu podia ouvir Lilah e Peta rindo e trocando lembranças de Natal, uma intimidade emocional que me maravilhava. Eu sabia muito pouco sobre o pai de Lilah, mas não achava que precisava de detalhes para compreender a profundidade da perda delas. O que era reconfortante para mim – e no que me foquei esse tempo todo – era que as duas pareciam ter saído de seu luto muito mais intactas que eu. Uma década depois, eu ainda não conseguia pensar na morte da minha mãe sem sentir o peito apertar e, às vezes, tinha receio de nunca mais conseguir pensar em meu pai sem me sentir bravo por ele não ter conseguido seguir adiante sem ela.

Então me ocorreu que a diferença era que elas dividiam aquilo. Eu via na maneira como conseguiam fazer piada sobre o período de sua maior tristeza e no calor do afeto que existia entre as duas.

Ed e Will, sempre tão mais próximos um do outro do que de mim, tinham passado juntos e com o meu pai muitos dos dias após a morte da minha mãe. Eles estavam com meu pai quando ele desabou enquanto escrevia cartões de agradecimento às dezenas de pessoas que tinham comparecido ao funeral. Ele estava olhando para o quintal dos fundos em silêncio, descansando na poltrona reclinável de flores na qual minha mãe frequentemente se sentava para ler. Mais tarde, Ed me contou que ele de repente caiu para a frente e os gêmeos assumiram que ele estava chorando – até que ele não se mexeu mais e meus irmãos perceberam que meu pai estava em apuros.

Eu estava sozinho em casa na época, ainda não totalmente pronto para voltar ao trabalho, mas, de alguma forma, era insuportável a ideia de ficar sentado revivendo o passado por dias a fio. Eu dissera aos outros que estava ocupado demais para tirar folga do trabalho e que só iria visitar à noite, chegando a usar um terno por dia para que não me descobrissem. Acho que assistia a uma maratona de algum programa de TV terrível quando recebi a ligação.

Nunca soube ao certo se eu me arrependia de ter ficado distante. O motivo que teria feito preferível estar lá – passar os últimos momentos de meu pai com ele – era o mesmo que teria tornado o momento agonizante. Eu lembro como meu pai estava no jantar da noite anterior, triste, deprimido, mas vivo.

Ed soluçava quando ligou pouco depois de a ambulância chegar. Os paramédicos ainda tentavam ressuscitar nosso pai. Sempre imaginei que, enquanto Ed e Will observavam os esforços deles, os dois teriam os braços em torno um do outro, gêmeos com um laço tão forte, muito maior do que aquele que dividiam comigo.

Depois do funeral e do velório de meu pai, Ed e Will tinham implorado que eu voltasse à casa dos meus pais para beber alguma coisa. Tínhamos feito o velório no pub que nosso pai costumava frequentar, a apenas um quarteirão de casa, o lugar aonde ele ia toda sexta para tomar uma cerveja com os amigos.

Fui ao velório, é claro, mas depois voltei para casa. Fiquei sentado sozinho no meu apartamento e senti, ainda mais do que antes, o peso do meu isolamento autoimposto. E, no dia seguinte, retornei ao trabalho. Era tanto uma punição quanto um conforto.

– Cal?

Lilah estava na porta, uma expressão confusa em seu rosto. Eu sentei e ergui a taça para ela.

– Só queria um pouco de ar fresco. Continuem sem mim.

– Ah, não, precisamos da sua ajuda para colocar o menorá no topo da árvore.

– Vocês colocam um menorá no topo da árvore de Natal?

– Não é o que todo mundo faz?

Ela ergueu a sobrancelha para mim, mas sorriu.

– Quando estávamos em Nova York, morávamos de frente para uma família judia. Eles não celebravam o Natal, é claro, mas nós celebramos o Hanuká com eles, e minha mãe achou apropriado convidá-los para a nossa ceia. Adivinhe o que ela serviu?

– Por favor, não diga que foi porco assado.

– Ah, Lilah, você fala como se tivesse sido tão grosseiro! – gritou Peta da sala. – Eu me esforcei, Callum, realmente me esforcei. Assei um frango e um porco e coloquei o menorá no topo da árvore para mostrar que eu respeitava a cultura deles. Eles não comeram o porco, é claro, mas devoraram o frango e se divertiram como nunca.

– Foi constrangedor – garantiu Lilah. – Mas, de alguma forma, depois daquilo o menorá se tornou uma espécie de tradição. É provável que seja terrivelmente ofensivo. Mas precisa estar lá mesmo assim e você é o único que é alto o suficiente para fazer isso.

O menorá era de plástico, pintado com spray dourado e alguém tinha colado desajeitadamente um pedaço de papelão em formato de funil na base para encaixar no topo da árvore. Nem precisei me esticar para colocá-lo. Quando me afastei para admirar, Lilah deslizou a mão pela minha cintura e se apoiou em mim.

– É linda, não acha?

Eu não via uma árvore de Natal havia décadas. O caos dos enfeites, a distribuição torta e o esquema de cores insano chocavam meu senso de estética. O festão era tão velho que dava para ver linhas longas onde só havia algodão, não apenas em torno da árvore, mas em toda a sala – alguém o tinha colocado em cima de todos os caixilhos e em quase todas as fotos.

E aquela porcaria de menorá era absolutamente ridícula.

Coloquei o braço em torno do ombro de Lilah e apertei-a delicadamente.

– É linda. Vocês duas são malucas, mas a árvore de vocês é linda.

Lilah e eu não éramos exatamente o tipo de casal que compra presentes. Depois do incidente desastroso do sapato, não ousei tentar outro e ela também nunca comprara nada para mim.

Isso tornava o Natal ainda mais desafiador.

Não tínhamos conversado sobre isso e eu torci para que o desgosto de Lilah por todas as coisas supérfluas talvez me livrasse dessa. Mas enquanto eu observava o clima natalino crescer nos primeiros dias em Gosford, percebi que não seria o caso e não fazia ideia do que comprar para ela.

Peta me chamou para colher algumas frutas para dar de presente a seus poucos últimos alunos do ano no final de uma tarde enquanto Lilah trabalhava no escritório. À medida que colocávamos drupas em cestos de bambu, pedi a ela algumas ideias, mas Peta também não fazia ideia.

– Comprei um cachecol para ela. Um cachecol de angorá – contou ela.

– Angorá não é pele animal?

– É a pele de um coelho lindo originário da China – explicou Peta. – Às vezes, eles arrancam a pele enquanto os coelhinhos berram por misericórdia. Mas é uma pele muito macia e rende umas peças divinas.

– Mas... por que você compraria isso para Lilah?

Mesmo que fosse uma piada, eu não conseguia imaginar Lilah achando graça.

– Porque Lilah vai me dar uma série de livros de receitas veganas, uma máquina de sucos ou vai fazer

uma grande doação para alguma instituição ambientalista.

– E daí?

– E daí que fazemos isso todos os anos. Compramos presentes elaborados e caros uma para a outra, que nós mesmas gostaríamos de ganhar. Aí entregamos os presentes, fingimos estar entusiasmadas e depois trocamos de volta na surdina antes de a festa acabar.

– Vocês são a mãe e a filha mais esquisitas que eu já conheci.

– Você vai se acostumar. Compre um anel de noivado para Lilah. Ela vai adorar.

– Aham.

Quase soltei uma risada, mas a ideia passara pela minha cabeça algumas milhões de vezes.

– Tenho certeza de que ela adoraria.

Eu tinha visões de Lilah arremessando a caixinha do anel lá do deque na manhã de Natal.

– E que tal outra joia? Uns brincos, talvez, ou um colar?

– Com certeza.

O sarcasmo dela era nítido.

– Essa é uma ótima ideia, Callum. Dê à mulher que passa metade da vida lutando contra a indústria mineradora esses produtos em seu primeiro Natal com ela. Você pode embrulhá-los na pele de um rinoceronte em risco de extinção. As bijuterias que Lilah usa são feitas de materiais reciclados. Se não for, então pode ter certeza de que ela as herdou da minha mãe.

– Então me *ajude*, Peta. Do que ela ia gostar?

– Bom, não acho que eu *possa* realmente ajudá-lo. Falando sério, eu desisti de agradá-la. Todos os anos eu costumava me esforçar para caramba e Lilah acabava odiando o que eu tinha comprado. Esse novo sistema funciona muito melhor. – Ao ver meu olhar suplicante, ela suspirou. – Ela não vai gostar da maioria dos seus presentes tecnológicos e inovadores. Não, acho que você precisa optar por algo atencioso.

– Como o quê?

– É você que está tentando ser atencioso. Terá que pensar sozinho.

– Obrigado, Peta. Você foi de grande ajuda – ironizei.

Eu não deveria estar surpreso.

E, faltando apenas alguns dias para o Natal, eu estava ficando sem tempo e sem opções. Ou eu teria que voltar a Sydney por um dia ou teria que tentar encontrar algo em Gosford.

– Vou dar uma saída!

Eu já estava na porta na tarde seguinte, com as chaves na mão.

– Aonde você vai? – gritou Lilah do escritório.

Murmurei algo sobre mantimentos, corri até o carro e, então, me afastei da casa. Não tinha um plano muito traçado. Esperava que agora que a pressão aumentara, meu cérebro começaria a funcionar e eu teria uma ideia brilhante.

Estacionei em Gosford e, nas duas horas seguintes, fiquei perambulando pelo shopping, procurando por algo adequado. Avaliar presentes pelos olhos de Lilah era assustador. Eu quase podia ouvir os comentários dela na minha mente. *Tanto desperdício! Isso tudo só alimenta a máquina corporativa! Que horror!* E, mesmo assim, sabendo daquele brilho mágico e onírico que cruzava os olhos de Lilah toda vez que ela passava por aquela árvore de Natal idiota, eu sabia que a data ainda tinha um significado importante.

Eu *precisava* encontrar alguma coisa.

Eu sabia que ela logo iria notar minha ausência, então comprei um pouco de leite de soja para

ratificar minha desculpa esfarrapada sobre mantimentos e disse a mim mesmo que eu podia tentar outra vez no dia seguinte. Derrotado, voltei para o carro, observando as vitrines enquanto passava. As pedras preciosas brilhantes na joalheria me chamaram a atenção e fiquei parado ali por alguns minutos, pensando em como eu poderia justificar a compra.

Mas... como você pôde comprar isto para mim? Você não me conhece nem um pouco?, gritou a Lilah da minha cabeça.

Quero que você tenha algo bonito. E já estava no chão quando encontrei, tentei argumentar. Quero mimar você. Você não pode curtir o presente para fazer os estragos da mineradora valerem a pena?

Lilah não engoliria de jeito nenhum. Mas, mesmo assim, eu precisava comprar algo para ela. Entrei.

– Feliz Natal, Callum.

Lilah estava animada. Pude ouvir na voz dela antes de abrir os olhos. Quando os abri, vi que ela estava deitada bem ao meu lado, apoiada em um cotovelo com um sorriso provocante no rosto. Eu a beijei e me afundei de volta no travesseiro.

– Você não tinha dito que meu presente de Natal seria poder dormir até tarde?

– Não temos tempo para dormir até tarde. Temos que ajudar Leon e Nancy a montar a tenda e quero dar o seu presente antes de ir.

– Ah, tudo bem.

Lilah saiu da cama e foi na direção da cozinha. Sentei e me espreguicei, depois a segui só de cueca boxer. Ela estava sentada debaixo da árvore, rodeada por presentes retangulares. Quando fomos para a cama na noite anterior, só havia três caixas pequenas ali: uma de Lilah para Peta e duas caixas de chocolates gourmet que eu comprara para Leon e Nancy.

– Papai Noel já passou? – perguntei a ela, confuso.

– Pode me chamar de Mamãe Noel.

Lilah empurrou um pacote retangular na minha direção e eu me sentei lentamente ao lado dela.

– Eu só comprei uma coisa para você, Ly.

– Isto é uma coisa só – garantiu ela, mas eu podia ver ao menos dez pacotes. – É um conjunto.

– Espero que esse papel de presente seja reciclável.

– Claro que é.

Ela suspirou com impaciência.

– Fique sabendo que é reciclado e reciclável. Agora abra as porcarias dos presentes.

Eu sabia, pelo peso e pela sensação, que era um livro. Rasguei o embrulho brilhante e vi uma logo que reconheci.

O guia turístico da França, da Lonely Planet.

Havia um livro por país, um de cada continente, juntamente com uma obra sobre treinamento para maratonas, uma enciclopédia de reformas e um manual de fotografia. Quando abri o último, ela uniu as mãos como se fosse rezar e me informou com um entusiasmo óbvio:

– Você ainda pode ter um milhão de desculpas, mas pelo menos eu acabei com uma. Agora você tem o guia de *como fazer* para tudo que você sempre quis fazer.

Fiz uma pausa, os livros dispostos ao meu redor. Lancei um olhar dos livros para os olhos azuis brilhantes de Lilah e senti uma onda de emoção se agitar em meu peito.

– Cal?

De repente ela ficou preocupada e se levantou para sentar desajeitadamente no meu colo.

– Me desculpe se você não gostou...

– Eu adorei os livros. Adorei tudo.

Eu não sabia como me expressar. Havia uma promessa nos presentes dela, uma dica não verbalizada do nosso futuro juntos. Eu podia nos imaginar visitando Ed em Paris e recompensando a última ida desastrosa dela para lá, ou correndo uma maratona juntos. Eu terminaria horas antes dela, mas isso seria ainda melhor, pois eu poderia esperá-la na linha de chegada. Lilah tinha me reanimado e, no processo, havia me lembrado dos sonhos que eu deixara de lado quando escolhi minha carreira. Eu a puxei para perto, enterrei o rosto nos cabelos dela e fechei os olhos.

– Acho que nenhuma outra pessoa jamais me conheceu como você conhece, só isso.

Lilah relaxou e retribuiu meu abraço.

– Ufa! – disse ela. – Você me deixou preocupada. Quer um café?

– Eu adoraria. Mas só depois que você abrir o *seu* presente.

Receber um presente era uma mera contrapartida para Lilah na equação da troca de presentes. Ela olhou debaixo da árvore e voltou a me fitar.

– Onde está?

– Eu escondi.

Dei um beijo na testa dela e me levantei para voltar ao nosso quarto. A pequena caixinha estava escondida em meio aos meus artigos de higiene.

– Não queria que você ficasse espiando.

Quando voltei com a pequena caixa na mão, vi o pânico na expressão de Lilah. Reparei em como os olhos dela se estreitaram e seus ombros arquearam. Observei a suspeita se espalhar pelo seu corpo e causar uma tensão tão profunda que seus dedos dos pés se curvaram.

Sorri e entreguei a caixa para ela.

– Calma, Lilah. Não vai morder.

Ela me lançou um olhar de advertência e começou a rasgar o papel.

– É melhor que *isto* seja papel reciclável – avisou ela.

– Claro que é. Não tenho certeza se é reciclado *e* reciclável, mas com certeza é um ou outro.

A visão de uma pequena caixa de uma joia não ajudou a acalmar os medos de Lilah. Ela fez uma pausa.

– Callum.

– Dá para colocar um monte de coisas em uma caixa desse tamanho – ponderei.

– Callum...

– Abra a porcaria da caixa, Lilah.

Ela suspirou e a abriu.

– Ah.

– Então, eu sei que talvez você já saiba disso, mas a exploração do ouro é desastrosa para o meio ambiente – tirei sarro dela delicadamente enquanto Lilah erguia o colar da caixa. – Aparentemente, para produzir esse pingente e essa corrente, 15 toneladas de resíduos seriam gerados na mineração, sem contar todos aqueles produtos químicos nojentos liberados no meio ambiente durante o processo. E é por isso que *este* colar em particular foi feito com cem por cento de ouro reciclado. As safiras foram extraídas eticamente bem aqui, em New South Wales, e o diamante do meio é reciclado também. Na verdade, é uma relíquia de família. Aparentemente.

Eu me abaixei, tirei o colar da caixa com cuidado e me aproximei para colocá-lo em seu pescoço. Então prossegui:

– Dois jovens malucos se apaixonaram no final dos anos 1930. Eles se casaram e tiveram duas noites juntos antes de o rapaz ser mandado para a guerra. Não havia tempo para alianças, cerimônia, nem nada daquela fanfarronice toda, mas ele prometeu que a recompensaria quando voltasse. Mal sabiam eles que

o jovem não voltaria. Mas ele deixara a mulher com um filho. E esse menino cresceu, comprou *este* diamante e mandou colocá-lo em um anel para a mãe, para honrar a promessa do pai. E aí, é claro, o tempo passou, a mãe morreu e o filho nunca se casou, então, quando morreu, o anel retornou à joalheria.

– Isso é lindo – sussurrou ela, as mãos indo ao pescoço para tocar o pingente.

– A designer só trabalha com joalherias éticas e comprometidas com o meio ambiente e desenhou esta peça com a história do diamante na cabeça, seja lá o que isso quer dizer.

Fechei o colar e dei um beijo suave no pescoço de Lilah antes de soltar seus cabelos novamente.

– Eu só queria que tivesse algo bonito. E que não faria você se atirar do penhasco em um acesso de fúria.

– Não sou tão difícil assim de agradar, sou?

Lilah se virou para mim e passou os braços pelo meu pescoço. Eu a beijei e sorri com os lábios junto aos dela.

– Você é um baita pé no saco na maior parte do tempo.

Encostamos nossas testas.

– Feliz Natal, Callum.

– Feliz Natal, Lilah.

Receber a família para o almoço de Natal era uma tradição para Leon e Nancy, e Peta e Lilah geralmente participavam também. Este ano, pela primeira vez, todos os netos estariam presentes e havia uma magia no ar. Apesar de não celebrar o Natal fazia pelo menos uma década, eu sentia a animação e a alegria do momento.

Nancy estava radiante, em parte por causa do esforço e do calor da cozinha. Quando chegamos, Leon nos levou direto até ela para vermos o espetáculo.

– Ela está cozinhando desde as quatro da manhã – contou ele. – Velha louca, essa aí.

– Você não vai reclamar quando provar as batatas depois.

– Não ousaria. Só não economize na manteiga para mim. Pode me dar a parte da Lilah.

– Vou decidir o rateio da manteiga quando vir o trabalho de vocês dois na tenda.

– Acho que essa é a nossa deixa, Callum – disse Leon, e se dirigiu para a porta.

– Vou ajudar também – ofereceu Lilah.

O colar estava no pescoço de Lilah e ela o tocava e ficava sorrindo. Como foi difícil comprar um presente para ela, eu estava bem confiante de que, no fim das contas, tinha acertado na mosca.

– Lilah, se ele quisesse uma tampinha movida a legumes e verduras para ajudar, teria chamado uma das galinhas.

Ela me deu um tapa brincalhão e eu pisquei para ela enquanto seguia Leon para fora da cozinha sufocantemente quente. A tenda tinha sido montada por uma empresa contratada na tarde anterior, dois ambientes interconectados em forma de L, com espaço suficiente para todos nós nos sentarmos confortavelmente e uma área aberta para as crianças brincarem. Um ar-condicionado industrial foi acoplado em uma das saídas e já bombeava ar frio para dentro. Era um dia sem nuvens, então o calor estaria bem forte – um Natal tipicamente australiano.

Leon e eu montamos duas longas mesas em paralelo em uma das asas da tenda e depois colocamos cadeiras em toda a volta. Ele pendurou festão em torno das janelas de plástico e colocou taças de vinho nos lugares dos adultos e copos descartáveis coloridos para as crianças. Havia um pacote de balões vermelhos e verdes, metade dos quais enchi e deixei no chão no espaço aberto. A outra metade eu enchi em tamanhos variados e coleí em uma das paredes brancas da tenda, para que parecessem bolhas emergindo. Peta chegou quando eu estava terminando.

– Ora, ora, se não é a estrela do momento – disse ela. – Não consigo me lembrar da última vez que vi minha filha tão contente. Que bom que você me ignorou e comprou uma joia mesmo assim.

– Mas não é uma joia qualquer. É o tipo de joia hippie ecologicamente correta de que a Lilah gosta.

– Ela me contou. Me parece uma jogada de marketing para iludir alguém a pagar caríssimo por uma merda de segunda mão. Achei que você, dentre todas as pessoas, teria percebido isso – disse Peta, rindo.

– Mas dou o braço a torcer em uma coisa: a tenda está fabulosa.

– Obrigado, Peta.

– Mas está faltando música. Vamos colocar uns cantos natalinos!

Não demorou muito para ela encontrar uma base para acoplar o iPod e tocar sua *playlist* de canções natalinas bem alto. Os carros começaram a chegar e, daí em diante, era como se uma onda de alegria pairasse sobre nós.

Nos preparativos para o Natal tenho pensado bastante no passado e na minha família. O almoço natalino com a família de Leon e Nancy, contudo, era tão frenético e caótico que me vi totalmente absorto no momento. Rostos e nomes me fugiam; havia tantas pessoas, cada uma apresentada rapidamente assim que chegava. Como eu era o intruso, todo mundo sabia meu nome e todos queriam bater papo comigo. Conheci a assistente social que morava em Melbourne e seu marido servidor público e continuei a maratona até chegar em seu filho adolescente. Ele me mostrou as ilustrações nas quais estava trabalhando em silêncio em um canto, incluindo uma sensacional de Lilah e de mim, que eu pedi para guardar. Conversei por mais de uma hora com o jovem estudante de medicina que Leon e Nancy bancavam e fiquei impressionado com seu foco e sua determinação em trabalhar com assistência médica em países do Terceiro Mundo. Conheci a filha mais nova de Leon e Nancy, que era bombeira, seu marido de fala mansa e sua filha adotiva, Yi-Liang, que, curiosamente, foi o único nome que consegui gravar o dia todo.

Havia uma variedade infinita de pratos deliciosos com carne (Lilah inevitavelmente se servia dos acompanhamentos com legumes e verduras ao meu lado) e o ciclo interminável de canções natalinas no sistema de som. Lilah cutucava a comida, como uma borboleta colhendo pólen, em seu prato entre Peta e eu e conversava com os parentes de Leon e Nancy como se fossem seus irmãos.

Eu nunca tivera um dia assim. Quando a comilança cessou e a limpeza começou, Nancy delegou que Lilah, Peta e eu supervisionaríamos as crianças enquanto os outros adultos fariam a limpeza.

Nós nos acomodamos em cadeiras perto das crianças enquanto elas destruíam o jardim de Leon e Nancy, esguichando água com armas de brinquedo umas nas outras, e riam histericamente. Quando Peta se sentou, ela se manteve cautelosa, como se estivesse fragilizada.

– Comeu demais?

– Sempre – respondeu ela, mas falou em voz baixa, e aquilo, por si só, foi um choque para mim.

Eu não tinha percebido que Peta sabia ser reservada. Olhei para Lilah, que observava as crianças brincarem, uma expressão distante em seu rosto também.

– Vocês duas estão bem?

– Estamos, sim. – Lilah se balançou de leve e sorriu para mim. Depois, respirou fundo. – Dia fantástico, não foi?

– Incrível – respondi.

– Era assim na sua casa quando você era pequeno? – perguntou Lilah.

– Era – falei lentamente. – Era exatamente assim. Um volume insano de barulho e diversão e pessoas aproveitando ao máximo.

Eu me lembrava da expressão no rosto da minha mãe quando abríamos nossos presentes, a expectativa animada de que ela estava prestes a nos impressionar com o presente exato que tínhamos colocado em nossas listas para o Papai Noel – que ela sempre comprava, independentemente de quão

obscuras eram nossos pedidos. Pensei em meu pai, fingindo estar zangado por ter sido acordado tão cedo, depois brigando com os gêmeos pelo direito de entregar os presentes, mesmo que essa tarefa sempre acabasse com ele mesmo. Pensei na câmera que eles compraram para mim quando fiz 13 anos, que custara uma verdadeira fortuna na época, e no carro que apareceu magicamente na entrada de casa na manhã de Natal quando eu tinha 17. Minha mãe fazia assados de todos os tipos, incluindo peru, cuja maior parte acabava na lata de lixo. Quase ninguém na Austrália comia peru naquela época, muito menos um peru inteiro, mas minha mãe nunca deixou de sentir saudades dos Natais gelados de sua infância ou da família enorme que ela tinha deixado em Nova York. E, mesmo quando ficamos mais velhos, até meus pais morrerem, nenhum de nós, os filhos, ousava perder um Natal. Nem eu, mesmo tendo me conformado com a ideia de que eu era, de alguma forma, um agregado simbólico à família.

Mas, de repente, enxerguei minha vida familiar sob uma perspectiva muito mais ampla, e as boas lembranças – as ótimas lembranças – pareceram imensamente maiores do que meus sentimentos de exclusão. Pela primeira vez em anos, senti uma pontada de saudade dos meus irmãos. Houve momentos ótimos em meio à tensão. Talvez, olhando minha vida familiar em retrospecto pelas lentes da maturidade e o filtro das décadas, eu tivesse confundido a proporção daquelas coisas.

– É hora de trocar os presentes – anunciou Peta, sua voz levemente desafinada interrompendo meu devaneio.

Ela tirou um presente devagar da bolsa e Lilah fez o mesmo, com um sorriso insolente no rosto.

– Feliz Natal, mãe.

Lilah entregou seu pequeno pacote e Peta fez o mesmo com o seu embrulho grande e macio.

– Feliz Natal, minha querida – sussurrou Peta.

Havia lágrimas em seus olhos e ela apertou perto do peito a pequena caixa que Lilah tinha dado.

– Ora, vamos lá, mãe.

Lilah tentou rir.

– Não vai ser tão ruim assim. Vamos lá, abra.

Peta engoliu em seco e concordou com a cabeça, e eu fiquei me perguntando se Lilah e a mãe tinham, de alguma forma, encaixado uma discussão em meio a toda aquela diversão. Acariciei os ombros de Lilah, e ela sorriu para mim e começou a abrir o presente.

– Ah, que fofo.

Lilah ergueu o cachecol com a ponta dos dedos, como se pudesse, de alguma forma, se contaminar.

– Angorá de verdade?

– É, sim, querida.

– É... lindo.

Lilah o largou no colo e apontou para o pacote de Peta.

– O que você achou do seu?

Peta segurava um chaveiro. Ela ergueu a sobrancelha para Lilah.

– É bonito?

Peguei-o na mão e o virei. O chaveiro de plástico continha uma foto de uma paisagem linda, um vale com incontáveis eucaliptos ao fundo. O outro lado era parecido, mas, em letras miúdas, difíceis de ler, estava escrito: *Orgulhoso Doador Categoria Platina da Aliança contra o Grisu.*

– Quanto você doou? – perguntei a Lilah baixinho.

– Você não vai querer saber.

Lilah estava entusiasmada.

– Mas é o tipo de presente que continua sendo passado adiante, literalmente, por gerações.

Ela pegou o chaveiro de mim, mas Peta foi mais rápida e o arrancou de volta.

– Ei! – protestou Lilah. – Não é assim que funciona. Não quero seus coelhos torturados e você não pode ficar com os dois.

– Posso – disse Peta.

Ela franziu a testa de maneira severa para Lilah e eu fiquei me perguntando que diabos eu teria perdido que havia incitado aquela agressividade entre as duas.

– E vou.

Mãe e filha se encararam por um instante, e eu me encolhi e coloquei a mão no bolso.

– Talvez você possa devolver a Lilah o chaveiro vagabundo em troca disso aqui. Feliz Natal, não sogra biruta.

Como eu esperava, Peta se distraiu o suficiente para pegar o pacote da minha mão e olhar para ele por um momento.

– Callum! Nem pensei em comprar um presente para você. Me sinto péssima.

– Não se sinta – falei.

O dia já estava completo para mim. Eu não precisava de absolutamente nada além daquilo.

– É da mesma designer que fez o seu colar – contei a Lilah enquanto Peta tirava dois brincos enormes e brilhantes do pacote e os colocava nas orelhas.

Eram ostensivos, chamativos e ridiculamente brilhantes – a combinação perfeita para sua nova dona. Como o pingente de Lilah, eram feitos de material reutilizado, porém, continham duas pedras enormes de vidro que imitavam pedras preciosas.

– São incríveis, Callum.

Peta tinha lágrimas nos olhos e então, para a minha surpresa, engoliu um soluço de choro.

Peta me puxou para um abraço e eu a senti tremer.

– Você está bem, Peta?

Fiz um carinho hesitante nas costas dela.

– Só me dê um minuto para me recompor – sussurrou ela. – Não quero que as crianças me vejam chorando e fiquem chateadas.

– Caramba, quanto drama – disse Lilah, que parecia estar com os olhos marejados também, mas se levantou e apontou para a guerra de água. – Vocês, meninas, podem ficar sentadas aí choramingando. Eu vou travar uma batalha com crianças inocentes.

Foi um pouco constrangedor quando ela saiu, mas tentei confortar Peta da melhor maneira que pude, visto que eu só podia presumir que ela tinha abusado do champanhe no almoço ou talvez estivesse pensando no marido.

– Desculpe – disse Peta após alguns instantes. Ela se endireitou, limpou o rímel escorrido por todo o rosto e observou Lilah perseguir as crianças no jardim. – Tem sido um dia difícil. Mas seu presente foi tão atencioso. Obrigada, Callum. E obrigada por fazer minha filha tão feliz. Achei que nunca fosse vê-la tão feliz assim, para falar a verdade.

As lágrimas rolaram de novo. Fiz um carinho na mão dela, sem querer parecer superior.

– Ela é especial – falei suavemente. – E um pesadelo teimoso e obstinado às vezes. Vocês duas brigaram?

Peta engoliu em seco e se levantou.

– Acho que tenho espaço suficiente em meu estômago para mais uma taça de champanhe. Já volto.

Agora que estava sozinho, dei uma olhada ao redor, para as crianças, e depois de volta para o caos de vinte adultos, todos tentando limpar a mesa ao mesmo tempo. Suspirei com uma espécie de contentamento orgulhoso. Tinha sido inesquecível.

Peta decidiu dormir na casa de praia. Ela murmurou algo sobre ter tomado vinho demais no almoço para voltar dirigindo e caminhou com o braço enganchado no de Lilah até atravessarmos a via da entrada.

Elas andavam lentamente e eu estava distraído, pensando em quanto eu tinha gostado do caos do dia e como eu menosprezara aquela celebração. Pensei novamente em meus irmãos e fiquei tentando imaginar o que eles estariam fazendo. Ed devia passar o Natal com a esposa e talvez com a família dela. E quanto a Will? Será que ele tinha uma namorada ou havia passado o Natal sozinho como eu costumava fazer, o excesso de alimentos congelados sendo seu único indicativo de feriado?

E então minha mente se voltou para o futuro e fiquei me perguntando se eu estaria ali de novo em doze meses, e o que Lilah e eu estaríamos fazendo nessa época. Meu apartamento estaria pronto. Será que eu o venderia e iria morar com ela? Será que eu conseguiria convencê-la a reconsiderar ter filhos? Será que decidiríamos nos casar?

O futuro parecia tão brilhante, cada possibilidade mais deliciosa que a outra. Eu tinha mudado muito nesses últimos meses e pouco a pouco ficava em paz com minha ideia deturpada de família, começando a sonhar em iniciar a minha própria pela primeira vez na vida.

Meus pensamentos vaguearam, mas meus passos não, e enquanto as mulheres se demoravam, caminhei à frente delas. Era fácil me distanciar da conversa quando Peta estava lá, especialmente depois da tensão entre as duas durante o almoço.

Eu me encontrava na porta da frente quando olhei para trás e vi Lilah e Peta se abraçando. Elas tinham parado a uma distância considerável da casa e levei um minuto para perceber que as duas estavam com aquele tremor de corpo inteiro que só acontecia quando chorávamos. Sorri, assumindo que mãe e filha deviam compartilhar algum momento natalino tocante enquanto colocavam tudo para fora e me virei de volta para a casa.

25 de dezembro

Não há mais dúvida.

Eu gostava da dúvida. Gostava da possibilidade de que minha remissão – meu milagre – não viesse com uma data de validade. Ninguém nunca teve uma remissão dessa doença antes, o que significava que ninguém sabia o que esperar. Eu gostava de pensar que estava curada. Precisava viver como se estivesse.

Minha mãe se aproximou de mim no almoço de Natal e segurou minha mão. Ela apertou forte demais e, no começo, eu não entendi, até que ela a soltou com a mesma rapidez e vimos que minha mão se contorcia de leve em cima da mesa. Nunca conseguia sentir a coreia a não ser que estivesse prestando atenção. É fraca por enquanto; a maioria das pessoas provavelmente pensaria que só estou me livrando do excesso de energia. Mas não é nervosismo. Não posso controlar. Vai ficar pior. Vai me consumir.

Suponho, contudo, agora que a esperança está desaparecendo, que posso ser honesta comigo mesma. Seis meses atrás, na maior parte do tempo, eu tinha certeza de que estava bem e, desde então, tenho me sentido diferente. Em algum nível, eu sabia, o que torna a minha atitude com Callum ainda mais covarde.

As pessoas vivem com doença de Huntington por décadas e levam vidas plenamente satisfatórias. Elas têm filhos, carreiras, casamentos, hobbies, conquistas, diversões. Se eu contasse a Cal neste exato momento, ele ficaria chocado, mas aí faria uma das suas malditas pesquisas no Google e dentro de meia hora estaria cheio de esperanças e fazendo planos de novo. Vai ser um declínio lento, ele argumentaria, e podemos aproveitar ao máximo o tempo que temos juntos. Podemos tentar mais tratamentos experimentais. Vamos encontrar um caminho. Juntos.

Se já não tivesse visto duas pessoas importantes para mim se desintegrarem por conta dessa doença, eu acreditaria nisso e continuaria prendendo Callum, mantendo-o na minha vida. Eu pararia de fingir que não estava completamente apaixonada por ele. Iríamos morar juntos, viajaríamos juntos e talvez eu acabasse me casando com ele, no fim das contas.

A única indulgência que permiti a mim mesma com essa doença foi ter deixado Callum entrar na minha vida. Esse relacionamento era uma pista escorregadia. Evoluiu com tanta rapidez que, quando percebi o que estava acontecendo, não queria parar de cair. Era como uma recompensa luxuosa por ter sobrevivido tão bem durante todos esses anos.

Mas agora basta. A recompensa, o conforto que eu teria nos últimos meses ou anos, nem chegariam perto da dor que ele sentiria. Vi a luz e a vida nascerem em Callum com o passar do tempo enquanto ele engatinhava para fora de sua concha. Eu me recusava a ser a pessoa que o faria retornar para lá.

E não estou bancando o mártir. Não quero que ele me veja acabada. Quero que se lembre de mim como sou hoje. Gostaria que Callum levasse as lembranças de todos esses meses consigo pelo resto de sua vida e continuasse a crescer. Se em dez anos ele por acaso olhar para as nossas fotos juntos aqui na casa de praia, fazendo mergulho, voando de *parasail* ou na galeria de arte, quero que Callum sorria, pense em mim com carinho, sinta a minha falta. Não consigo suportar a ideia de que ele veja essa mesma

foto e sua mente retorne à clínica onde estou deitada toda contorcida, convulsionando e babando no travesseiro. Nunca vou querer que ele troque a bolsa do meu cateter ou me alimente por uma sonda ou tenha que repetir seu nome constantemente.

E sim, talvez seja egoísta da minha parte, mas eu adoro o modo como Callum olha para mim. Há uma adoração ali e a recíproca é verdadeira. É sagrado. Quero me lembrar desses bons momentos, não do que virá depois.

Quando contei à minha mãe que eu teria que dispensá-lo agora, ela implorou que eu reconsiderasse. Ela queria que eu contasse a verdade a Callum e o deixasse decidir por conta própria. Estávamos andando pela via de entrada da casa e ele seguiu na nossa frente e desapareceu lá dentro. Minha mãe e eu ficamos do lado de fora por uma hora e choramos, e ela argumentou por um bom tempo que o amor dele me faria bem. Mas acho que até mesmo ela conseguia entender o meu lado no fim das contas. Ela, dentre todas as pessoas, deveria entender.

Mais tarde, percebi que Cal trocava mensagens com os irmãos enquanto eu e minha mãe conversávamos. Ele estava muito animado por ter entrado em contato com eles e eu senti muito orgulho dele. Eram pequenos passos, mas Callum estava se soltando, fazendo suas próprias conexões, e eu espero ter sido uma pequena parcela disso. Que legado brilhante para deixar para trás, talvez o meu melhor – Callum Roberts, essa alma inteligente, generosa e educada, havia percebido que tem algo a oferecer aos outros.

Por nós dois, vou consertar isso agora, antes que se inicie essa nova e última fase da minha vida. Mas, primeiro, vou dar a mim mesma alguns últimos dias para dizer adeus.

Eu tinha questionado e enchido o saco de Lilah quanto à tensão entre ela e a mãe no Natal. Era como se uma nuvem tivesse se instalado sobre a cabeça dela e eu não fazia ideia do que se tratava.

Ela estava descansando muito, o que era, afinal, o que eu queria que Lilah fizesse por um bom tempo, mas não era isso que eu imaginara. Eu havia imaginado que ela estaria lendo livros no sofá com a brisa do mar soprando e um sorriso contente no rosto. Em vez disso, ela ficava sentada no escritório olhando para o computador por horas a fio. Quando eu perguntava se Lilah estava bem ou se queria fazer algo comigo, ela ficava brava. O temperamento brusco estava sempre alerta e pronto para atirar, fervendo lentamente logo abaixo da superfície o tempo todo.

Mas ela continuava se deitando na cama e se aconchegando em mim todas as noites, como sempre tinha feito. Eu sabia que Lilah estava chateada com alguma coisa – mas parecia que essa *coisa* não era eu. Para falar a verdade, eu achava que entendia por que, mesmo com todas as peculiaridades de Peta, as duas eram bastante próximas, e era fácil imaginar que qualquer conflito entre as duas deixaria Lilah angustiada. Parece que minhas suspeitas se confirmaram quando a ouvi falando ao telefone com Peta uma noite quando voltava para casa de uma caminhada.

– ... eu só quero ficar sozinha com Callum agora, está bem?

O sussurro apressado dela viajou pela quietude da noite e eu bati a porta com força extra para que ela soubesse que eu estava em casa.

Lilah desligou o telefone e resmungou, e eu tentei mais uma vez estimular que ela desabafasse.

– Talvez você se sentisse melhor se conversasse sobre isso, Ly.

– Callum – grunhiu ela novamente, dessa vez direcionando-se a mim –, não quero falar sobre isso, porra! Eu aviso se mudar de ideia. Você pode, por favor, parar de me perguntar?

– Se é isso que você quer... – Suspirei. – Eu me preocupo com você, então, quando vejo que está infeliz, quero ajudar. Desculpe se isso a irrita.

Eu me preparei para o impacto da raiva dela e fiquei surpreso quando sua expressão mudou. A respiração de Lilah ficou pesada e contida. Ela estava com dificuldade para se controlar, mas, em vez de raiva, havia agonia em seus olhos.

– Só preciso de um tempo sozinha. Tenho muito em que pensar.

Uma onda minúscula de inquietação bateu dentro de mim. Tinha algo a ver com o arqueado de seus ombros, a dor confusa que eu podia enxergar nela, a maneira como se mantinha distante de mim. Parece ingênuo, vendo em retrospecto, mas afastei aqueles pensamentos assim que eles surgiram. Eu estava tão certo de ter encontrado meu “final feliz” e tão confiante no nosso vínculo. Se algo estivesse realmente errado, ela me contaria quando estivesse pronta e superaríamos a situação juntos. Na verdade, mesmo se eu estivesse certo e o afastamento estranho dela se relacionasse apenas a uma briga com a mãe, ela me contaria em breve.

– Estou tentando lhe dar um pouco de espaço – falei, com a maior delicadeza possível.

– Você está. Eu sei. Eu agradeço.

– Se precisar de alguma coisa, estou aqui.

Lilah engoliu em seco e se aproximou lentamente para me dar um beijo no rosto.

– Eu sei.

Mas ela passou por mim, saiu da cozinha e foi até o deque. Depois de um tempo, abri uma garrafa de vinho e fui atrás dela. Servi uma taça para ela em silêncio e me sentei ao seu lado.

Ficamos sentados ali por um bom tempo, até bem depois de ter escurecido completamente. Sem dizer nada, Lilah pegou minha mão e me guiou pelos degraus até a área gramada entre a casa e o precipício.

Ela ergueu a cabeça para olhar o céu. Olhei para cima também.

– Viu? – murmurou ela. – Nenhuma poluição de luzes. Você só enxerga o que realmente é quando não há a névoa da cidade na sua frente.

Parecia que toda vez que eu olhava para o céu noturno percebia que havia mais coisas para ver. Lilah tinha razão. A visão noturna que tínhamos da propriedade em Gosford era incomparável. Ficamos ali por um tempo até que uma estrela cadente brilhou sobre o mar. Será que aquele papo de fazer um pedido para uma estrela cadente era mito? Não tinha certeza, mas fiz mesmo assim.

Quando voltei a olhar para Lilah alguns instantes depois, seu rosto iluminado pelas estrelas estava calmo, e eu senti que fosse lá o que estivesse acontecendo, o pior com certeza tinha passado.

Os últimos dias antes do ano-novo foram diferentes outra vez. Lilah ainda passava muito tempo sozinha, mas parecia que a raiva dela havia se esgotado. Ela tinha espaço para mim agora e, apesar de ficar em silêncio, se sentava comigo enquanto eu lia ou me ajudava quando eu fazia algo para Nancy e Leon na horta. Pensei que Lilah estivesse melhorando. Achei que fosse só uma questão de tempo até ela explicar tudo.

– Amanhã é seu aniversário.

O lembrete cantado de Lilah foi quase uma surpresa. Acho que eu sabia que a data estava se aproximando, mas não era uma prioridade. Tinha me distraído pela tensão e me concentrado apenas nela e nas nossas férias juntos. Envelhecer mais um ano parecia um pequeno detalhe.

– É.

– Você não parece muito animado. Vai fazer 40 anos, sabia?

– Estou ciente disso.

Dei uma risada e me levantei do balcão de refeições onde estava lendo um livro e tomando café da manhã. Lavei a louça e fui até a porta da frente.

– Organizei uma surpresa.

– Não precisava, Lilah. Mesmo. Não estou interessado em comemorar – falei, enquanto pegava meu chapéu na chapeleira e saía.

Mas na verdade eu estava feliz – não pela surpresa, mas pela alegria na voz dela.

– Vai ter uma crise da meia-idade, então? – gritou Lilah para mim.

– Não é para isso que estão servindo essas férias? – urrei de volta para ela, deixando a porta bater atrás de mim enquanto eu saía para arrancar umas ervas daninhas.

Acordei no dia do meu aniversário e encontrei Lilah na cozinha fritando bacon.

– Deus do céu. Você enlouqueceu de vez – comentei, perplexo.

– Feliz aniversário, Callum.

– Bacon? Você?

– E ovos. Não vou comê-los, é claro. Mas você pode.

Fiquei parado atrás de Lilah e a envolvi em meus braços.

- Que mimo inesperado.
 - Sim. Era o que eu esperava.
- Ela fez uma careta quando virou a carne na frigideira.
- Dormiu bem?
 - Dormi, sim.
 - Ótimo. Hoje vai ser um longo dia.
 - Ahn?
 - Tenho uma surpresa para você hoje à noite.
- Ela se virou para me dar um beijo no rosto.
- Preciso esperar até a noite?
 - Sim.
 - E se eu não conseguir esperar?
 - Pior para você – respondeu Lilah, dando de ombros.

Nancy tinha me pedido para revirar a terra em uma parte da horta a fim de prepará-la para o plantio. A casa lançava uma sombra sobre a área durante a manhã, então, após o café, passei algumas horas sujando as mãos. A temperatura beirava os 40 graus quando o sol estava a pino no céu e, depois de um banho rápido, me acomodei debaixo do ventilador da sala com meus guias turísticos da Lonely Planet e uma bebida gelada. Lilah tinha passado o dia todo cozinhando e eu percebi, um tanto impressionado, que ela havia planejado uma espécie de jantar para mim.

Logo depois das quatro, ela desapareceu dentro do quarto. Bocejei, me espreguicei e a segui.

- Então, qual é o plano?
- Plano?

O tom de voz dela era suave, provocador. Havia um vestido elegante azul em cima da cama e o colar que eu tinha dado a ela de Natal ao lado. Ergui as sobrancelhas.

- Você vai ficar linda com isso.
- Fico mesmo – confirmou ela. – Melhor você se vestir. Precisamos sair logo.
- Sair?

Com toda a comida que Lilah tinha feito, achei que ficaríamos em casa.

- Você me ouviu. Vista algo elegante.
- Eu não trouxe nada elegante.
- Então tome uma droga de um banho e vista algo limpo – disse ela, rindo.

Logo percebi que estávamos retornando à cidade. Lilah tinha enchido o banco de trás do carro com uma pequena bolsa térmica e uma caixa com algumas garrafas de vinho. Ela insistiu em dirigir e tagarelava enquanto o carro seguia para o sul, ignorando completamente minhas perguntas quanto ao nosso destino.

O distrito financeiro de Sydney é um pesadelo na noite de ano-novo. Mais de um milhão de pessoas lota as orlas do porto para ver os fogos de artifício e o tráfego fica engarrafado já às cinco e meia da tarde. Levamos quarenta minutos para chegar ao apartamento de Lilah.

– Vamos para o seu escritório? – perguntei, rindo. – Já entendi o seu plano, você vai me fazer ficar sentado nos fundos de uma sala de reuniões com o vinho e a comida para que eu me mantenha entretido enquanto você participa de uma reunião.

O sorriso dela foi irônico. Lilah apertou o controle remoto em seu chaveiro e o portão da garagem

subterrânea se abriu. Ao lado da porta do elevador, havia uma vaga de garagem com seu nome. Ela estacionou e apontou para o banco de trás.

– Espero que você tenha trazido seus músculos.

– Por quê?

– Temos uma pequena caminhada pela frente e você precisa carregar o vinho.

Nós nos juntamos aos itinerantes nas ruas. Lilah apontou na direção do Circular Quay, a apenas algumas centenas de metros dali, e caminhamos lentamente na direção da baía. Ela usava sandálias de tiras com um pequeno salto, e antes mesmo de chegarmos ao final da quadra, Lilah parou, sentou-se na caixa térmica e as tirou em silêncio.

– Desculpe, Callum. Sei que é seu aniversário e eu realmente pretendia usá-las a noite toda, mas...

– Tudo bem. – falei, abrindo um sorriso. – Talvez eu tenha até me acostumado, sabia?

Lilah me olhou surpresa, então enfiou as sandálias na bolsa e continuou na direção do terminal de balsas. Quando nos aproximamos do cais, ela continuou andando reto, caminhando na direção leste do terminal, ao lado da Opera House. A multidão era incrivelmente densa, mal se movendo enquanto as pessoas formavam filas na esperança de encontrar um lugar nas áreas reservadas da orla para ver os fogos de artifício na baía mais tarde. Havia crianças tão animadas que ficavam pulando ao lado dos pais como se estivessem em trampolins, em vez de em cima do cimento, e adolescentes se esforçando ao máximo para parecerem indiferentes. E no meio de toda aquela juventude e animação estavam os adultos, se esforçando ao máximo para parecerem tranquilos, mas até eles traziam um sorriso nos lábios e um brilho nos olhos.

Eu adorava a cidade e adorava a maneira como festejavam o ano-novo. Era toda a alegria do jantar de Natal na casa de Leon e Nancy em uma escala municipal.

Ainda não fazia ideia do que Lilah estava aprontando, até que ela apontou para um ponto de táxi aquático.

– Intrigante.

O taxista-comandante nos ajudou a entrar no pequeno barco e Lilah murmurou nosso destino baixinho para ele. Seguimos na direção da baía, traçando uma linha direta para o norte de Sydney, do outro lado da Harbour Bridge. Ainda estava quente, mas o barco-táxi era tão pequeno que não tinha quase nenhuma proteção contra o vento enquanto nos movíamos, oferecendo um leve alívio ao sol escaldante. Milhares de embarcações já estavam na água, brigando pelos melhores lugares para a famosa exibição dos fogos e o táxi costurou para lá e para cá para evitá-las.

– O que você está aprontando? – perguntei a Lilah. – Não achei que você fosse do tipo que gosta de fogos de artifício. Se o custo não a deixa mortificada, certamente a fumaça resultante deixa.

– Esta noite não é para mim – disse ela, dando de ombros. – Não parecia justo que você fizesse 40 anos nada menos do que na noite de ano-novo sentado em uma fazenda comendo comida de coelho comigo.

– Isso teria sido completamente satisfatório. Quase divino.

Ela meneou a cabeça.

– Pensei em algo melhor.

O táxi aquático atracou no cais norte de Sydney. Assim que desembarcamos, Lilah apontou para outro barco mais adiante.

A embarcação era pequena, um pontão luxuoso, com a base reta e um círculo de cadeiras estofadas brancas na parte de trás. Uma mulher de uniforme estava esperando no cais, um homem com roupas

informais encontrava-se sentado na frente, ao lado do volante. Havia uma pequena mesa no meio e, ao lado dela, uma caixa de gelo aberta, esperando pelo nosso vinho.

– Caramba – falei, assobiando. – Isto é incrível. Como você organizou tudo?

– Um favor pessoal do dono – disse a comandante enquanto pegava a bolsa térmica de Lilah e lhe dava um beijo no rosto. – Feliz ano-novo.

– Callum, esta é Paige. Paige, este é Callum.

– Que baita favor – falei. – Prazer em conhecê-la, Paige.

– Lilah e meu patrão fizeram faculdade juntos – informou Paige.

Ela pegou a caixa das minhas mãos e entrou na embarcação para colocar o vinho no *cooler*.

– Ele também é um velho cliente dos meus tempos de direito corporativo. Eu o ajudei com algumas questões legais há alguns anos. Ele me devia um grande favor. Pensei que esta seria uma boa oportunidade de cobrar – explicou Lilah. – Gostou?

– É incrível – respondi, puxando-a para perto para lhe dar um beijo. – Não acredito que fez isso por mim.

– Até cozinhei mais carne para você – disse ela, fazendo uma careta. – Então é melhor você achar bom mesmo.

– Estou achando – falei. Olhei para o barco e para a baía de novo e balancei a cabeça. – Você é maravilhosa.

– Sou apenas bem relacionada – concordou ela.

– Este é meu parceiro, Lewis – informou Paige, e o jovem no barco acenou e gritou um cumprimento.

– Espero que vocês não se importem, ele vai ficar sentado lá na frente me fazendo companhia.

– Fiz comida suficiente para vocês dois também – disse Lilah. Ela apertou minha mão e entrou com cuidado no pontão. – Vamos! Quero ver a baía antes de termos que ancorar e esperar pelos fogos.

Passamos as duas horas seguintes navegando rapidamente para lá e para cá pela baía, acenando para os festeiros em outras embarcações, comendo o piquenique que Lilah tinha preparado e bebendo o vinho que ela havia trazido. Paige e Lewis ficaram na deles na maior parte do tempo, ocasionalmente indicando pontos de interesse ou embarcações ou se juntando a nós para comer antes de voltar para a proa do barco.

– Passei o ano-novo na baía quando estava na faculdade – contei a Lilah.

O sol estava começando a se pôr e seus raios não eram mais nocivos, deixando apenas o brilho dourado do crepúsculo iminente. Ao nosso redor, barcos de festa e embarcações menores estavam animados com o barulho das comemorações. Havia algo de marcante no ano-novo na baía de Sydney. Como um dos primeiros lugares do mundo a virar o ano, sempre era um evento enorme.

– Eu não estava em um barco tão chique quanto este. Na verdade, era um daqueles barcos nojentos com bufê de frutos do mar, com comida e bebida à vontade. Um dos meus amigos vomitou em mim.

Tinha sido a namorada dele, na verdade, mas eu não me lembrava do nome dela, apenas da mancha de vinho tinto na frente da minha camiseta.

– Que maravilha – disse Lilah, rindo.

– Você não adora a maneira como toda a cidade sai às ruas para o ano-novo?

– Sinceramente? O desperdício... quase me deixa louca.

Lilah fez uma careta. Depois, sua expressão ficou mais suave.

– Mas... lembra que você me disse que a cidade o energiza?

Assenti com a cabeça. Claro que eu lembrava, mas estava surpreso por ela também recordar.

– Eu sabia que você iria adorar isto.

Ela gesticulou com o braço à sua frente.

– Ser uma pequena figura em um pequeno barco, engolido pela enormidade da cidade e da multidão. Parecia a maneira perfeita de recrutar um novo ano cheio de possibilidades. Meu escritório geralmente dá uma festa para os clientes. Eu quase levei você lá.

Ela sorriu quando fiz uma careta.

– Mas aí, é claro, me lembrei de que eu, na verdade, *gosto* de você. A Tison também faz essa coisa de festa de fim de ano?

– Sim, faz. Acho que é uma espécie de tradição. Fico feliz por estar de férias. É um daqueles eventos de networking intermináveis que você gostaria mesmo é de remediar com álcool para entorpecer a dor do papo furado com dezenas de clientes, mas precisa se comportar direitinho.

Eu fui às festas de fim de ano da Tison todos os anos desde que tinha me formado. Não era o tipo de evento do qual eu podia, alguma vez, optar por não participar, com exceção destas férias felizmente planejadas.

– Minha firma é moderada, mas, ainda assim, é exigente. Só clientes acima de certo nível são convidados, e só servem lagosta, caviar, vitela e coisas do tipo. É um pesadelo. Quando decidimos ir para a fazenda este ano, eu disse a Alan que não poderia comparecer, então ele insistiu que Bridget, Anita e... – Ela divagou, franzindo a testa de repente.

– O que foi? – perguntei.

Segui o olhar de Lilah, mas ela estava olhando fixamente para as caixas de comida na mesa de piquenique e nada parecia fora do comum ali. Vóltei a olhar para ela, parecia contorcida com o esforço de seja lá o que a estivesse imobilizando.

– Anita e... – repetiu ela. E de novo: – Bridget, Anita e...

– Liam – falei, me referindo a um dos dois assistentes dos quais ela vivia reclamando. – Você não acha engraçado eu saber o nome dele sem nunca tê-lo conhecido? Acho que você precisa de mais vinho, ou de menos, Ly.

– Mais. Definitivamente mais. Pode encher minha taça?

Fiz o que ela pediu, mas uma névoa surgiu acima da bolha despreocupada em que eu me encontrava. Eu explicava todas essas pequenas coisas nos últimos meses como um reflexo por Lilah estar exausta e esgotada. Juntas, elas formavam um contexto maior que eu não conseguia decifrar direito. Sabia que havia algo de errado com ela. Ficamos em Gosford por duas semanas inteiras e Lilah fez pouco mais que ficar de pernas para o ar, daquele jeito estranho que ela tinha de se desligar de tudo quando estávamos na fazenda. Eu havia esperado que ela fosse ficar afiada de novo. Pensei que o restante do tempo iria deixá-la focada outra vez e ela estaria a ponto de bala, mas não havia como negar que Lilah ainda tropeçava, senão nos próprios pés, em suas próprias palavras.

Ficamos sentados em silêncio por um bom tempo e eu a fitei.

– Você está bem, Ly? Não tem parecido com você mesma ultimamente.

Lilah não demonstrou nem um pouco de incômodo com a minha pergunta. Ela deu de ombros e disse:

– Nem você, sabia? Você tem feito reparos e jardinagem, tirado fotos e até trocado mensagens com seus irmãos. Foram ótimos meses para nós dois.

– Então você acha que só está esgotada?

– Você tem tentado fazer com que eu relaxe mais, eu sei disso.

Ela me lançou um olhar severo. Ri e concordei com a cabeça.

– E se não houvesse algo precioso nisso, eu jamais teria deixado você se safar. Estou levando as coisas numa boa durante essas férias. Você não precisa se preocupar comigo, está bem?

– Eu gosto de me preocupar com você.

– Não ouse arruinar essa surpresa elaborada de aniversário com conversas sérias sobre reduzir o ritmo e ir com calma – disse ela de repente. – Sirva o champanhe e vamos voltar a festejar.

Lilah tinha razão e eu estava certo de que haveria outra hora. Fui pegar o champanhe.

A escuridão se instalou pouco antes dos fogos de artifício das nove da noite, especialmente destinados às famílias. Os gritos de centenas de milhares de pessoas na água e na orla eram a trilha sonora de um show de luzes espetacular que explodia acima de nós. A Harbour Bridge estava inundada de cor, um arco-íris de luz. Talvez os fogos de artifício do ano-novo fossem a maneira de Sydney se arrumar para seus adoradores – pessoas que, como eu, enxergavam sua beleza todos os dias, mas paravam para apreciá-la apenas uma noite no ano.

– Isso foi incrível – falei suavemente.

Olhei para baixo, para Lilah, o reflexo dos arco-íris dançando em seus olhos.

– Você está olhando para o lado errado! – protestou.

Ela estava toda risonha depois de algumas horas de vinho e com todo o clima entusiasmado da multidão, e havia um júbilo infantil em seu rosto. Talvez a parte ecologicamente sensível dela pudesse ser sedada pelo espumante, porque Lilah estava realmente curtindo os fogos e eu amei vê-los em seus olhos. Segurei o rosto dela com as mãos.

– Obrigado, Lilah.

Então me abaixei para beijá-la. Todas as coisas que eu sabia que ela não queria ouvir – quanto eu amava, quanto eu era grato pela alegria que trouxera para a minha vida, quanto eu estava feliz naquele momento – estavam presentes no meu beijo. E melhor ainda: eu podia sentir, na maneira como Lilah me beijou de volta, que ela se sentia exatamente da mesma forma.

Voltamos para a fazenda na tarde seguinte. No carro, Lilah estava quieta e eu disse a mim mesmo que era só porque ficamos acordados até tarde, mas enquanto jantávamos eu finalmente reconheci que ela tinha voltado a falar quase nada de novo.

– Puta merda. – Ela largou o garfo de repente e esfregou as mãos no rosto. – Desculpe, Cal, só estou distraída... Só... eu realmente preciso trabalhar um pouco naquele novo caso agora. Você se importa se eu pular o resto do jantar e for adiantar as coisas antes de irmos para a cama? É um trabalho preparatório. Leituras prévias. Precisa ser feito e isso está me deixando louca.

Lá estava de novo, o pequenino bipe no meu radar instintivo. Apesar do estereótipo de sua profissão, Lilah não mentia muito bem.

– Não pode esperar mesmo?

Ela meneou a cabeça devagar, o sulco entre seus olhos ainda mais profundo. Hesitei, um debate interno acontecendo em velocidade acelerada enquanto eu tentava descobrir se devia chamar a atenção dela e pressioná-la sobre o que estava acontecendo ou deixar para lá.

– Então vá, Lilah. Seja lá o que for.

Ela afastou a cadeira e saiu. Assisti a uma comédia idiota na TV por pouco tempo até o longo dia começar a pesar em mim e eu perceber que precisava ir para a cama. Parei na porta do escritório dela e a vi sentada à mesa, um pé enfiado embaixo do corpo, olhando fixamente para o teto.

Perguntei o que achei que seria lógico.

– Problemas com a internet ou com o caso?

Ela se assustou e se virou para mim com uma carranca. Ela tinha prendido o cabelo em um coque

bagunçado com um lápis e, sem maquiagem, parecia exausta. A carranca desapareceu depressa e foi substituída por uma tristeza da qual eu não gostei nem um pouco.

– Para falar a verdade, a internet está bancando a boazinha hoje. Gostaria que não estivesse.

A tela atrás dela continha centenas de linhas de texto miúdo, então eu decidi que devia ter interpretado mal os sinais mais cedo e talvez Lilah estivesse me contando a verdade no fim das contas. Eu sabia que o caso que ela ia pegar quando voltasse das férias era grande.

– Tem alguma coisa que eu possa fazer? – ofereci gentilmente.

A mão que estava no rosto dela desabou, mas seus olhos estavam fechados, e Lilah balançou a cabeça silenciosamente outra vez, soltando uma mecha de cabelo de seu coque precário, que caiu sobre o ombro.

– Você está bem?

Agora eu estava preocupado. Parecia que Lilah ia chorar. Eu só a vira chorar no dia que ela perdeu o caso Hemway e não sabia se eu tinha lidado bem com aquilo na época. Seus olhos azuis se arregalaram e ela me deu um sorriso cintilante.

– Desculpe, Cal. Está tudo bem. Eu só... *Deus*. Eu só queria algo *diferente* nessas semanas. Acho que vou ter que ir à cidade amanhã.

– Só durante o dia?

Ela confirmou com a cabeça.

– Está bem, amor. Vou deixar você se concentrar. Boa noite.

– Obrigada, Cal. Boa noite.

Lilah saiu cedo. Enquanto estava fora, pudei as plantas, caminhei, li, dormi. Ela voltou depois que o sol tinha se posto e parecia ser a Lilah de sempre.

– Resolveu o problema? – perguntei.

Ela soltou uma risada cruel.

– Quem me dera.

Mas aquele foi o fim da nossa discussão. Fomos para a cama juntos e fizemos amor. Sempre era incrível com Lilah, mas havia algo pungente aquela noite e mesmo na hora eu soube. Ela havia repousado no meu peito depois, lágrimas suaves rolando de seus olhos na minha pele. Em um primeiro momento, não achei que deveria dar atenção àquilo, mas depois de alguns minutos, pequenos tremores chacoalhavam o corpo dela e isso não podia ser ignorado.

– Tem certeza de que está tudo bem? – perguntei.

Alisei as costas dela, beijei seu cabelo, abracei-a com toda a força. Eu só queria que Lilah soubesse que eu estava ali, apesar, é claro, de não parecer haver um jeito de eu poder ajudá-la com o trabalho, e ainda assumia que esse fosse o problema.

– Às vezes, as coisas não estão bem e não há nada que você possa fazer a respeito.

A voz dela era triste e fraca.

A intuição que me dizia que alguma coisa estava errada falava mais alto – e aumentava a cada segundo. Tentei encontrar o equilíbrio perfeito entre pressioná-la a conversar comigo e deixá-la resolver a situação por conta própria, mas algo na angústia da voz de Lilah quase me deixou em pânico.

– Fale comigo, Lilah, por favor.

– O que você quer que eu diga?

– Se você pudesse me dizer por que está chorando, acho que seria um bom começo.

– Estou chorando porque quero que a vida seja um conto de fadas e não é.

– Lembra o que você me disse, alguns meses atrás, sobre tudo ter um lado bom e um lado ruim?

– Eu não sabia o que estava dizendo.

O desdém consigo mesma não era uma característica natural dela e aquelas palavras pareceram vazias.

– É claro que sabia. Você sempre sabe. Tire o dia de folga amanhã. Esqueça as suas leituras. Você pode fazer isso depois. Talvez você só precise de mais folga. Além disso, você está tecnicamente de férias, sabia?

– Não. Não tem mais como evitar – disse ela. – Preciso fazer isso.

– Bom, talvez depois de amanhã, então.

– Lembra a noite em que fomos até Shelly Beach e eu o obriguei a entrar na água comigo?

– Claro que lembro. Nunca vou esquecer.

– Aquela noite foi *tudo de bom*. Para mim, digo.

– Para mim também.

Ela me beijou uma última vez e, então, deu boa-noite. Eu sabia que Lilah costumava ter insônia e volta e meia eu a ouvia acordada e andando para lá e para cá. Naquela noite, ou ela fingiu dormir imediatamente ou apagou – e fui eu quem ficou acordado olhando para o teto.

Foi no café da manhã que percebi que Lilah não estava chateada por causa de uma briga com a mãe. Nem distraída com o caso. Havia algo errado e era entre nós.

Ficamos sentados no banco da cozinha, como geralmente fazíamos na casa de praia. Lilah estava calada outra vez, e assim que terminamos nossos cafés e eu mencionei que ia sair para fazer a poda, ela segurou o meu braço.

– Callum – disse ela.

Aquele tom era novo. Era frio na intensidade que ela tinha sido calorosa todos esses meses. A Lilah profissional estava de volta, e eu notei que ela havia voltado para partir meu coração.

– O que foi?

Minha voz estava sufocada. Pigarreei.

– A gente está se enganando. Eu disse a você que isso não seria algo eterno e nós precisamos terminar agora antes que alguém se machuque.

– Antes que alguém se machuque?

Eu não conseguia acreditar no que tinha ouvido. Nem nas palavras dela nem no som vergonhosamente dolorido de meu próprio choramingo agudo.

– Você acha mesmo que podemos terminar agora e que nenhum de nós dois vai se *machucar*?

– Você não pode dizer que não avisei.

Céus, ela era tão fria. Fiquei olhando para Lilah, tentando entender quem era aquela estranha gélida e para onde tinha ido a mulher apaixonada e emotiva que havia deitado no meu peito na noite anterior e chorado.

– Então como vai ser, Lilah? Você é que está tomando as decisões aqui.

Senti a raiva brotar dentro de mim.

– Vou embora agora? Não entro mais em contato com você? Deixo você me expulsar da sua vida sem nenhuma explicação?

– Não *preciso* lhe dar uma explicação porque eu o avisei desde o primeiro dia – sibilou Lilah.

Então ela se virou no banco e ele caiu para trás. Lilah tentou se agarrar ao balcão para não ir junto e eu me movi para segurá-la, mas ela se desvencilhou do meu braço.

– Não toque em mim, Callum. Só pegue suas coisas e vá embora.

– Foram umas semanas e tanto para nós dois. Vamos ter calma hoje e conversar sobre isso depois...

– Você não está ouvindo, Callum. Não há *depois*. Você precisa ir embora.

– Por que está fazendo isso? Você acha que vou abrir mão do que temos sem lutar? Não vou.

– Você não pode forçar uma coisa que não existe. *O que nós temos* pode parecer perfeito para você, mas, para mim, obviamente *não é*.

Fiquei me perguntando quem seria aquela mulher fria e onde Lilah estaria se escondendo. De repente, a voz dela suavizou e a mudança me pegou desprevenido outra vez.

– Sei que é difícil ouvir isso, mas eu não quero mais ficar com você, Callum. Você não vai me fazer mudar de ideia. Quero que vá embora e não volte.

– Não entendo.

Tentei manter minha voz estável, impedir que aquela discussão se tornasse uma disputa de gritos. Pensei no temperamento pavio curto de Lilah e soube que eu precisava agir com cautela.

– Podemos, por favor, só conversar sobre isso, Ly? Temos sido tão felizes juntos. Não consigo entender por que você quer que isso mude. Tem mais alguma coisa acontecendo?

– Eu disse a você desde o começo, Callum. Não quero brincar de família feliz. Não quero me acomodar. Nem com você nem com ninguém. Sinto muito se você passou a acreditar em outra coisa nesses últimos meses. Não era a minha intenção. Preciso me concentrar no trabalho outra vez.

Era o argumento final dela. A linguagem e a postura eram totalmente profissionais. Seu comportamento de tribunal estava acionado.

– Você está com medo.

Eu ainda buscava uma saída. Ela ia mesmo me expulsar dali – daquele jeito. Eu sabia que o que Lilah dissera era verdade – ela *tinha* me avisado –, mas as ações dela falavam tão alto que eu ignorara as palavras.

– Não estou com medo.

A aparência polida desapareceu e a expressão com que ela me fitava era de puro desprezo.

– Do quê, *amor*? É isso que você acha que somos? Você cria um laço emocional com outro ser humano pela primeira vez na vida e assume que é amor?

A crueldade foi tão brutal que me deixou sem fôlego. É claro que eu não ia implorar nem chorar na frente dela, mas isso era tão repentino que entrei em um estado semelhante ao choque.

– Eu vou – falei, derrotado.

Não havia como voltar atrás, não nessa conversa. Talvez depois de ela se acalmar pudéssemos conversar e talvez as coisas fossem diferentes. Mas, por ora, ela me dera um tiro nessa batalha; um tiro do qual eu não conseguiria me recuperar rápido o suficiente para continuar lutando.

– Leve o carro – disse ela.

Eu não conseguia olhar para Lilah naquele momento, mas pelo som de sua voz, ela não estava nem um pouco chateada com a situação. Era como se pudesse estar falando sobre a previsão do tempo.

– É só deixar no meu apartamento.

– Não. Melhor não.

– Como você vai para casa?

– Acho que isso não é mais problema seu – falei.

Minha garganta estava se fechando. Saí da sala e entrei no quarto – no nosso quarto – e arrumei minhas coisas, me sentindo como se estivesse preso em algum pesadelo horrível enraizado em todos os meus medos mais sombrios com relação ao nosso relacionamento. Arrumei a mala, peguei a câmera, o laptop, enchi os braços com tudo e fui para a cozinha.

Queria tanto que ela me chamasse de volta que quase podia sentir as palavras no ar. Mas, apesar de eu não tê-la ouvido sair de casa, Lilah não estava lá e os cômodos vazios simplesmente zombavam da

minha cara. Pensei em esperá-la, tentar conversar sem emoções envolvidas, mas mesmo em minha dor, eu entendia que ela tinha se decidido e que a porta já estava fechada.

Chamei um táxi e fui para casa.

3 de janeiro

Não sei se é assim com todo mundo, mas às vezes eu faço a conexão de uma memória às condições do momento em que ela aconteceu e não consigo desligá-la. A lembrança, a temperatura, a luz e a brisa ficam entrelaçadas e não consigo pensar no acontecimento sem reviver aquele exato momento.

Então, quando relembro a noite em que Haruto morreu, mais do que qualquer outra coisa eu me lembro da brisa fria e do pôr do sol dourado. Ele estava confortável e estável, mas seus pais tinham ido pegar algo para o jantar e eu não queria deixá-lo sozinho. A enfermeira disse que, no caminho para seu turno da noite, ela tinha visto o céu outonal mais incrível do mundo, sem nenhuma nuvem, e que eu precisava sair para tomar um ar fresco e apreciá-lo. E foi o que fiz. Dei uma volta no parque perto do hospital, observei os patos se aconchegarem, absorvi os últimos raios de sol do dia e amei cada segundo que passei fora daquele quarto desolador.

E aí, quando voltei para as luzes fluorescentes e vi que o corredor do lado de fora do quarto dele estava um caos, eu soube que tinha, inadvertidamente, descoberto mais um motivo para me sentir culpada para sempre.

O crepúsculo arroxeadado e cintilante da baía de Sydney ao anoitecer me leva à noite em que Callum e eu nos conhecemos, quando o senso de fascinação pesava tanto no ar que eu mal conseguia me forçar a respirar. Posso fechar os olhos neste exato momento e estarei de volta àquele dia, a poluição e o sal no ar, a tensão de uma troca fascinante despertando meu corpo e minhas emoções depois da mais longa seca. Eu soube, quase desde o instante em que nos falamos, que eu dormiria com ele, provavelmente naquela noite, e que seríamos ótimos juntos, se eu permitisse.

Hoje eu tinha criado uma nova memória e a relacionei ao sol escaldante de verão na costa no meio da manhã. Não encontrei nada parecido no mundo todo, um lugar onde, apesar da brisa fresca do oceano, a luz do sol ainda fosse tão forte que você sabia que iria queimar em minutos. À medida que eu me afastava da casa e de Callum, eu sabia que o choque duplo de calor e do frio absoluto do meu coração estariam entrelaçados para sempre.

Eu culpava a esperança por isso. Caí na dela por tempo demais, mesmo sabendo que ela estava mentindo. Suas promessas acrobáticas sussurravam que, de alguma forma, tudo iria acabar dando certo – sim, apesar dos pesares. Ela estava tão confiante de que tudo ficaria bem. Seu otimismo incansável me exauriu, e eu comprei a mentira de um verão eterno.

O inverno chegou mesmo assim. Consegui ignorar o outono, olhar para além das folhas amareladas e do frio iminente no ar. Mas aí acordei um dia e soube que a esperança tinha me abandonado.

O perigo do autoengano é a fome posterior. Ela comanda uma sensação de perda, um vazio interior que simplesmente não pode ser saciado. Eu conhecia o amor. Ele tinha me mudado e eu havia encontrado um novo parâmetro de felicidade que eu nunca mais vou vivenciar. Saí de um mundo colorido para

retornar a um mundo preto e branco e, apesar de eu nunca ter pensado em questionar o preto e branco antes, agora sei o que estou perdendo.

Ah, Callum. Quem dera houvesse outro jeito...

Não consigo pensar em nada na minha vida que eu não daria para sentar com ele e explicar por que eu tive que fazer isso, por que tinha que ser tão definitivo e por que eu precisava ser tão fria. Mas por mais que eu confiasse em Callum, confio ainda mais na maneira como o conheço e sei que fiz a escolha certa para nós dois.

O pior de tudo era que eu ainda tinha duas semanas de folga à minha frente, a esterilidade eterna da minha vida antes de Lilah – sem sequer ter a distração do trabalho. Era como se Lilah e o próprio Universo estivessem conspirando para me lembrar de quanta luz ela trouxera ao meu mundo.

Eu mal conseguia sair da cama naqueles primeiros dias. Já tinha passado por términos de relacionamento antes, alguns até bem ruins, mas dessa vez... eu me sentia perdido.

Não esperava que isso fosse acontecer. Enquanto estava deitado na cama, fiquei reprisando repetidamente os dias e as semanas que levaram até aquela manhã terrível, procurando por sinais. Eu tinha tanta certeza de que compreendia a situação na qual eu me encontrava, que tínhamos encontrado um ao outro e que iríamos construir um futuro agora, e que quaisquer pequenos obstáculos no caminho poderiam ser explicados pelo excesso de trabalho ou pelo passado dela ou por suas peculiaridades. Agora me ocorria que Lilah nunca tinha sido recíproca quanto à intensidade do sentimento que eu nutria por ela e, talvez, seu estresse durante todos esses meses tivesse acontecido porque eu a forcei a um relacionamento no qual ela não estava interessada. Mergulhei ainda mais dentro de mim mesmo e fiquei me perguntando como eu deveria sair do buraco em que ela tinha me deixado e retomar a vida.

E então passaram-se dias e, depois, semanas em que eu deixei que a sujeira se acumulasse no meu apartamento, sem comer e sem tomar banho, chafurdando de forma generalizada na tristeza completa. Às vezes, eu me arrastava até a cozinha, fazia um café forte e tentava encarar o dia e o mundo. Aí eu decidia que era tudo demais e me arrastava de volta para a cama, derrotado e desolado.

Senti falta dos amigos e da família. Alguém deveria estar batendo à minha porta, exigindo que eu tomasse vergonha na cara e me reerguesse. Ninguém bateu, e apesar de eu checar meu celular cem vezes a cada hora, ninguém ligou – muito menos Lilah. Há pessoas que *talvez* tivessem ligado, quem sabe meus irmãos ou até mesmo Karl, se eu os tivesse avisado de que havia voltado e precisava de companhia. Mas esse não era meu estilo. Então esperei sozinho com a porcaria do telefone sempre perto.

Meu autocontrole vacilou apenas uma vez. Um dia, às onze da manhã, dei uma olhada na lista de contatos do celular e encontrei o nome dela.

Lilah.

Aquela palavra continha tanta beleza para mim que minha visão ficou embaçada só de olhar para ela. Antes que meu cérebro pudesse retomar suas atividades, mandei-lhe uma única mensagem.

Tem certeza de que é isso que você quer?

A resposta dela foi quase imediata.

Sim.

Não havia como discutir. Eu tinha lhe dado um bom tempo para se acalmar e pedir para voltar, e Lilah me rejeitou de novo.

Então... era isso.

Apesar de terem sido as semanas mais longas da minha vida, minha folga terminou, afinal, e eu voltei ao

trabalho.

– Que bom que voltou. Este lugar está desmoronando sem você aqui. – Karl me cumprimentou quando nos encontramos na escadaria para ir tomar café. – Como está Lilah?

Apenas meneei a cabeça. Como amigos de longa data que se entendem sem palavras, Karl já sabia tudo que precisava.

A vida se tornou um exercício de chegar ao final de mais um dia.

A cada dia que passava, eu sabia que a dor estava diminuindo, mas isso não acontecia rápido o suficiente. Era à noite que eu mais sentia falta dela. Nosso companheirismo confortável tinha sido uma grande revelação para mim – a primeira vez na vida que eu conseguia me sentar na presença de outro ser humano e me sentir conectado. Eu podia preencher um pouco desse espaço com trabalho, mas, quando o trabalho tinha que parar, eu ficava acordado e sentia a dor perfurar a minha alma. Não havia jeito de aquela ferida fechar, eu sabia disso. Sempre haveria uma cicatriz que era parte de mim agora, porque eu finalmente compreendia o que me fazia falta.

Meu celular tocou em uma terça de manhã, doze semanas e três dias depois de Lilah ter me expulsado de sua casa e de sua vida. Era um número desconhecido, mas ligações de trabalho geralmente eram assim e não dei bola para aquilo.

– Callum Roberts.

– Cal, é Peta.

Eu só conhecia uma Peta, mas mesmo que conhecesse duas, teria identificado aquela voz. As sílabas de Peta eram moldadas por uma vida inteira de viagens e havia uma cadência musical em seu tom, mesmo que apenas em um cumprimento. Por um longo momento, não conseguia nem respirar. Girei lentamente na cadeira e olhei para a baía. Nuvens tinham se aglomerado desde o meu trajeto de balsa ensolarado e o dia estava ameaçadoramente cinza.

– Cal?

O chamado dela foi hesitante. Atípico e hesitante.

– Sim, estou aqui.

– Me desculpe por fazer isso com você...

Peta parecia genuinamente arrasada.

–... mas podemos nos encontrar?

Peta estava na cidade. Na verdade, no café da esquina entre a rua em que eu trabalhava e a rua do escritório de Lilah. Tínhamos nos encontrado ali para almoçar incontáveis vezes – e eu tentei me lembrar de todas enquanto saía da agência. Mas eu estava nervoso e andei tão devagar que, quando cheguei, parecia que Peta estava pronta para ir embora. Ela estava com a bolsa no colo, olhando para a porta.

– Eu só não tenho certeza se algo bom pode sair dessa conversa – falei, como forma de cumprimento, enquanto me sentava na poltrona bordada de frente para ela no café.

– Olá, Callum – cumprimentou ela, sorrindo.

Peta parecia mais que cansada. Talvez exausta fosse uma palavra melhor. Pela primeira vez, me ocorreu que Lilah pudesse ter se machucado.

– Lilah... está bem?

Dizer o nome dela fez minha garganta doer. Engoli em seco e esperei pela resposta de Peta. Eu queria que ela me desse a resposta que eu desejava. É claro que está. Eu só queria botar o papo em dia com você.

– Vou pegar uns cafés para a gente – sugeriu ela, entretanto. Meu estômago revirou.

Eu queria, ao mesmo tempo, acelerar e prologar esse momento. Era o último instante antes de eu saber que Lilah *não* estava bem – que ela tinha sido atropelada, ficado doente ou casado com outra pessoa.

Casado com outra pessoa. Parecia ser a pior das hipóteses.

– Um café com leite, por favor – falei.

Peta se levantou e foi até o balcão, e eu fiquei observando enquanto ela fazia os pedidos e voltava. Ela não sorriu para o atendente e não fez contato visual comigo quando voltou. Depois de ter se sentado novamente, os olhos dela se encheram de lágrimas.

Ó Deus, ó Deus, ó Deus.

– Ela...

Não terminei a frase. Não consegui. Imagens de Lilah deitada em um necrotério invadiram minha mente e eu congelei.

– Não, não. – Peta balançou as duas mãos e a cabeça violentamente. – Não, ela não morreu. Mas, Cal, ela está muito doente.

– Não pode ser.

Que coisa estúpida de se dizer. Eu queria poder sugar as palavras de volta.

– Desculpe, Peta, eu só quero dizer... Ela é tão saudável.

Mesmo enquanto eu falava aquilo, não acreditava plenamente naquelas palavras. Vi sinais de que nem tudo estava bem com Lilah. Eu os tinha explicado com uma esperança quase arrogante de que eu poderia consertar qualquer situação que a afligia. Lembrei-me da inocência cega do meu pensamento de que apenas um pouco de descanso daria conta do recado.

– Suponho que Lilah nunca tenha contado a você sobre James.

A voz de Peta era um sussurro e ela não se deu o trabalho de esperar que eu confirmasse que não fazia ideia do que ela estava falando. Eu sabia que o nome do pai de Lilah era James e que ele tinha morrido, mas isso era tudo. Afinal, sempre que ela falava dele, geralmente era sobre sua vida, não sobre sua morte.

– James tinha um distúrbio genético. Temos bastante certeza de que a mãe dele também tinha. Ela era a Saoirse original. Eu sabia que não devíamos ter dado esse maldito nome idiota a ela. – Peta sorriu fracamente. – Ela morreu pouco antes de Lilah nascer, lá na Irlanda, e tudo que James sempre soube até ficar doente era que ela havia enlouquecido e tinha sido internada.

Eu estava olhando para Peta, esperando pelo golpe final, sabendo que havia uma explicação a caminho que eu nunca mais poderia deixar de saber. De repente, contudo, eu não conseguia suportar olhar para a mãe de Lilah. Já era ruim o suficiente ter que ouvir aquelas palavras, mas ver aqueles olhos familiares era simplesmente difícil demais. Desviei o olhar para a rua ao nosso lado e observei o fluxo do tráfego enquanto o ritmo suave de sua história continuou.

– Lilah tinha apenas 11 ou 12 anos quando James começou a ter problemas. Para falar a verdade, eu me lembro da primeira vez que ele me falou sobre isso. Estava com problemas para usar a pá. Décadas de jardinagem e, de repente, ele não conseguia cavar. – Ela riu de leve. – Achei que ele estava inventando desculpas... sendo preguiçoso ou covarde... Ele nunca quis viajar. Só queria ficar comigo. Sei que ele se preocupava com Lilah e com o nosso estilo de vida. Na verdade, eu achava que ele estava tentando me enganar para nos fixarmos em algum lugar, nos prendermos a uma mesa de escritório, bem quando minha carreira parecia estar decolando.

Uma garçonete colocou silenciosamente nossos cafés na mesa. Passei a olhar para o leite cremoso e para o redemoinho em formato de folha em cima dele.

– E, é claro, eu não acreditei nele, mas, mesmo que ele fosse a um médico, algo que ele raramente fazia, James jamais teria ido por causa de uma situação tão vaga. Depois de alguns meses, ele começou a ter umas contrações nervosas nos dedos. – Peta estava sussurrando agora. – E daí a personalidade dele começou a mudar. Ele ficou depressivo, bravo, confuso...

Ela suspirou, balançou o corpo e pegou o café. Agora eu fitava Peta. Seu rosto estava pálido e ela tremia.

– Chama-se doença de Huntington – disse ela.

Eu nunca tinha ouvido falar, mas isso não me impediu de fazer presunções loucas.

– E qual é a cura?

– Não há cura.

– *Tem* que haver.

Ergui a voz e o café ficou em silêncio. Peta esticou o braço por cima da mesa e pousou a mão sobre a minha. A mão dela estava quente e a minha parecia gelada, e eu percebi que agora também estava tremendo.

Eu não estava conectado a todas as emoções que agrediam meu corpo. Talvez estivesse em choque.

– Sinto muito, Callum. Simplesmente não há.

– Vamos encontrar alguém – falei. – Se ela precisa de ajuda, precisamos encontrar algo. Tem que haver alguma coisa.

– Querido, há terapias, ajudam com os sintomas.

Ela falava comigo como se eu fosse uma criança e, estranhamente, eu precisava daquilo.

– Mas nada elimina a doença. É a mutação de um gene. Tem uma proteína faltando no cérebro deles. Com o tempo, geralmente na meia-idade, o cérebro se torna danificado. Não pode ser contido.

Libertei a mão da dela e esfreguei meu rosto. Era quase engraçado como aqueles últimos meses de tristeza de repente pareciam abençoados perto disso.

– Não há nada? – sussurrei. – Nada mesmo?

– Não nesse estágio. Bom, não que a gente saiba.

Peta tomou um gole de café.

– Lilah sabia que iria desenvolver a doença de Huntington. Ela fez exames depois que James morreu. Só começou a ficar doente, talvez... não sei... cinco ou seis anos atrás. De alguma forma, ela entrou em remissão.

Ali estava. O lampejo de esperança do qual eu precisava para me manter firme. Fiquei olhando para ela.

– Ela entrou em remissão uma vez, pode entrar de novo.

Havia pena nos olhos de Peta e aquilo era frustrante demais.

– Ela lhe contou sobre Haruto, Callum?

Ah, que ótimo. Agora o ex-namorado seria esfregado na minha cara também, o amante que tinha durado um *ano inteiro*.

– Ela mencionou o nome dele.

– Ela contou que ele morreu?

Concordei com a cabeça.

– Haruto também tinha a doença. Eles estavam viajando, no México, eu acho, e ele foi ferido de alguma forma e ficou com o cérebro danificado. Aconteceu na mesma época em que ela milagrosamente se recuperou.

Não consegui acompanhar as palavras de Peta. Fiquei olhando para ela e, como não deu mais explicações, minhas palavras saíram bruscas demais.

– Não estou entendendo, Peta.

– É só uma teoria, mas eu e a médica de Lilah ficamos imaginando se ela e Haruto tentaram fazer algum tipo de tratamento experimental enquanto estavam lá. E sim, talvez o que tenham feito ajudou Lilah, mas provavelmente foi o mesmo tratamento que matou Haruto.

– Você já perguntou a ela?

– Ela nega. É claro. – Peta suspirou. – Seja lá o que tenha acontecido naquele lugar não é algo que ela esteja disposta a compartilhar, e se isso custou a vida de Haruto, e é algo que eles não deveriam ter tentado fazer, posso entender por quê.

Eu a convenceria a falar. E depois a convenceria a entrar em um avião e encontrar mais uma vez a tal poção mágica que Lilah havia tomado. Só precisava vê-la e, antes disso, saber o que esperar.

– Então, o que aconteceu com ela agora?

– No Natal, a coreia, o termo médico para as convulsões dos membros, começou de novo, como tinha acontecido todos aqueles anos atrás. A progressão da doença costuma ser bastante previsível, mas ninguém sabe o que esperar depois de um intervalo de cinco anos dos sintomas. Em sua maior parte, é claro, porque ninguém nunca tinha visto um intervalo dos sintomas antes.

Peta limpou uma mancha de batom de sua caneca com o dedo.

– E agora? – perguntei.

Ela girou a caneca e, apesar de não olhar para mim, vi que os olhos dela finalmente se encheram de lágrimas.

– A médica dela disse que é como se o corpo de Lilah estivesse recompensando o tempo perdido. A progressão tem sido atipicamente rápida. Não sei quanto tempo resta, Callum. Ela teve pneumonia três vezes no último mês. Sempre fala que vai deixar que a doença a leve para que não precise morrer de Huntington e toda vez o maldito corpo dela encontra um caminho de volta. Não consigo parar de pensar que Lilah ainda tem alguma questão mal resolvida e acho que nós dois sabemos o que é.

– Então ela tem contrações involuntárias? É desastrada? O que mais?

– O jeito de caminhar dela mudou e Lilah tem andado diferente. A fala dela... Não sei, é difícil explicar. Ela está falando diferente, talvez enrole um pouco a língua. O pior de tudo é que ela está tendo dificuldade de engolir, o que talvez seja o motivo pelo qual esteja pegando essas infecções pulmonares. À medida que a doença for progredindo, ela vai perdendo as funções cognitivas, haverá sintomas psiquiátricos... James teve depressão profunda e mudanças de humor malucas e impulsivas. É um distúrbio neurológico...

Peta mordeu o lábio e me encarou por um momento antes de terminar a frase.

– Callum, o cérebro dela vai para o espaço.

– Você tem certeza de que foi por isso que ela terminou comigo?

Tudo girava em torno disso. Tudo. Eu iria precisar de tempo para processar isso, tempo para pesquisar, tempo para entender. Mas, antes mesmo que eu pudesse decidir quais seriam meus próximos passos, eu precisava saber que Lilah não queria que eu a deixasse para que pudesse lidar com isso à sua própria maneira.

– Não há dignidade alguma em uma morte assim.

Peta limpou as bochechas enquanto as lágrimas escorriam sobre elas.

– James levou dez anos para morrer e nós dois gostaríamos que ele tivesse morrido umas mil vezes por dia no final. Deixamos Lilah morando com meus pais e tentamos *viver*, mas era impossível, especialmente nos últimos anos. A vida se resumia a ir levando e esperar pelo alívio. A única coisa que eu posso imaginar ser pior do que essa doença é morrer por causa dela sozinho. Suspeito que, para minha

filha, a única coisa que ela pode imaginar ser pior do que essa doença é fazer alguém passar pela dor de ter que vê-la sofrer com ela. Mas eu não sabia se você pensaria da mesma forma.

De repente, imaginei Lilah sozinha em uma cama de hospital e me levantei, o movimento violento com a urgência.

– Onde ela está?

– Você precisa ter certeza, Callum. Vá embora, pense nisso, leia a respeito. Não posso admitir que você tente se reconciliar com Lilah e depois fuja quando as coisas ficarem feias.

– As coisas *estão* feias.

Minha voz saiu mais brusca do que eu pretendia. Peta se encolheu um pouco.

– Não durmo uma noite inteira desde que... – Respirei fundo e finalmente a olhei nos olhos. – Se eu puder ter mais alguns momentos, ou dias, ou quem sabe semanas com Lilah, vou aproveitar esse tempo muito mais do que qualquer dor que eu sinta por vê-la adoecer. Você não teria vindo aqui se já não soubesse disso.

Peta concordou com a cabeça. Ela tomou o restante do café e respondeu:

– Vamos, então.

10 de março

Chegou a hora.

Adiei isso por cinco anos. Eu nunca costumava protelar nada. Preciso fazer isso agora. Está se esvaindo – eu estou me esvaindo – e ninguém sabe a verdade. Depois que eu for embora, ela morre comigo e isso não parece certo.

Eu escrevia um diário como este para poder garantir que não perderia as partes de mim que mais importavam. Depois de apresentar os primeiros sintomas, passei a escrever para poder acompanhá-los e anotá-los quando eu tomava a medicação. Ele evoluiu para uma maneira de refletir minha personalidade e minhas decisões, uma maneira de assegurar que eu ainda conseguia me conectar comigo mesma. Eu sabia que a doença levaria minha memória embora. Apenas queria garantir que tinha um jeito de me lembrar de quem eu fui um dia.

Encontrei Haruto na minha primeira visita à clínica de Huntington em Newcastle. A consulta dele era logo antes da minha, mas Lynn estava atrasada, como – agora eu sei – quase sempre está. Ele estava lendo a revista *New Scientist* e, assim como quase todo mundo na sala de espera, com exceção de mim mesma, tinha convulsões incontroláveis dos membros em intervalos irregulares. De alguma forma, acabei sentada do lado dele e, enquanto os minutos passavam, cada espasmo de cada paciente parecia aumentar com a pressão em meu peito até que um *oi* meio estrangulado escapou dos meus lábios na direção dele e ele me deu um sorriso simpático. Acho que talvez as primeiras palavras dele podem ter sido: “*Você é nova nisso, né?*”

Haruto nunca conheceu os pais biológicos. Ele foi abandonado ainda bebê, pulou de orfanato em orfanato até ter mais idade e, então, de alguma forma, acabou na casa de Janice e Ryan Abel, que passaram imediatamente a organizar suas vidas em função dele. O recomeço em uma família adotiva deu a Haruto todas as oportunidades que ele, sob outras circunstâncias, não teria tido, mas uma coisa que sua família não poderia fazer era recuperar o gene defeituoso que jazia adormecido em seu DNA.

Ao contrário de mim, Haruto não fazia ideia de que podia ter a doença de Huntington e não teve tempo para, ao mesmo tempo, se apavorar e se preparar para o início de sua manifestação. Ele tinha uns 30 anos quando começou a ficar doente e os primeiros sintomas foram psiquiátricos. Estava no auge da vida na época – um ambientalista de alto nível com uma série de vitórias públicas no currículo, ele estava conquistando tudo que sempre havia sonhado. Mergulhou lentamente em uma depressão profunda e começou a se isolar dos amigos e colegas até que um psicólogo sugeriu que ele talvez ficasse em paz com seu passado se fizesse uma análise de seu DNA para entender um pouco de sua história. E, então, ele comprou um kit on-line e mandou fazer uma análise não muito aprofundada, um mapeamento de heranças genéticas e uma revisão rotineira para a busca de prováveis problemas.

A análise do DNA confirmou o que ele já suspeitava – tanto o pai quanto a mãe de Haruto eram japoneses. Também apontou que ele tinha o gene de Huntington e o jogo mudou da noite para o dia.

Alguns exames de sangue depois, ele descobriu que era uma bomba-relógio ambulante que, na verdade, já tinha sido acionada.

Ele estava com 44 anos quando o conheci, furiosamente determinado a encontrar uma maneira de vencer a doença. Eu era uma década mais jovem e, para cada gota de raiva que ele possuía, eu só tinha medo. Minhas mãos estavam começando a convulsionar e minha fala já soava afetada – mas o pior de tudo era que eu sentia minha mente travando como se meus pensamentos tivessem que atravessar uma piscina de melão até ficarem claros. Quando eu pensava no futuro, via um furacão aterrorizante de incerteza.

Não era assim para Haruto. Ele tinha mestrado em ciências ambientais e sabia sobre genética e células-tronco. Parecia ter passado anos pesquisando descobertas acerca de distúrbios genéticos raros e tinha certeza absoluta de que havia um jeito de vencer esse. Ele só tinha que convencer Lynn a tentar algo experimental – e, se não conseguisse, ele iria atrás por conta própria.

Eu me agarrei a ele como um parasita. Haruto foi para sua consulta e, quando saiu, eu lhe entreguei meu cartão de visitas e implorei que ele me ligasse. Minha consulta com Lynn aquele dia foi tão fútil quanto todas as consultas futuras pareceriam ser – mas Haruto me ligou naquela noite e nos encontramos para tomar café e, meses depois, acabamos indo morar juntos. Ele vivia em um cubículo no centro financeiro de Sydney, e as paredes estavam repletas de artigos de jornal e anotações de ideias e endereços de e-mails. O armário do nosso banheiro estava lotado de remédios.

Haruto era um cara bastante conhecido na época. Ele era ativo no cenário ambientalista havia um bom tempo – uma paixão que tinha herdado por osmose de Janice e Ryan. Eles faziam coisas malucas, como se acorrentar a árvores em florestas tropicais e o arrastavam junto enquanto ele crescia e essa paixão deixara uma marca indelével nele. Haruto havia trabalhado para organizações ambientalistas globais, fazendo campanhas para salvar baleias, abelhas e folhagens nas quais outras pessoas não viam valor.

Quando eu o conheci, contudo, a única paixão que lhe restara era salvar a si mesmo. Ele estava vivendo de suas economias no começo, mas depois de pouco tempo comecei a ajudá-lo financeiramente. Eu não me importava – estava trabalhando com direito corporativo e podia bancar. De que adiantava guardar dinheiro? Além do mais, era quase como se estivéssemos praticando o escambo com mercadorias preciosas. Eu pagava a hipoteca de Haruto e ele me dava esperança.

Encontramos o site do Dr. Charles depois de inúmeros becos sem saída, pessoas que não pareciam ter a ciência como fundamento para suas alegações de cura. O que Haruto estava procurando era uma clínica e um neurologista que tentassem fazer uma terapia com células-tronco, algo ilegal em praticamente todos os países. Milhares de pacientes com doenças terminais fazem essa mesma busca desesperada por um bote salva-vidas todos os dias, mas, ao contrário da maioria dos desesperados que buscam serviços clandestinos, Haruto sabia o que estava fazendo. Ele mandou uma lista de perguntas para o Dr. Charles e, ao ver que as respostas eram todas satisfatórias, ele o entrevistou várias vezes por Skype. E então, ele se virou para mim uma noite e disse que eu precisava vender umas ações e tirar uma folga do trabalho.

Janice e Ryan imploraram que não fôssemos. Ryan tinha grandes esperanças de que, se continuássemos com o tratamento prescrito por Lynn e a clínica, teríamos anos, talvez décadas, antes que a doença tirasse nossa qualidade de vida. Quem sabe o que poderia acontecer nesse intervalo? O declínio seria lento, tempo de sobra para que surgissem oportunidades de testes clínicos. Talvez alguém até deparasse com a cura. Janice, compreensivelmente, só queria Haruto debaixo de sua asa. Ela o idolatrava e eu acho que teria ficado feliz em cuidar dele em casa até o fim, se Haruto tivesse permitido.

Eu lembro que fiquei com enjoo no dia em que fui contar a Alan que eu ia parar por um ano. Não tinha contado sobre a doença de Huntington, mas ele sabia que eu estava doente. *Todo mundo* sabia que eu estava doente. Meu trabalho tinha caído de qualidade e, apesar de eu saber, não parecia haver

porcaria nenhuma que eu pudesse fazer com relação a isso. Eu já não participava mais de audiências porque não conseguia manter a velocidade de raciocínio necessária; minha fala era complicada e, quando eu estava cansada, as palavras só saíam em ondas, com longas pausas no meio. De alguma forma, o mais ofensivo para mim era que eu estava começando a perder a sensibilidade dos pés e troquei os scarpins de saltos altíssimos pelas sapatilhas só para manter o equilíbrio. Alan tinha ficado preocupado, mas me apoiara, mesmo quando me recusei a contar o que havia de errado. No dia que eu finalmente saí de licença, ele me abraçou quando deixei o escritório dele.

A clínica era no México. Mas já não tinha mais horários para consultas por vários meses, e Haruto e eu aproveitamos ao máximo nosso tempo antes de irmos fazer o tratamento. Paramos de tomar nossos remédios e viajamos, atravessando a Ásia e a Europa até finalmente chegarmos na América Central aos trancos e barrancos.

Eu já tinha perdido totalmente a sensibilidade dos pés quando chegamos ao México. Então, eu ainda conseguia andar, mas não conseguia caminhar em terrenos irregulares de jeito nenhum. Lá estávamos – eu, irremediavelmente desastrada e seguindo cegamente Haruto, que sofria menos fisicamente mas cuja mente estava de fato se deteriorando. Em qualquer manhã, ele podia mudar de eufórico para violentamente bravo e voltar ao estado inicial, às vezes sem nenhum aviso prévio. Sua memória de curto prazo ainda era razoável, mas a de longo prazo era terrível – uma vez, ele discutiu comigo dizendo que morávamos em Perth, não em Sydney. Eu ficava acordada à noite me perguntando se eu tinha deixado que ele me fizesse atravessar o mundo baseada em uma ilusão de que o Dr. Charles podia nos curar, mas, mesmo que isso fosse verdade, eu não tinha mais nada pelo que viver, então supus que era melhor mesmo ir até o final.

O Dr. Charles era americano. Ele morava em Chicago e ia para o México apenas algumas vezes por ano para aplicar tratamentos com células-tronco. Nunca soubemos seu nome verdadeiro. *Apenas me chame de Dr. Charles*. Seus pacientes de células-tronco nunca viram sua clínica em Chicago e ele nunca mencionava os pacientes de Chicago – era o jeito dele de proteger sua reputação nos Estados Unidos.

Apesar de ele ter impressionado Haruto, na primeira vez que o encontramos, eu soube que tínhamos cometido um erro terrível. De perto, ele parecia um produto de comercial que passa de madrugada, todo bronzeado artificialmente e com dentes brancos emoldurados por uma boca recheada de colágeno. E depois de nossa apresentação inicial, Dr. Charles simplesmente assumiu o controle, com um papo furado interminável de promessas paradisíacas e estatísticas que não faziam sentido. Haruto, apesar de sua inteligência e de sua cautela em Sydney, agora acreditava piamente naquelas promessas banhadas em ouro. As perguntas científicas inteligentes por e-mail tinham se desintegrado e se transformado em ingenuidade. Eu me lembro de observar a animação florescendo no rosto dele quando o Dr. Charles falava; mesmo com absolutamente nenhum treinamento científico naquele sentido, eu podia enxergar com facilidade a realidade daquelas garantias improváveis e da ciência explicitamente simplificada que ele estava nos vendendo.

Segui em frente mesmo assim. Em certo nível, talvez eu esperasse que a suposta cura me matasse.

Haruto fez o primeiro tratamento. Eles colheram células da pele dele e conduziram um procedimento de indução experimental. Dr. Charles nos disse que talvez, um dia, ele ganhasse o Prêmio Nobel por esse procedimento, mas também nos garantiu que para estabelecê-lo na medicina seria necessário um pouco de convencimento e que o uso amplo dessa técnica inovadora ainda estava a anos de distância. Levou semanas para que as células estivessem prontas e, então, eles levaram Haruto para um centro operatório. Encontrei-o horas depois, no quarto de recuperação, onde ele estava descansando confortavelmente, sua condição inalterada a não ser pelo fato de ele ter, agora, um buraquinho em sua cabeça. O procedimento

era, eu acho, uma cirurgia cerebral pouco invasiva, e eles nem tinham raspado a cabeça dele, apenas um pedaço pequeno em torno da minúscula ferida.

Fiz meu primeiro tratamento no dia seguinte. Lembro-me de ter acordado do sono anestésico. Antes de perceber a dor suave na minha cabeça, a tontura e o tubo intravenoso enfiado no meu braço, senti uma onda gigantesca de decepção. Eu tinha tanta certeza de que ia morrer...

E quando a clínica se certificou de que não estávamos com nenhuma infecção, voltamos para o hotel e esperamos.

Em um primeiro momento, achei que fosse só a minha imaginação – talvez, mais provavelmente, pensamentos esperançosos – de que a sensibilidade dos meus pés talvez estivesse voltando. Haruto também tinha certeza de que seus sintomas estavam sendo amenizados, mas eu não conseguia ver nenhuma evidência. Havia uma tensão latente em Haruto e explodia cada vez mais dentro dele na forma de surtos frustrados e discursos inflamados irracionais. Eu me lembro de, mais de uma vez, ter saído de fininho do hotel quando ele estava envolto em uma raiva avassaladora, e que ele próprio não percebia, para dar uma caminhada nas ruas da Cidade do México, esperando que a tempestade passasse. No começo do nosso relacionamento, eu o consolava, argumentava com ele ou tentava distraí-lo – mas quando fomos para o México, não havia mais jeito de chegar até ele quando a fúria desabrochava. A raiva e a confusão de Haruto eram um abismo cada vez mais profundo entre nós, e minha única opção era evitá-lo até que ele encontrasse o equilíbrio de novo.

Quando ele voltou à clínica para continuar o tratamento, um mês depois, não fiquei nem um pouco surpresa por saber que a avaliação de Haruto mostrou ainda mais degeneração, em vez de melhora. Mas a minha... de alguma forma, a *minha* tinha apresentado uma melhora significativa. Minhas funções cognitivas estavam retornando e eu, aos poucos, recuperava a sensibilidade dos pés e as convulsões das minhas mãos tinham cessado.

Dr. Charles ficou muito animado. Ele prometeu a Haruto que, para que ele melhorasse, bastariam só mais um ou dois tratamentos e recomendou mais sessões para mim também.

Íamos fazer nossa segunda sessão no mesmo dia e fomos as duas primeiras pessoas na lista do centro médico. Quando segurei a mão de Haruto no dia, essa era a minha força constante, e ele olhava para mim como se pudesse sugar meu progresso. Haruto tinha sido minha esperança e, naquele momento, de alguma forma, eu era a dele. Ele se candidatou para ir primeiro de novo, mas a enfermeira chamou meu nome, então ambos demos de ombros e eu entrei.

Quando acordei no quarto de recuperação, esperando ver Haruto ao meu lado, ele não se encontrava ali, o tempo passou e ele não apareceu. Nenhuma das enfermeiras falava inglês e o Dr. Charles tinha desaparecido, então dias se passaram até eu descobrir o que acontecera.

Nós sabíamos dos riscos. Até mesmo Haruto, com todo o seu otimismo cego, sabia que tínhamos colocado nossas vidas nas mãos de um médico que nos tratava com uma combinação de teoria e sorte. Talvez a sorte tivesse findado, porque, quando Haruto foi encaminhado para o segundo tratamento, algo saiu terrivelmente errado. Nunca mais vi o Dr. Charles de novo e nunca descobri o que aconteceu de verdade, mas quando eu finalmente encontrei Haruto na UTI de outro hospital vários dias depois, ele estava babando no travesseiro e não reagiu à minha presença.

A ironia mais cruel era o fato de que, durante a noite, toda a sensibilidade dos meus pés retornou. Enquanto eu tentava descobrir como diabos conseguir alguma ajuda para Haruto, fiquei andando no caminho de cascalho do lado de fora do hospital e a sensação incisiva das pedras na minha pele macia era mais mística do que sexo.

Eventualmente, inventei uma história sobre um acidente de carro e consegui que ele fosse removido por ambulância aérea de volta para Sydney, para os cuidados de Lynn. Quando o médico que estava

supervisionando o transporte dele me perguntou por que Haruto tinha lesões de cirurgia no crânio, eu fingi estar confusa e disse que o hospital o tinha operado quando estavam tratando a concussão dele.

Lynn não se deixou enganar tão facilmente, contudo, nem minha mãe. Em um primeiro momento, elas me bombardearam de perguntas. Era impossível que os sintomas tivessem desaparecido – assim como era impossível, para ela, que a lesão cerebral de Haruto pudesse ter sido causada por um acidente de carro. Meus cabelos estavam mais curtos na época, mas não tinha problema; eu conseguia esconder a pequena cicatriz facilmente com um rabo de cavalo. Nunca contei a elas e, apesar de ter escrito no diário basicamente todos os outros pensamentos que passaram pela minha cabeça depois do acidente de Haruto – e principalmente depois de sua morte –, eu nunca falara sobre isso antes. Eu estava com medo de que, se eu colocasse no papel, tudo se tornaria real e a culpa iria me destruir.

Mas me encontro outra vez em uma posição em que não tenho literalmente nada a perder e, para falar a verdade, é bom colocar isso para fora. A lembrança vai se dissolver em breve mesmo, como todas as minhas memórias, e é catártico confrontá-la antes que desapareça. Talvez eu crie coragem para deixar este diário para alguém, de modo que as pessoas saibam coisas sobre mim que ninguém nunca soube. Meu amor por Callum. Meu fracasso com Haruto.

O tempo pegou o Dr. Charles, assim como me pegou também. Meses atrás, quando percebi que a coreia tinha voltado e minha mão havia retomado sua dança maldita, passei dias na fazenda tentando rastreá-lo. Com Callum aproveitando suas supostas férias comigo, eu me esqueci completamente do trabalho e comecei a correr atrás do Dr. Charles como um caçador. Sei que parece loucura, dado o que aconteceu com Haruto, mas foi uma reação automática – ou talvez apenas uma maneira de me manter ocupada enquanto eu decidia o que fazer com relação a Callum.

Encontrei o Dr. Charles após alguns dias e, assim que soube do destino dele, o meu também foi selado. Seu nome verdadeiro era Charles Morgan e ele estava cumprindo prisão perpétua em um presídio de Chicago. A julgar pelos relatos da mídia, o caso de Haruto teve muito mais repercussão que o meu.

Quando eu estava bem, houve vezes que meu cérebro ficava preso em um mantra que alimentava um frenesi dentro de mim. *Você recebeu o milagre de Haruto, Lilah.* E eu sempre soube que isso era verdade. Mas era uma sorte única que parecia ter apenas adiado o inevitável, visto que acabei exatamente no mesmo lugar ao qual estava destinada o tempo todo.

Fiquei parado do lado de fora do quarto de Lilah, observando-a pela porta. A cama estava parcialmente inclinada e ela se encontrava rodeada por todos os lados de travesseiros, que davam apoio ao seu corpo. Seus cabelos vermelhos como fogo estavam soltos e embaraçados em volta dos ombros, sobre seu peito.

Lilah estava pálida demais, e, em cima do lençol, eu podia ver que ela vestia uma camisola de hospital – pele branca sobre lençóis brancos e duas tiras de uma camisola verde horrorosa. Lilah odiava dormir vestida e havia um motivo óbvio para o traje, mas eu lutei contra o impulso irracional de entrar correndo no quarto e arrancar a camisola dela, ao menos para vesti-la com algo bonito.

As mãos dela estavam em cima do lençol e, mesmo enquanto Lilah dormia, eu podia ver que elas se mexiam esporadicamente. Não era um movimento constante, apenas convulsões ocasionais. Se eu não soubesse, teria pensado que ela estava apenas sonhando. Era um movimento familiar, também, e fiquei me perguntando se eu a tinha visto se mexer daquele jeito em Gosford e achado que não passava de um velho hábito bobo.

– Não a acorde – falei quando Peta se aproximou da porta. Ela se virou para mim e, para meu pavor, comecei a chorar. – Por favor, Peta, só me deixe dar uma volta antes de entrarmos.

Não dei a ela a chance de responder. Em vez disso, eu me virei e atravessei o corredor o mais calmamente que pude, voltando ao elevador no qual tínhamos subido. Peguei-o até o térreo e apertei os olhos com os punhos, aproveitando a privacidade que ele oferecia enquanto descia.

Lilah ainda não sabia que Peta tinha entrado em contato comigo. Apesar do meu tom desafiador no café, agora que eu estava perto dela percebia que tinha uma escolha – uma escolha real. Agora que eu sabia que Lilah estava doente, eu teria que chorar por ela novamente, de um jeito ou de outro, mas podia escolher que ela não escapasse de mim, um pedacinho após o outro, perdendo a pessoa que ela tinha sido.

A última coisa de que eu precisava era de mais café, mas pedi um mesmo assim, e fiz uma ligação para a agência para explicar que tinha aparecido uma emergência e que eu não sabia quando iria voltar. Em seguida, me sentei à mesa da cafeteria e observei os minutos se passarem.

Minutos que você poderia passar com ela, uma voz cruel na minha cabeça me lembrou. Se Lilah fosse se perder progressivamente, eu precisava passar cada segundo que podia com ela agora, absorvendo-a, antes que a doença a roubasse de mim.

Ou eu podia ir para casa. Podia voltar para meu apartamento reformado pela metade e comer um bife e tomar um pouco de leite e assistir a programas bobos na TV ou trabalhar até tarde. Podia encontrar maneiras de preencher o vazio. Ficar com Lilah significaria ver o vazio deixado pela ausência dela retornar e se expandir.

O tempo passou. As lágrimas escorriam dos cantos dos meus olhos. Percebi que estranhos me observavam, mas não me mexi. Em determinado momento, um senhor de idade com vestes clericais veio e se sentou de frente para mim.

– Posso fazer algo por você, filho?

Ergui os olhos para ele, encarando o azul desbotado de seus olhos emoldurados por rugas, e

perguntei:

– Como você acredita em Deus se o mundo é tão fodido?

O padre sorriu tristemente.

– Você entendeu errado. É *porque* o mundo é tão fodido que eu acredito em Deus.

Eu estava soluçando. Fechei os olhos.

– Se eu tivesse alguma fé, hoje eu a teria perdido.

– Posso ficar aqui com você?

– Por que não?

Ele ficou sentado comigo por um bom tempo, sem dizer nada, provavelmente rezando. Em um determinado momento, ele colocou um cartão na mesa, aproximou-se e apertou minha mão. Então levantou-se em silêncio e foi embora. Pouco depois, Peta apareceu e se sentou na minha frente. Ela olhou para o cartão na mesa e riu de leve.

– Eu me lembro de quando James foi diagnosticado. Foi um choque tremendo e eu lutei. Deus, como eu lutei. Arrastei aquele pobre homem para médicos, especialistas e terapeutas, curandeiros de fé, curandeiros místicos, ervanários, naturopatas, kinesiologistas, guias espirituais...

Ela dobrou o cartão no meio e o colocou na mesa como uma barraca.

– O pior de tudo é que ninguém podia ajudar. É claro que eu conseguia entender que os médicos não podiam resolver a questão. E conseguia entender que nenhum dos inúmeros curandeiros era capacitado para isso. Mas o que eu não conseguia aceitar bem era que absolutamente *ninguém* podia ajudar. Nem um pouquinho. Nem sozinho, nem coletivamente, não importava quanto eu implorasse ou incitasse ou lutasse. Aquilo simplesmente estava acontecendo e não havia força no Universo grande o suficiente para desacelerá-lo.

Peguei o cartão do padre e o amassei. Peta se aproximou e envolveu meu punho com sua mão.

– Se você quiser ir embora, eu vou entender. Vou mesmo, e melhor do que ninguém, Callum.

Peta era forte. Havia uma determinação em seu rosto que eu invejava.

– Me desculpe por colocar você nessa situação, mas eu não podia deixar que ela partisse sem dar essa escolha a você.

Voltei a olhar para o tampo da mesa. Estava arranhado, desgastado em um pedaço bem ao lado do meu café. O laminado estava solto em torno daquele pedaço e embaixo dos meus dedos. Quanto tempo eu tinha ficado sentado ali, divagando, perdido no meu sofrimento? A desconexão entre meu corpo e minha consciência era alarmante.

Putá merda.

Peta apertou minha mão de novo. Mais uma olhada naqueles olhos azuis familiares e a escolha tinha sido feita por mim. Lembrei-me daquele momento na balsa, todos aqueles meses atrás, em que a lógica tentou interferir e eu fiquei me perguntando se Lilah e eu combinávamos e como minhas emoções tinham esmagado aquele pensamento, transformando-o em uma irritação minúscula. Cá estava eu, deparado com uma lógica muito mais forte, e a mesma coisa estava acontecendo.

– Me deixe ir ao banheiro me limpar – falei. Minha voz era forte e eu não fazia ideia de como. – E aí podemos voltar lá para cima.

Lilah estava acordada dessa vez, sentada na cama, um tubo de oxigênio debaixo de seu nariz e uma carranca em seu rosto enquanto ela olhava para a bandeja de chá da tarde à sua frente. Quando Peta abriu a porta, observei Lilah cutucar aquele pacote de biscoito doce como se fosse um animal doente. Fiquei bravo por ela, e frustrado – eu sabia que Lilah se satisfazia facilmente com comida. Eles podiam ter lhe

dado uma cenoura ou uma banana e ela teria ficado contente. Por que dar biscoitos industrializados?
Idiotas.

Lilah ergueu o olhar e nossos olhos se encontraram. Um milhão de emoções passou pelo rosto dela. Culpa, vergonha, tristeza, sofrimento, agonia...

Alegria. Alívio. Felicidade.

– Você está muito encrocada, Peta – sussurrou Lilah, antes de seu rosto se contorcer e ela colocar as mãos na boca.

A fala dela realmente tinha mudado. Era arrastada, como se ela estivesse bêbada, talvez, e só um pouco afetada.

Corri até a cama e a aninhei como se ela fosse um passarinho machucado. Havia lágrimas e soluços no quarto e eu não fazia ideia de quantos eram meus.

– Você não deveria ter que ver alguém morrer assim depois de ter vivido alguns meses com essa pessoa em seu melhor estado. Não posso pedir que faça parte disso, Cal. Simplesmente não posso.

– Não me importa. Não me importa o que eu deveria ou não fazer. E não me importa se você me odiar por isso. Se tiver mais dez minutos de vida, eu *preciso* deles.

O rosto dela estava no meu ombro, as contrações involuntárias de suas mãos nas minhas costas eram assustadoras, mas não mais do que os soluços desordenados de seu peito frágil. Ouvi a porta se fechar quando Peta nos deixou, ouvi os sons do hospital ao nosso redor, o bipe estável do monitor cardíaco de Lilah e o sibilar suave do oxigênio. No lugar mais hostil e estranho do mundo, sob circunstâncias tão desconfortáveis que nem meus piores pesadelos poderiam competir, eu me encontrava em casa.

– Por favor, não me faça ir embora de novo, Lilah. Podemos lidar com isso juntos.

Sussurrei aquelas palavras, minha boca no cabelo dela. Inspirei, procurando por aquele cheiro único, mas a esterilidade antisséptica do hospital o abafava. Eu estava quase pronto para arrancá-la de lá e levá-la para casa, onde ela podia ser ela mesma.

– Seja lá o que esteja por vir para você, por favor, deixe que seja para *nós*.

Estávamos frágeis aquele dia. A crueza do conhecimento e da ferida ainda estava fresca demais – nós simplesmente não conseguíamos falar muito. Segurei a mão de Lilah e, então, peguei no sono na cama com ela em meus braços. Uma enfermeira tentou me mandar para casa à noite e eu lhe disse que precisaria me tirar dali à força se quisesse que eu fosse embora. Depois de um pouco de negociação, deixei que eles me colocassem em uma maca ao lado da cama de Lilah.

De manhã, a médica veio.

– Callum, esta é Lynn Overly. Ela é minha neurologista.

Lilah apresentou uma mulher surpreendentemente jovem de jaleco branco. Lynn tinha olhos verdes enormes e uma auréola impressionante de cachos loiríssimos. Tão alta quanto eu e com ombros largos como os de uma nadadora olímpica, Lynn parecia uma amazona, mas sua forte presença física era estranhamente reconfortante.

– Este é Callum Roberts, meu parceiro.

Parceiro. Ah, como eu quis que ela nos rotulasse com algo tão concreto quanto isso. Não chorei quando meus pais morreram – mas, agora, parecia que toda vez que qualquer pessoa falava, havia um soluço esperando para explodir dentro do meu peito.

– Prazer em conhecê-lo, Callum. E você parece muito melhor, Lilah. Seu diagrama melhorou ontem e estou vendo que você finalmente aceitou aqueles antibióticos que eu estava tentando enfiar goela abaixo.

Lynn deu uma analisada na prancheta que tinha pegado na beirada da cama de Lilah.

– Estou me sentindo muito melhor. Quando posso ir para casa?

Lynn colocou a prancheta de volta no lugar e puxou um banco, empoleirando-se ao lado das coxas de Lilah.

– Preciso conversar com você sobre isso, Lilah. É hora de uma conversa franca e de um plano para seguir adiante.

– Seguir adiante?

O sorriso de Lilah era irônico.

– Você encontrou a cura para a DH e se esqueceu de me contar?

A intensidade do arrependimento no rosto da médica mostrava alguém que tinha muito mais apego do que seria recomendado em sua profissão.

– Gostaria que fosse o caso.

Lynn olhou para mim.

– Callum, você se importaria em ir dar uma volta?

– Não – interrompeu Lilah. – Se Callum quer ficar aqui agora, ele precisa ouvir o que você tem a dizer.

– Tudo bem, Lilah, não me importo. Mas eu estava esperando que talvez *você* tivesse algo a dizer.

– Lynn, se você quer saber, eu conto. Só não sei como isso vai ajudar.

– Contar o quê? – perguntei baixinho para Lilah.

– Como entrei em remissão.

– Sei que foi algo duvidoso.

O tom de Lynn era irônico.

– Eu só acho que talvez agora seja a hora de trocarmos informações.

As palavras pairaram no ar. Eram palavras que ainda não tinham forma, mas que eu estaria juntando assim que tivesse mais detalhes. *Como fazemos você voltar lá para fazer isso de novo e para quando podemos planejar?*

– Não quero colocar você em uma situação constrangedora, Lynn. Existe algum sentido em revelar isso agora?

– Nunca ouvi falar de nenhum caso de Huntington que tenha entrado em remissão completa. Muito menos por cinco anos. Estou muito curiosa, Lilah, mais que isso... o que eles fizeram pode nos dar uma ideia do que podemos esperar daqui para a frente.

– Não tem por quê. – Lilah suspirou, endireitando-se na cama.

Não havia nenhum tubo de oxigênio no nariz dela hoje e sua cor havia melhorado. Fiquei pensando nos comentários da médica sobre os antibióticos e me perguntando se eu era responsável por aquela decisão.

– Foi uma terapia com células-tronco. Um médico americano fez o procedimento em um hospital no México e agora ele está na cadeia.

– Isso é tudo que você sabe?

– Claro que não.

Lilah ficou irritada e ofendida com a pergunta.

– O neurologista que fez o procedimento injetou células-tronco pluripotentes nos gânglios basais.

– Que tipo de cirurgia foi?

– Estereotáctica.

– Quantas sessões?

– Duas. Comecei a melhorar depois da primeira; a segunda pareceu me fazer entrar em remissão imediatamente.

Depois de um instante, uma expressão de pura preocupação se instalou no rosto de Lynn. Ela olhou

para o chão e balançou a cabeça.

– Esse procedimento ainda precisa de uns dez anos de aprimoramento, Lilah. Talvez mais.

– Eu não tinha nada a perder – respondeu Lilah, dando de ombros. – Eu não tinha absolutamente nada a perder.

– Eles injetaram algo no seu cérebro que disseram ser células-tronco, mas podia muito bem ter sido água da privada. Você jamais saberia.

– Se eu morresse, teria morrido e pronto. Pelo que eu iria viver? Décadas de um declínio lento? Precisava fazer uma tentativa, e eu consegui cinco anos ótimos com isso, então valeu a pena.

– E...

Lynn começou a falar hesitante, aí pensou melhor. Lilah suspirou enquanto alongava o pescoço para lá e para cá.

– Sim, Haruto fez o mesmo tratamento. Não sei o que deu errado. Era nossa segunda sessão, mas o corpo dele não tinha respondido como o meu. Ele nunca acordou da cirurgia, então suponho que o médico tenha vacilado ou que eles tenham cometido um erro na anestesia.

– Vamos voltar para o México – falei.

Uma chama repentina de esperança nascera dentro de mim.

– Podemos pegar um voo assim que você estiver forte de novo. Podemos voltar àquele hospital. Talvez haja algum outro neurologista...

Lynn gesticulou na minha direção, me dispensando educadamente.

– Além de Lilah e Haruto, consigo pensar, agora, de cabeça, em sete pacientes que atravessaram o mundo para países com regulamentações médicas mais flexíveis na esperança de uma cura.

– Então você tem contatos para nos passar?

– Você me entendeu mal. Dos sete, cinco não melhoraram, um morreu e o outro ficou com sérias lesões cerebrais. Até mesmo Haruto... Suponho que você saiba que ele voltou em estado vegetativo. O fato de Lilah ter encontrado alguém que fez o que disse que ia fazer e foi bem-sucedido, sem lesionar o cérebro dela durante a cirurgia ou deixá-la com alguma infecção, é um milagre. Céus, isso não é nem uma ciência exata ainda, nem de longe. Eu poderia até apostar que mesmo que você conseguisse que o mesmo neurologista repetisse o procedimento, ele não replicaria esses resultados.

– Nem estou cogitando a hipótese de tentar de novo.

Lilah olhava diretamente para mim e, quando abri a boca para protestar, ela continuou, determinada:

– Na última vez eu não tinha aceitado isso. Agora é diferente.

Ela apertou minha mão e eu soube que estava se referindo a mim, mas aquilo simplesmente não fazia sentido. Eu era um motivo maior ainda para ela *lutar*.

– Você não pode desistir – falei. – Não pode. Mesmo que a gente só tenha que aguentar firme por alguns anos, talvez o procedimento esteja disponível aqui, de forma segura.

– Mesmo que eles o aperfeiçoem e, de alguma forma, ele seja aprovado tão rápido assim, não tenho “alguns anos”, Cal.

Os olhos azuis de Lilah imploravam que eu entendesse. A súplica não me incomodou – foi a paz completa e total que vi neles que me perturbou. Lilah realmente tinha se conformado com aquilo e isso significava que ela tinha desistido.

– Você não tem como ter *certeza* disso.

– Eu tenho. Posso ouvir na porra da minha voz, pelo amor de Deus.

Ela levou minha mão ao seu rosto e repousou a bochecha nela. Havia lágrimas em meus olhos e meu maxilar estava abrindo e fechando como um peixe. Eu queria argumentar com ela. Só não sabia como começar. Quando ela voltou a falar, suas palavras eram mais suaves.

– Fizemos um estudo de deglutição alguns dias atrás. Quando engulo, uma pequena quantidade de saliva vai parar nos meus pulmões. É por isso que vivo pegando pneumonia e é por isso que vou continuar pegando, até que ela me mate.

– Mas pneumonia é tratável.

Eu estava tão frustrado que tive que me levantar e comecei a andar de um lado para outro no quarto.

– Você batalhou para chegar a uma cura milagrosa que acontece uma vez em um trilhão de casos na vez passada; e agora vai deixar uma porcaria de um resfriado abatê-la?

– Se a *porcaria do resfriado* me abater, vai ser uma graça – respondeu Lilah, dando de ombros.

Ela tinha tido anos para se preparar para isso. Eu tinha tido horas. Mas não conseguia compreender sequer como ficar tão calmo quanto ela com relação a esse assunto.

– Se eu esperar que a DH me mate, vou me esquecer completamente de como engolir, sorrir e limpar a bunda. Um dia, minha mãe vai entrar no quarto e eu não vou me lembrar do nome dela e como meu cérebro vai ter perdido a conexão entre o nome dela e as minhas lembranças dela, mesmo que você me lembre de quem ela é, eu não vou ligar. Isso foi *exatamente* o que aconteceu com meu pai. Então ter uma febre, tossir e morrer? Isso me parece *divino* a essa altura.

– Vocês querem um pouco de privacidade? – perguntou Lynn.

Eu ainda andava de um lado para outro junto à cama de Lilah, procurando por uma pequena centelha de esperança e sentindo que eu tinha acabado de encontrar uma, e Lilah ou Lynn tinha me cortado imediatamente.

– Eu só preciso entender, Lynn. Preciso entender por que, com todos os recursos deste hospital e o seu treinamento e toda essa maldita indústria, não há absolutamente nada que você possa fazer para ajudá-la. – Minha voz vacilou.

– Há muitas coisas que podemos fazer para ajudá-la, Callum. Tenho um time inteiro de especialistas prontos para tratar os sintomas à medida que eles forem surgindo. – Lynn se levantou e sua expressão era triste enquanto ela me observava desacelerar o passo. – A única coisa que não podemos fazer é mudar o DNA de Lilah.

Nos dias seguintes, eu mal conseguia sair do quarto do hospital. Ficava sentado com Lilah, dormia ao lado dela e compartilhava sua comida nojenta de hospital. Ficávamos de mãos dadas em silêncio, conversávamos sobre o tempo e líamos o jornal juntos. Haveria tempo para explicações e conversas profundas depois – agora não era hora. Tudo que eu podia fazer era assimilar a maravilha de tê-la novamente ao meu lado.

Aí comecei a buscar respostas, a tentar encontrar uma maneira de entender. Lilah, Peta e até mesmo Lynn ficavam sentadas comigo por horas, me mostrando estudos acadêmicos e livros didáticos e desenhos bobos para tentar me ajudar a compreender o que estava acontecendo. Lynn me mostrou o mapeamento que eles tinham feito todos aqueles anos, apontando a mutação genética que causava a doença. Ela explicou paciente e repetidamente o básico da medição da repetição de trinucleotídeos em genes, o que basicamente indicava quanto a mutação de Huntington era complicada no DNA de Lilah. Isso foi, então, comparado com um modelo que previa o início dos sintomas, então era sabido que Lilah deveria esperar para começá-los quando tivesse entre 30 e 35 anos. Apesar de os sintomas da DH poderem desencadear a qualquer momento, a experiência de Lynn dizia que, quanto mais precoce seu aparecimento, pior o declínio. Alguns pacientes com DH não adoeciam até fazer 60 anos. A não ser por um milagre, Lilah não viveria até os 60.

As peculiaridades de Lilah de repente começaram a fazer todo sentido – sua paranoia com glutamato monossódico, por exemplo. Havia alguns artigos jornalísticos controversos que sugeriam que um dos

ingredientes do glutamato monossódico estava, de alguma forma, relacionado a distúrbios neurológicos e isso bastava para ela. Lilah o tinha eliminado religiosamente de sua alimentação.

– Eu queria dar a mim mesma a melhor chance. Então eu li e li e li e transformei cada ideia inovadora em um dogma – explicou ela delicadamente. – Haruto era vegano. Eu só optei pela dieta depois que ele morreu, mas sempre me senti melhor por isso. E não faltam indicações científicas que sugerem que uma dieta baseada em vegetais é melhor para a saúde no geral.

Ela ainda estava aderindo à dieta vegana no hospital e eu entendia isso como um sinal de que, em algum nível, Lilah ainda tinha alguma esperança. Por que alguém suportaria a tentativa patética de um hospital em servir comida vegana se não tivesse uma crença genuína de que aquilo lhe traria um benefício maior está além da minha compreensão.

E, é claro, eu fiz minha própria pesquisa. Enquanto Lilah descansava, eu bombardeei o Google com busca após busca. E assim como eu tinha feito no dia depois que nos conhecemos, eu procurava a combinação certa de palavras-chave ou caracteres que me dessem o que eu queria: esperança.

Mas não importava quanto eu fuçava. A situação era dramática. Havia pesquisas em andamento em todo o mundo, estudos e testes e ideias sendo trabalhadas e testadas o tempo todo. Havia possibilidades reais para o futuro, também: pesquisas com células-tronco eram obviamente promissoras e estudos em animais tinham mostrado certo potencial em uma droga baseada em DNA que talvez pudesse desabilitar o gene mutante por um período de tempo, fazendo com que os sintomas cessassem, basicamente como já tinha acontecido com Lilah.

Mostrei minha pesquisa a Lynn quando Lilah estava fora, fazendo um exame.

– Esse é o caminho – disse ela, muito gentilmente. – Com certeza há esperança de que, até o fim da minha vida, veremos uma cura para essa doença. Pode muito bem ser esse conceito, esse baseado em DNA, que vai ser a cura.

– Mas e a vida de Lilah? O artigo diz que os testes da droga devem começar em alguns anos.

– Sim, Callum. Os testes antissenso em humanos devem levar pelo menos dois anos para serem iniciados.

Dois anos. Vinte e quatro meses. Noventa e seis semanas. Não era nada, um estalar de dedos. Lilah conseguiria aguentar esse tempo, certo? Quando eu disse isso, Lynn meneou a cabeça em silêncio.

– Ela precisa aguentar, Lynn. Ela chegou até aqui.

– Você vai continuar lendo e vai continuar pesquisando – disse Lynn. – Não importa quanto Lilah ou eu ou qualquer outra pessoa sejamos pessimistas, você vai continuar, porque você a ama.

Concordei com a cabeça. Ela tinha razão. Eu não podia parar de querer ou de tentar, nem que minha vida dependesse disso.

– Mas se você quer que eu diga a verdade, Cal, aqui vai: não sei como a clínica no México conseguiu colocá-la em remissão ou por que esse período terminou e não sei por que ela está deteriorando com tanta rapidez. Mas, por mais difícil que seja ouvir e aceitar, eu diria que estamos falando de alguns meses para Lilah, não anos; e tenho bastante certeza de que ela está em paz com isso.

– Não posso simplesmente desistir.

– É claro que não. Mas acho que você precisa encontrar um jeito de focar toda essa energia positiva fantástica em aproveitar ao máximo o tempo que ela ainda tem.

Lynn me deixou sozinho depois disso. Fiquei olhando para a tela do computador até meus olhos começarem a doer, arremessando teorias e possibilidades para todos os lados na minha mente. Havia uma universidade na China conduzindo um experimento com animais com esse conceito antissenso. Será que eu podia levar Lilah até lá? Subornar alguém para tentar ajudá-la? Tentar roubar um pouco da droga? Como eu poderia convencer Lilah? Será que Peta me impediria?

Coloquei a ideia em espera quando Lilah voltou para o quarto. Ela estava cansada e precisava que eu estivesse calmo e solícito, não despejando ideias loucas em cima dela. Quando saí para buscar algo diferente para ela jantar – *qualquer* alternativa à salada sem graça que o hospital tinha providenciado –, prometi a mim mesmo que eu retomaria aquela ideia, talvez em uma ou duas semanas, assim que as coisas tivessem se acalmado.

Tivemos algumas visitas durante a estadia no hospital. Peta ia e vinha, tentando continuar com suas aulas particulares de canto em Gosford e passando a noite em um hotel próximo quando podia. Nancy e Leon trouxeram alguns legumes e verduras frescos e uma caixa de frutas e ficaram sentados ali tomando chá conosco como se estivéssemos em um café em vez de um hospital. Eles contaram todas as novidades da família e da fazenda e fizeram promessas de compotas maravilhosas com a colheita de inverno.

Na quarta à tarde, um grupo de quatro pessoas apareceu na porta enquanto Lilah descansava. Eu estava lendo o jornal na hora – ou melhor, estava *relendo* pela décima vez a edição do dia anterior – e me levantei e saí silenciosamente no corredor.

– Posso ajudar?

– Você deve ser o Callum – disse o homem mais velho, que deu um passo à frente como se fosse apertar minha mão, mas me surpreendeu ao me abraçar. – Estou tão aliviado por você estar aqui. Sou Alan, um dos sócios do escritório de Lilah. Estes são Bridget, Anita e Liam.

– Somos... Éramos do time de Saoirse.

Lágrimas pesadas caíam dos olhos de Bridget. Ela era jovem, talvez tivesse 20 e poucos anos, e parecia arrasada.

– Sou a secretária dela... Era, enfim.

– E Anita e Liam eram os assistentes de Lilah – explicou Alan baixinho, apesar de não ser necessário, já que eu tinha ouvido os nomes deles dezenas de vezes. Geralmente em meio a palavrões, dada a decepção brutal que Lilah parecia sentir com relação ao trabalho deles.

Analisei os rostos dos colegas dela e vi o sofrimento em seus olhos.

– Como ela está?

– Bem melhor – respondi.

Em se tratando da pneumonia, ela estava mesmo.

– Estou tão, tão feliz por vocês dois...

As lágrimas rolaram. Fiquei repentinamente desconfortável com a empatia nos olhos de Bridget e me mexi constrangido, atipicamente inibido.

– Eu também – falei.

– Vocês não vão entrar, seus idiotas? – gritou Lilah do quarto.

Abri a porta e os colegas dela me seguiram.

– Puta merda. Vocês sabem que isto aqui é um hospital, não uma boate, né? Por que vieram todos de uma vez?

O desdém no tom dela me chocou, mas não pareceu abalar as visitas nem um pouco.

– Lilah era uma chefe terrível? – perguntei de repente.

– Deus, se era – respondeu Anita, e todos rimos nervosamente, com exceção de Lilah, que fez uma careta.

– Senti sua falta.

Bridget se aproximou da cama e tentou pegar a mão dela. Lilah a dispensou e apontou impacientemente para a cadeira na qual eu estava sentado antes.

– Sente-se, Bridget. Isto não é uma despedida, sabia? Você não precisa ficar chorando em cima de

mim.

O tom severo de Lilah amenizou o clima no quarto, até que ela acrescentou baixinho:

– Ainda.

– Tenho ótimas notícias, Lilah. Conseguimos recrutar Ann Jenkins. Ela vai começar em alguns meses – disse Alan, então abriu o paletó enquanto se sentava na beirada da cama.

– Ann? – repetiu Lilah. – Como sócia?

– Isso mesmo.

– Isso é fantástico, Alan. Parabéns.

– Achei que você fosse aprovar.

Lilah deu uma olhada para mim e explicou:

– Ela é advogada. Bem melhor que eu. Vai cuidar da parte ambiental.

Olhei para Alan e franzi a testa.

– O cargo de Lilah?

– Não é mais meu – esclareceu Lilah. – Alan comprou minha parte da sociedade.

Ela começou a interrogar sua antiga equipe, questionando sobre vários casos e funcionários do escritório, enquanto eu fiquei parado em pé ao lado da porta, digerindo a notícia de que ela tinha largado o emprego. Depois de alguns minutos, dei uma olhada no relógio.

– Acho que vou... vou só dar um pulo em casa para pegar umas roupas limpas. Você vai ficar bem, Ly?

– Claro que vou – respondeu ela, e sorriu para mim.

A conversa sobre o trabalho a tinha animado e, enquanto eu dirigia para casa, pensei naquilo. É claro que eu podia entender por que Lilah tinha aberto mão do trabalho, mas aquilo ainda era uma surpresa – e nada agradável.

Fui até minha casa e voltei ao hospital antes de perceber por que estava tão chateado com aquela notícia. Eu buscava por sinais de que Lilah estava lutando, apostando todas as minhas fichas em pequenos sinais de vida. Ela estava mantendo a dieta. Tinha tomado os antibióticos. Parecia genuinamente entusiasmada por eu ter voltado com ela. Ao mesmo tempo, todo o meu foco tinha estado em compreender a doença e como poderíamos chegar a uma cura. Enquanto eu cumprisse meu papel de encontrar um milagre e ela cumprisse o papel dela de continuar tentando, ela iria, de alguma forma, ficar bem.

Mas Lilah tinha largado o emprego e vendido sua parte da empresa para Alan. Ela estava finalizando seus negócios, se preparando para dizer adeus. Por ela, a batalha já estava perdida. Eu tinha me concentrado tanto na doença dela e no significado de tudo aquilo que não deixara muito espaço no meu cérebro para a realidade de que ela ia, afinal, morrer. Nunca estaria preparado para dar adeus a Lilah. Nem mesmo se ela conseguisse sobreviver por mais uma, duas ou três décadas.

Os colegas de trabalho dela tinham ido embora e Lilah havia tomado banho enquanto eu estava fora. Ela se encontrava sentada na cama secando os cabelos com uma toalha. Notei que o tubo intravenoso fora finalmente removido.

– Lilah, você precisa voltar a trabalhar.

Ela ficou olhando para mim com indiferença.

– Bom, primeiro, não, não preciso. E segundo, não posso, mesmo que quisesse.

– Olha...

Sentei-me ao lado dela, tirei a toalha de suas mãos e Lilah se virou para que eu pudesse terminar o serviço para ela. Enquanto eu secava e esfregava seu cabelo, lutei para encontrar as palavras certas.

– Você precisa trabalhar. Precisa. Talvez Alan possa lhe dar alguns pequenos casos em que você

possa trabalhar aqui ou em casa.

Lilah ficou em silêncio e eu não tinha certeza se ela me ouvira. Eventualmente, ela se virou e pegou a toalha de volta. Sua expressão era vaga.

– Lilah?

Ela largou a toalha ao lado da cama e se recostou nos travesseiros, os olhos nos meus. Sua mão magra se ergueu para acariciar minha bochecha.

– Sabia, Cal, que até eu conhecer Haruto, eu não tinha o menor interesse por direito ambiental?

Aquilo me chocou, quase me deixou sem fôlego, para falar a verdade. Era difícil imaginar Lilah sem aquele lado hippie ambientalista. Eu sabia que ela havia trabalhado com direito corporativo em algum estágio da vida, mas tinha assumido que aquilo era um degrau rumo à profissão real e nobre com a qual ela sempre sonhara, para salvar o planeta e tudo o mais. Além disso, eu não queria realmente ouvir falar sobre o ex-namorado falecido dela, especialmente agora que eu sabia como ele tinha morrido.

– Mudei de especialidade depois que ele morreu porque o meio ambiente era a paixão de Haruto e eu me sentia culpada demais por ter sobrevivido, e ele não. Eu sentia como se devesse a ele tentar fazer a diferença. E o fato é que passei a amar esse trabalho. Sou uma riponga de coração, mesmo que eu não tenha percebido isso até cinco ou seis anos atrás.

A mão dela desceu até a minha coxa e Lilah entrelaçou nossos dedos.

– Mas, Callum, eu tenho DH. Mesmo que eu quisesse, não posso voltar ao trabalho e o fato é que eu *não quero* voltar. Quando percebi que estava ficando doente de novo, depois de ter processado toda a dor da realidade, um fardo foi tirado de mim. Chega de ficar procurando obsessivamente por sinais de que a doença tinha voltado, chega de me sentir como se eu tivesse, de alguma forma, roubado a chance de Haruto de mudar o mundo. Ganhei cinco anos, cinco inesperados e maravilhosos anos, e aproveitei-os ao máximo por ele. Mas esses últimos dias ou semanas ou meses, esses são *meus*.

– Mas o que você vai fazer?

Meus lábios estavam dormentes. Lilah passou o polegar pelo dorso da minha mão.

– O que vou fazer, Callum, é ficar doente e depois morrer. Você precisa entender isso.

Levei a mão dela ao meu rosto e me escondi atrás dela. Eu não queria que ela visse que eu estava prestes a chorar como um bebê. De novo.

– Quero voltar para Gosford com você – sussurrou ela. – Quero ficar sem fazer nada na casa e comer verduras frescas e falar merda como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

A mão dela se contraiu no meu rosto. Apertei os olhos.

– Quero fingir que esta é a metade da nossa vida juntos. Quero fingir que tivemos décadas juntos e ainda temos décadas pela frente. Quero fingir que sabemos tudo um sobre o outro, mas ainda temos coisas sobre as quais conversar, porque simplesmente queremos *ouvir* o outro falar.

Aquilo parecia lindo. Lindo mesmo. Ela se endireitou e, quando eu abri os olhos e voltei a encará-la, seu olhar era severo.

– Mas vamos fazer isso do meu jeito. Quando for minha hora de partir, você vai me deixar partir, apesar de ser cedo demais e você não quer que eu vá embora.

– Nossa, Lilah. Você não pode me pedir isso.

– Estou forte agora. Tão forte quanto jamais estarei. Amanhã de manhã, quando Lynn vier me ver, vou me dar alta e voltar para o apartamento. Podemos passar a noite lá para que eu possa regar as plantas e arrumar algumas coisas, mas depois eu quero que você me leve para Gosford. E quando eu ficar doente de novo, não vou voltar para o hospital. Você entendeu?

Talvez eu a fizesse mudar de ideia, talvez não. Ela nunca me convenceria a parar de tentar. Abri a boca para dizer isso a Lilah e ela colocou a mão para me calar.

– E isso é tudo, Callum. Se não consegue lidar com isso, então vá embora. Eu quero você aqui, mas não vou *aceitar* você aqui se não puder ser do meu jeito.

A mão dela ainda estava na minha boca, mas nossos olhos se fixaram um no outro. Ela estava me analisando, buscando sinais de resistência, pronta para me dispensar de novo. Ergui a mão e removi a dela delicadamente do meu rosto.

– Eu entendo.

Mas não entendia. É claro que não entendia. Era tudo recente demais e eu estava a um longo caminho de entender esse lugar estranho onde eu me encontrava, quanto mais as exigências dela. Mas eu precisava de tempo para assimilar tudo, e essa conversa não poderia sobreviver a uma pausa de um mês.

– Ótimo.

Lilah deu um sorriso, satisfeita, até que um pensamento triste passou por sua cabeça.

– Vai ser um alívio voltar para o apartamento. O que sobrou das minhas plantas provavelmente já virou pó.

Lynn não resistiu quando Lilah pediu para ter alta no dia seguinte e vou admitir que foi um alívio andar com ela até meu carro e levá-la para casa.

E Lilah tinha razão com relação às plantas. Estavam todas mortas.

– Eu só queria conseguir fazer o que meu pai fazia – disse ela, suspirando, enquanto andava por entre os vasos com um regador. – Ele realmente tinha o dom de fazer as coisas florescerem. Não importa quanto eu tenha me esforçado ao longo da vida, simplesmente não consigo.

– Você não consegue com plantas – murmurei. – Mas consegui comigo.

Ela ergueu os olhos para mim e ambos demos um sorriso torto com aquela minha fala cafona.

– Você *floresceu* nesses últimos meses?

Um lampejo de culpa passou pelo rosto dela.

– Não quero mais nenhum segredo entre nós, Lilah. Então vou contar a você que eu fiquei total e desesperadamente desolado desde que nos despedimos em Gosford.

Olhei para o mar além da sacada.

– Você podia ter me contado, sabia?

– Achei que você reagiria mal – disse ela, me dando uma risadinha triste. – E agora tenho certeza de que estava certa. Era simplesmente justo dar a você uma saída antes que você precisasse de uma.

– Acho que você teve uma vida cheia e já viu os quatro cantos do mundo e já conheceu pessoas fascinantes e conquistou muitas coisas. Talvez, para você, este relacionamento seja apenas mais uma parte disso tudo, mas, para mim, tem sido uma revelação arrebatadora, de mudar a alma. E ter você tirando isso de mim porque sabia que as coisas iriam ficar conturbadas daqui para a frente, bom, eu aprecio a consideração. O fato é que quando imagino a dor de ver você ficando cada vez mais doente e comparo com a vida sem você, eu imediatamente sei que vou ficar ao seu lado, murchando com uma frustração impotente ao mesmo tempo em que me sinto vergonhosamente grato por você ainda fazer parte da minha vida.

A mão de Lilah estremeceu e o regador se moveu com ela, respigando água em toda a sua perna e no chão da sacada. Ela continuou como se nada tivesse acontecido.

– Como você soube que a doença tinha voltado? – perguntei a ela.

Lilah arrancou uma erva daninha de um vaso e deu de ombros.

– Eu suspeitava havia algum tempo, talvez desde antes de nos conhecermos. Sabendo que essa guilhotina estava pairando sobre a minha cabeça, eu sempre percebia sintomas, mesmo quando não havia

nenhum, mas no último ano, mais ou menos... Houve essa mudança na minha capacidade de acompanhar o ritmo no trabalho...

Ela jogou a erva daninha pela sacada, na rua lá embaixo, e voltou a regar.

– Acho que é parte do motivo pelo qual eu tentei dizer a mim mesma que iria manter você a uma distância segura.

Ela ergueu os olhos e me deu um sorriso insolente.

– Viu? Eu já estava delirando. Nós dois sabemos que este não é o tipo de relacionamento que uma pessoa pode controlar.

– Você não acha que é injusto que tenha ficado bem todos esses anos e a gente só tenha se encontrado quando você começou a ficar doente de novo?

– O acaso é o acaso, Cal.

Ela regou uma planta morta, como se ainda houvesse esperança para ela, de alguma forma.

– Depois que nos encontramos aquela primeira vez, eu decidi que *não* seria justo com você deixar que essa coisa entre nós se solidificasse. Para falar a verdade, eu fui de carro para o trabalho depois daquela primeira noite para não ter que ver você e daí *pá*, lá estava você, passando pelo meu escritório bem na hora certa. Parte de mim quer acreditar que era para ser assim, mas a maior parte de mim acredita que simplesmente aconteceu e depois que nos conhecemos...

Ela divagou e se virou de volta para mim.

– Você tirou licença do trabalho?

– Eles me mandaram um e-mail hoje de manhã.

Eu tinha, na verdade, lido o e-mail enquanto ela arrumava as coisas para ir embora do hospital, mas depois me esquecera completamente. Era engraçado como o trabalho era a menor das minhas preocupações ultimamente.

– Os diretores me deram uma licença remunerada de três meses. Depois disso, vamos reexaminar a questão.

– Reexaminar – repetiu Lilah baixinho.

O fluxo do regador reduzira para poucas gotas e ela se virou para mim e o esticou na minha direção.

– Pode encher de novo?

– Você sabe que está regando plantas mortas, né?

As dezenas de vasos na sacada continham basicamente galhos sem folhas e terra seca. Ela balançou o regador mesmo assim e ergueu as sobrelhas para mim.

– Nós estamos na fase de cumprir os últimos desejos da minha vida de verdade, seu imbecil, e ser uma jardineira incrível está na minha lista de coisas para fazer antes de morrer, então trate de ir se mexendo.

17 de abril

Não sei se vou perdoar minha mãe por ter entrado em contato com Callum.

Mas *tenho* certeza de que serei eternamente grata.

Estou na última etapa da minha jornada. Esses são os últimos dias e as últimas semanas que passarei aqui e pensei que eu soubesse como seria. Tenho esperado essa fase da vida há quase seis anos. Tudo está no lugar; todos os meus negócios estão finalizados – todos, menos um. O que sobrou é a melhor ponta solta de todas, o nó do amor que vou amarrar lentamente até partir. O que minha mãe e Callum me deram é uma beleza inesperada e aconchego – e complicação – durante esse último estágio.

Eu ainda sonho acordada em me casar com ele, às vezes. Ainda retorno àquele jardim nas montanhas e prometo a ele uma vida toda que eu não tenho para dar. É um sonho lindo e delicado, a parte mais calma de mim. Talvez seja a última parte que sobrou. Eu gostaria que fosse assim, que tudo desaparecesse agora e meus últimos pensamentos fossem sobre Cal.

Mas agora... posso viver a lua de mel. Sou a mulher mais sortuda do mundo, visto que, chegando até os filamentos de DNA que me compõem, eu tenho sido azarada para cacete desde o momento em que fui concebida.

Se fosse apenas o problema da deglutição ou somente a coreia ou a maneira como meu equilíbrio falha, eu estaria bem. Há soluções para essas coisas. Me deem um tubo para me alimentar. Me encham de antiespasmódicos. Me entreguem um andador. Eu poderia lidar com isso. Mesmo.

Mas a confusão está voltando. A sensação de que minha mente está ficando lamacenta e meus pensamentos estão emaranhados em meio à bagunça. Procuo ideias e só encontro conceitos. É uma distinção refinada, eu sei, mas é importante. Como se chama aquilo, aquilo que eu quero para pôr a comida na boca? Eu poderia lhe contar tudo sobre ele. É um talher e tem quatro dentes. É de prata esterlina e meus avós ganharam o jogo completo no dia de seu casamento, o que significa que tem quase 70 anos – talvez eu possa até calcular os dias de sua existência, já que sei a data do casamento deles. Fiz mil refeições com ele na fazenda, algumas das quais eu consigo me lembrar em detalhes vívidos. É pontudo e frio e surpreendentemente pesado porque é um jogo de altíssima qualidade. Faz conjunto com a faca e a colher.

E aí eu me sento e fico olhando para ele, segurando-o e tocando-o, e pode ser que se passem minutos até eu associar o nome “garfo” a ele. Está acontecendo cada vez mais. Não diariamente, ainda, mas a cada dois dias. A névoa retornou e está ficando mais densa diante dos meus olhos.

É demais, tudo junto é demais. É por isso que não consigo administrar. Pelo menos é o que digo a mim mesma. A verdade é que eu nunca saberei o que consigo e o que não consigo administrar porque foi esse o destino que recebi.

Era quase um alívio voltar a Gosford, mesmo sob aquelas circunstâncias. Acho que eu sempre sentiria falta de ter tido um desfecho se tivéssemos deixado as coisas como estavam.

Eu estava me acostumando a conviver com Lilah de novo, o delírio inicial e o choque da semana no hospital se esvaindo. Eu aprendi a não reparar nas convulsões das mãos dela ou na maneira desajeitada como ela caminhava agora. Havia uma inabilidade nos passos dela e uma rigidez nos músculos de suas pernas. Lilah ainda se movimentava bastante e se fossem só alguns passos, podia parecer que ela estava apenas rígida por ter ficado sentada tempo demais. Mas quando eu observava Lilah atravessar um cômodo ou no jardim, era claro que ela estava com dificuldades.

E isso era ruim, mas nem de longe tão difícil para mim do que vê-la engasgando. Lilah me disse, com seu jeito não muito sutil, que eu não podia entrar em pânico quando ela tentasse engolir e acabasse tossindo, porque só piorava quando me levantava de supetão e corria para o lado dela.

– *Put a que pariu, Callum. Me dê um pouco de espaço, porra!*

Ela mal tinha acabado de engasgar e já soltava os cachorros em cima de mim. Eu me continha para comer bem devagar, para não terminar muito antes dela. Aprendi a focar a minha respiração enquanto comíamos e, se ela parecia engasgar, eu respirava fundo duas vezes antes de tentar ajudá-la.

Também encontrei maneiras de estar ao lado dela quase 24 hora por dia. Ela era desastrada e sua coordenação já estava afetada. Se ela ia ao banheiro, eu me demorava casualmente por perto, caso ela caísse. Quando Lilah tomava banho, esperava até ela entrar no banheiro e, assim que ouvia a água começar a cair, eu ficava ao lado da porta para garantir que ela estava bem. Quando a água parava de correr, eu me afastava rapidamente para que Lilah não soubesse que eu me encontrava do lado de fora. Lilah era mais aberta comigo agora com relação ao nosso relacionamento e ao que sentia por mim, mas ainda se recusava a ser mimada. Eu sabia, instintivamente, que Lilah se recusaria a ser tratada como uma inválida muito tempo depois de ter perdido sua independência. Por ora, eu era meio anjo da guarda, meio *stalker*.

Tenho certeza de que parte da minha motivação subconsciente era assimilar cada segundo da presença dela enquanto eu podia, mas boa parte de mim estava com medo. Cada cômodo, cada atividade, cada momento trazia um perigo em potencial e, de alguma forma, eu precisava aproveitar cada segundo. Os dias eram gloriosamente longos. Havia muito tempo para curtir-la e muitas coisas a fazer para mantê-la em segurança.

Depois que nos ajustamos à nova rotina, comecei a encorajar Lilah a ir até o jardim. Ela estava em sua melhor forma sob a luz do outono. Eu preparava uma cesta de piquenique com um cobertor e alguns livros e lanches e a levava até uma porção macia de grama. Isso naturalmente a fazia querer trabalhar na horta de novo e, apesar de ser um exercício angustiante para mim, eu podia ver que ela precisava daquilo.

– O que você acha que acontece quando a gente morre? – perguntou ela uma tarde enquanto colhíamos

verduras e legumes.

Eu não sabia como respondê-la e acho que o silêncio, que se tornou constrangedor, respondeu por mim.

– Eu também acho – depreendeu ela corretamente. – Nada.

Não me entenda mal. Eu gostaria, de todo coração, que minha racionalidade estivesse errada e houvesse uma linda vida após a morte esperando por Lilah. O problema era que eu não comprava essa história, nem mesmo agora, de que ela podia dar a nós dois um reconforto desesperadamente necessário.

– Acredito que só temos esta vida – confessei. Joguei mais salsão no cesto de bambu no qual estávamos depositando a colheita. – Você também?

– Eu pendo para o humanismo – admitiu ela. De repente, ela agarrou o talo do salsão que eu tinha acabado de jogar no cesto e o mordeu com certa força. – Espero que, quando eu morrer, seja como pegar no sono e isso seria o fim. Um alívio, exatamente como adormecer quando você está supercansado ou sofrendo os efeitos de uma anestesia.

– Você não tem medo? – perguntei.

Eu estava surpreso, apavorado e fascinado demais pelo rumo que a conversa tomou para continuar com o trabalho físico.

– Não – respondeu ela, dando de ombros. – Não tenho nem um pouco de medo, o que me assusta, caso isso seja um sintoma. Meu pai ficou superimpulsivo quando já estava bem doente. Uma vez, minha mãe o encontrou escalando o precipício em frente à casa deles. Quando ela perguntou o que ele estava fazendo, aparentemente ele tinha simplesmente pensado em dar uma remada na água por um tempo. A conexão entre a atividade e o perigo tinha deixado de existir na cabeça dele.

Fiz uma nota mental para reforçar a cerca uma noite, quando Lilah estivesse dormindo.

– Mas acho que estou sendo racional quanto a isso – continuou ela baixinho. – Eu só espero pegar uma gripe e talvez ter febre e aí ficar vagueando entre a consciência e a inconsciência até que só me reste a escuridão. Meu cérebro não vai estar acordado o suficiente para sentir medo.

Ela me deu um sorriso.

– Escuridão. Paz. O que há para temer? Eu nem vou *saber* o que é sentir medo.

Tive que voltar a colher os salsões à minha frente. A imagem que ela pintara era deprimente demais. Após um instante, Lilah pulou por cima da fileira de verduras para segurar meus ombros e eu tive que olhar para ela outra vez.

– Mas, ei, se eu me surpreender e morrer e acordar em meio a fadas e houver algum tipo de vida após a morte, vou voltar escondido para atazanar você de algum jeito. Talvez eu apareça no seu quarto para revirar a sua gaveta de cuecas ou reorganizar seus sapatos para que eles nem formem *pares* mais.

Ela fingiu estar horrorizada e eu ri, apesar do jeito agonizante com que meu estômago revirava.

– Acho mais fácil imaginar acordar um dia e ver minha cama coberta de folhas ou flores ou algo assim.

Lilah riu também e se abaixou para beijar o topo da minha cabeça.

– Tem razão. Gostaria de esperar que eu fosse ser mais sutil, mas, para ser sincera, se eu pegar no sono e acordar como uma porra de uma fada, vou fazer parecer que você acabou de sair de um bloco de carnaval.

– Os sintomas começaram pouco antes de eu fazer 34 anos – explicou ela quando estávamos deitados na cama à noite na semana seguinte.

A ansiedade que eu havia sentido nos primeiros dias tinha passado e eu finalmente conseguia apenas curtí-la de novo.

– Fiz o teste genético logo depois que meu pai morreu e soube que a doença estava a caminho. Eu sabia que seria nova demais, também, por causa da minha quantidade de repetições CAG. Você lembra o que é isso?

– Lembro que a sua é alta.

– Quarenta e oito – disse Lilah, e ficou claro, pelo tom que usou, que ela havia considerado aquele número várias vezes ao longo dos anos. – É alta, mas não significa que a DH é pior. Só significa que os sintomas começaram mais cedo e progredem mais rápido. Os meus chegaram bem na hora.

– E o seu pai?

– Ele era um pouco mais velho quando ficou doente e minha avó era mais velha ainda. Há alguns casos em que a doença piora a cada geração. É por isso que eu nunca quis filhos. Acaba aqui.

– Como você soube que estava doente?

– A maioria das pessoas tem sintomas psiquiátricos primeiro. Frequentemente é ansiedade ou depressão, mas eu acho que não tive. Meus pés só começaram a ficar dormentes, e eu *soube* e fiquei furiosa demais. Eu tinha lido que manter meu cérebro estimulado diminuiria os sintomas motores, então, em vez de procurar um médico, comecei a trabalhar como uma maníaca. Trabalhei e pesquisei e estava exasperada com todo o Universo.

– Foi aí que encontrou o neurologista no México?

– Não, primeiro encontrei Lynn. Fiz o mesmo que você aquela manhã no hospital: tentei convencê-la a me dar a cura.

Ela riu de leve.

– Eu tinha essa sensação maluca de que havia alguma descoberta que ela estava escondendo de mim. E foi na clínica de Lynn que conheci Haruto.

Ficamos em silêncio. Tirei os cabelos do rosto dela e fiquei escutando as ondas por um tempo.

– Você quer ouvir a história dele? – perguntou Lilah, bem baixinho.

É claro que eu não queria. Não queria saber mais nada do que eu já sabia, mas havia uma ansiedade na voz de Lilah e talvez ela precisasse falar dele. Abafei meu ciúme.

– Claro.

– Você nunca fala das suas ex.

– Minhas ex não são muito interessantes.

– Aposto que elas falam de você.

– Todas as minhas ex-namoradas marcantes devem estar bem casadas hoje e, em algum momento, cada um dos maridos deve ter dito “Callum Roberts é um idiota”.

Nós dois rimos de leve.

– Me fale sobre uma delas.

Suspirei.

– Você é muito exigente. Vou contar a você sobre a Annalise.

Ela foi minha última namorada antes de Lilah, uma menininha boba e risonha, na verdade.

– Posso adivinhar? Ela era instrutora de academia.

Parecia que Lilah tinha me posto contra a parede mesmo.

– Errou – falei, ficando presunçoso, até perceber que a verdade soava muito pior. – Ela era esteticista.

– Ah, isso é perfeito. Me deixe adivinhar. Ela era a *sua* esteticista?

– Só por um tempo.

Fingi estar na defensiva porque parecia que uma conversa que até então era pesada tinha de repente

se transformado em descontraída e provocadora, e mesmo que fosse às minhas custas, eu preferia isso ao tópico anterior.

– Isso não era um conflito de interesses por parte dela? Digo, advogados e médicos não namoram clientes.

– Era prático, na verdade. Ela nunca fazia visitas em domicílio até começarmos a namorar.

– E Annalise, a Esteticista Que Atendia em Domicílio, era bonita?

– Não como você – falei, e estava sendo sincero. – Mas era atraente. Bonita é mais adequado do que linda.

Todas as minhas ex-namoradas eram mulheres bonitas. Esse detalhe parecia tão importante naquele tempo. Não é de admirar que as coisas nunca tenham dado certo.

– O que deu errado?

– Namoramos por alguns meses. Nunca deu exatamente errado. Foi mais... Não sei. Eu sabia que aquilo não ia dar em nada.

– Porque ela não era perfeita.

– Não – falei e, então, pareceu que meu coração ia sair do peito quando percebi que eu podia dizer estas palavras e elas não causariam mais nenhum estrago naquela situação já péssima. – Porque ela não era *você*.

A luminosidade da brincadeira desapareceu dos olhos de Lilah. Ela mordeu o lábio e se aninhou novamente em meu peito. Eu sabia que ela não estava chateada e sabia que não ia sair dali. Lilah me queria ali e não tinha mais como se esconder em seus segredos. Eu podia ser franco com ela agora.

Ficamos deitados em silêncio por um momento.

– Eu odeio essa doença, Lilah.

– A questão, Cal, é que não é uma doença. É o meu DNA. É isso que *eu* mais odeio. Não é algo que aconteceu comigo ou algo que eu peguei. É assim que eu *sou*, então, quando eu tento odiar isso, estou odiando um pedaço de mim. Essa é a parte mais terrível.

– O que Peta achou disso tudo? Você nunca lhe contou que estava indo para o México?

– Não. Contamos aos pais de Haruto e eles se esforçaram bastante para tentar nos dissuadir. Então, deixei minha mãe no escuro. Ela sempre me apoiou em tudo, mas eu não podia pedir isso a ela. Não parecia justo.

– Mesmo? É difícil imaginar uma de vocês guardando segredos.

– Minha mãe *perdeu a cabeça* quando fiz o teste genético e descobrimos que eu tinha o gene – disse Lilah, suspirando.

– Deve ter sido difícil para ela.

– Ah, eu sei, Cal. Tenho certeza de que foi horrível para ela. Mas, nossa, foi *pior* para mim. Tanto meu avô quanto minha avó morreram quando eu estava no último ano do ensino médio, aí meu pai morreu também, então nós duas tínhamos sido maltratadas e feridas pela vida e eu só acho que ela tinha chegado no seu limite. Minha mãe insistiu que eu fizesse o teste, acho que em busca de uma luz no fim do túnel e acreditando que eu, de alguma forma, teria escapado da loteria genética, mas eu não tinha. Então, para fechar o pior ano das nossas vidas, eu fui aceita na faculdade de direito e o mundo esteve a meu favor brevemente; aí, na semana seguinte, eu descobri que tinha DH, que minha repetição CAG era alta e que, dentro de vinte anos, eu estaria na estrada rumo ao inferno. E bem quando eu precisava de apoio para processar tudo isso, minha mãe ficou completamente fora de si, então eu fiquei sozinha com tudo aquilo.

– Sinto muito, Lilah.

– Eu sobrevivi. E superei. Eu precisava, porque sabia que a vida é curta demais, pelo menos para mim.

Acho que ela estava tentando ser engraçada de novo, mas, dessa vez, eu não ri.

– Então você foi para a faculdade mesmo assim?

– Minha mãe não queria que eu fosse. Ela pensava que se eu só tinha uns 15 anos de vida ou algo assim, eu deveria aproveitar ao máximo. Propôs vender a fazenda e viajar o mundo enquanto eu ainda podia. Até se ofereceu para vir comigo.

– Mas você foi para a faculdade mesmo assim, obviamente.

– Eu já tinha visto o mundo. Sabia como eram as coisas por aí. Eu queria conhecimento, aprendizado, desafios, estabilidade... Acima de tudo, eu queria algo normal antes que as convulsões e a insanidade começassem.

– E você conseguiu.

– Consegui mesmo. Tive uma vida ótima, Cal.

– Sua mãe se conformou.

– Sim. E assim que se recuperou do colapso, ela foi, e é, indefectivelmente incrível. Mas eu não contei quando comecei a ter os sintomas; não disse nada. Sabia que ela perceberia por conta própria. Ela não era muito fã de Haruto, então, quando decidimos tentar a terapia de células-tronco, eu só contei a ela que estávamos indo viajar. Mantive contato por e-mail, mas, durante todo o tempo que estivemos fora, eu deixei que ela pensasse que eu estava aproveitando ao máximo o resto de vida que eu tinha.

Lilah se mexeu de leve na cama, se aconchegando mais perto com a lembrança.

– Então você perdeu a sensibilidade dos pés e, depois, a recuperou. É por isso que você nunca usa um maldito sapato?

– Eu sentia falta da sensação da terra sob meus pés. Mas não, não tenho uma desculpa. Eu sempre fiz isso. Eu simplesmente *odeio* sapatos.

Senti o sorriso dela no escuro.

– Quanto tempo Haruto ficou na cama antes de morrer?

– Alguns meses. Ele respirava sozinho, mas fora isso, era um vegetal e nunca mais recobrou a consciência. Menti para todos e disse que tínhamos sofrido um acidente de carro. Nem contei a verdade para os pais dele. Só disse que a terapia com células-tronco não tinha funcionado, então decidimos aproveitar para curtir a viagem e que estávamos viajando pelo México quando ele se machucou. Foi uma porra de uma mentira idiota. Eles deviam saber a verdade. Mas eram pessoas ótimas e eu não conseguia chamar atenção para o fato de que ele estava morto enquanto eu estava viva.

– Sinto muito, Lilah.

– O pior de tudo é que eu nunca mais entrei em contato com eles de novo. Ele morreu, eu fui ao velório, choramos juntos e eu disse a eles que manteria contato. E não mantive. Era difícil demais.

– Tenho certeza de que eles entenderam.

– Talvez.

– E qual era o seu plano a partir dali? Continuar advogando?

– Essa é a grande vantagem de estar em uma situação irremediável: você não precisa de um plano. Acho que eu não tinha expectativa alguma de que o tratamento fosse dar certo; eu só não conseguia suportar a ideia de fazer nada a não ser ficar sentada esperando meu cérebro ir para o espaço.

Pensei naquilo por um longo momento e tentei imaginar como eu me sentiria no lugar dela. Eu estava começando a me sentir como um especialista em DH, apesar de ainda não conseguir suportar a ideia de testemunhar o declínio dela.

– Você via bastante o seu pai quando ele estava doente?

– Sim, o suficiente.

Então eu ouvi a mudança no tom de voz dela. Parecia que quando Lilah falava sobre suas próprias

experiências, mesmo com Haruto, seu tom de voz era casual. Assim que mencionei seu pai, contudo, um peso enorme surgiu dentro dela.

– Foi terrível. Ele passou de um homem vibrante e cheio de vida para... Ele não conseguia se sentar, deitar ou ficar de pé. A coreia ficou tão ruim que ele se mexia com bastante frequência, mas não tinha a menor noção disso. E aí começou a enlouquecer e, eventualmente, virou apenas um corpo contorcido e sem alma em um asilo.

Ah, como eu queria não ter perguntado aquilo. Eu só tinha visto algumas fotos de James MacDonald, mas agora podia enxergá-lo vividamente na minha cabeça, e ele de repente ficou muito parecido com a filha.

– A pior coisa de eles terem me largado com meus avós foi que toda vez que eu o via, ele estava pior. Então, para o meu cérebro adolescente idiota, parecia que estava acontecendo da noite para o dia. E agora cá estou eu e é a minha vez e está mesmo acontecendo da noite para o dia, como eu sempre temi. É como se todos os meus pesadelos adolescentes estivessem se tornando reais. Se eu me permitisse, poderia estar muito, muito assustada agora.

Ficamos em silêncio por um bom tempo depois disso. Eu me virei para que ela se deitasse parcialmente no meu peito e eu pudesse acariciar suas costas. Depois de um longo silêncio, ela falou de novo e, quando o fez, sua voz era rouca.

– Foi uma marcha longa e lenta rumo à morte para meu pai. Minha mãe se recusava a colocá-lo em um asilo; meus avós tiveram que forçá-la a fazer isso quando ele já nem a reconhecia mais. E ele ficou lá por três meses até finalmente morrer de infarto. E, em vez de sofrimento, tudo que sentimos era alívio, porque já tínhamos sofrido por ele uma centena de vezes.

Não havia nada que eu pudesse dizer sobre aquilo e ficamos deitados em silêncio, apenas com o som da nossa respiração, até nós dois pegarmos no sono.

Alguns dias depois, Lilah estava na banheira e eu lia um livro na cama perto dali.

Eu estava atento a todos os sons para garantir que ela estava bem. Eu particularmente odiava quando Lilah decidia tomar banho de banheira. Havia tantos perigos potenciais naquele banheiro. Quando ela o tinha reformado, anos atrás, instalara uma banheira enorme debaixo da janela. Não era próxima o suficiente da parede para o meu gosto e não havia nada em que ela pudesse se segurar para entrar ou sair dela. E aquele maldito assoalho no banheiro era um pesadelo total. Lilah enchia muito a banheira, então sempre transbordava quando ela entrava e o piso ficava escorregadio com o mínimo de umidade. Eu tinha colocado toalhas e tapetes no chão, mas Lilah sempre os pegava e colocava no cesto.

Depois de um tempo, percebi que eu estava virando as páginas, mas não absorvia nenhuma palavra da história, então me levantei e fui até a porta do banheiro.

Ela estava tão linda e frágil, cantarolando fora do tom uma música que tocava do iPod apoiado em uma base no peitoril da janela.

– Oi. – Ela sorriu para mim. – Livro bom?

– Não muito. Você acha que deveríamos nos casar?

Ela não titubeou nem um segundo.

– Eu adoraria me casar com você, Callum Roberts. Se eu não fosse eu, me casaria com você em um piscar de olhos.

– Mas como você é você...

– Esse é o problema desde o começo, você sabe. O único problema, na verdade.

Ela ergueu a mão da água e observou as gotas caírem de volta na banheira.

– Eu adoraria prometer uma vida inteira ao seu lado. Só não tenho uma vida inteira para lhe dar.

– Claro que tem – falei. – Pode não ser tão longa quanto a gente gostaria, mas é uma vida inteira mesmo assim. E apesar de ser muito nobre da sua parte tentar me salvar da sua curta expectativa de vida, Lilah, durante todo o tempo você não reparou em um fator importante aqui.

– E qual seria?

– Que eu amo você. E vou amar para sempre, esteja você doente ou saudável, aqui ou... não.

Meus olhos se encheram de lágrimas e os dela também.

– Eu também te amo – sussurrou Lilah, pressionando a mão na boca como se pudesse conter o soluço que logo escapou.

Fui até a banheira e me ajoelhei ao lado dela.

– Eu sei que você pensou que estava me poupando de ter que fazer parte disso, Ly. Mas você também estava tirando esses momentos de mim, de nós, e eu não os trocava por nada no mundo.

– Eu só quero que você seja feliz, Cal.

A fala de Lilah era ainda mais arrastada quando ela estava chateada, mal dava para distinguir as palavras.

– Eu quero isso para você também – falei.

Ela se atrapalhou com as mãos molhadas em busca das minhas na borda da banheira enquanto nossos dedos se entrelaçavam e eu repousava o rosto neles para olhar para ela.

– Você, em *toda* a sua esquisitice perfeita, é o amor da minha vida. Não posso consertar isso, Lilah, apesar de querer mais que tudo nesse mundo. Mas posso prometer a você que sou seu, não importa o que aconteça a seguir.

– Eu te amo tanto, Cal. Eu me sinto exatamente assim. Sinto muito por... Sinto muito por essa ser toda a vida que vamos ter juntos. Mas estou tão feliz por você ter encontrado o caminho de volta para mim.

Por um instante, ficamos em silêncio, escutando apenas o som da nossa respiração acelerada e o barulho ritmado das lágrimas de Lilah que caíam na banheira.

– Isso se pareceu bastante com votos de casamento – sussurrou Lilah.

Apertei as mãos dela e concordei com a cabeça.

– Nada daquela baboseira de leis, né?

– Isto é quase exatamente como eu sonhei que seria, só que eu não estaria pelada e você não estaria ajoelhado em uma poça escorregadia ao lado da minha banheira.

Ela se endireitou e trocamos um beijo suave e demorado. Eu podia sair voando agora, só por um instante. Ela também me amava e tinha dito isso. Qualquer coisa além disso abandonou a minha mente e eu fiquei imerso naquele momento, plenamente vivo. Eu não queria me mexer nunca mais, não queria quebrar o feitiço.

O assoalho me obrigou a me mexer. Meus joelhos ficaram dormentes; depois, meus pés, e aí eu percebi que a água estava ficando fria. Maldita realidade que não podia ser adiada, nem ao menos por mais alguns minutos. Eu a beijei de novo.

– Então, o que você quer para o jantar da nossa festa?

– Vou sair em um minuto e ajudar você a cozinhar.

Era um código para *Por favor, me deixe fazer isso sozinha*. Não apenas porque ela ainda era independente para caramba, mas também porque o tempo não tinha melhorado meus dotes culinários veganos nem um pouquinho. Ela tirou um cacho desgarrado da minha testa.

– Eu *sabia* que, bem no fundo, você era um romântico.

– Você me pegou.

Instituímos uma tradição na fazenda. Todo domingo passávamos o dia todo explorando a horta em busca

de ingredientes e, depois, procurando as melhores receitas para eles. Eu comprava vinhos insanamente caros, em comparação com a comida, e cheguei a mandar trazer de Manly Wharf um pote do sorvete de soja sabor coco de que Lilah tanto gostava.

Enquanto o sol se punha, Leon e Nancy atravessavam a ruela de entrada e Peta chegava logo depois. Ficávamos sentados no deck, comendo e contando histórias e bebendo até que o riso e o companheirismo quase afogavam o motivo pelo qual estávamos todos ali. Era como um pequeno Natal toda noite de domingo e, durante aquelas breves horas, eu vivia plenamente no momento, apenas estando ali com Lilah e suas companhias, que, coletivamente, tinham se tornado minha família.

Eu observava a alegria no rosto de Lilah sob a luz tremulante das velas e saboreava a intensidade e a riqueza da comida e do vinho. Apesar de ela estar exausta, nós fazíamos amor com todo cuidado e delicadeza na cama depois – com uma frestinha da porta francesa aberta e a brisa fria do inverno e os sons do oceano desaguando sobre nós. Eram naquelas noites, mais que em todas as outras, que eu ficava acordado no silêncio depois de tudo, pensando em quem nós éramos e de onde tínhamos vindo e o menos possível em para onde estávamos indo.

Era uma manhã fria e decidimos dar uma caminhada, atravessando a longa via de entrada e passando pela casa de Leon e Nancy. Se Lilah ainda estivesse disposta, tínhamos planejado continuar em frente e dar uma olhada nas casas vizinhas mais de perto. Ainda não havíamos chegado no final da rua de entrada, mas eu já podia perceber que ela estava cansada.

– Você contou a Ed e Will sobre mim?

– Falei de você no Natal, quando estávamos conversando – confessei. – Mas... quanto a todo o resto... eu não falo com eles com tanta frequência, então não surgiu nenhuma oportunidade.

– Você deveria ligar para eles.

– Por quê?

– Vai precisar deles cedo ou tarde, Cal.

Esse não era um bom presságio para se pensar.

– Cheguei até aqui sem eles.

– Como eles são?

Lilah parou para descansar e eu automaticamente parei com ela. Todas aquelas centenas de horas de conversas e eu só tinha falado deles uma ou duas vezes. Chutei o cascalho da rua enquanto ela se apoiava em um eucalipto com as mãos atrás das costas.

– Não são como eu – falei. – Eles não depilam o peito, para começar.

– Nem você, nas últimas semanas – rebateu Lilah, e sorriu.

Ela tinha razão. Eu me sentia como se estivesse me transformando em um lobisomem em câmera lenta. Fazia semanas que eu não cortava os cabelos e eles estavam compridos e bagunçados – fora de controle –, exatamente como a minha vida.

– Tenho prioridades mais importantes no momento. E pelos que crescem assustadoramente rápido. Mas isso não vem ao caso. Não, meus irmãos são... – Busquei por palavras. – Eles são homens masculinos. Isso faz sentido?

– Machos machões, é?

Ela ergueu uma sobrancelha para mim.

– Houve uma época em que talvez eu tivesse dito cabeças de bagre. Eles eram um poço de brincadeiras e brigas quando crianças; eu era estudioso e focado. Enquanto eu estudava, eles geralmente estavam lutando entre si ou entretendo as meninas no quarto e sendo pegos e castigados pela minha mãe.

Ao passo que eu estava mesmo estudando e só descobri como sair com meninas podia ser divertido quando entrei na faculdade.

– O que provavelmente foi uma boa coisa.

Ela me observou de forma pensativa.

– Acho que você foi um adolescente esquisito.

Eu ri.

– Ah, você não faz ideia. Eu me sentia como se, quando eu caminhava, minhas mãos se arrastassem no chão atrás de mim. Não porque eu era um neandertal, só porque meus braços eram compridos demais e levei anos para crescer o suficiente para eles. Mas compensei meu tempo perdido com as mulheres quando cheguei nos 20 e poucos anos, posso garantir.

Pisquei para Lilah e ela ergueu as sobrancelhas para mim.

– Tenho certeza disso. Mas você nunca consertou as coisas com seus irmãos antes de os dois irem embora?

– Não se tratava de não nos darmos bem, então não havia nada para consertar. Era só que eles eram muito diferentes de mim, mas muito parecidos um com o outro.

– O que eles fazem?

– Ed é louco por esportes. Tinha fechado um contrato de curto prazo como técnico de futebol na França quando conheceu sua mulher e, agora, se fixou lá permanentemente. Acho que ele é técnico de algum time famoso, não tenho certeza. E Will é engenheiro mecânico; acho que ele trabalha com motores de carro ou algo assim.

– Então ele parou de brigar por tempo suficiente para estudar um pouco.

– Os dois pararam. Ed é formado em psicologia esportiva ou alguma besteira assim. Mas veja o problema: eu posso contar a você umas dezessete maneiras diferentes de vender um carro e também sei dirigir um, mas se parar de funcionar, eu nem sei trocar um pneu. Quanto a esportes... Bom, eu assisto a jogos na TV, às vezes, e gosto bastante de squash... mas não é minha praia.

– Você prefere muito mais analisar esboços artísticos para anúncios publicitários, tomar vinhos chiques ou cortar o cabelo a cada cinco minutos para estar bonito o tempo todo.

– Exatamente.

Lilah se afastou da árvore e continuou seu cambaleio pela rua.

– Você chegou a descobrir o nome da mulher de Ed? – perguntou ela quando comecei a acompanhá-la novamente.

– Karen.

– Jura? Eu achava que você tinha dito que era Lizette ou Suzette!

– Estou brincando, ainda não sei.

– Você é um babaca.

– Já me disseram isso. Mas sou um babaca muito fofo, né?

– Você tem seus momentos. – Mais alguns passos adiante, ela se virou para mim e franziu a testa. – Você chegou a descobrir o nome da mulher de Ed?

Engoli em seco. Com força.

– Lizette – respondi. – Tenho certeza de que é Lizette.

11 de maio

Se minha mente fosse a maré, estaria baixando agora. Deixaria uma orla úmida, porque sei que causei algum tipo de impacto aqui. Mas a próxima onda que quebrar não serei eu, pois meu momento terá passado.

Esta manhã Callum me parou quando fui tomar meu antiespasmódico pela segunda vez porque eu tinha me esquecido de que ele já tinha triturado o remédio e me dado com mel. Passei pelo menos vinte minutos tentando descobrir como fazer a toalha de rosto ficar pendurada na penteadeira do banheiro até que ele chegou em silêncio e a pendurou com facilidade no gancho. Callum nunca sai do meu lado. Cal acha que eu não sei que ele fica à espreita do lado de fora do banheiro ou observando como um gavião pelas janelas se eu saio para tomar ar fresco.

Minha mãe me contou baixinho ontem que ando ralhando com ele e me pediu para tentar controlar isso. Não acho que eu conseguiria, porque eu não tenho consciência do que estou fazendo. Assim como não tenho consciência da coreia até que alguém me mostre, a agitação ferve em fogo brando em algum lugar abaixo da minha consciência.

E é horrível, mais que horrível, porque já estive na pele de Callum com Haruto e sei como são a dor e a frustração de ver alguém que você gosta sofrer com os mesmos sintomas.

Callum diz que me ama dezenas de vezes ao dia, mas não precisava. Mesmo que ele fosse mudo, eu entenderia a mensagem em alto e bom som, porque seus olhos, suas mãos e seus beijos comprovam isso. O fato de ele ainda estar aqui comprova isso. Quando corta ervilhas ao meio em silêncio para que eu possa engoli-las, eu sei que ele me ama. Ao vê-lo fingir que está arrumando a cama pela quinta vez quando vou ao banheiro da suíte para fazer xixi, eu sei que ele me ama. Quando percebo que ele encheu o chão do banheiro de tapetes improvisados – de novo – para que eu não escorregue, apesar de eu estar ficando louca por ele me tratar como um bebê desse jeito, eu sei que ele me ama.

Eu me preocupo com Cal. Vou morrer e sei que isso vai abalá-lo. Perder Haruto quase me matou, e a conexão que eu tinha com ele era frouxa, esporádica, no máximo. Acho que Callum deve voltar de imediato ao trabalho e mergulhar de cabeça por uns doze meses e, de repente, perceber que está solitário de novo.

Se eu pudesse ter um desejo concedido antes de morrer e soubesse que se tornaria verdade, não seria para me salvar, seria por Callum. Eu desejaria uma esposa para ele, alguém que transbordasse fertilidade e gentileza, uma mulher curvilínea – acho que ele iria gostar de uma mulher cheia de curvas. Ela iria puxá-lo para seu colo macio, acalentaria a perda dele, cozinaria animais mortos para ele e lhe daria filhos lindos. Ela o faria ligar para os irmãos. E ele se mudaria para uma casa grande com ela e seus filhos teriam um quarto próprio até saírem de casa.

Ó Deus, eu desejaria isso para ele. Eu desejaria felicidade, toda a felicidade que eu comprimi em nosso curto tempo juntos, espalhada pelas décadas que ele ainda tem à frente.

Mas não existem gênios presos em frascos aqui. Apenas frascos e mais frascos de comprimidos.

Durante sete semanas gloriosas, relaxamos perto do mar, curtindo todos os momentos despreocupados que devíamos ter curtido na primeira vez. Talvez Lilah estivesse se engasgando cada vez mais com a comida e até mesmo com água; talvez a coreia estivesse se tornando mais visível e mais constante; talvez ela estivesse ficando esquecida e as tarefas do dia a dia, mais difíceis; talvez ela estivesse tropeçando com cada vez mais frequência – se eu reparar, nunca processei nada disso, nem para mim mesmo.

Peta nos visitava todos os dias. Às vezes, ela vinha para o café da manhã e me trazia bacon e, apesar de Lilah revirar os olhos para nós, Peta e eu nos sentávamos e devorávamos a carne como se fôssemos crianças atacando uma banca de doces. Víamos Leon e Nancy direto também, pois eles passavam os dias na horta bem ao lado da casa. Nancy parecia ter desenvolvido o péssimo hábito de cozinhar acidentalmente demais e nos pedir para levar para casa “restos” frescos ou pratos assados. Karl ligava de tempos em tempos. Eles eram nossos únicos contatos além da casa de praia, porque eu estava totalmente focado em Lilah e ela estava totalmente focada em mim. Para duas pessoas que só saíam da propriedade para comprar suprimentos, vivemos plenamente naquelas sete semanas.

Foi um período de ouro; tudo estava bem no mundo a não ser pela faixa de nuvens de tempestade distante no horizonte e eu estava totalmente determinado a ignorá-la até não poder mais.

Lynn falava conosco por Skype de tempos em tempos, mas depois de uma dessas sessões ela decidiu que precisava ver e reexaminar Lilah e, relutantemente, decidimos arrumar as malas e voltar para o apartamento dela em Manly Wharf. Assim que entramos, olhei pela porta francesa para o jardim completamente estéril na sacada e resisti à vontade de tampar os olhos de Lilah.

– Puta merda, está fedendo aqui dentro.

Foi tudo que ela disse. Lilah foi imediatamente até a porta e a abriu.

– Você não odeia esse cheiro de mofo? Seu apartamento deve estar ainda pior... Nossa, já faz seis meses que você não vai lá.

Mas não fazia. Fazia sete semanas, as mesmas sete semanas durante as quais eu estivera completamente imerso no mundo dela e não ligaria a mínima nem que meu apartamento tivesse sido destruído por um incêndio. Eu a observei em silêncio.

– Está frio para caramba, não está? Vou deixar arejar por um tempo e aí podemos ligar o aquecedor.

Ela voltou para a sala de estar, passou a mão em um sofá e suspirou.

– Poeira do caralho. Cal, você pode pegar um pano e dar uma limpada nas coisas? Preciso encontrar um moletom.

Lilah não esperou por uma resposta. Em vez disso, seguiu na direção de seu quarto.

Durante a hora seguinte, esperei que a compreensão surgisse e a decepção se instalasse em seu rosto. Ela colocou um moletom, mas ainda estava com frio. Ela tentou colocar uma calça de agasalho, mas suas mãos estavam instáveis demais, então eu tive que ajudá-la e, depois, acomodei-a no sofá com dois pares de meias e um cobertor e pensei que ela enfim veria a sacada e eu a consolaria.

Em vez disso, Lilah começou a zapear os canais de TV, as plantas mortas apenas a um metro de distância e ainda despercebidas.

Alguns minutos depois, tentei forçar a questão.

– Sinto muito pela sacada, Ly.

Ela me olhou, sua expressão vazia.

– As plantas? – tentei.

Como Lilah não compreendeu, aponte para os vasos de plantas mortas. Ela se virou e olhou para a sacada, então deu de ombros como se estivéssemos falando do tempo.

– Essas merdas acontecem. Podemos trocá-las.

Já havia tido sinais preocupantes e sintomas perturbadores, mas eu conseguira evitar todos eles até aquele exato momento. Bem ali, no apartamento dela, eu finalmente admiti para mim mesmo que a lua de mel estava chegando ao fim.

Nos próximos dias, Lilah foi submetida a uma bateria de exames, e a perspectiva de Lynn da situação era desoladora.

– A memória dela foi afetada – relatou Lynn. – E os testes cognitivos mostram um declínio significativo... Raciocínio, sequenciamento e resolução de problemas foram deteriorados. O estudo de deglutição foi ainda pior. Ela tem engasgado cada vez mais, certo?

Claro que sim. Eu só não queria dizer em voz alta. Eu tinha passado a preparar refeições que consistiam apenas em porções pequenas para encorajá-la a comer em quantidades menores, mas não estava ajudando.

Lynn colocou a mão sobre a minha.

– Callum, eu sinto muito, mas você vai ter que trazê-la para consultas de rotina com mais frequência. Tem uma clínica semanal em Newcastle onde eu posso encontrar vocês, talvez seja mais fácil. Nesse ritmo, eu diria que precisamos considerar parar com a alimentação e a hidratação por via oral e utilizar um tubo de alimentação em um futuro próximo. É um milagre ela não ter contraído pneumonia de novo e olha que vocês já estouraram sua cota de milagres. Não podemos mais contar com a sorte.

Enquanto Lynn e eu conversávamos, Lilah fazia uma ressonância magnética e o tempo todo eu sabia que o pior ainda estava por vir – contar tudo à própria Lilah. Quando ela se juntou a nós, estava cansada dos exames consecutivos e, antes que Lynn pudesse falar, ela ergueu a mão.

– Eu sei. Eu sei que estamos rolando ladeira abaixo agora e sei que está acontecendo mais rápido do que esperávamos. Tudo está começando a se extinguir e eu sei que vocês vão querer fazer mais e mais para aliviar os sintomas, mas...

Não tínhamos conversado sobre nada daquilo e eu assumira que Lilah não tinha consciência, como eu queria que não tivesse. Ela olhou para mim; a escuridão em seus olhos azuis penetrou minha alma com força.

– Nós tivemos nosso tempo, Cal. Na próxima vez que eu pegar pneumonia, não quero ser tratada e vou deixar que ela me leve. Você entendeu?

Era impressionante quanto ela parecia forte. Até mesmo as complicações de sua fala pareciam ter melhorado quando a teimosia emergiu.

– Essa é uma escolha totalmente sua, Lilah – disse Lynn delicadamente.

– *Callum* precisa entender, não você.

O olhar de Lilah era severo e focado em mim.

– E você precisa garantir que minha mãe vai entender também. Não quero que vocês dois passem por cima dos meus desejos quando eu não puder falar por mim mesma.

– Eu entendo.

Eu mal conseguia forçar um sussurro, quanto mais uma frase. Peguei a mão dela desajeitadamente e as lágrimas rolaram dos meus olhos. Apenas alguns meses com Lilah encarando essa doença e eu não podia recusar o que ela pedia. Como as pessoas administravam décadas desse declínio eu jamais entenderia.

– Vou garantir que seus desejos sejam respeitados, meu amor. Prometo.

Lilah também estava chorando. Ela me puxou para perto, pressionou o rosto no meu pescoço como se eu fosse o doente e seus dedos agarraram meus cabelos.

– Obrigada – sussurrou ela. – Obrigada, Callum.

Ela se afastou de repente do meu ombro e secou as lágrimas com uma determinação quase violenta. Como não adiantou também, ela fechou os olhos e respirou fundo para se recompor.

Quando abriu os olhos novamente, eles estavam brilhando, travessos. Ela sorriu e, então, piscou para mim.

– Muito bem, então, me leve ao Manly Inn, meu amigo. Estou no clima para uns pedacinhos pequenininhos de carne.

Eu sabia, de alguma forma, que essa seria nossa última vez juntos no apartamento de Lilah. Ela devia saber também.

– Eu só preciso de alguns minutos sozinha, Cal.

As malas estavam ao lado da porta e eu não conseguia pensar em nenhuma desculpa para negar o pedido dela. Mas hesitei de qualquer forma.

– Mas e se eu só...

Ela revirou os olhos e me empurrou na direção da porta.

– Vá dar uma porcaria de uma volta, Callum. Compre um café ou vá cortar esse seu maldito cabelo ou vá comprar um sorvete para mim. Eu só preciso de dez minutos sozinha. Prometo que ainda estarei aqui quando você voltar.

Peguei o elevador, olhando para o meu reflexo no espelho e sabendo que eu nunca me perdoaria se algo acontecesse com ela antes de eu voltar. Quando cheguei ao térreo, atravessei o saguão até a porta da frente. Lembrei-me da minha primeira ida ali, quanto eu estava chocado e me sentindo deslocado quando vi como o prédio dela era novo e chique. Agora, “lar” era onde quer que Lilah estivesse. Como eu encontraria meu lar depois que ela se fosse?

Não pense nisso. Não pense nisso.

Voltei para o elevador e apertei o botão do quinto andar uma, duas, três vezes, tentando apressá-lo. As portas se abriram e um dos outros ocupantes saiu, me dando um sorriso fraco quando passei por ele.

As portas do elevador se abriram no andar de Lilah bem quando ela chutava a última das nossas malas para o corredor.

– Eu disse dez minutos – reclamou ela, exasperada. – Nossa, Callum. Você nem saiu do prédio?

– Eu...

Olhei para as malas.

– Você deveria ter me deixado fazer isso.

– Já está feito.

– O que você estava fazendo lá dentro, afinal?

Ela franziu a testa.

– Você acha que podemos ir tomar um sorvete?

Ela estava fugindo da pergunta? Eu não tinha certeza e sabia que não podia forçar a barra. Peguei uma mala com cada mão.

– Tudo bem. Você consegue ir andando?

– É só a uma quadra daqui.

Ela estava impaciente e irritável.

– Claro que consigo ir andando.

Com as malas guardadas em segurança no carro dela, peguei a mão de Lilah e caminhamos ao longo da praia na direção do Corso, como tínhamos feito tantas vezes nos primeiros meses do nosso relacionamento. Quando nos aproximamos da sorveteria, ela soltou minha mão, me deu um sorriso e apontou para uma loja de roupas.

– Você se lembra daquele dia?

Ela tinha provado chapéus e eu havia ficado esperando no banco do lado de fora, observando-a pela vitrine. Ela parecia uma modelo aquele dia e eu tinha sido tomado por uma vontade estranha de brincar com ela – tão atípico de mim, especialmente naquela época. Como se fôssemos duas crianças brincalhonas, fingi estar segurando uma câmera e ela riu para mim e entrou na brincadeira.

– Eu me lembro daquele chapéu de feltro preto. Ninguém no mundo ficaria bem com aquilo a não ser você – murmurei.

– Você se lembra daquele restaurante asiático?

– Achei que você fosse ser presa.

– Ah, isso teria sido divertido.

– Qual sabor de sorvete você quer? – perguntei a ela.

– Sorvete de soja... – começou ela, mas parou. – Um sundae triplo de chocolate, com chantilly extra e chocolate granulado.

Dei um beijo na testa dela e a ajudei a se sentar em uma das cadeiras baixas na frente da sorveteria. Nós sempre nos sentávamos nos bancos alto na vitrine, mas isso seria muito arriscado agora. Podíamos reencenar nossos passeios sorveteiros, mas não podíamos fingir que as coisas não tinham mudado.

Eu daria a Lilah exatamente o que ela pedisse, apesar de nós dois sabermos que ela só lamperia algumas colheradas antes de ficar difícil demais para engolir. Mas não importava. Nem um pouco. Ela curtiria aquelas colheradas e eu assimilaria a alegria no rosto dela enquanto isso.

Tudo aconteceu rápido demais a partir de então. Era como se Lilah tivesse a força de vontade para deter a morte por um tempo, mas mesmo a determinação dela havia falhado.

Ela começou com uma febre leve menos de uma semana depois de termos visto Lynn. Não me preocupei no começo; ela parecia confortável e me garantiu que não estava com dor. O único sinal de problema era uma leve expressão vazia nos olhos dela, e quando toquei em seu antebraço, fiquei surpreso com o calor presente ali.

Insisti que ela tomasse antitérmico e dormi ao lado dela, um sono irregular, enquanto a febre ia e vinha e, pela manhã, ela estava tossindo um pouco.

E aí a febre voltou, mas dessa vez não deu trégua. Lilah só queria dormir e, quando acordava, ainda se sentia exausta. Liguei para Lynn, que mandou um clínico-geral local de tratamentos paliativos até a casa de praia. Enquanto Lilah dormia, ele ouviu o peito dela e, então, ergueu os olhos para mim.

– É pneumonia – confirmou ele bem baixinho. – Pelo que sei, ela não quer ser tratada, certo?

Fiquei olhando para ela. Suas bochechas estavam coradas. Era tão raro ver cor naquela pele calcária.

– Foi isso que ela disse.

– Vou voltar amanhã de manhã. Se ela piorar nesse meio-tempo, me ligue que eu volto e podemos conversar sobre uma maneira mais eficiente de aliviar a dor.

– Ela vai só ficar dormindo assim agora?

Será que minha chance de conversar com ela, de partilhar momentos de curtir um ao outro, de dizer adeus... Será que já tinha passado sem que eu soubesse?

– É difícil dizer – respondeu o médico, dando de ombros. – Se dermos um pouco de morfina a ela, talvez ela continue dormindo. Mas... ainda falta um bom tempo para ela deixar vocês.

A expressão dele suavizou.

– Você ainda deve ter tempo de se despedir.

Lilah acordou aquela tarde e começou a comer uma pequena porção de sopa bem devagar. Ela parecia um pouco melhor, de alguma forma, bem o suficiente para pedir que eu a levasse até o sofá para ver TV por um tempo.

Eu zapeava os canais, procurando por alguma coisa que talvez pudesse interessar vagamente a Lilah, quando, de repente, ela agarrou meu braço com tanta força que arrancou um uivo de mim.

– Você precisa ligar para a minha mãe e fazer com que ela venha para cá.

Fiz o que ela pediu e, dentro de minutos, Peta estava lá, mala na mão, pronta para uma longa estadia. Ela entrou por conta própria e foi direto para o sofá onde Lilah estava. Ela se agachou em frente à filha, segurando suas mãos, e elas ficaram se encarando por muito tempo. Tantas emoções passaram de uma para a outra que eu me senti constrangido por estar ali.

Então, sem dizer uma palavra, Peta se levantou.

– Vou arrumar o quarto de visitas.

Nos dias que se seguiram, tive minha primeira experiência da ausência de Lilah. Ela ainda estava ali, mas nossos dias eram totalmente preenchidos por sua doença e ela estava doente demais para fazer qualquer coisa que não fosse descansar. Os dias eram repletos de dor – física para Lilah e emocional para Peta e eu –, pontuados apenas pela administração de remédios e as visitas do médico.

– Ela já ficou doente assim antes? – perguntei a Peta, enquanto Lilah gemia e meio que dormia na cama à nossa frente.

Eu sabia que ela tivera pneumonia várias vezes no período em que estivemos separados e, de alguma forma, havia lutado para voltar. Ah, se isso fosse um alarme falso e ela dormisse mal alguns dias e, depois, acordasse pedindo chá verde...

– Não – disse Peta suavemente. – Acho que é a hora.

Quando liguei, Lynn veio da cidade imediatamente e, depois de examinar Lilah, ela me levou até o deque.

– Não sei quanto tempo isso vai levar, Cal. Eu acabei de colocar um tubo intravenoso para fluidos e um aparelho autorregulável de morfina porque ela está com muita dor, mas...

Ela parecia cansada e emotiva. Eu compreendia muito bem. Fisicamente, eu me sentia como se não dormisse mais por completo, descansando a mente, no caso de acordar e descobrir que Lilah tinha parado de respirar ao meu lado. Emocionalmente, contudo, eu estava tão cansado só de saber que meu amor estava indo embora bem diante dos meus olhos e que não havia nada que eu pudesse fazer para impedir isso.

– Em algum momento, nos próximos dias, pode ser que ela simplesmente se vá – sussurrou Lynn e, para meu horror, de repente ela começou a chorar. – Me desculpe. Sei que isso é antiético, mas eu trato Lilah há anos e...

Lynn respirou fundo algumas vezes e bateu no rosto com as mãos, virando-se para longe de mim por uns instantes, recompondo-se antes de me encarar outra vez.

– Nunca fica mais fácil, tentar tratar o intratável – murmurou ela. – Não é uma boa maneira de morrer, a pneumonia não tratada. Ela provavelmente vai ficar febril por longos períodos e, então, perder a consciência. A respiração pode ficar cada vez mais pesada, a velocidade pode aumentar e diminuir, pode parecer que ela está ofegando ou que há um chocalho em seu peito... Mas esses são apenas reflexos e parte do processo. Só continue administrando a morfina para que ela não sinta dor. O aparelho não vai permitir que ela tenha uma overdose. Quando Lilah falecer, chame uma ambulância quanto antes e explique a situação.

Eu acho que sabia que estávamos naquele estágio, mas, ao ver o caráter definitivo no rosto de Lynn e em suas palavras, desmoronei repentinamente.

– Existe... O que podemos fazer para que ela fique confortável?

Eu não podia resistir ao desejo de Lilah, não depois de ter visto seu declínio. Como eu podia insistir que ela ficasse conosco sabendo que iria partir de qualquer forma, deixando para trás apenas indignidade? Minha arrogância, minha confiança – tudo tinha ido embora. Eu seria obediente aos desejos de Lilah agora. Já vira o suficiente.

– Vou providenciar oxigênio – prometeu Lynn. – E largo tudo e venho para cá se vocês precisarem de mim.

Ela colocou a mão no bolso e pegou um pedaço de papel com um número de telefone já anotado nele.

– Estes são os números da minha casa e do meu celular. Estou à disposição para vir em qualquer horário, dia ou noite.

– Obrigado.

Peguei o papel e o coloquei no bolso da calça. As ondas continuavam a quebrar abaixo de nós e eu fiquei ouvindo e me perguntando onde o contexto maior das idas e vindas do Universo se encaixava na dor que estava à minha frente. De repente, Lynn pegou minha mão.

– Você não se alistou para isso, Callum. Se for demais, vá para casa. Peta já fez isso antes e ela vai aguentar firme.

Enxuguei o rosto e meneei a cabeça.

– Quero uma parte de cada respiro que ela tiver, até o fim, não importa como for.

Lynn assentiu com a cabeça e então foi embora, mas eu fiquei alguns minutos no deque antes de ousar voltar ao nosso quarto, onde minha tão imensamente amada Lilah parecia estar prestes a me deixar para sempre.

Peta e eu passávamos um bom tempo sentados no quarto de Lilah. Acho que estávamos mantendo vigilância, mas parecia que estávamos cuidando de uma criança.

Nós nos revezávamos na cama, deitando ao lado de Lilah enquanto ela dormia. Ela dormia muito; mesmo quando a febre tomou conta e ela suava e se debatia, Lilah dormia. Falávamos coisas para ela que eram tão íntimas e privadas que eu nunca mais poderia repeti-las. Peta falava como uma mãe que tinha cuidado e adorado aquele ser humano por quarenta anos, mas eu falava como um amante que só queria *mais* quarenta anos com ela. Uma trama de privacidade se formou, o fio entre nós tão firme que podíamos dizer qualquer coisa e saberíamos que estava tudo bem.

Uma situação terrível assim somente faz aflorar o melhor da humanidade. Peta e eu somos personalidades obscuramente egocêntricas – aquele dia só se tratava de Lilah e de inserir palavras de conforto e amor em meio a qualquer delírio que ela pudesse estar vivenciando.

Achei que Lilah estava melhor no dia seguinte. Ela estava lúcida o suficiente para comer pequenas porções de ovos mexidos de vez em quando e tivemos algumas conversas leves à medida que a tarde

transcorria. O melhor de tudo era que a tosse dela pareceu melhorar e eu fiquei me perguntando se essa não seria mesmo sua última guerra, talvez fosse apenas mais uma batalha que seu corpo lutaria.

– Não quero ver aquele médico local hoje – anunciou ela de repente ao meio-dia.

Peta franziu a testa.

– Lilah, será que isso é uma boa ideia?

– O que isso pode causar? A minha morte?

O humor sombrio dela pareceu vazio. Ela meneou a cabeça.

– Não, mãe. Não é hora de ter estranhos por perto e ele não pode fazer nada por mim.

– Posso pedir que Lynn venha de novo? – sugeri, e Lilah meneou a cabeça.

– Não. Só quero ficar com vocês dois agora. O clínico-geral pode voltar amanhã.

Peta ergueu os ombros para mim e eu suspirei e me levantei para ligar e cancelar a visita dele. Lilah nos fez ler para ela um de seus livros preferidos e ouviu um pouco de música enquanto descansava. Quando escureceu, Peta se recolheu para descansar um pouco e Lilah se aconchegou em mim.

– Você está com dor agora? – perguntei a ela.

Ela não usava a bomba de morfina havia algum tempo, ou ao menos era o que eu achava, mas talvez apenas não tivesse visto.

– Estou bem – sussurrou ela. Sua voz ainda estava rouca. – Estou tão feliz por você estar aqui, Callum. Sei que isto é terrível para você.

– A questão é – falei, minha voz ilusoriamente forte – que não faço ideia do que vai acontecer depois que você se for, mas vai ser melhor porque eu conheci você.

– Você precisa se casar com alguém.

A voz dela era leve, provocadora de novo, e então, em um piscar de olhos, ficou terrivelmente séria.

– Você precisa encontrar alguém, Cal. Você *precisa* se casar e ter filhos. Precisa.

Meneei a cabeça e as lágrimas ameaçaram rolar.

– Saoirse, não fale sobre isso agora.

– Ah, puta que pariu, estou a minutos de morrer, não venha me chamar pelo meu nome *de levar bronca* agora. – Foi uma risada fraca, mas foi uma risada, até ela ficar séria de novo. – Me prometa.

– Não posso prometer isso.

O fato de ela estar pedindo aquilo parecia obscenamente cruel. Por um momento, eu quis ficar furioso com Lilah. *Você realmente ousa pedir isso de mim? Eu tenho que encontrar você, amar você, ver você morrer – deixar você morrer – e, no meio de tudo isso, você exige que eu pense em seguir em frente?*

– É claro que pode. Você me conheceu, gostou de mim e agora eu estou morrendo. Eu preciso saber que você vai encontrar outra pessoa. Eu posso ver, só de olhar para você, como você é mais feliz tendo alguém para amar na sua vida.

– Você é um caso único em toda a vida, Ly.

As lágrimas ameaçavam rolar. Ela bateu no meu peito com força e chegou a arder.

– Besteira! E pare com o aguaceiro. Essa baboseira de “amor verdadeiro” não combina com a gente, lembra? Você vai encontrar outra pessoa e, quando encontrar, quero que fique com ela sem culpa e se case com ela e faça uns filhos lindos com ela e seja insanamente feliz pelo resto da sua vida longa.

Como é que eu podia responder isso de forma sensível? Ficamos deitados juntos, no escuro do quarto dela, por um bom tempo. Eventualmente, ela me deu uma cotovelada no peito e eu fingi que doeu. Lilah estava fraca agora, exausta da conversa e do esforço de tentar me convencer a ceder ao desejo dela.

– Eu prometo – sussurrei, apesar de nem conseguir começar a imaginar como eu iria cumprir aquilo.

Talvez não importasse. Talvez só fazê-la pensar que eu estava falando sério fosse suficiente.

– Ótimo – sussurrou ela de volta, e apesar de eu sentir que a pele de Lilah estava começando a

queimar de novo, senti que sua respiração estava desacelerando à medida que ela relaxava.

Não eram nem cinco da manhã quando ela me acordou com outra cotovelada forte nas minhas costelas.

– Preciso de uma tangerina.

Grogue e confuso, eu me sentei.

– O quê? Que horas são?

O relógio digital ao lado da nossa cama me respondeu, já que ela não disse nada: 4h48 da manhã.

– Você precisa pegar uma lamparina e ir até a árvore de tangerinas – disse ela.

Sua voz era rouca, sua respiração era pesada e a pele dela sob a minha debaixo do cobertor estava pelando.

– É do outro lado do jardim – argumentei automaticamente.

– Callum, não temos muito tempo. *Vá.*

Então, meio dormindo, saí do quarto, encontrei a lamparina e saí no jardim. Estava frio – o inverno estava quase chegando – e eu podia ver o vapor da minha respiração enquanto caminhava. Conhecia o terreno como a palma da minha mão e encontrei a melhor árvore com facilidade mesmo no escuro e só demorei um instante para encontrar a tangerina mais madura. Enquanto eu caminhava de volta para a casa, com a noite já quase virando dia, fiquei imaginando-a descascando a fruta e saboreando a doçura de cada gomo. O despertar abrupto só me lembrou daquela noite em que ela tinha me acordado com o mesmo choque para me convidar para ir à praia e aquilo pareceu apropriado e adequado.

Quando voltei para a casa, Peta ainda estava dormindo e Lilah estava se sentando de volta na cama. Supus que ela tivesse ido ao banheiro e fiquei furioso por ela ter tentado ir sem mim. O abajur perto da escrivaninha estava aceso, bem como o do lado da cama. Ela deu o último passo na direção da cama e pegou a tangerina com avidez. Lilah comeu cada gomo sem engasgar, como se fosse uma iguaria pecaminosa a ser saboreada, um prazer maior do que suas deficiências físicas.

– Tão bom – sussurrou ela no último pedaço. – Você pode acordar minha mãe?

– É cedo demais, Lilah.

Ela segurou minha mão e a levou até seus lábios.

– Está na hora, Cal. Você precisa acordá-la e me carregar até o deque.

Ela me convenceu a levá-la para fora para ver o sol nascer. O pedido em si não era muito grande, visto que ela era pequena e fraca e, enquanto eu estava no pomar, Lilah tinha tirado o tubo intravenoso – mas eu me lembro de ter resistido muito, caso o ar gelado fosse causar mais problemas a ela.

Mas aqueles lindos olhos azuis me imploravam. Se Lilah tivesse me pedido para arranjar uma forma de arrancar meus testículos com os dentes, eu o teria feito, então o curto trajeto até o deque não era nada. Estava muito, muito frio lá fora – então eu enrolei seu corpo pequeno e frágil no edredom e me lembro, de fato, de ter passado pelo laptop dela na mesa na qual ela se apoiou, quase nos desequilibrando, para fechá-lo. Enquanto andávamos, ela gritou pela mãe, e aí abri a porta francesa e a sentei na poltrona de bambu como se ela fosse um filhote de passarinho. A escuridão estava dando lugar a raios frágeis de luz do sol no horizonte e Lilah não conseguia parar de sorrir.

– Isto é perfeito – sussurrou ela com o rosto colado aos músculos do meu braço, visto que eu não ousei soltá-la e tinha me sentado ao seu lado na poltrona.

Lilah estava febril, mas, em comparação com o dia anterior, nem parecia doente. Sua respiração certamente tinha melhorado, mesmo no ar gélido. Não era isso que Lynn tinha descrito.

– Perfeito para quê? – perguntei.

Eu estava confuso pela contradição das palavras dela e o hálito vibrante com cheiro de tangerina no meu rosto e, acima de tudo, com o fato de ela estar lúcida e bastante confortável.

Peta escolheu aquele momento para sair no deque gelado sob a escuridão.

– O que está acontecendo? – perguntou ela.

Ela estava tão grogue que as palavras se arrastaram e ela parecia Lilah falando.

– Não sei – respondi quando Lilah deixou que o som das ondas quebrando na orla preenchesse a lacuna depois da pergunta.

– Vou partir em breve, mãe – sussurrou Lilah e, assim, todo o tom daquela manhã mudou para mim.

– Você não tem como saber – falei automaticamente e meus músculos se contraíram em torno dela.

Ela meneou a cabeça fracamente no meu ombro.

– Eu sei, Cal.

Peta se acomodou no pequeno espaço do outro lado de Lilah e eu senti seus braços se enrolarem em torno dela.

– Adeus, minha menina linda – sussurrou ela. – Estou tão orgulhosa por você ter feito isso do seu jeito...

E aí todos ficamos em silêncio. O meu era um silêncio torturado, confuso, meio adormecido – até que percebi que a respiração de Lilah estava ficando gradativamente mais lenta, os intervalos entre inspirar e expirar aumentando a cada ciclo. Bem nos meus braços, a única coisa que eu queria manter comigo pelo resto da vida estava se esvaindo. Eu a abracei com mais força e pressionei o rosto nos cabelos dela.

– Por favor, Lilah – sussurrei.

Pela primeira vez, eu estava chorando na frente dela – não eram apenas algumas lágrimas que escaparam; eu tinha perdido todo o controle. Ela acordou de novo quando os primeiros raios de sol surgiram no horizonte, apenas o suficiente para olhar para mim e conseguir dar um sorriso.

– Valeu a pena, Cal. Valeu a pena ficar por aqui mais alguns anos só para conhecer você.

A voz de Lilah era tão fraca e, quando os olhos dela se fecharam de novo, eu a sacudi. Peta apertou meu braço – com força. Por cima da cabeça de Lilah, ela me lançou um olhar que me silenciou.

Isso estava acontecendo e não havia nada que eu pudesse ou devesse fazer.

– Eu te amo – falei. Talvez eu tenha gritado, não sei.

O rosto sonolento dela registrou um sorriso fraquíssimo uma última vez e, então, o intervalo de sua respiração aumentou exponencialmente. Os movimentos ficaram mais lentos, até só acontecerem a cada muitos segundos. Tive certeza de que ela havia partido.

Esperei pela próxima respiração enquanto o sol rompia no horizonte. Ficamos sentados em silêncio e só quando o sol estava na metade de seu caminho para iniciar o dia, percebi que estava prendendo minha própria respiração, esperando que ela respirasse mais uma vez, mas isso nunca aconteceu. O ar saiu de meus pulmões em uma arfada e com um grito de dor que permaneceria em meus ouvidos por meses a fio.

Lilah, minha Lilah doce e única, havia partido com o nascer do sol.

Quando consegui me mexer de novo, carreguei o corpo pequenino de Lilah de volta para dentro a fim de deitá-la na cama e percebi que, de alguma forma, ela parecia ainda mais leve do que quando eu a tinha carregado lá para fora, apenas meia hora antes.

Uma dormência se instaurou em mim. Provavelmente era choque, mas, na hora, houve uma turbulência rodopiante de perda – e, depois, apenas paz. Eu a deitei sobre os lençóis cinza, amarrotados e levemente manchados de suor da última noite agitada. Delicadamente, endireitei os membros dela. Ainda usava um roupão azul-claro por cima do pijama de algodão e estava pálida, é claro, mas Lilah sempre estava pálida. Deixei-a ali só até encontrar um pano limpo e encharcá-lo com água quente, depois me sentei ao

lado dela na cama. Passei o pano pela testa dela, alisando os cabelos que tinham emaranhado durante a noite, e depois por seu rosto, com toda a delicadeza do mundo, e então pelas duas mãos. Aí eu esperei, como se ela talvez pudesse abrir os olhos e rir por eu ter caído na pegadinha dela ou ter uma convulsão repentina porque só estava dormindo.

Quando ouvi a porta do deque se fechar e percebi que Peta finalmente tinha se juntado a nós lá dentro, liguei para a ambulância.

Peta foi direto para o sofá da sala e, enquanto eu esperava ao lado de Lilah, ela começou a chorar como se seu coração tivesse sido arrancado do corpo. Enquanto eu esperava sentado, segurando a mão de Lilah, pensei em Peta e em todos os seus defeitos e no fato de que ela tinha sobrevivido a isso pela segunda vez. Lynn provavelmente tinha razão, Peta iria aguentar firme, de algum jeito – mas, por ora, ela era simplesmente uma concha vazia, como Lilah, como eu.

Quando a ambulância chegou, encontrei os dois enfermeiros na porta e eles me seguiram para dentro da casa. Havia uns papéis para preencher e fizemos tudo em silêncio no balcão de refeições com os soluços de Peta como música de fundo. Depois, eu os levei até o quarto e coloquei Lilah na maca deles por conta própria. Os enfermeiros são sombras embaçadas na minha memória, mas eu me lembro de ter quase transbordado de gratidão por eles terem tratado Lilah com tanta dignidade.

Quando ela se foi, havia um vazio na casa – e eu o senti imediatamente. Era um dia encharcado de dor, o tipo de dia em que as horas se arrastam e se dissolvem no nada ao mesmo tempo; o tipo de dia em que você acorda na manhã seguinte e pensa que foi só um pesadelo, até que a irritação em seus olhos e o peso em seu peito o lembram do contrário.

Levou dias para que eu percebesse como eu era sortudo. Tudo o que Lilah desejava era uma morte sem dor e ela tivera isso. E mesmo que uma dor agonizante habitasse meu peito de tanta falta que sentia dela, eu sabia que a morte de Lilah tinha sido tão perfeita e linda quanto ela – e eu – poderia ter esperado.

O tempo agora passava como um trem a toda velocidade pela estação. Eu não conseguia parar os minutos, mas queria fazê-lo. Cada minuto vivido me levava para mais longe do último minuto que eu tivera com Lilah. A única bênção era que eu não tinha condições de registrar os detalhes das horas que passavam. Em determinado momento, Peta me disse que havia ligado para o agente funerário e ele veio até a casa no dia seguinte ao que Lilah morreu. Ele se sentou à mesa de jantar e Peta fez chá de ervas para todos nós.

– Lilah entrou em contato comigo antes de falecer.

Ele abriu uma pasta de manilha e a colocou na mesa à nossa frente.

– Sei que vai ser chato ouvir isso, mas ela se registrou para deixar seu corpo ser submetido a uma pesquisa universitária. Ela queria que seu cérebro fosse estudado... Algo relacionado à compreensão do tratamento experimental que ela fez?

– Eu sabia.

Peta esfregou os olhos sonolentos e, depois, olhou para mim.

– Ela estava preocupada que você fosse discutir, Cal. Lamento que ela mesma não tenha contado a você sobre isso.

Olhei de Peta para o homem acima do peso que estava ficando careca e cujo nome eu já tinha esquecido e, depois, voltei a olhar para Peta. Eu *ia* querer discutir. Eu queria enterrá-la em algum lugar para descansar, não deixar que algum estudante de medicina desastrado abrisse seu corpo no mesmo

instante que em estávamos conversando. Eu estava furioso por ela ter tomado essa decisão sem me contar, com vergonha por ela ter contado a Peta e àquele estranho sobre isso e por eu só estar recebendo a notícia agora. Era injusto, era brutal, era errado. Fiquei instantaneamente apavorado pelo fato de ela, mais uma vez, ter me colocado em uma posição em que não havia desfecho. Um fim repentino para uma sentença de morte de nosso tempo juntos, mas sem ponto final. *De novo.*

Mas o problema era que eu já tinha sido derrotado. Não queria que *nada* disso acontecesse e essa era apenas mais uma merda em um trajeto de muitas merdas. Eu nem tinha forças para protestar.

– Então, quando não tem nada para enterrar ou cremar, como se faz um funeral?

– Fazemos uma cerimônia fúnebre.

O homem remexeu alguns papéis e pegou a caneta.

– Me conte sobre Lilah.

Peta e eu ficamos sentados no sofá aquela noite. A televisão estava desligada. Por um tempo, ela ficou segurando minha mão e nos mantivemos olhando o chão em silêncio. Então, ela se levantou e encheu duas taças com o vinho de 500 dólares que eu tinha comprado para nosso jantar do próximo domingo. Era raro e tinha uma reputação espetacular, e eu estava animado para que Lilah o provasse e, agora, ela jamais iria prová-lo. Será que era suficiente tomá-lo em homenagem a ela? Será que eu tinha permissão para curti-lo se fosse mesmo ótimo?

Bebericamos o vinho em silêncio por um tempo. Ele deslizava pelas minhas papilas gustativas como água, meu corpo não registrou prazer algum ao bebê-lo. Olhei para Peta.

– Você faria de novo?

Ela estava olhando para a taça de vinho em sua mão. Quando falei, ela sorriu para mim com muito carinho.

– Faria o quê, querido?

– Se pudesse voltar no tempo até aquele dia em que encontrou James, antes de ter se apegado demais, antes do momento em que se afastar já seria difícil demais. Você teria ficado com ele sabendo de todos os anos que se estenderiam à sua frente e de toda a dor contida neles?

Peta sorriu. Céus, ela parecia muito mais velha do que na primeira vez que a vi, mas eu enxerguei a força retornando a ela. A cada hora que passava, Peta estava cicatrizando. Eu me sentia como se ainda fosse uma ferida sendo aberta, como se, a cada momento, a dor estivesse ficando pior.

– Talvez você não sinta agora, mas vai sentir em breve. Quando a parte bruta cicatrizar, ainda vai haver dor, mas uma camada fina de gratidão vai protegê-la. Você vai pensar com carinho nos momentos bons que compartilhou com ela e em como ela mudou você e em como tudo valeu a pena. Prometo, Callum. Isso é algo que sei com tudo que sobrou do meu coração.

Coloquei o vinho na mesa de centro, enterrei o rosto nas mãos e chorei.

Quando a tarde da cerimônia chegou, fiquei parado na casa, observando os carros chegarem. O agente funerário tinha arranjado funcionários para direcionar as pessoas, mas não acho que nenhum de nós esperava tanta gente. A empresa contratada tinha providenciado um telão e centenas de cadeiras, mas mesmo ainda faltando meia hora para o horário marcado da cerimônia, as cadeiras estavam todas ocupadas e ainda havia várias pessoas em pé.

Fiquei escondido atrás de uma cortina, observando o choque das pessoas preencher o lugar preferido de Lilah e me perguntando quem seriam todas elas. Parecia estranho que Lilah fosse primordial para a minha própria felicidade, mas que eu soubesse tão pouco sobre sua vivência do dia a dia além dos

nossos meses juntos. Lamentei amargamente o curto tempo de nossa vida a dois e, enquanto observava a soma total dos relacionamentos de Lilah se misturarem lá fora sem mim, me senti mais sozinho do que em toda a minha vida.

– Venha, querido.

Peta se aproximou de mim, usando um traje que teria feito o arco-íris se encolher. Ela estava usando uma calça vermelha vibrante, uma blusa amarela, um lenço multicolorido no pescoço e, quando meu olhar desceu até o chão, reparei em seus pés – descalços, a não ser pelo esmalte brilhante e berrante em suas unhas. Por um longo momento, fiquei olhando para os pés dela. Então suspirei e me agachei para tirar os sapatos.

– Parece apropriado, não é? – sussurrou ela.

– Suponho que sim.

Alan Davis se aproximou de nós assim que saímos da casa. Ele estava usando um terno preto e parecia ter saído de algum tribunal, com exceção da caixa de lenços de sua mão e do fato de que seus pés também estavam descalços.

– Eu tinha a sensação de que este dia seria difícil.

Ele soltou as palavras asfixiadas enquanto abraçava Peta.

– Mas não acho que eu fazia ideia de *como* seria difícil.

– Eu sei.

Peta o abraçou com força, como se ele fosse um irmão.

– É como se ela estivesse olhando para nós, xingando a energia elétrica que estamos gastando com aquele telão e o sistema de som.

Todos demos uma risada fraca e Alan apertou minha mão.

– Você está segurando a barra, Callum?

– Estou.

Será que eu estava mentindo? Eu nem tinha certeza. Parecia ser a coisa educada a se dizer.

– Você está pronto para fazer seu tributo a ela?

– Aprendi que se Lilah me dizia para fazer alguma coisa, ou eu fazia ou sofria as consequências.

Então quando a mãe dela me pediu para fazer isso, achei que seria melhor não contrariá-la.

Os olhos inchados dele se enrugaram quando ele sorriu e eu retribuí o sorriso.

Enquanto nos dirigíamos aos nossos lugares na frente da multidão, encontrei dezenas de colegas e adversários de Lilah. Havia juízes e advogados e CEOs de terno, fazendeiros de camisa de cambraia e calça de lona, ativistas com camisetas de cânhamo e dreads. Um número impressionante de pessoas comentou sobre Lilah ter sido uma verdadeira dor de cabeça para elas – uma dor de cabeça que elas lamentavam muito ter perdido.

Assim que o celebrante sugeriu que eu fosse me sentar, vi um grupo de rostos familiares do outro lado da imensa multidão. Eu os observei em silêncio por um instante, querendo ter certeza de que não estava imaginando sua presença ali. Então, atravessei a multidão até eles.

Will e Ed estavam em pé um do lado do outro, rígidos e constrangidos enquanto olhavam para o jardim. Karl estava com as mãos para trás e olhando para o chão. Não muito longe deles, a maioria dos meus funcionários, bem como toda a diretoria da Tison Creative e suas esposas, estava esperando.

Eu me aproximei primeiro dos meus irmãos. Era difícil respirar e ainda mais difícil acreditar que eles realmente estavam ali. O alívio era quase avassalador. Na verdade, eu tinha pensado em ligar para eles, mesmo depois que ela morreu, mas que tipo de conversa teria sido? *Oi, Will, Ed e esposa do Ed cujo nome eu não consigo me lembrar. A namorada que eu amava, mas de quem eu mal falei para vocês, acabou de morrer. Que tal uma visita?*

– O que vocês estão fazendo aqui?

Sempre achei que Ed se parecia muito comigo, se alguém o tivesse comprimido em um pacote menor. Ele não era, nem de longe, tão alto quanto eu, mas era muito mais robusto. Ele me abraçou assim que falei e eu o abracei forte, tremendo de emoção.

Quando ele se afastou, Will o substituiu por um momento. Will era alto como eu e estava um pouco acima do peso, o que me surpreendeu. Quantos anos tinham se passado desde a última vez que eu os vira? Tenho certeza de que ambos tinham vindo a Sydney quando nossos pais morreram.. Mas já fazia três anos, ou quatro, ou será que já tinha se passado uma década? Quando interrompemos o abraço, Ed pigarreou e explicou.

– Lilah mandou um e-mail para seu antigo chefe e pediu que ele nos localizasse. Ela não queria que você estivesse sozinho.

Pressionei o punho na boca e concordei com a cabeça. Eu devia saber que ela assumiria esse trabalho se eu não me mexesse. *Lilah sempre fazia as coisas do jeito dela.*

– Como você está, Callum? – perguntou Karl.

Respirei tremulamente e meneei a cabeça.

– Estou bem... Eu só... Muito obrigado por ter vindo.

Minha fala saiu como um sussurro rouco, mas era o melhor que eu podia fazer.

– Mesmo, estou falando sério. Vocês não fazem ideia do que significa para mim ter todos aqui.

Eu *precisava* ter alguém ali comigo e, agora, eu tinha – não apenas alguém, mas todo um time. Minha nossa, os gêmeos nem a conheciam, assim como nenhum dos meus colegas – eles só estavam ali para me apoiar. Dei uma olhada para a frente das cadeiras, onde meus slides estavam passando na tela. Lilah, tantas fotos maravilhosas dela, quando era criança, quando era adolescente, já adulta – e, depois, a magricela frágil que eu tinha amado esses últimos meses.

Eu me virei novamente para meus irmãos e, em seus olhares preocupados, enxerguei meus pais.

– Por favor, vamos conversar mais tarde. Acho que vou precisar de uma cerveja.

O celebrante leu alguns poemas bobos que Peta tinha encontrado e tocou algumas músicas para momentos silenciosos de reflexão, uma das quais Peta, é claro, cantou junto. A voz dela vacilou, mas ela não deixou passar nenhuma nota, mesmo enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto. Volta e meia eu pensava em me aproximar e sussurrar para Lilah que a mãe dela era a *mestre da interpretação*, mesmo sob aquelas circunstâncias, e meu pensamento seguinte seria de que Lilah tinha realmente partido e meu comentário nem um pouco engraçado nunca seria dito.

Tínhamos dividido vagamente o tributo – Peta falaria sobre a infância de Lilah, Alan falaria sobre sua vida profissional e era meu papel falar sobre ela como mulher. Quando Peta subiu à tribuna para falar, ela foi surpreendentemente eloquente e calma e conseguiu se controlar, derramando apenas algumas lágrimas dignas aqui e ali. Se Lilah estivesse sentada ao meu lado, eu tinha a impressão de que ela estaria provocando a mãe, exigindo mais. Por mais emocionado que o tributo de Peta tenha sido, a emoção primitiva que eu tinha testemunhado nos dias anteriores fora bem e verdadeiramente contida. Ela só estava interpretando um papel em um musical que ela escrevera sobre a dor que tinha sofrido nos últimos dias.

Alan foi o próximo e, em meio a lágrimas, tagarelou uma lista interminável de causas que Lilah tinha assumido nos últimos anos. Houve risos tristes da multidão quando ele falou das conquistas menos prováveis dela e, então, uma onda de silêncio quando falou do legado que ela deixou ao escritório.

– Eu não queria um departamento de direito ambiental. Nenhum dos sócios queria. Para começar, não havia dinheiro para investir. Além do mais, quando ela veio com aquela maldita ideia, Saoirse era uma

de nossas advogadas corporativas mais rentáveis e não sabia diferenciar uma árvore de uma lagartixa. Ela tinha o dom de conseguir o que queria... E aquela provavelmente foi a ideia mais louca à qual eu me rendi em toda a minha vida.

Quando Alan se sentou, todos olharam para mim. O trajeto da cadeira até a tribuna foi uma maratona.

– Me sinto tão confuso, falando por Lilah hoje.

Olhei para a multidão e me foquei nos únicos rostos que eu conhecia: Lynn, Leon e Nancy na frente, meus colegas e irmãos no fundo.

– Conheci Lilah há menos de um ano e não faço ideia de quem muitos de vocês são.

Os rostos à minha frente ficaram embaçados. Engoli em seco e olhei para as minhas anotações.

– Mas se há algo que eu sei é que o amor que Lilah e eu compartilhávamos era uma luz única nas nossas vidas. Não tivemos o tempo a nosso favor, mas tivemos, sim, um relacionamento que renovou minha fé em todas as coisas em que vale a pena acreditar.

No telão atrás de mim, havia apenas uma imagem projetada agora. Era Lilah, parada na horta aquele dia meses atrás, com os braços cheios de legumes e verduras, uma mancha de terra em sua bochecha e os pés inevitavelmente descalços. Ela estava desgrenhada – seus cabelos eram uma auréola indomada em torno de seu sorriso radiante. Me virei de novo para a foto e foi então que eu, o homem que não tinha sequer chorado na privacidade de seu lar quando seus pais morreram, estava chorando em frente a centenas de pessoas. E o pior é que eu não ia conseguir me recompor o suficiente para dizer mais nenhuma das palavras lindas que escrevera.

Não que importasse, no fim das contas, porque acho que minha foto dizia o suficiente.

Se você me pedisse, seis meses atrás, para listar o que mais importava para mim, a família não teria chegado nem no Top 10. Mas tudo tinha mudado.

Depois da cerimônia, os gêmeos e eu nos retiramos para o quintal de um pequeno bar de vinhos em Gosford. Ed sugeriu que ficássemos na casa, mas eu precisava desesperadamente de uma mudança de cenário e não queria ver todas aquelas pessoas irem embora e o jardim ficar vazio de novo.

Formávamos um grupo improvável naquele fim de tarde no bar: eu, com os olhos vermelhos e fragilizado, sentado entre meus dois irmãos em silêncio. O bar estava quieto, mas os outros clientes eram todos jovens profissionais celebrando o final da semana de trabalho. Nós nos sentamos nas cadeiras de bambu sob o que ainda restava do sol e eu encostei a minha na parede de tijolos para poder sentir o calor que radiava dela. Eu estava mais frio do que o dia exigia, o que ficava me lembrando de que Lilah nunca mais ficaria quente de novo.

Pedimos nossas bebidas e ficamos sentados em silêncio até elas chegarem. Will ergueu seu copo.

– A Lilah. Parece que ela foi uma mulher linda e memorável. Que o legado dela permaneça vivo.

Ergui o copo de uísque que eu tinha pedido e concordei com a cabeça.

– A Lilah – sussurrei. – E à família.

O uísque queimou o trajeto até meu estômago vazio e a conversa finalmente começou a fluir.

– Quando você chegou? – perguntei a Ed.

– Hoje de manhã. Chegamos bem a tempo da cerimônia. Tentei ligar para você para me certificar de que aquele tal de Alan não era um maluco antes de entrar no avião, mas seu celular estava desligado.

– Eu nem sei onde ele está – confessei.

Que estranho estar completamente desconectado e nem perceber.

– Provavelmente está sem bateria há semanas.

– Assumimos que mesmo que Alan fosse um maluco, seria melhor checar se você estava bem – disse Will. – Então ligamos para a sua agência, e alguém nos colocou em contato com o Karl.

- E ele pelo menos sabia quem a Lilah era, então, dali, conseguimos ligar os pontos – murmurou Ed.
- Quanto tempo vocês vão ficar? – perguntei aos meus irmãos.
- O tempo que você precisar de nós – respondeu Ed. – Não existe nenhum outro lugar no mundo onde precisamos estar.

Ed e Will ficaram perambulando comigo pela casa e pelo jardim quase em silêncio total nos dias seguintes. Cozinharam para mim e garantiram que eu comesse e saísse da cama e tomasse banho, quando eu provavelmente não teria feito nada disso. Quando o fim de semana acabou, eles me ajudaram a arrumar a mala. Não conversamos muito. É claro que houve tentativas de conversa de vez em quando, em sua maioria sobre assuntos desimportantes – quais eram algumas plantas em específico, qual o tamanho da propriedade, se algo era comestível... Não importava sobre o que falávamos ou se sequer falávamos. Se eles não estivessem ali, eu teria estado sozinho. Eu não sei como teria conseguido suportar.

Quando chegou a hora de ir embora, Will colocou minha mala no carro e eu dei uma última geral na casa. Eu sabia, finalmente, que era hora de dizer adeus – não pretendia voltar para visitar a casa de praia e precisava ter certeza de que tinha pegado todos os meus pertences.

Hesitei na porta do nosso quarto. Ed tinha colocado meus itens de higiene pessoal e roupas na mala, entendendo, de alguma forma e sem nenhuma explicação, minha relutância em entrar nos últimos espaços onde Lilah estivera.

Quando entrei no quarto, eu a vi na estampa da cama e visualizei, em imagens aceleradas, a forma como a vitalidade dela se dissipou tão rapidamente naquelas últimas semanas. Dei uma olhada rápida em tudo, confirmando que não havia nada fora do lugar, e então, quando eu estava quase pronto para ir embora, vi a luz do laptop dela piscando.

– Ah, cacete.

Eu me lembrei de como ela se inclinou desajeitadamente na minha frente para fechá-lo enquanto eu a carregava para o deque. Quando ergui a tela para desligá-lo, o e-mail dela preencheu a tela.

Era natural que eu ficasse curioso. Havia um e-mail preso na caixa de saída, talvez porque a internet da fazenda era tão imprevisível, talvez porque ela tinha fechado o laptop com pressa demais. Cliquei nele.

Querido Alan,

Quando você receber este e-mail, já estará ciente do meu falecimento. Isto será inesperado para você.

Por favor, não abra o anexo a não ser que outros eventos inesperados se desenrolem e haja uma perspectiva de que outras pessoas sejam acusadas. Salve no sistema de arquivos da empresa ao qual apenas você tenha acesso e saiba que eu estou pedindo isso com toda a confiança que eu poderia conferir a um amigo.

Obrigada por tudo ao longo desses anos, desejo tudo de bom a você no futuro.

Saoirse

Havia um anexo grande, grande demais para ser enviado por e-mail, e minha mão tremeu quando eu o abri. Quando o fiz, o rosto dela preencheu a tela.

A dor física que senti ao vê-la ali foi esmagadora. Eu me afundei na cadeira atrás da mesa enquanto tocava na imagem com o indicador. Se eu pudesse entrar naquela maldita tela, eu teria entrado.

– Oi – sussurrou ela.

Para meu espanto, percebi que a protuberância debaixo das cobertas atrás dela na gravação era eu.

– Sou Saoirse Delilah MacDonald e a pessoa na cama atrás de mim é o amor da minha vida, Callum Roberts.

Ela voltou para a cama, cheia de dor, tossindo enquanto fazia alguns movimentos, claramente muito doente. Depois de se deitar de novo, ela me sacudiu de forma violenta.

– Preciso de uma tangerina.

De repente eu entendi o que eu estava assistindo e aquilo quase me desmontou. Houve uma conversa entre mim e Lilah antes de eu me levantar para ir até o pomar. Assim que o fiz, Lilah se levantou da cama e voltou à mesa e, enquanto eu assistia ao vídeo, comecei a soluçar.

– Sou Saoirse Delilah MacDonald. Estou morrendo de doença de Huntington. À minha frente há uma longa estrada de sofrimento indigno e as leis atuais desta nação não permitem que eu dribale essa situação.

Ela pegou um frasco pequeno, sem nenhuma inscrição da mesa e colocou um punhado de comprimidos na mão. Seus olhos se encheram de lágrimas.

– Isto é sódio pentobarbital. Eu o obtive ilegalmente no México há mais de cinco anos e, na minha mão, neste momento, tenho mais do que a dose aceitável para dar fim à vida humana. Estou dando esse passo sozinha, sem o conhecimento daqueles presentes nesta propriedade no momento. É minha esperança e meu plano que eles estejam comigo quando eu morrer, mas eles vão acreditar que foi a pneumonia que tirou a minha vida e não minha própria decisão de dar fim a ela antes que eu não seja mais eu mesma.

O rosto lindo de Lilah se contorceu.

– Se eu tivesse tido mais tempo, teria lutado pelo direito de fazer isso. Mas é tarde demais: minha mente, meus processos cerebrais e minhas memórias já estão se dissolvendo, juntamente com a consciência de saber o que estou fazendo. Uma última vez: meus acompanhantes, Peta MacDonald e Callum Roberts, não têm conhecimento nenhum do que estou fazendo. Namastê.

E então, com uma dificuldade óbvia, ela engoliu vários comprimidos brancos, um por um, antes de se afastar da webcam e voltar para a cama.

Assisti, meus dedos ainda tocando a tela, enquanto ela se deitava na cama para me esperar, e me vi trazendo aquela tangerina idiota para ela e, depois, quando saí do quarto para acordar Peta, eu a vi sair da cama para parar a gravação. Eu sabia muito bem o que acontecia depois.

Eu não podia, de jeito nenhum, enviar aquele vídeo, mesmo que quisesse. Se ela soubesse como, podia ter ajustado a configuração da gravação para uma resolução menor e o vídeo teria ficado pequeno o suficiente para ser enviado pelo servidor de e-mail dela sem que eu nunca ficasse sabendo. Eu ainda não conseguia pensar no conteúdo dele. Era demais e cedo demais. Arqueei aquele conhecimento em algum lugar da minha mente e me forcei a sair da casa.

– Quais são seus planos? – perguntei a Peta.

Meus irmãos e eu tínhamos parado na casa dela para descartar alguns pericíveis e ver se ela estava bem antes de voltarmos para o meu apartamento na cidade.

Peta estava surpreendentemente de bom humor – parecia em paz.

– Nunca quis morar na fazenda – confessou Peta. – Mas agora que ela se foi... Bem... Não sei. Estou pensando em transferir meu negócio para lá; talvez eu possa construir um estúdio no jardim para meus alunos. Só quero me sentir perto dela.

– E a horta?

Era de uma importância vital que a horta continuasse. Lilah nunca tinha dito isso, mas ela não precisava.

– Ah, merda, Cal, eu nem saberia por onde começar. Não, Leon e Nancy podem ficar com aquilo até morrerem, aí eu vou doar tudo para alguma instituição de caridade hippie.

Peta sorriu, o primeiro sinal de humor que eu via no rosto dela desde que Lilah tinha falecido.

– Não vá se esquecer de ir à leitura, hein?

– Que leitura?

– Do testamento.

Fiz uma careta.

– Peta, não acho que eu precise estar lá. Se houver algo que eu precise fazer, é só me ligar.

– Não, Callum – disse, firme. – Lilah deve ter mencionado você no testamento. Você precisa ir.

– Eu não...

– Duvido que ela tenha deixado sua coleção secreta de pinturas do Picasso para você, mas eu também ficaria muito surpresa se ela não tivesse deixado ao menos algo especial.

Novamente, aqueles olhos azuis suplicantes, tão dolorosamente familiares. Suspirei.

– Está bem.

Nós nos abraçamos uma última vez e dei um beijo no rosto dela. Então, entrei no carro de novo e Will dirigiu para a cidade.

– Você está bem? – perguntou ele.

Olhei pela janela, para as árvores que passavam e os canais que Lilah adorava.

– Vai levar um tempo, mas vou ficar.

Tanto Ed quanto Will voltaram para casa no dia seguinte. Eu os levei ao aeroporto. O voo de Will era mais cedo e eu apertei sua mão quando ele foi para o portão de embarque.

– Não tenho nem como agradecer o suficiente, Will.

– Eu só lamento por termos vindo para cá depois, Cal. Por favor, mantenha contato. Eu sei que é fácil não fazer isso, mas faça.

Assenti com a cabeça e o puxei para um abraço.

– Vou melhorar, prometo.

O voo de Ed era algumas horas depois, então almoçamos no aeroporto doméstico antes de eu levá-lo ao terminal internacional. Depois de Ed ter despachado sua bagagem, percebi que ainda estávamos adiantados demais para o voo dele.

– Posso esperar com você por um tempo.

– Não precisa. Vou entrar e fazer umas compras no duty-free para Suzette. Ela está...

Ele fez uma pausa.

– Você vai vir nos visitar em breve, não vai, Cal?

Eu tinha consciência das diferenças entre mim e meus irmãos durante toda nossa vida, mas aquele fim de semana de companheirismo silencioso e apoio tinha finalmente me mostrado nossas semelhanças. Eu sabia que não precisava deles – tinha funcionado muito bem na vida adulta sem eles desde sempre. Nunca, em um milhão de anos, me ocorrera que meus irmãos durões, fortes e superconectados pudessem, na verdade, precisar de *mim*. Mas havia algo diferente na voz de Ed, um misto de ansiedade, esperança, desespero. Talvez ele sempre tenha estado ali, mas eu reconhecia agora por enfim ter sentido minha solidão.

– Vou – prometi.

– Este ano?

– Com certeza, Ed.

– Não era a hora mais apropriada para contar... Eu não sabia como, e mesmo agora...

– Não tem problema. – Franzi a testa. – Está tudo bem?

Ele confirmou lentamente com a cabeça.

– Ela está grávida, na verdade. Não parecia certo contar por e-mail e parece que nunca mais telefonamos um para o outro e esta foi a última oportunidade que tive de ver você frente a frente, então por mais que eu me sinta péssimo por contar isso agora, acho que eu deveria.

Imaginei a esposa dele, Suzette; eu vira uma foto dela uma vez e tinha bastante certeza de que ela era morena. Eu a imaginei grávida de muitos meses e, depois, radiante ao lado de Ed com o filho deles. Uma família feliz. O ciclo da vida: Lilah tinha partido e alguém novo estava chegando. Percebi que, na verdade, eu estava com inveja, mas, no geral, entusiasmado por meu irmão – eu não tinha como *não* estar, com ele ali ao meu lado, cintilando de orgulho. Me permiti um sorriso genuíno.

– Isso é fantástico, Ed.

– Em alguns meses você vai ser tio – ponderou ele. – Então venha nos visitar. Venha quando quiser. Se vier durante a temporada, vou levá-lo aos meus treinos e jogos, e se vier fora de temporada, podemos viajar ou algo assim. Simplesmente venha.

Nós nos abraçamos e, então, ele foi embora. Fiquei parado observando-o até ele estar fora de vista e eu ficar finalmente sozinho.

Não sou do tipo brigão. Quando éramos novos, meus irmãos provocavam um ao outro ao ponto de terem brigas furiosas, mas eu não era assim. Se Will e Ed tentassem me provocar, eu provavelmente mostraria o dedo do meio e sairia dali, voltando a qualquer atividade a que eu estivesse me dedicando na hora. Eu deixava a raiva de lado e ela nunca ameaçou me controlar, então acho que eu nunca aprendi a controlá-la.

Eu estava em casa há alguns dias quando o surto começou. Era uma onda monstruosa, que se infiltrou lentamente, e eu não percebi a proporção que tinha atingido até que estava me afogando. Onde antes havia dor agora existia uma fúria sombria e tempestuosa. Eu conseguia lidar com o fato de Lilah ter sido tirada de mim – no máximo do meu limite –, mas ela não tinha sido tirada; ela tinha partido e nem tinha me contado que iria partir.

Em uma manhã, eu estava sentado no sofá, tentando relaxar com os programas da TV, quando, de repente, me ocorreu que ela teve várias chances de me contar. Lilah tinha a droga desde sua visita ao México – muito antes de nos conhecermos. Tantos dias e noites e semanas e meses em que ela podia ter falado sobre isso ou tocado no assunto. Será que Lilah não confiava em mim? Será que ela não percebia que eu teria compreendido? Eu podia estar preparado. Podia tê-la apoiado.

Não me lembro de ter jogado a caneca na televisão, mas, aparentemente, foi o que fiz. Só me lembro do grunhido e da sensação de estar sendo esmagado por emoções que eu não tinha como controlar e que não conseguia suportar. Ressurgi segundos – talvez momentos – depois e encontrei os pedaços de cerâmica espalhados por toda a sala e a TV de LCD partida, emitindo explosões assustadoras de estática.

Esse episódio se repetiu algumas vezes nas primeiras semanas. Eu não conseguia passar perto da praia, porque não tinha como evitar a vista do prédio dela, então caminhava para longe dali. Mas frequentemente, enquanto eu andava pelas ruas secundárias, eu sentia falta dela, e aí sentia falta da areia e do ar salgado; minha solidão parecia insuperável por um breve momento, até que a raiva a substituía. E então, por um tempo, era só isso que existia. Eu desaparecia em meio à raiva e ressurgia depois, meus pulmões queimando e minhas pernas latejando, do outro lado da cidade, encharcado de suor. Ou então, se eu estivesse no supermercado ou em um café, bastava avistar um casal apaixonado que uma fúria cega me atingia e eu abandonava o carrinho ou a mesa e ia embora, o sangue trovejando na minha cabeça.

Eu estava zangado com Lilah e comigo mesmo. Como eu não havia percebido? Lynn me dissera como a morte dela iria ser e parecia violenta e desconfortável – por que nenhum alarme foi ativado na minha

mente quando ela simplesmente adormeceu e não acordou mais? Será que Lilah fornecera pistas e eu não tinha notado? Será que ela não confiava em mim o suficiente para me contar... nada daquilo?

Meu caos interno gradualmente passou. Eu estava aprendendo que tudo passa. A emoção deu lugar, aos poucos, à lógica, que argumentava as razões para a decisão dela e defendia que Lilah tinha encontrado a paz à sua própria maneira. E quando a onda monstruosa de raiva passou, o que restou em seu lugar era uma comunidade estranha de pessoas querendo ajudar.

Colegas estavam me mandando e-mails e mensagens de texto, só para dizer que pensavam em mim e ofereciam seus pêsames. Karl me visitou algumas vezes e me obrigou a ir encontrá-lo na agência duas vezes por semana para almoçarmos juntos. Leon e Nancy pareciam estar “pelas redondezas” com certa frequência trazendo uma caixa de frutas ou legumes frescos.

E os irmãos que tinham virado estranhos para mim por alguns anos me ligavam ou falavam comigo por Skype pelo menos uma vez por dia.

Por quarenta anos, eu tinha enxergado o mundo como um lugar hostil, onde até mesmo as pessoas próximas a mim eram indiferentes, e eu me sentia um estranho em qualquer grupo. De alguma forma, ao perder Lilah, minha perspectiva tinha sido destruída e reconstruída. Eu tinha decisões a tomar. Ainda estava de licença remunerada do trabalho, mas não tinha certeza se isso ainda era uma atitude inteligente. Minha vida havia virado do avesso e agora eu me encontrava exatamente no mesmo lugar onde sempre estive, mas o mundo ao meu redor tinha mudado por completo. Eu precisava me mexer.

Sentei-me ao computador e pesquisei opções de viagens, novos empregos e alguns cursos universitários. Salvei páginas de maratonas para as quais um dia eu tinha pensando em me inscrever. Tentei comprar lentes novas para minha câmera.

Eu nunca tinha sido bom em tomar decisões, mas isso era impossível. Era cedo demais, recente demais, difícil demais. O que eu iria fotografar com as novas lentes? Quem estaria esperando por mim no ponto de chegada da maratona?

A ideia de selecionar um novo caminho para minha vida quase me sufocou, até que peguei o telefone.

– Tison Creative. Elise falando.

– Elise. – Havia um calor genuíno na minha voz. – É Callum.

– Ah, Callum. Estamos com saudades de você. Este lugar virou um verdadeiro inferno, juro. Como você está?

Eu sabia que toda a agência estava ciente do motivo pelo qual havia me afastado e seria doloroso e tedioso retornar. Mas eu estava pronto para voltar ao trabalho, para ter uma verdadeira distração em que me focar e para procurar por alguma normalidade enquanto eu decidia o que fazer. Fechei os olhos, inspirei e estampeei minha melhor expressão de confiança no rosto.

– Estou bem, Elise. Preciso programar o meu retorno.

Esqueci do testamento. O mês seguinte se resumiu a voltar ao trabalho, voltar a correr e recomeçar a reforma do meu apartamento, com a esperança de que alguém, afinal, o comprasse. Tornar a dormir a noite toda, a sentir que, no fim das contas, eu talvez sobrevivesse e voltar ao normal ainda estavam a um longo caminho de distância – mas, pelo menos, eu conseguia fazer as coisas no modo automático.

Foi durante uma reunião de trabalho que recebi uma mensagem de Peta.

A leitura do testamento será amanhã, no escritório. Uma da tarde. Bjo

Nem ao menos um dia inteiro de aviso prévio. Suspirei e peguei meu iPad. É claro que havia reuniões um tanto impossíveis de serem remar cadas. Eu tinha uma desculpa ótima para não ir. Eu nem precisava ver a expressão de desaprovação de Peta; era só mandar uma mensagem de volta dizendo que o horário não iria funcionar para mim. Fácil.

Voltei minha atenção novamente para o telefone.

Vejo você lá. Meus dedos me traíram. Assisti à mensagem sendo enviada e fingi me focar novamente na reunião.

Havia um bom motivo para ir à leitura: a chance de conversar com Alan.

Peta e eu nos encontramos no saguão da Davis McNally e, depois de um abraço constrangedor, reparamos ao mesmo tempo na placa que faltava na parede onde os sócios estavam listados. O cimento exposto tinha dois buracos de parafuso visíveis e um resquício de cola ainda grudado, mas certamente seria coberto assim que a nova sócia começasse. Lilah tinha sido apagada dali, precisava mesmo ser, mas aquilo ainda era desconfortável.

Pegamos o elevador em silêncio até o andar de Alan. Eu estava com o laptop de Lilah comigo, em uma mala extra que eu tinha encontrado em casa. Eu me sentia um pouco paranoico com relação àquilo. Se Peta me perguntasse, será que eu conseguiria contar uma mentira convincente e dizer que era meu laptop de trabalho?

Ela não perguntou, é claro. Por que perguntaria? Eu tinha vindo da agência; fazia sentido que eu talvez estivesse carregando um laptop comigo. Se eu estivesse tremendo por fora, ninguém me julgaria, nem pensaria duas vezes, dadas as circunstâncias.

– Você parece bem, Alan.

Peta o cumprimentou com um beijo no rosto.

– Minha mulher está me fazendo seguir a dieta maluca da Lilah. Perdi alguns barris de peso.

Ele apertou minha mão e nos levou até a sala de reuniões.

– Sinto muito por ter demorado a resolver isso.

Ele apoiou o cotovelo na mesa.

– Eu só precisava pôr a cabeça no lugar antes de voltar. Saiose era uma parte importante da nossa equipe aqui e eu sabia que a motivação ia sofrer um choque, então eu precisava estar bem.

Ele olhou para os papéis à sua frente.

– Mas, legalmente, como vocês podem imaginar, ela deixou tudo em perfeitas condições.

Havia tantos preâmbulos que meus pensamentos começaram a divagar. Pensei em quantas centenas de horas Lilah tinha passado naquele prédio, provavelmente naquela mesma sala de reuniões. Eu queria tê-la visto ali, em seu terninho ameixa maluco, com os cabelos presos naquele coque sério.

– O imóvel de Manly Wharf deve ser legado a Callum Roberts...

Assimilei as palavras com certo retardo e olhei para Peta, que me encarava, surpresa.

– Merda. Peta... Meu apartamento está à venda.

A vergonha me fez tropeçar nas palavras.

– Você pode ficar com o dinheiro para fazer o seu estúdio.

Peta sorriu e segurou minha mão.

– Você não precisa fazer isso, querido. Lilah queria que você ficasse com o apartamento dela e o deu a você.

Eu não precisava ter me preocupado. A propriedade de Gosford, o carro de Lilah, as ações e a poupança da qual não sabíamos muita coisa, tudo tinha ido para Peta. Lilah tinha se certificado de que a mãe ficaria bem.

– Agora, há algumas cartas.

Alan abriu outra pasta.

– Havia uma para a equipe dela, que eu entreguei hoje de manhã. Ela se desculpou por ser uma

escravocrata e agradeceu efusivamente. Acho que ela também disse para aqueles pobres assistentes pedirem demissão imediatamente e encontrarem um emprego de que eles gostem de verdade.

Ele pegou outro envelope lacrado.

– Este está endereçado a Janice e Ryan Abel. Vou rastrear os endereços deles mais tarde e enviar.

Soube imediatamente o que aquela carta conteria; um pedido de desculpas e uma explicação. Eu estava orgulhoso de Lilah por ter encontrado uma maneira de consertar as coisas, mesmo que ela não tenha conseguido fazer isso pessoalmente.

Olhei para a pasta, esperando por mais.

– Uma para você, Peta.

Ele arrastou o segundo envelope pela mesa e fechou a pasta.

– E... tinha uma para mim.

O clima na sala ficou pesado de novo, dessa vez tanto Alan quanto Peta evitavam me olhar. E eu estava decepcionado. Céus, eu estava tão decepcionado. Ela teve tempo para mudar seu testamento e me deixar seu apartamento, mas não teve tempo para escrever algumas poucas palavras para explicar por que ou me dizer que diabos fazer em seguida?

– Sinto muito, Cal.

Os olhos de Peta estavam cheios d'água.

– Ela deve ter...

– Está tudo bem – interrompi com o máximo de delicadeza possível. – Mesmo. Acho que eu sei em que pé estávamos.

Peta assentiu com a cabeça, passou as mãos pelos olhos e apertou o envelope contra o peito como se fosse um bebê.

– É isso – disse Alan baixinho. – Posso dar conta de toda a papelada para transferir as propriedades para os nomes de vocês. Obrigado por terem vindo.

Peta estava ávida para ir embora, resmungando algo sobre uma aula de coral em Gosford, mas eu vi a maneira como ela segurava o envelope como se sua vida dependesse dele e sabia que ela provavelmente iria para casa para ler a carta. Permaneci na minha cadeira enquanto Alan a acompanhava até a porta, um pedido não verbalizado por uma reunião particular com ele, algo que ele claramente entendeu, pois fechou a porta assim que ela saiu.

– Quando ela colocou meu nome no testamento?

– Meses atrás, logo que ela descobriu que estava doente de novo – confessou ele.

Depois de termos terminado, antes de voltarmos. Engoli em seco e me forcei a começar a conversa que eu não sabia como ter.

– Você sabia...

Eu não tinha certeza de como expressar o significado certo no meu tom de voz e assumi que não tinha conseguido, visto que Alan não reagiu. Aquilo me assustou e, quando eu falei de novo, fiquei dando voltas.

–... o que ela tinha planejado? Encontrei um e-mail dela endereçado a você com um vídeo que acho que prova que Peta e eu... não sabíamos como Lilah realmente iria morrer. O vídeo era grande demais, não foi enviado.

Ergui a pasta com o laptop de baixo da mesa e a empurrei para a frente dele. Alan ficou olhando por um momento.

– Não sei do que você está falando – disse ele, hesitante. – Mas se eu, *de fato*, soubesse, talvez tivéssemos considerado as leis relevantes e assegurado que se ela tomasse as drogas certas por conta própria, determinadas partes não deveriam estar presentes, e caso isso viesse à tona, ela deveria ter

produzido uma prova em vídeo de seu isolamento na hora de tomar tais drogas para proteger essas determinadas partes.

Levei um minuto para decifrar as frases.

– A única coisa que me incomoda – sussurrei, quando assimilei tudo – é por que ela não me contou?

– Seu bobo – murmurou Alan. – Posso traçar um curso direto do início do relacionamento de vocês até agora e tudo se resumiu a proteger você da dor. E quando isso se tornou inevitável, ela estava protegendo você de um processo.

Meneei a cabeça e me mexi para argumentar, mas Alan me cortou com um movimento violento do braço.

– Fiquei sentado com aquela mulher nesta mesma sala discutindo por horas como poderíamos indenizar você com a legislação atual. Lilah queria partir nas condições *dela*, com aqueles que a amavam ao seu redor, sem nenhum risco de fazer você sofrer ainda mais depois da morte dela. Esse tal vídeo foi a maneira que Lilah encontrou de proteger você, caso ela fosse descoberta. Ela estava tão decidida a doar seu corpo para a universidade, mesmo que fosse arriscado, visto o que os estudos toxicológicos podiam encontrar, que acho que viu esse vídeo como uma apólice de seguro para ela, e para *você*. Devo acrescentar que ela também definiu algumas condições bem restritas do que podia e do que não podia ser feito com ela depois da sua morte e uma dessas condições era o anonimato – os pesquisadores que iriam estudá-la não deveriam fazer ideia de quem ela era. A questão é que as chances de esse vídeo ser assistido algum dia são muito baixas.

– Peta sabia?

– Não sei, mas suponho que sim. Ela tinha visto James morrer, sabia como deveria ser e acho que a morte de Lilah foi muito mais pacífica do que aquilo. Mas ela não deve criar caso, então acho que está tudo nas suas mãos.

Alan havia entendido mal a minha angústia. Eu não tinha intenção alguma de ir à polícia ou a qualquer pessoa que fosse se importar com isso, só queria entender por que Lilah mantivera aquilo em segredo. Eu estava emotivo demais para me explicar melhor. Pigarreei.

– Lilah não queria que eu visse. Ela só não sabia mexer direito no computador.

Alan e eu demos um sorriso triste.

– Esta era nossa Lilah – disse ele, suspirando. – Brillhante ao lidar com a lei, inútil ao lidar com um teclado.

– O que eu faço com o laptop?

– Deixe comigo. Vou mantê-lo aqui por mais alguns meses e, depois, farei com que seja destruído sem alardes.

Levei semanas para criar coragem de entrar no apartamento de Lilah – no *meu* apartamento em Manly Wharf. Primeiro, tive que ficar de luto por tempo suficiente para encará-lo sem que aquilo me destruísse. Então vi os dias no calendário passarem e esperei até que eu conseguisse pensar nela sem que a sensação de perda fosse esmagadora.

Soube a hora certa de ir quando a sensação inquietante de que eu recaía nos velhos hábitos ficou mais forte que a dor. Na manhã em que acordei e senti o pavor só de pensar em mais um longo dia na agência antes dos pensamentos sobre Lilah, liguei falando que eu estava doente e fui para o apartamento.

Fiquei parado no corredor com a chave perto da fechadura. Minhas mãos tremiam e as lembranças de Lilah dançavam ao meu redor. Me lembrei das vezes que ela me recebeu na porta, que trocamos beijos de despedida. Me lembrei do último dia, quando ela tinha se comportado de maneira tão estranha, e na

caminhada que tínhamos feito de volta ao Corso, como se fôssemos qualquer velho casal querendo dar um passeio.

Como eu esperava – e talvez até mesmo queria –, a dor ressurgiu, maior e mais forte do que em semanas, então coloquei a chave na fechadura e abri a porta.

A primeiríssima coisa que vi, além da porta francesa e antes do mar, foi a sacada repleta de flores. Plantas mortas semanas antes estavam verdes de novo, com flores em seu auge mais perfeito. Todas as cores do arco-íris estavam plantadas em vasos, suculentas, perenes, e todos os outros tipos de flores crescendo com vida, apesar da estação.

Eu estava com minha mala de viagem no ombro. Ela escorregou e caiu no chão e eu fiquei olhando para tudo aquilo.

Galhos secos eram arbustos densos e mudas esqueléticas agora abrigavam flores fortes. As ervas estavam saudáveis e os amores-perfeitos brilhavam em sua melhor forma. Calculei rapidamente. Fazia quase quatro meses desde nossa última visita e, de alguma forma, apesar do tempo de negligência, aquelas plantas esqueléticas tinham se tornado o maior exemplo da beleza da vida.

E então eu soube que, de alguma forma, Lilah estava bem – e que, na morte, ela tinha encontrado uma maneira de ser livre.

Encontrei o diário dela quase imediatamente. Ela o deixara em cima do banco da cozinha, bem entre a chaleira e o pote de café. O colar que eu tinha lhe dado de Natal estava pendurado em cima dele.

Sentei na sacada, com as ondas quebrando na orla abaixo e um vento frio soprando e juntando as nuvens dispersas, ameaçando chover. Mas coloquei os pés na mesa de centro e li. Comecei na primeira página e continuei, mesmo quando minha bexiga ameaçou explodir e minhas costas estavam dormentes da pressão.

Li e chorei e senti os braços magros de Lilah me envolverem para me darem conforto. Observei a caligrafia dela e também sua eloquência começando a se esvaír. E então, cheguei ao último depoimento, que ela deve ter escrito em algum momento durante aquela última visita à clínica de Lynn, e entendi por que ela tinha deixado o diário para mim.

4 de junho

Querido Cal,

Bom, obviamente estou morta, desculpe por isso. Não consigo imaginar como tem sido para você. Se fosse você, em vez de mim, não sei como iria aguentar. Por favor, agente firme, Cal.

Debati longa e severamente comigo mesma com relação ao que fazer com este diário. Destruí os outros quando fiquei doente de novo, mas este aqui... Eu achava que o escrevia para mim, mas acho que, na verdade, era para você.

Existem algumas coisas que eu precisava consertar e as coisas dentro da minha cabeça estão débeis demais para que eu as faça de forma apropriada agora. Então talvez esta seja a maneira covarde de fazer isso – mas, ei, deve haver alguma vantagem em morrer tragicamente, certo?

Eu amei você, Callum Roberts, sua aberração da natureza tensa, irritante e teimosa. Amei cada célula do seu corpo estupidamente lindo e cada momento que passei com você. Amei seu hálito fedido de carne e sua incerteza irremediável quanto à vida. E quer saber de uma coisa? Você também me amou e eu não tinha como duvidar disso nem por um segundo quando estávamos juntos, porque foi mais real para mim do que qualquer outra coisa que conheci na vida.

Se está lendo isto, você deve estar aqui no meu apartamento, o que eu acho que significa que você leu o testamento e sabe que este lugar agora é seu. Vale uma fortuna, você sabe, então faça a merda que quiser com ele e saia daí e vá *viver*. Caminhe nos Andes. Coma até passar mal em Bali. Resgate um órfão na Romênia. Vá para Paris, porra. Escolha uma mulher maravilhosa na Tailândia e saia gritando do quarto quando você perceber que, na verdade, ela é *ele*. Faça alguma coisa. Você tem tantos dias, Cal, tantos dias à sua frente. Sabe o que é uma tragédia maior do que eu ter DH? É você *não* ter DH e morrer de inércia ou se trancafiar em algum lugar choramingando por minha causa quando podia estar vivendo por nós dois.

Então, porra, não faça isso, ok? Pegue um maldito avião.

Com amor sempre, para sempre, verdadeiramente.

Sua Lilah

Passei alguns meses aqui, ao lado do mar, em meio às folhagens. Do momento em que terminamos até o momento em que eu abri a porta e vi as plantas, eu ansiava por paz e, apesar de saber que vou sentir saudade de Lilah até morrer, é hora de seguir em frente.

Atrás de mim agora há caixas e malas de tudo quanto é tipo de finalidade. Para mim, esse apartamento já deu. De alguma forma, Lilah ficou aqui comigo durante esse tempo enquanto eu sofria por ela; eu a via todos os dias no jardim da sacada e assimilava aquela essência para poder levá-la comigo na estrada.

Se Lilah pode continuar vivendo – *caramba* –, eu também posso. É hora de abraçar o mundo.

O pessoal da mudança chega amanhã para levar as nossas coisas conjuntas para um armazém e o inquilino vai se mudar para cá em breve. Mas amanhã vou para um hotel perto do aeroporto e passar a noite com serviço de quarto e um pouco de uísque. Will chega amanhã e depois vamos juntos a Paris, passar algumas semanas com Ed, Suzette e o lindo bebê deles.

Além disso, o mundo todo nos espera. Tenho a renda do apartamento de Lilah e dinheiro mais que suficiente para me sustentar enquanto exploro os quatro cantos do mundo.

No fim das contas, Will é muito mais parecido comigo do que eu jamais percebi e vai se juntar a mim por um ano enquanto viajamos. Ele quer aventura; eu só quero viver. Vou aproveitar cada oportunidade que a vida lançar para mim e não vou perder nem um instante.

Se Lilah me ensinou uma coisa é que a calamidade pode estar à espreita – mas o horário de chegada não pode ser previsto e exatamente a mesma coisa pode ser dita com relação ao amor. Vou encontrá-lo de novo – sei que vou –, ela vai me guiar até ele com aquela determinação teimosa e obstinada que a definiu durante toda a sua vida e morte.

Há o amor que forma os pilares de uma vida inteira e há o amor que forma as fundações de uma vida inteira. Meu relacionamento com Lilah me mostrou todas as possibilidades de viver a vida. Agora depende de mim fazer isso em homenagem a ela.

Muito obrigada por ler *Eu sem você*. Sinceramente espero que a trajetória de Callum e Lilah tenha entretido, tocado e inspirado você.

Apesar de a história de Lilah ser fictícia, a doença de Huntington, infelizmente, é real. Você pode encontrar mais informações e maneiras de ajudar por meio da Associação Brasil Huntington.

Se tiver gostado do livro, eu ficaria muito grata se você pudesse escrever uma resenha. Adoro receber feedback e o seu pode ajudar outros leitores a encontrar meus livros.

Por fim, se quiser receber um e-mail sobre o lançamento do meu próximo livro, é só se inscrever no meu site: www.kellyrimmer.com/email. Prometo só mandar e-mails quando tiver um novo livro e não compartilhar seu contato com mais ninguém.

Kelly

Sempre serei grata a Oliver Rhodes por ter visto o potencial desta história antes de ela se concretizar. Obrigada por sua orientação e seu encorajamento. Obrigada, também, a Emily Ruston, editora extraordinária, por tantas ideias brilhantes e por lapidar o “diamante bruto” com o qual começamos.

Aos amigos queridos que leram e leram vários rascunhos e tão generosamente me deram feedback e encorajamento: Tracy, Melissa, Penny, Shelly e Cath – obrigada.

Minhas irmãs, Mindy e Jodie: obrigada por serem minhas líderes de torcida particulares desde as minhas primeiras sessões de contação de histórias tarde da noite quando éramos crianças insones. E ao meu irmãozinho Rick (que secretamente adora a comida que eu faço), obrigada por sempre estar ao meu lado.

À minha mãe e ao meu pai, que me ensinaram que o amor verdadeiro é uma coisa linda e complexa – obrigada por acreditarem em mim.

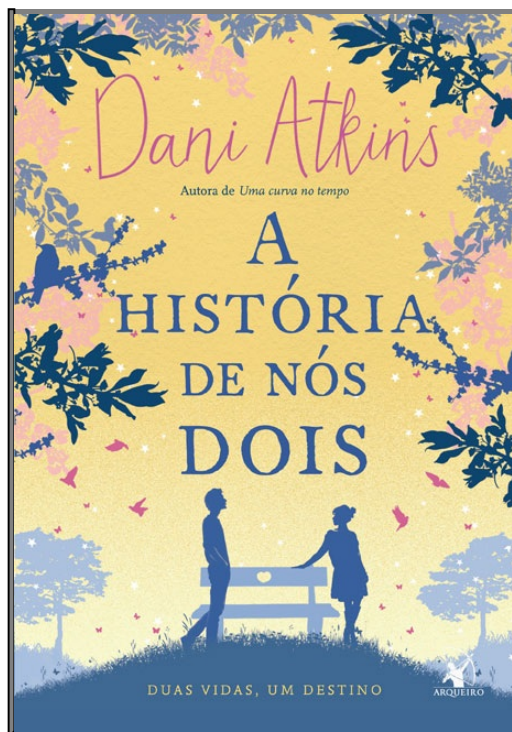
Ao meu marido Dan – onde eu estaria sem você para me distrair com papos sobre críquete sempre que eu queria desistir? Obrigada por me proporcionar citações motivacionais aleatórias, minutos (e, às vezes, até horas) livres de distrações e, acima de tudo, apoio inquestionável.

Kelly Rimmer sempre viu a si mesma como escritora, mas de alguma forma acabou trabalhando na área de tecnologia da informação. Uma madrugada, depois de muitos elogios dos amigos – e talvez algumas taças de vinho –, ela finalmente decidiu apresentar seus textos a um editor. Meses depois, *Eu sem você* foi publicado. Eleito um dos melhores livros de 2015 em sua categoria pela Amazon do Reino Unido, já teve os direitos de tradução vendidos para onze países.

Kelly mora na área rural da Austrália com o marido, Daniel, e os dois filhos.

Saiba mais sobre ela em kellyrimmer.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



A história de nós dois

Dani Atkins

“*A história de nós dois* tem tragédia, traição, triângulos amorosos, amizade, segredos e escolhas difíceis. É o tipo de livro que você lê mantendo uma das mãos no coração.” –

Fresh Fiction

“Comovente. Cada personagem é impecavelmente construído. Depois que você começa a ler, não consegue mais parar.” – *Heat*

Emma tem 27 anos, é linda e inteligente e vive cercada de pessoas que ama. Prestes a se casar com Richard, seu namorado desde a época de escola, ela não poderia estar mais empolgada.

Mas o que deveria ser o momento mais feliz de sua vida de repente vira uma tragédia. Emma sofre um acidente e é salva por um estranho minutos antes que o carro em que ela viajava explodisse.

Abalada, ela decide adiar o casamento. E nesse meio-tempo descobre segredos que a fazem questionar as pessoas nas quais sempre confiara – a ponto de duvidar se deve se casar afinal.

Para complicar, ela se sente cada vez mais ligada a Jack, o homem que a salvou e que não sai da sua cabeça. Jack é lindo, gentil e divertido, de um jeito diferente de todos que ela já conheceu. Por outro lado, é Richard quem ela sempre amou...

Uma mulher, dois homens, tantos destinos possíveis. Como essa história vai terminar?



Volta para mim
Mila Gray

“Um romance cativante, profundo e sexy sobre a força do amor.”
– Liz Banks, autora de *Irresistible*

“Mila Gray conhece seu público e trabalha bem tanto cenas tórridas quanto temas sérios.” –
Booklist

“A história romântica mais sensual que já li.”
– Becky Wicks, autora de *Before He Was Famous*

Kit Ryan está de volta à sua amada Califórnia, de folga do serviço militar. Conquistador inveterado, ele só quer aproveitar as quatro semanas livres antes de retornar ao trabalho, mas se vê atraído pela irmã de Riley, seu melhor amigo. Há tempos Jessa Kingsley chama sua atenção, porém a família superprotetora dela sempre foi um obstáculo.

Desta vez, contudo, Kit desiste de lutar contra os próprios sentimentos e logo Jessa se rende ao seu charme. O que começa apenas como um romance de verão rapidamente se torna um relacionamento apaixonado.

Quando chega a hora de Kit voltar ao serviço com Riley, nem ele nem Jessa estão prontos para se despedir. Ela enfim está seguindo os seus sonhos e ele descobriu alguém por quem sacrificaria tudo. Jessa promete esperá-lo e Kit garante que voltará para ela. Não importa o que aconteça.

Mas então uma visita inesperada traz uma notícia trágica: uma das pessoas que ela mais ama morreu em serviço. Quem terá sido? Seu irmão ou seu namorado?

Em *Volta para mim*, Mila Gray constrói uma história de tirar o fôlego sobre amor, amizade e família, conduzindo o leitor por uma jornada de superação e autodescoberta.



No seu olhar
Nicholas Sparks

“É impossível não amar os personagens de Nicholas Sparks. A relação entre Colin e Maria é única não apenas por causa de suas personalidades, mas por suas diferenças culturais.” –

Examiner.com

“Um enredo perfeito para Hollywood.” – *Stylist*

Filha de imigrantes mexicanos, Maria Sanchez é uma advogada inteligente, bonita e bem-sucedida que aprendeu cedo o valor do trabalho duro e de uma rotina regrada. Porém um trauma a faz questionar tudo em que acreditava e voltar para sua cidade natal, a pequena Wilmington.

A cidade também é o lugar que Colin Hancock escolheu para se dar uma segunda chance. Apesar de jovem, ele sofreu mais violência e abandono do que a maioria das pessoas. Também cometeu sua parcela de erro e magoou mais gente do que gostaria. Agora está determinado a mudar de vida, tornar-se professor e dar às crianças o carinho e a atenção que ele próprio não teve.

Colin e Maria não foram feitos um para o outro, mas um encontro casual durante uma tempestade mudará o rumo de suas histórias. Ao confrontar as diferenças entre os dois, eles questionarão as próprias convicções. E ao enxergar além das aparências, redescobrirão a capacidade de amar.

Porém, nessa frágil busca por um recomeço, o relacionamento deles é ameaçado por uma série de incidentes suspeitos que reaviva antigos sofrimentos. E quando um perigo real começa a se impor, Colin e Maria precisam lutar para que o amor sobreviva.

Com uma trama madura e repleta de emoções e de suspense, *No seu olhar* mostra que o amor às vezes é forjado em crises que ameaçam nos destruir e que o primeiro passo para a felicidade é acreditar em quem podemos ser.



Eu estive aqui
Gayle Forman

“*Eu estive aqui* é a mais perfeita mescla de mistério, tragédia e romance. Gayle Forman dá ao leitor um retrato sincero da coragem necessária para continuar vivendo após uma perda devastadora.”

– Stephen Chbosky, autor de *As vantagens de ser invisível*

Quando sua melhor amiga, Meg, toma um frasco de veneno sozinha num quarto de motel, Cody fica chocada e arrasada. Ela e Meg compartilhavam tudo... Como podia não ter previsto aquilo, como não percebera nenhum sinal?

A pedido dos pais de Meg, Cody viaja a Tacoma, onde a amiga fazia faculdade, para reunir seus pertences. Lá, acaba descobrindo muitas coisas que Meg não havia lhe contado. Conhece seus colegas de quarto, o tipo de pessoa com quem Cody nunca teria esbarrado em sua cidadezinha no fim do mundo. E conhece Ben McCallister, o guitarrista zombeteiro que se envolveu com Meg e tem os próprios segredos.

Porém, sua maior descoberta ocorre quando recebe dos pais de Meg o notebook da melhor amiga. Vasculhando o computador, Cody dá de cara com um arquivo criptografado, impossível de abrir. Até que um colega nerd consegue desbloqueá-lo... e de repente tudo o que ela pensou que sabia sobre a morte de Meg é posto em dúvida.

Eu estive aqui é Gayle Forman em sua melhor forma, uma história tensa, comovente e redentora que mostra que é possível seguir em frente mesmo diante de uma perda indescritível.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio,
de Ken Follett

Não conte a ninguém; Desaparecido para sempre; Confie em mim; Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa; A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno; O símbolo perdido; O Código Da Vinci; Anjos e demônios;
Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma longa jornada; O melhor de mim; O guardião;
Uma curva na estrada; O casamento; À primeira vista e
O resgate, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do Universo; A vida, o Universo e tudo mais;
Até mais, e obrigado pelos peixes!, Praticamente inofensiva; Agência de Investigações Holísticas Dirk
Gently e O salmão da dúvida, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo catorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Epílogo](#)

[Carta da autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Conheça os clássicos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)